



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEUC  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO  
PROFISSIONAL DOCENTE**

**LARISSA FEITOSA MOURA**

**AS VIVÊNCIAS CONSTITUÍDAS DOS ALUNOS COM BAIXA AS VISÃO NA  
RELAÇÃO COM OS PROFESSORES NA TRAJETÓRIA DO ENSINO SUPERIOR**

**MOSSORÓ/RN  
2022**

LARISSA FEITOSA MOURA

**AS VIVÊNCIAS CONSTITUÍDAS DOS ALUNOS COM BAIXA AS VISÃO NA  
RELAÇÃO COM OS PROFESSORES NA TRAJETÓRIA DO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado Rio Grande do Norte (UERN), Linha de Pesquisa Formação humana e desenvolvimento profissional docente, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Maria  
Costa Barbosa**

MOSSORÓ/RN  
2022

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

M929v	<p>Moura, Larissa Feitosa Vivências constituídas dos alunos com baixa visão na relação com os professores na trajetória do ensino superior. / Larissa Feitosa Moura. - Mossoró, 2022. 234p.</p> <p>Orientador(a): Profa. Dra. Silvia Maria Costa Barbosa. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.</p> <p>1. Psicologia Sócio-Histórica. 2. Vivências. 3. Alunos. 4. Baixa visão. I. Barbosa, Silvia Maria Costa. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.</p>
-------	--

LARISSA FEITOSA MOURA

**VIVÊNCIAS CONSTITUÍDAS DOS ALUNOS COM BAIXA AS VISÃO NA  
RELAÇÃO COM OS PROFESSORES NA TRAJETÓRIA DO ENSINO  
SUPERIOR**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado Rio Grande do Norte (UERN), Linha de Pesquisa Formação humana e desenvolvimento profissional docente, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Prof. Dr. Fábio Alves Gomes (Membro Externo)  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Antônia Batista Marques (Membro Interno)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Dedico este trabalho à pessoa que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, minha mãe, Eufrazia, minha pérola, a pessoa que mais amo e a quem dedico meu esforço. Dedico também à minha prima/irmã Michele, que tornou meus dias e esse sonho possíveis.

## AGRADECIMENTOS

Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco. (1Tessalonicense 5:18).

Gratidão à TRINDADE SANTA – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, que, com sua misericórdia, amor e cuidado para com minha vida, realizou este sonho e o milagre de conquistar e superar os desprazeres do processo constitutivo.

Gratidão à Santíssima Virgem Maria, por toda a intercessão e proteção, e todos os anjos e santos.

Agradeço a toda a minha família, principalmente minha mãe, Eufrazia Feitosa, que sempre me ajudou e cuidou de mim, por seu amor e dedicação, por todas os momentos que vivemos juntas, pelos afetos, sentimentos que me fizeram ser essa pessoa que me tornei.

Gratidão a Michele, pois me ajudou em cada detalhe da minha vida, dos meus processos educativos, aquela que me apoia, me ama, compreende minha realidade, meu anjo, minha irmã, minha amiga, minha prima querida, sem ela tudo ficaria mais difícil. Também não posso me esquecer de minha prima Lannay, que me socorreu em muitos momentos, ajudando-me com sua paciência e dedicação.

Gratidão pela ajuda da minha madrinha Misleyde em vários momentos, me dando o suporte necessário nesse processo. Também à minha tia Fátima, minha grande apoiadora e incentivadora, mulher que inspira a fazer mais todos os dias.

À minha turma do Mestrado em Educação/UERN, grata às minhas colegas Suerda, Zenaide, Tânia, Mirela, Eliane, em especial Lívia, que me ajudou em todos os processos, partilhamos de muitos momentos juntas, significando nossa trajetória como mestrandas, e agradeço a todos que fizeram parte dessa história e pela ajuda em dados momentos.

Às minhas amigas de infância Wiara e Wenia, Renata, Gessica, Isabelly, Clara, além de Jozenilson, que me apoiaram sempre que precisei.

Ao meu pai, Luiz Antônio, e à minha tia Nilzete Soares.

A Elisiana, Márcia e Luana, pelas discussões e apoio no início da minha trajetória no mestrado. A todas as minhas amigas de faculdade, pela positividade e palavras afetuosas.

Agradeço à minha amiga professora Ma. Maria Cleonice Soares, que sempre acreditou em mim e me apoiou a me possibilitar viver outros espaços e me desafiar diante do novo.

Ao Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares, pelas contribuições, ensinamentos e disponibilidade, reflexões e atenção mesmo no pouco tempo que ficamos juntos, sendo muito solícito, tornando-se muito querido para mim.

Agradeço à minha adorável e maravilhosa professora Dra. Silvia Costa Barbosa, pessoa que me ajudou, ensinou, ouviu meus dilemas, orientou na vida e na formação, mulher que vou carregar por toda a minha vida, uma professora que mostrou seus afetos, emoções, amor e amizade, que me escolheu em meio a tantos outros e me encheu de significações.

Agradeço ainda a UERN, essa universidade que se tornou a extensão da minha casa, ao programa POSEDUC bem como o programa de pesquisa GEPES, que tanto me ensinou, pela oportunidade e crescimento educacional, por me possibilitar me aventurar na pesquisa e produzir este trabalho tão especial.

Às professoras Dra. Antônia Batista Marques e Dra. Elza Helena da Silva Costa Barbosa, que em cada aula e em cada discussão no Grupo de Estudos e Pesquisas GEPES me ajudaram a me aproximar do meu objeto de estudo e da Psicologia Sócio-Histórica.

Por todos que fizeram parte desta conquista e que não mencionei, mas estiveram de alguma maneira presentes nesta realização, no meu processo constitutivo, de afetos, mediações e pelas etapas de processos e experiências, vivenciados ao longo da minha trajetória.

Gratidão pelos participantes, entrevistados da pesquisa, por esses momentos únicos compartilhados, por todos que se propõem a ler este trabalho.

Também agradeço à minha banca examinadora por todas as colocações, aprendizagens, pelos espaços e tempos formativos, por contribuir com minha formação humana e social.

Gratidão por tudo, por todos, pelos momentos bons e ruins, pela possibilidade de constituir uma pesquisa que possui marcas de meus afetos, sentidos e significados, meu esforço, dedicação, tempo, parte de quem sou.

### Constituindo-se

Me constituo ao longo do caminho, com flores, amores, espinhos;  
Em um lugarzinho dentro e fora de caminhos;  
Crescendo formando espaços, tempos com carinho;  
Levando de melhor o que tecido nos espinhos.

Nas andanças com outras pessoas me faço e refaço;  
Compartilho, entrelaço por meio dos espaços;  
Corro, produzo histórias à medida que dou passos;  
E nesse meu refazer contemplo com muito prazer as barreiras que ultrapasso.

Vou constituindo e transformando;  
Vivendo, chegando e realizando;  
Levando comigo quem está mediando;  
Trazendo sentido de uma história que vou formando;  
Sem pressa nem direção para onde estou andando.

(Larissa Feitosa Moura)

## RESUMO

Este estudo dissertativo é fruto do Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC. A partir dele estabelecemos como objetivo apreender as vivências constituídas pelos alunos com baixa visão na relação significada com os professores no ensino superior, no campus da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Nosso referencial teórico-metodológico é a Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski e seus colaboradores Luria e Leontiev, Aguiar, Soares e Ozella, dentro dos pressupostos do materialismo histórico dialético de Marx, lançando mão ainda da pesquisa qualitativa. Elegemos algumas categorias de análise, tais como: vivência, sentido, significado, afetividade, mediação e zona de desenvolvimento proximal. Apresentamos o seguinte questionamento: quais são as vivências constituídas pelos alunos com baixa visão na relação com os professores no ensino superior? Também temos por objeto de estudo: As vivências de alunos com baixa visão com os professores do ensino superior. Utilizamos a entrevista semiestruturada como procedimento de produção das informações, e para análise interpretativa das significações optamos pela proposta dos núcleos de significação elaborada por Aguiar e Ozella (2006; 2013) e reelaborada por Aguiar, Soares e Machado (2015). Como resultado, chegamos à articulação de cinco núcleos: 1- vivências significadas: dificuldades e enfrentamentos que constituem a identidade afetiva de sua formação; 2- resistindo à realidade da deficiência e constituindo sua história de superação; 3- tecendo caminhos e produzindo sentidos ao longo das vivências e experiências; 4- subjetividades que se exprimem e sonhos que atravessam a longevidade formativa; 5- a Universidade como um espaço de vivências e descobertas dos saberes e não saberes da vida e formação. Desse modo, mediante as análises e interpretações, podemos compreender que as vivências constituídas com os professores foram positivas e negativas, cheias de encantos e desencantos, marcadas em sua subjetividade, gerando significações na formação humana e tessituras com histórias de lutas e resistência, carregadas de medos, lágrimas, força, coragem, que fortalecem os enfrentamentos cotidianos para vencer as limitações e necessidades da baixa visão.

**Palavras-chave:** Psicologia Sócio-Histórica; vivências; alunos; baixa visão.

## ABSTRACT

This dissertation study is the result of the Graduate Program in Education. Based on it, we established the objective of apprehending the experiences constituted by students with low vision in the meaningful relationship with teachers in higher education, on the campus of the University of the State of Rio Grande do Norte. Our theoretical-methodological framework is the Socio-Historical Psychology of Vygotsky and his collaborators Luria and Leontiev, Aguiar, Soares and Ozella, within the presuppositions of Marx's dialectical historical materialism, making use of qualitative research. Some categories of analysis were chosen, such as: experience, meaning, meaning, affectivity, mediation and zone of proximal development. We present the following question: what are the experiences constituted by students with low vision in their relationship with teachers in higher education? We also have as object of study: The experiences of students with low vision with higher education teachers. It was used the semi-structured interview as a procedure for producing the information, and for the interpretative analysis of meanings, the option was for the proposal of meaning cores elaborated by Aguiar and Ozella (2006; 2013) and re-elaborated by Aguiar, Soares and Machado (2015). As a result, it was reached the articulation of five nuclei: 1- meaningful experiences: difficulties and confrontations that constitute the affective identity of their formation; 2- resisting the reality of disability and constituting its history of overcoming; 3- weaving paths and producing meanings throughout the experiences and experiences; 4- subjectivities that are expressed and dreams that cross the formative longevity; - 5- the University as a space for experiences and discoveries of knowledge and non-knowledge of life and training. Thus, through the analyzes and interpretations, it is possible to understand that the experiences constituted with the teachers were positive and negative, full of enchantments and disenchantments, marked in their subjectivity, generating meanings in human formation and textures with stories of struggles and resistance, loaded with fears, tears, strength, courage, which strengthen daily confrontations to overcome the limitations and needs of low vision.

**Keywords:** Socio-Historical Psychology; experiences; students; low vision.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CADV - Centro de Apoio ao Deficiente Visual.

CAENE - Comissão Permanente de Apoio ao Estudante com Necessidade Educacional Especial

COVID -19 - *Coronavirus Disease* (Doença do Coronavírus)

DAIN - Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FE - Faculdade de Educação

GEPES - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Subjetividade

IORJ - Instituto de Oftalmologia do Rio de Janeiro

ONU - Organização das Nações Unidas

PcD - Pessoa com Deficiência

POSEDUC - Programa de Pós-Graduação em Educação

PSH - Psicologia Sócio-Histórica

PUC- SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RN - Rio Grande do Norte

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFERSA - Universidade Federal Rural do Semiárido

UnP - Universidade Potiguar

ZDP - Zona de Desenvolvimento Próximo

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Base de dados Capes (2010-2020) .....	48
Quadro 2: Base de dados SciELO (2010-2020) .....	48
Quadro 3: Descritores na base de dados Capes .....	49
Quadro 4: Descritores na base de dados SciELO .....	50
Quadro 5: Ilustrativo da evolução humana.....	67
Quadro 6: Categorias. ....	73
Quadro 7: Símbolos das instituições. ....	81
Quadro 8: Leituras flutuantes .....	87
Quadro 9: Zonas de sentido. ....	98
Quadro 10: Exemplo do processo de levantamento dos Pré-Indicadores. ....	100
Quadro 11: Exemplo da sistematização dos Indicadores .....	101
Quadro 12: Organização dos Núcleos de Significação .....	105
Quadro 13: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 1. ....	108
Quadro 14: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 2. ....	126
Quadro 15: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 3 .....	139
Quadro 16: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 4. ....	154
Quadro 17: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 5. ....	162

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO: VIVÊNCIAS SIGNIFICADAS DE UMA ALUNA COM BAIXA VISÃO ACERCA DE SEU PROCESSO CONSTITUTIVO ENQUANTO SUJEITA QUE PROTAGONIZA A HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>SEÇÃO 1: INTRODUÇÃO: ALGUMAS COMPREENSÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO CONSTITUTIVO DA PESQUISA.....</b>	<b>22</b>
1.1 DISCUTINDO A BAIXA VISÃO E SUAS SINGULARIDADES: DILEMAS ENTRE VER E O NÃO VER.....	35
<b>SEÇÃO 2: ESTADO DO CONHECIMENTO: LEVANTAMENTO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS.....</b>	<b>43</b>
2.1 LEVANTAMENTO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE A VIDA ACADÊMICA DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO NO ENSINO SUPERIOR.....	44
2.2 PERCURSO DESENVOLVIDO.....	46
2.3 ESTADO DO CONHECIMENTO: O PROCESSO DE REFINAMENTO DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	47
2.4 PRODUZINDO CONHECIMENTO.....	52
2.5 ANÁLISE DO TEXTO I- SIGNIFICAÇÕES SOBRE O TRABALHO: ESCOLARES COM BAIXA VISÃO NA RELAÇÃO COM OS PROFESSORES E A COMUNIDADE.....	52
2.6 ANÁLISE DO TEXTO II- HISTÓRIA E CAMINHOS PERCORRIDOS POR UMA ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO PROCESSO EDUCACIONAL.....	58
2.7 ALGUMAS REFLEXÕES.....	64
<b>SEÇÃO 3: OS FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: DISCUSSÕES ACERCA DA CONCEPÇÃO DE HOMEM E CONCEITUAÇÃO DE CATEGORIA DE ANÁLISE.....</b>	<b>66</b>
3.1 CONCEPÇÃO DE HOMEM.....	67
3.2 TEORIZANDO AS CATEGORIAS.....	71
<b>SEÇÃO 4: A TRAJETÓRIA TÉORICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA....</b>	<b>74</b>
4.1 O MÉTODO DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO INVESTIGATIVO.....	75
4.2 O LÓCUS E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	80
4.3 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	82
4.4 CONHECENDO OS ALUNOS.....	83
4.5 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES....	86
4.6 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	88
4.7 NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO.....	95
4.8 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES....	98
4.9 PROCESSO DE LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES.....	99
4.10 AGLUTINAÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES EM INDICADORES.....	101
4.11 SISTEMATIZAÇÃO E NOMEAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO...	103
<b>SEÇÃO 5: O MOVIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO.....</b>	<b>107</b>

5.1 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO 1: VIVÊNCIAS SIGNIFICADAS: DIFICULDADES E ENFRENTAMENTOS QUE CONSTITUEM A IDENTIDADE AFETIVA DE SUA FORMAÇÃO.....	108
5.2 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO II- RESISTINDO À REALIDADE DA DEFICIÊNCIA E CONSTITUINDO SUA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO.....	126
5.3 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO III- TECENDO CAMINHOS E PRODUZINDO SENTIDOS AO LONGO DAS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS.....	139
5.4 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO IV- SUBJETIVIDADES QUE SE EXPRESSAM E SONHOS QUE ATRAVESAM A LONGIVIDADE FORMATIVA.....	153
5.5 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO V- A UNIVERSIDADE COMO UM ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E DESCOBERTAS DOS SABERES E NÃO SABERES DA VIDA E FORMAÇÃO.....	162
<b>SEÇÃO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS: SÍNTESE DAS SIGNIFICAÇÕES CONSTITUÍDAS NA PESQUISA ATRAVÉS DOS ALUNOS COM BAIXA VISÃO NA VIVÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR.....</b>	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>188</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>198</b>

## **APRESENTAÇÃO: VIVÊNCIAS SIGNIFICADAS DE UMA ALUNA COM BAIXA VISÃO ACERCA DE SEU PROCESSO CONSTITUTIVO ENQUANTO SUJEITA QUE PROTAGONIZA A HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO**

“Ao narrar, visitamos o passado, na tentativa de buscar o presente, onde as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram ‘esquecidos’ no tempo” (PRADO, 2000, p. 5).

Nesta apresentação, venho delinear a trajetória que constitui minha história de vida, mediante as vivências e significações afetivas as quais se refletem na constituição da identidade subjetiva na condição de aluna, mulher, filha, amiga, estudante, pesquisadora.

Antes de narrar minhas vivências, se faz necessário salientar a importância de compreender como o sujeito se constitui. Dessa forma, a historicidade pode nos ajudar a esclarecer aspectos constitutivos do ser; segundo Bock e Aguiar (2016), a historicidade atravessa toda a trajetória humana, as relações estabelecidas com os outros, seu eu, afetando emoções, sentimentos que se relacionam e interiorizam a forma como o homem se percebe no mundo, as pessoas, espaços e tempos, cada lugar. Essas vivências e experiências exprimem histórias diferentes e marcas a partir das quais irei rememorar momentos importantes que carrego em minhas tessituras.

Ao longo desses escritos, posso dizer que as histórias abordadas não serão apenas uma sucessão cronológica de fatos, estando, como mostram Aguiar e Machado (2016), para além de acontecimentos, fatos, momentos, são histórias reais, cheias de sentimentos e sujeitos que fizeram e fazem parte de quem me tornei, vivências que muitas vezes foram repletas de significações positivas e negativas, por isso, caro leitor, gostaria de que utilizasse da consciência para imaginar, a partir das características citadas, a pessoa que escreve este texto.

Sou albina, baixa visão, tenho 25 anos, pele branca, olhos azuis claros, minha altura é 1,67, sou magra. Essas são algumas das minhas características. Talvez alguém se pergunte: por que utilizar de uma autodescrição? Posso justificar que isso é importante para os sujeitos cegos ou cegas, bem como de baixa visão; eu, na condição de pessoa com deficiência visual, sinto a necessidade de idealizar, imaginar em minha mente as coisas, pessoas, espaços, provocando o processo imaginativo já que o campo visual é comprometido e impede que muitas vezes consiga visualizar; considerando que tenho 10% da minha capacidade visual, exercícios como esse me ajudam a adaptar-me no universo de tantos desafios. Sem mais delongas, vou iniciar minha história.

Filha única, por parte de mãe, pais separados, com irmão apenas por parte de pai, solteira, sem filhos, resido na cidade de Apodi-RN, sou albina e tenho deficiência visual, cuidada e educada por minha mãe Eufrazia, de família simples, humilde fui me constituindo até chegar a esse momento.

Desde a educação infantil, sempre fui motivada e estimulada a estudar, tinha muitos anseios para chegar à escola, com relação aos materiais, colegas, brincadeiras; aos quatro anos de idade, ingressei nesse espaço, já na educação infantil me deparei com dificuldades, mas na grande parte do tempo tive uma infância feliz, apesar de marcada por momentos difíceis.

Meu relacionamento com as crianças era significativo, mas nem sempre fácil, mas muitas faziam perguntas sobre a cor da minha pele, por ser muito branca, se era uma doença, outros acreditavam ser uma boneca. Diante disso, tive que lidar com sentimentos, afetos que não eram claros naquele momento para mim: ser enxergada ou assustar outras crianças produziu sentimentos de constrangimento, dor, inseguranças, também sentimentos como me sentir especial, contando, porém, com apoio familiar, principalmente da minha mãe e da escola. A educação infantil pode ser descrita como um dos momentos mais fáceis da minha vida, diante de tantos desafios que iriam surgir no percurso escolar. Considero, portanto, que esse período foi feliz.

Nesta perspectiva, Vigotsky (2018, p. 78) enfatiza: “a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa–, e, por outro lado, como eu vivencio isso”. A vivência constitui parte de momentos mais importantes para o sujeito, a forma como ele percebe externamente, mas nunca descolado de um processo de interiorização, ou seja, por vários acontecimentos marcantes recheados de sentidos que significam um grau maior de intensidade, podem ser interpretadas mediante as afetações sofridas, tanto prazerosamente quanto carregadas de dor ou de momentos significantes que se tornam especiais, marcantes, singulares, emocionados, provocando sensações e uma compreensão diferente de outros acontecimentos ao longo da vida, constituindo, portanto, fortes lembranças.

Dando continuidade, fora da escola tive boas relações com colegas, na minha comunidade, sempre o fato de preconceito permeou minhas relações, seja por causa da incapacidade visual ou da minha cor de pele; ser aceita não é muito fácil, seja na infância, adolescência ou mesmo na vida adulta, todos os dias são batalhas e enfrentamentos diferentes, novos desafios. E enxergar o mundo de maneira objetiva e subjetiva é tarefa desafiadora para mim, criar estratégias de adaptação, compensação e autoafirmação me faz sair e desprender de

mim mesma. Ao escrever sobre mim, rememoro e ressignifico minha historicidade, a partir dos novos sentidos dados a ela.

Essas lembranças também me reportam ao ensino fundamental e médio, dois estágios da vida cheios de conflitos, dificuldades para acompanhar atividades físicas ou mesmo no quadro, pois não enxergava, era esquecida diariamente por professores que não tinham sensibilidade nem capacidade formativa. Sempre tinha que ter apoio de colegas, professores de reforço, ficar depois da aula escrevendo no caderno as atividades que não enxergava na lousa, também tinha provas com fonte ilegível, que se esqueciam de ampliar. Também tinha que lidar com a aceitação como pessoa com deficiência; nesses conflitos, sempre minha mãe estava ao meu lado; também constituí amigos fiéis, que me apoiavam, mas isso não reduz os sentimentos dolorosos do processo formativo, gerando sentidos que tornaram essa vivência marcante, única, particular.

Cursei o ensino fundamental com dificuldades, não tinha a mesma autonomia, conhecimento, segurança, minha mãe ia à escola com frequência exigir meus direitos. Recordar sobre tudo isso me lembra de fatos que não podem ser apagados de minha mente. Fui afetada negativamente por meus professores, o que realmente se reflete na relação que estabelecia com eles diante dos sentidos dados à forma como lidavam com minhas limitações. Isso também se reflete nas lacunas educacionais e na forma como até hoje me constituo como aluna.

Passei a não me enxergar como um ser em potencial, sentia que era esquecida, segregada, um ser que parecia não ter o que contribuir na sala, no âmbito social, mesmo com minha mãe todos os dias dizendo que acreditava em mim e que eu podia ir além de atitudes, impedimentos condicionados por minha genética. Cada escola me marcou de maneira diferente, carreguei comigo minhas dores, lutas e sonhos de chegar à Universidade. Desde criança, sempre dizia à minha mãe que desejava me formar, aquilo me encantava e me motivou ao longo dos passos, mas o medo e a temível sensação de fracasso me assolavam.

Conforme Aguiar e Machado (2016), os sentidos são múltiplos, dialéticos, inconstantes, particulares para cada sujeito, se interiorizando e exteriorizando, na constância entre interno e externo, objetivo e subjetivo, ou seja, há uma comunicação entre o social e individual, esses sentidos podem ser vivenciados com interpretações distintas, mesmo que passemos por processos iguais, razão pela qual a forma como eu dou sentido à minha trajetória é diferente do que faz outra pessoa, ou mesmo você que está lendo este trabalho atribuirá sentidos distintos. Dessa forma, existe uma dinâmica inacabada entre a universalidade e individualidade, podendo ser eventos psicológicos individuais, já que se relacionam com o íntimo de cada ser.

Segundo Vigotski (2001a), enquanto a categoria significado é mais uniforme, estável, exata, o sentido tem menor frequência de mudança, com transformações menos perceptíveis ou mesmo quantitativas ao longo da história, também expressando o pensamento e a linguagem, daí que os sentidos diferem dos significados, pois constantemente sofrem mudanças, de maneira que há uma dualidade entre sentido e significado, que é dialético e contraditório.

Ainda nesse período de tempo, recordo-me das horas esperando minhas provas, pois sempre a escola esquecia: como isso me chateava, desmotivava e me fazia sentir que não era parte daquele lugar, mas fui perseverante, dei novas significações, superando cada desafio, limite, oportuneizei possibilidades para mim e para os outros, enxerguei outros horizontes, tracei metas e objetivos e tive que negar muitos sentimentos, passar por eles para então vivenciar, experienciar novos encontros com a vida.

Apesar de tudo isso, acompanhei muito bem todos os anos letivos aprendendo e sendo considerada uma das melhores alunas da sala, ganhando respeito e lugar de pertença sociocultural; mesmo com todas as dificuldades, redesenhei minha história, posso dizer que minhas lutas maiores não eram contra mim, mas com os sujeitos ao meu redor.

No ensino médio, por volta de 2011, pouca coisa mudou, mudei de escola e isso foi complicado, pois tinha que me adaptar; com o tempo fui me acostumando, criando vínculos, porém as dificuldades encontradas nas demais escolas eram vivenciadas. Algo que muito me preocupava era o fato de nunca conseguir entrar no ensino superior, mas estudei bastante durante o ensino médio, consegui ser selecionada em um curso do IFRN para recriador, o que me ajudou na descoberta também da minha profissão de pedagoga, professora. Também tive dificuldades em encontrar uma professora de reforço, mas com muita procura encontrei, tendo encarado dificuldades nesse pequeno período sem alguém para me ajudar e, portanto, lidando com tudo sozinha.

Sempre tive bons amigos, mas não era o suficiente, por isso sempre tive que me dedicar bastante para me sobressair, principalmente porque desejava cursar uma graduação, quando finalmente saiu o resultado foi um dos momentos mais lindos, viver o grande sonho; lembro-me até hoje do abraço dado em minha mãe, choramos, agradecemos, não tinha nem palavras para definir tantas emoções.

Minha escolha por pedagogia advém de uma família de professoras, isso foi algo que sempre admirei, o fato de brincadeiras na infância, e também sempre ensinava minhas colegas de sala o conteúdo, além do curso de recriador ter contribuído. Fui afetada por tudo isso e me senti motivada a escolher pedagogia e me encantar, me apaixonar pela educação, além de ver a

possibilidade de afetar outros com minha história de luta e resistência. Atualmente atuo como professora da educação infantil no município de Lajes RN, uma grande conquista, visto que sou funcionária pública, sonho que sempre carreguei comigo.

Refletindo acerca desses acontecimentos históricos e sociais, cabe mencionar a categoria afetividade: segundo Bock (2011), os afetos compõem nossa relação com o mundo, em síntese, eles sempre perpassam nossas relações, emoções, estamos afetando e sendo afetado na própria constituição subjetiva, social, individual, não podemos negar o sentimento atribuído aos afetos positivos e negativos que nossa consciência, os sentidos e significados provocam; a forma como eu sou hoje é fruto de vivências afetivas de professores, colegas, familiares e os sentidos que são constitutivos no processo de formação e autoformação.

Já no ensino superior, ao adentrar nesse universo e me deparar com a Universidade não foi muito fácil, principalmente porque tive problemas judiciais. Antes de ser aluna, porém, recorri ao meu direito na justiça e ganhei a causa, e cursei toda a graduação e me dediquei a tudo que pude vivenciar e experienciar. Minhas dificuldades eram de enxergar textos com fonte pequena, me locomover, lidar também com o esquecimento de minhas provas ampliadas, enfrentar o fato de ser de outra cidade, não ter o apoio necessário da instituição, mas ao longo dos semestres fui superando com ajuda de colegas e muita dedicação, estudando, produzindo e realizando pesquisas, mesmo sem estar inserida em programas, achava que não era capaz de conciliar as atividades, durante o curso.

Meus enfrentamentos mais desafiadores foram os estágios, pois tinha que provar para a professora que, apesar da deficiência, existia um sujeito para além dela; foi em dupla esse processo, mas consegui me sobressair. Já no final do curso fui monitora em uma vivência gratificante, positiva; sempre fui muito insegura, mas não faltaram apoio familiar nem motivos que me levassem a seguir com minhas metas e objetivos.

A faculdade trouxe vivências dolorosas, mas também prazerosas, foi um dos momentos mais importantes do meu processo formativo, me ajudando e constituindo, além de potencializar minhas significações para levar adiante o sonho de fazer um mestrado em Educação pelo programa do POSEDUC, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, no ano de 2021.

Sempre tive interesse em fazer um mestrado, de ir além das capacidades que minha deficiência impõe; com esforço consegui entrar no programa de mestrado já mencionado, hoje estou constituindo meus passos, sentidos e significados, minha identidade como pesquisadora em formação inicial, a subjetividade expressa por processos constitutivos anteriores e que

posteriormente virão. Busco viver cada momento desse sonho e me reconstituir por meio de conhecimentos, relações, diálogos internos, na busca de caminhos os quais me conduzam a saberes que não se definem, pois transformo e sou transformada pelas vivências que vou protagonizando e constituindo nesse novo espaço acadêmico.

Diante de todo o meu trajeto, posso dizer que nada foi fácil e nem tem sido no mestrado, mas vou construindo novas histórias, lutas, resistência, crescendo, sempre no movimento dialético, de idas e vindas, e que minha subjetividade expressa significações. Fazendo alusão à categoria subjetividade, Silva (2009) diz que por meio dela a identidade do sujeito ganha forma, por meio das singularidades, individual e social, na perspectiva de sentidos diferentes, particulares, que se relacionam com a consciência, psiquismo, dando sua interpretação e percepção sobre a forma como se vê e observa o outro. Portanto, a subjetividade está refletida neste estudo nas relações e nas compreensões de mundo e conhecimento atribuídas de diferentes aspectos constituintes.

Meu percurso inicial no mestrado provocou momentos, marcas subjetivas de afetos que motivaram o desejo pela pesquisa, ou seja, sujeita da ação, de histórias que revelam outras histórias, entrelaçadas na formação humana e social. Por isso meus escritos são parte de uma pequena história de vivências e sentidos e significados que me constituíram nesse processo constante de idas e vindas.

Nesta perspectiva, o encontro com meu objeto de pesquisa deu-se por meio de toda uma trajetória de vivências e experiências formativas e pessoais, de afetos sofridos em minha história de vida e formação, na condição de aluna com baixa visão. Esses acontecimentos germinaram sentimentos, motivos, significações que fomentam a curiosidade em pesquisar sobre **VIVÊNCIAS CONSTITUÍDAS PELOS ALUNOS COM BAIXA VISÃO NA RELAÇÃO COM OS PROFESSORES NA TRAJETÓRIA DO ENSINO SUPERIOR**. As marcas subjetivas dos meus professores ao longo da minha escolarização possibilitaram investigar outros sujeitos acerca do seu processo constitutivo, suas possibilidades e impossibilidades, além das relações que estabeleceram no âmbito acadêmico. Outro aspecto significativo na escolha da pesquisa foi durante o curso de pedagogia, pois passei a resgatar minha historicidade por meio da narrativa, na construção do meu trabalho de conclusão de curso, isso me fez reviver parte dessa história, utilizando as memórias para ressignificar, conhecer as singularidades que carregou, além de compartilhar com outros as dificuldades e limitações, como também superação, utilizando de minhas vivências para outras pessoas com deficiência e para todos, tornando pública uma produção que perpassa discussões teórico-metodológicas, pois revelam

a identidade humana. Nesse período de tempo, fui apresentada às discussões e estudos da Psicologia Sócio-Histórica, por meio de uma disciplina do mestrado em caráter de aluna especial, a partir de então vejo uma oportunidade de me aproximar das zonas de sentido e da complexidade e totalidade constituída e constituinte de outro sujeito por meio da pesquisa vigente. Esses escritos têm também o intuito de inspirar e promover significações prazerosas durante a leitura e reflexões desenvolvidas.

## SEÇÃO 1- INTRODUÇÃO: ALGUMAS COMPREENSÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO CONSTITUTIVO DA PESQUISA

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca” (FREIRE, 1996).



**N**esta primeira seção, temos como objetivo apresentar as informações elucidadas ao longo de toda a pesquisa, como uma síntese que expressa os processos vivenciados, de modo a aproximar o leitor do texto, bem como seu interesse em compreender melhor como a pesquisa foi se constituindo, nos seus aspectos objetivos e subjetivos, evidenciando as discussões dentro da Psicologia Sócio-Histórica e os processos que conduziram nossa linha de pensamento.

A presente pesquisa vislumbra discutir vivências constituídas pelos alunos com baixa visão na relação com os professores na trajetória do ensino superior. Está alicerçada na base teórica e metodológica da Psicologia Sócio-Histórica, tendo sua raiz epistemológica no materialismo histórico dialético de Marx e Engels e seus colaboradores, possibilitando ampliar as discussões da temática por meio de um método que permite tessituras dinâmicas e estruturas não lineares.

A problematização da pesquisa surge de inquietações ao longo das leituras acerca da Psicologia Sócio-Histórica, principalmente pelas vivências da pesquisadora, como aluna com deficiência visual, baixa visão, e as relações estabelecidas na sua trajetória de vida e formação que foram se constituindo ao longo da formação. Traçamos como objetivo **Aprender as vivências constituídas de alunos com baixa visão na relação com os professores na trajetória do ensino superior**. Desejamos com essas ideias iniciais promover discussões a partir de novos olhares sobre a pesquisa-ação dentro da Universidade, buscando explorar novas perspectivas e ampliar a pesquisa e seus fundamentos da Psicologia Sócio-Histórica, reconhecendo suas contribuições na busca de interpretação do sujeito, bem como as relações estabelecidas entre professor e aluna dentro do espaço formativo da Universidade, na busca de um olhar objetivo e subjetivo, buscando elucidar as significações subjetivas dos sujeitos da pesquisa vigente. Dentro desta ótica, a problemática apresenta-se: **Quais as vivências constituídas pelos alunos com baixa visão na relação com os professores na trajetória do ensino superior?**

A pesquisa se configura importante porque evidencia uma abordagem pouco discutida, trazendo discussões acerca da inclusão numa perspectiva constitutiva, empenhando-se em investigar, compreender aspectos objetivos e subjetivos da formação sociocultural. Frente às relações sociais, fundamentamos esta pesquisa, a partir da Psicologia Sócio-Histórica, que não se reduz a discussões apenas epistemológicas ou mesmo conceituais da deficiência visual.

A premissa se tornou mais evidente na construção do estado do conhecimento na procura de informações por meio dos bancos de dados nos quais obtivemos poucas publicações na área da educação que se aproximam de nossa temática. Nesse sentido, a pesquisa tem originalidade, tornando-se inédita, pela ausência de produções que discutam sobre alunos com baixa visão na perspectiva Sócio-Histórica, mostrando a singularidade por meio da heurística, concebendo um olhar novo sobre o objeto de estudo que está definido, assim: **As vivências de alunos com baixa visão na trajetória do ensino superior**, reafirmando a necessidade de pesquisar nessa linha de pensamento.

A pesquisa também busca contribuir de maneira acadêmica para o crescimento e desenvolvimento das produções da UERN, principalmente para o programa do POSEDUC, como forma de retribuir os aprendizados constituídos a partir das vivências e experiências formativas significadas, bem como ao grupo de estudos e pesquisa em educação e subjetividade que promove as discussões elencadas nesta dissertação, o GEPES, reverberando no compartilhamento das informações expressas, tornando-se possível por meio da oportunidade dos espaços e tempos vividos como aluna na Universidade.

A investigação foi realizada com dois alunos com baixa visão, optamos pelo procedimento da entrevista semiestruturada, buscando resgatar a trajetória dos alunos com baixa visão no ensino superior. Os alunos estão intitulados de Inédito e Superação, nomes escolhidas em virtude das falas das entrevistas.

Ao produzir esta pesquisa, buscamos ajudar a democratizar saberes por meio dos sujeitos envolvidos, os colaboradores, na vida social, favorecendo relações sociais, interpessoais, mobilizando conhecimentos e atravessando histórias, sentimentos, revelando as vivências dos pesquisados.

A escolha pelo método da Psicologia Sócio-Histórica se deu, por parte da pesquisadora, na construção do Trabalho de Conclusão de Curso -TCC da graduação em Pedagogia, bem como na participação em duas disciplinas em caráter de aluna especial antes de estar na condição de aluna regular, o que trouxe contribuições afetivas que a motivaram a pesquisar. A escolha deu-se porque ao estudar compreendemos que esse método enxerga um homem a partir de um todo, considera suas emoções e sentimentos, sua historicidade, vivências e experiências, as relações que se estabelecem, um ser que não se divide e se constitui ao longo de sua vida, investigando além do imediato, procurando as reais verdades em seu íntimo, a partir das significações. Gonçalves e Furtado (2016, p. 28) declaram que:

A perspectiva Sócio-Histórica em psicologia radicaliza, frente a outras teorias da psicologia, a importância do fenômeno social e de sua relação com a constituição da subjetividade. Historicamente a psicologia, ao definir seu objeto em diferentes e diversas abordagens, desconsiderou o fenômeno social como produtor da subjetividade ou reduziu-o a algo dado, que influencia de alguma maneira a subjetividade, mas de um ponto de vista interacionista que produz dicotomias entre o fenômeno social e a produção do psiquismo.

A discussão reafirma nossa pretensão com esse método, já que o homem é visualizado nas suas funções psicológicas superiores, por sua consciência, nos motivos que o levam a agir sobre o mundo; o fenômeno é estudado e se criam possibilidades que não refreiam as interpretações. Dessa forma, ocorrem a radicalização e superação da própria teoria, concepção, pois foi ressignificada sua forma de investigação do homem e dos mundos que dele fazem parte, dando subsídio a discussões aprofundadas, ancoradas na realidade, desvinculando de processos insuficientes que a antiga psicologia evidenciava, pois não apreendia o todo, dando apenas explicações aparentes e que não amparam a complexidade dos fenômenos. Assim, Vigotski<sup>1</sup> tem uma contribuição importante para a história da psicologia e para as pesquisas até hoje.

Um dos motivos pelos quais desejamos pesquisar sobre alunos com baixa visão deriva de um sentido dado a toda a trajetória da pesquisadora como aluna com baixa visão; mediante sua historicidade, pode perceber elementos constitutivos significativos que fossem analisados, refletidos, haja vista que sua história gerou motivações que nos levaram a pesquisar. Dentro deste prisma, vemos a oportunidade de pesquisar outros sujeitos dentro de suas realidades e vivências significadas, interpretando por meio do método adotado, a Psicologia Sócio-Histórica, que nos deixou desejosas pelo fato de permitir enxergar um homem na totalidade que o permeia, no mundo e contexto, nas relações e interrelações, na sua atividade sobre o mundo, fomentando cada vez mais possibilidades de conceber um sujeito real, ativo, produtor, criador, sonhador, com tantas compreensões sobre si e subjetividades a serem investigadas, advindas de vivências que atravessam os significados expressos.

Dessa maneira, percebe-se a importância de desenvolver uma pesquisa dentro desta linha de pensamento supracitada, na medida em que possibilita a compreensão do

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto, a escrita do nome de Vigotski está com diferentes grafias, entretanto seu nome será conservado de acordo com as fontes apresentadas nas citações diretas, mantendo a escrita atribuída pelos autores, e no corpo do texto usaremos dois 'i'.

sujeito para além de aspectos objetivos, aparentes e para além de aspectos subjetivos, intrínsecos. Nessa perspectiva, pretendemos nos aproximar da subjetividade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, considerando suas emoções, sentimentos, valores, sua trajetória de vida. Desse modo, ao pesquisar o homem em sua totalidade, entende-se que a Psicologia Sócio-Histórica deu saltos qualitativos, pois rompeu com a ordem linear da pesquisa quantitativa. Assim, ao pesquisar a ação do homem, é necessário apreender os sentidos e significados do processo constitutivo dos sujeitos da pesquisa. Dentro desta ótica, a referência básica de análise da Psicologia Sócio-Histórica, segundo Gonçalves (2007, p. 38),

[...] é a da historicidade das experiências humanas, bem como das ideias produzidas pelos homens como expressão mediada dessas experiências. Entende-se como experiência humana toda atividade realizada socialmente pelos homens, como forma de atender a suas necessidades, produzindo, dessa forma, sua própria existência. As experiências concretas, de atividade dos homens, implicam necessariamente a produção de ideias e representações sobre elas, as quais refletem sua vida real: ações e relações.

Mediante as colocações expressas, a Psicologia Sócio-Histórica analisa o sujeito a partir de novos olhares, saindo das ideias convencionais da pesquisa. A atividade humana é apresentada numa perspectiva em que o homem é produtor e fruto da própria produção, o que está intrínseco, no íntimo, vai se refletindo nas vivências e experiências que o constituem, são os registros dos passos de sua existência, em seus diversos aspectos, produzindo história e se constituindo socialmente. Portanto, a relevância desta pesquisa não se reduz às contribuições acadêmicas, quando desenvolvemos com comprometimento, dentro deste espaço, com toda a comunidade, mas segue desde à Universidade até aos sujeitos com os quais convivemos, bem como de modo pessoal, pois resgata narrativas, história, o que é mais significativo e que se reflete nas instâncias mencionadas.

Conforme Vigotiski (2001a, p. 151), “A tarefa principal de análise como se produz a relação individual em ambiente coletivo”. Ao refletir acerca dessa colocação, a cultura, os valores e costumes são criações realizadas pelos homens, revelando sua subjetividade, suas apreensões sobre si e o mundo, numa conjuntura entre o eu, o outro e o nós, formando o coletivismo, constituindo o espaço ao qual pertence, sendo o construtor de suas ações. Assim o homem vai produzindo sua história, vai constituindo as dimensões e se humanizando por meio das interações, protagonizando as possibilidades; sendo assim, é

no vivenciado por ele e nas histórias que os sentidos, significados, afetações e mediações passam a se constituir na identidade humana.

O método da Psicologia Sócio-Histórica busca entender o homem em sua plenitude, ou seja, em seus diversos aspectos, numa relação dialética entre objetivo e subjetivo, compreendendo suas bases históricas, culturais e sociais, enxergando o ser homem numa perspectiva ampla, gerando conhecimentos que estão subjetivamente guardados no íntimo de cada sujeito, trazendo um ser enquanto biológico, mas considerando sua constituição social e relacional, pois é nas relações estabelecidas com os demais homens que se transforma, reconstituindo de acordo com suas necessidades, formando a natureza humana dada como inacabada, mas que se transforma e tem possibilidades. De acordo com as discussões apresentadas, Gonçalves (2007b, p. 113) evidencia que:

A análise dos fundamentos metodológicos da Psicologia Sócio-histórica aqui apresentada parte do pressuposto de que um método envolve uma concepção de mundo, uma concepção de homem e uma concepção de conhecimento. Para além de uma visão instrumental do método, entende-se que a abordagem do real para conhecê-lo revela uma determinada compreensão da realidade do homem da sua relação com ela. Por isso, a questão metodológica é indissociável de uma abordagem ontológica e epistemológica. Assim, embora o eixo da análise seja a relação sujeito-objeto, não se pode deixar de apontar questões relativas à compreensão do SER, bem como aspectos relativos à concepção de sujeito.

A Psicologia Sócio-Histórica tem uma concepção de homem, de mundo e de conhecimento na qual exerce sentido dotada das relações existentes entre essas dimensões; seus pressupostos mobilizam novas aprendizagens que revelam a essência atribuída pelos sujeitos, seus sentimentos, emoções, o perceber do homem sobre o outro homem, reconstituindo os instrumentos de pesquisa, em que o homem se torna o principal meio de investigação. Dentro desta ótica, se faz necessário salientar que para a Psicologia Sócio-Histórica o homem se constitui nas relações com a natureza, nos instrumentos usados por ele, com os demais à sua volta, é repleto de significações, tornando-se reflexo de suas produções, vivências e experiências ao longo de sua trajetória humana. A cultura, os valores e costumes são criações realizadas pelos humanos, revelando sua subjetividade, suas apreensões sobre si e o mundo, constituindo seu espaço ao qual pertence, sendo o construtor de suas ações.

Ao longo da vida, o homem vai produzindo sendo mediado, vai constituindo as dimensões e se humanizando, protagonizando as possibilidades. Sendo assim, é no vivenciado por ele e nas histórias, afetações e nas mediações, assim como construções, sendo elas entendidas como os frutos exteriores ao sujeito, e que por meio do interno e externo produz o movimento das condutas, como também da identidade, personalidade do seu ser. Segundo Gonçalves (2007b, p. 114),

O desenvolvimento das novas forças produtivas requer um novo homem, um sujeito que transformara a natureza em um grau nunca visto anteriormente na história e que o fará dentro de novas relações sociais. Assim, nesse momento em que o desenvolvimento de novas forças produtivas suscita novas demandas, a ciência que surge responde a necessidade de um conhecimento que permita lidar com a realidade de forma a garantir as transformações requeridas e no ritmo imposto pelas novas relações sociais.

Em consonância com o autor, a Psicologia Sócio-Histórica apresenta um homem que é ativo, em que as construções ocorrem na natureza e assim modifica sua natureza íntima, constrói socialmente sua atividade enquanto humano. Dentro desta perspectiva, vai constituindo a dialética com o social, ou seja, todo o processo é visto como algo inacabado que sofre as afetações em sua temporalidade, que conduzem as interações socioculturais. Dando continuidade às reflexões, a realidade, a gênese do homem é investigada a partir de sua história, neste sentido, ao retomar todo o processo evolutivo, desde o biológico até as construções e interações temos uma síntese desse homem, já que a totalidade ainda é algo desafiador de compreender, pois até na totalidade são encontradas especificidades, particularidades a ser investigadas, razão pela qual o método permite uma pesquisa flexível e mutável, já que o ser se permite transformar-se.

Dentro dessas premissas, o homem, ao longo do processo constitutivo, atua sobre o mundo nas interações e criações, agindo por meio de determinados comportamentos, o que nos leva a pensar nas funções psicológicas superiores, alterando a natureza da qual ele faz parte e a natureza dele própria, mostrando que, apesar de não ser livre completamente, ele pensa e cria suas construções de diferentes maneiras, daí serem singulares, cada ser é diferente, mesmo com semelhanças humanas que os compõem nas características enquanto sujeitos. Fazendo uso desse conhecimento, Vigotski (1996, p. 73) esclarece: “[...] o controle da natureza e o controle do comportamento estão mutuamente ligados, assim como a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem”.

O homem exerce poder de controle sobre si, podendo mudar de acordo com seus desejos, necessidades e interesses, sociais, emocionais, pessoais; essa natureza reafirma que na psicologia a investigação se dá na completude dos fenômenos, dos diferentes universos em que o sujeito está imerso. Conforme Freire (1993, p. 104), “Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”. Segundo Freire, é experimentando da vida, do que ela possibilita conhecer e se deparar com o que está encoberto, entender os limites, necessidades, superar, criar, desenvolver com outro, juntos criando relações que dão um novo sentido ao mundo, seja o mundo compartilhado ou o criado por nós mesmos, tendo uma consciência de que não nascemos feitos, prontos, que fazemos nos fazendo e refazemos as relações no universo complexo com desdobramentos, com histórias a serem constituídas, experimentando de cada vivência experiência.

Segundo Gonçalves e Furtado (2016), o sujeito é ontológico, epistemológico e é compreendido como um fenômeno, que se expressa no trabalho, na materialidade da vida e nas relações com outros. Dessa maneira, o homem não é visualizado de maneira determinista, mas é formado, determinado pelas mediações e constituído por escolhas, processos, imaginação, possibilidades de que dispõe e desenvolve socialmente, tornando-se completo à medida que se constitui de forma ativa, produtiva, na atividade sobre a realidade que o circunda. Em meio ao processo de interação, o homem, apesar dos sentimentos, ainda tem suas bases teóricas, concepções teológicas, filosóficas, compreensões científicas, e é essa universalidade que está implicada também nas análises produzidas, desviando-se de ideias positivistas. Portanto, a Psicologia Sócio-Histórica é crítica e reflexiva diante do fenômeno estudado, tornando-se significativa pelas desconstruções atribuídas. Segundo Bock (1999, p. 170),

O fenômeno psicológico aparece, assim, como algo dado; algo que o homem já possui aprioristicamente; algo que pertence à natureza humana. Esse fenômeno é visto como pertencendo ao mundo interno; é privado e íntimo. O fenômeno é, além disso, a essência do homem; refere-se ao eu, a um verdadeiro eu. É o que há de mais individual e particular no homem. O fenômeno psicológico mantém, no entanto, uma relação com o mundo externo, que estimula ou impede, ajuda ou dificulta seu desenvolvimento.

A psicologia interpreta o homem e seu universo, contendo dimensões individuais, íntimas, no entanto, a Psicologia Sócio-Histórica defende a ideia de que o mundo externo constitui parte das dimensões particulares dos sujeitos, numa relação entre interno e

externo na qual as relações com o mundo e os sujeitos se refletem nos sentimentos íntimos, ocultos. A essência do ser passa a ser definida como o mais íntimo e singular, o que está escondido dentro de si; no que se refere à dimensão social, é aquela que está aparente, nisso consiste o papel do investigador, pois a natureza do homem não se constitui completamente como dada, mas formada nas relações com os sujeitos, instrumentos.

Com relação à proposta, fazemos uso das categorias para analisar as discussões posteriores desse estudo, dando bases fundadas para as interpretações. As categorias, segundo Aguiar (2001, p. 95), “carregam o movimento do fenômeno estudado, sua materialidade, suas contradições e sua historicidade”.

Dentro desta premissa, as categorias orientam as discussões, uma análise mais profunda acerca da fala, sentimentos dos sujeitos, auxiliando o processo de constituição da própria pesquisa, dos movimentos contraditórios, buscando compreender toda a essência do homem, o que é carregado somente por ele. Dado isso, as categorias também são instrumentos teóricos e metodológicos para nos conduzir aos saberes necessários do processo de constituição do homem dentro do universo, analisando as partes até chegar à totalidade dos aspectos da dimensão humana. Dentro desta ótica, as categorias selecionadas para discussão da pesquisa são: sentido, significado, afetividade, vivência, mediação, zona de desenvolvimento próximo.

De acordo com as reflexões, vamos discutir a categoria historicidade, a partir de Gonçalves (2007a, p. 39): “[...] as ideias e conhecimentos produzidos pelo homem em determinado momento histórico refletem a realidade desse momento histórico, ou seja, o pressuposto é de que a origem das ideias produzidas socialmente está na base material da sociedade”. Em outras palavras, em cada momento, tempo em que o sujeito está inserido, se revela um contexto diferente, um sentimento diferente, que se difere de cada processo vivido. Cada tempo é único e tem suas singularidades, exprime a realidade na qual o homem está envolvido, imerso, transformando-se ao longo do trajeto e mudando de acordo com as necessidades e anseios, assim como desejos e vontades.

Ainda conforme Gonçalves (2007a), o sujeito é compreendido segundo sua história, bem como as relações que estabelece em sua trajetória no meio social. Suas experiências formam outros sujeitos, criando histórias vividas por eles, repletas de significados entendidos a partir de ações desenvolvidas, produzindo em uma mão dupla: a natureza humana e a natureza social, as quais formam uma natureza única a partir dessa união de ambos os campos. Assim, suas concepções e realizações no mundo externo

passam a ser estimuladas pelo interno, por meio de suas sensações, pensamentos e criações. A partir daí, o sujeito se exprime socialmente, ou seja, de maneira processual as vivências vão se construindo.

A realidade social é vivenciada e experienciada pelo sujeito numa totalidade da vida, o sujeito é compreendido como um ser de conhecimento com sua historicidade que expressa uma trajetória de múltiplas relações, não se definindo entre os sujeitos, mas pela natureza exterior a ele, daí a necessidade de enxergar para além do imediato e da superação de dicotomias, conferindo uma concepção complexa de ser interpretada. Ampliando as discussões, é necessário salientar as categorias sentido e significado, compreendidas como um par dialético.

O sujeito reproduz sua historicidade pelo trabalho, na intenção, conferindo um sentido à sua existência no mundo. “O homem se define no mundo objetivo não somente em pensamento, senão com todos os sentidos [...]. Sentidos que se afirmam como forças essenciais humanas [...]. Não só os cinco sentidos, mas os sentidos espirituais (amor, vontade...)” (MARX, 2004, p. 110). Discutir os sentidos do sujeito e ‘mergulhar no lugar de profundidade, espaços que levam processos e etapas de serem interpretados, compreendidos, lá se encontra uma parte geradora da ação, de quem ele é por meio dos sentidos que carrega, os sentimentos e emoções definidos como amor, saudade, estado de paz, inquietação e tantos outros que por vezes se definem e por outras não compreendidos, formam um homem que leva consigo mais do que fala, pensa, elabora, mas fazendo sentir e expressar os sentidos por meio dos significados dentro de suas especificidades e incompletudes.

Os sentidos e significados são categorias que não se dissociam: todo significado traz subjacente um sentido maior, uma multiplicidade de sentidos que mudam a partir das vivências e relações afetivas com outros sujeitos ou situações dotadas de significações. No que se refere aos significados, Bock e Aguiar (2016) declaram que a existência de universalidade no significado, o sentido vai se configurando na realidade vivenciada na generalização da linguagem com o pensamento, nos discursos e expressões variadas dos sujeitos; seja na arte, fisicamente, na história traçada por eles, sua expressão é forte porque produz impacto e passa a ser permeada de sentidos com ligações emocionais e afetivas. Em síntese, os sentidos comunicam-se por meio dos significados, diretamente constituídos nas relações sociais.

Os sentidos podem ser entendidos mais claramente pelas singularidades. Segundo Gonçalves e Furtado (2016), essas singularidades são ocasionadas pelas vivências de seus

contextos diversos e que passam a gerar sentidos variantes, que podem ter maior intencionalidade e potencialidade a partir das afetações dos sujeitos e situações. Os sentidos podem ser geradores de prazeres, desprazeres, refletindo de maneira objetiva e subjetiva, expressando-se por meio de sentimentos, ações e como se interiorizam as interações da relação do homem com o mundo.

Frente a tais explicitações, Vigotski (2001a) ressalta que os sentidos são uma elaboração singular e contextualizada. Destarte, os sentidos crescem de acordo com o espaço no qual o sujeito está inserido, seus sentidos fazem parte de uma totalidade que se articula nas singularidades; as experiências e vivências, mesmo vividas de maneira grupal no mesmo espaço e seguindo as mesmas etapas, sofrem mudanças no sentir de cada um, já que são únicos e universais, não se aplicando apenas às situações, como também à forma como se configura o ser.

Ampliando as discussões, pode-se esclarecer que as significações são frutos de significados históricos, sociais subjacentes ao significado; existem possibilidades de sentidos que mudam e por muitas vezes não se identificam na imediaticidade, sendo necessária uma investigação maior, uma interpretação que vislumbre além do objetivo, concreto, os sentidos são mais íntimos, particularizados. Em síntese, os significados são mais aparentes, diferentemente dos sentidos, que ficam escondidos na identidade, subjetividade. Seguindo o pensamento de Vigotski (2001a, p. 398), explicita-se que o significado é “ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual”. O significado pode se expressar na fala por meio da comunicação, pois se utiliza dos signos, da linguagem, mas em harmonia com o pensamento, e os pensamentos são cheios de significações, que formam os sentidos e significados.

Ao refletir acerca dos afetos (IBIAPINA; CARVALHO, 2016), entendemos como alguns sujeitos direcionam suas ações, caminhos por determinadas situações ou não, entendemos os porquês de suas atitudes acerca da atividade produzida, dos sentimentos envolvidos, dos afetos atribuídos e das afetações sofridas, sejam positivas ou negativas. É dentro da contradição, afirmação, que os afetos vividos passam a ser significados pelos sujeitos e singularizados. Analisar a afetividade significa, segundo Leite (2006, p. 25), “analisar as condições concretas pelas quais se estabelecem os vínculos entre o sujeito”. Os vínculos ganham novos sentidos a partir das relações afetivas, emocionadas, potencializam as capacidades humanas, bem como a relação do homem com outro homem, fazendo uma intenção dos vínculos, deixando florescer a subjetividade que cada ser em sua essência demonstra por meio das interações.

Bock (2011) esclarece que os afetos passam por todas as etapas, fazem parte das relações, dos acontecimentos, escolhas, motivos, revelando que a categoria afetação dialoga com as demais categorias; se os afetos sofridos pelo sujeito forem compreendidos por ele como negativos, provocam uma percepção diante da experiência, da vivência, tendo relevante participação na diminuição da cognição, emoção expressa do sujeito, podendo conter desprazeres, tristeza, desânimo, falta de motivação, sentimentos ruins interiorizados pelo próprio sujeito, também podendo ser ressignificados ou ser positivos, que crescem para a construção e constituição de bons sentimentos.

Discutir vivências é pensar na afetividade, pois a vivência está vinculada à relação do homem com o mundo, gerando afetos que levam a ser significados, tornando os acontecimentos como vivências, que levam à amorosidade, odiosidade, subjetividade, um processo especial e diferente de tantos outros acontecimentos entendidos como experiência. Conforme Toassa (2011, p. 215), “para Vygotsky, as vivências são os processos dinâmicos, participativos, que envolvem indivíduo e meio. Seus exemplos remetem a uma análise profunda da vivência humana e dos sentidos atribuídos a ela”. A vivência se torna vivência quando os sentidos gerados deixam algo diferente sobre o vivido, tornando-se uma marca geradora de sentimentos individuais que levam outra perspectiva sobre sua atividade dentro do espaço tempo entre a mediação do sujeito com cenário.

Segundo Aguiar e Soares (2008, p. 232), “ao vivenciar determinadas situações particulares, sociais e históricas, que são mediadoras da sua subjetividade, torna-se única em sua singularidade. No entanto, não se pode deixar de lembrar que o social se revela no individual e vice-versa”. Nas vivências constituem-se histórias repletas de sentido e significados, delas crescem expressões singulares, particulares. Conforme a discussão, a vivência é a categoria que mais atravessa todo este trabalho, pois traremos as vivências dos alunos no ensino superior, analisando e interpretando as singularidades que se exprimem por meio da atividade enquanto pessoa, estudante, sujeito da ação, ativo, que se reconstitui ao longo de sua historicidade.

Destacamos uma das categorias, conhecida como mediação, na qual podemos identificar os processos constitutivos, evidenciando que o sujeito está sendo mediado pela natureza e pelos objetos de que ela dispõe, entretanto somos mediados por meio das relações socioculturais. Ao longo do processo de mediação, o homem tem espaços internos que se completam na objetividade, concretude de sua atividade. De acordo com Carvalho e Alfredo (2016, p. 144), “pode-se afirmar que tudo o que se refere às relações

histórico-sociais é, também, concernente às mediações que as constituem, pois no processo só de sua constituição”.

Segundo Vigotski (1996, p. 74), a mediação possibilita uma “reconstrução interna de uma operação externa”. Isso nos mostra que as relações sociais podem se transformar a partir das situações existentes, dentre experiências, a própria história, formação cultural, os elementos internos para os externos, ou seja, entre os campos pessoais e sociais há elos, ligações, mas que têm representações diferentes no modo de sentir do sujeito, nisso consiste a mediação na passagem entre social e individual e o atravessamento que produz outras construções. Contudo, as ações mediadas constituem o psicológico e as suas diferentes funções. Os processos de colaboração entre sujeito para com sujeito concretizam as mediações na materialidade do trabalho, da atividade sobre ele, na emoção, nos símbolos, signos.

Outra categoria relevante para nossa pesquisa diz respeito à zona de desenvolvimento próximo - ZDP, enfatizando que para que ocorra o compartilhamento entre sujeitos, por meio de conhecimento, saberes e práticas formativas, é necessária a mediação entre pessoas, instrumentos, bem como os sentimentos envolvidos. Dessa maneira, a ZDP, segundo Vigotski (2007), dá-se de maneira coletiva, relacional entre sujeitos, onde um media o outro, cada um afeta o outro por meio dos seus conhecimentos, colaborando para a resolução e amadurecimento das aprendizagens, sob orientação de alguém mais experiente.

Assim, para Vigotski (2007, p. 97),

A distância entre o nível do desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou colaboração com companheiros mais capazes.

A ZDP, segundo o autor, ajuda no processo de ensino-aprendizagem, pois o mais experiente acaba se tornando o mediador, solucionando problemas, dificuldades. Nesta ótica, o desenvolvimento real é o que já foi dominado e o desenvolvimento potencial é o que não foi atingido, no qual o sujeito precisa do outro, da mediação, intervenção. Para chegar à zona de desenvolvimento próximo, que é o processo que leva para a aprendizagem de fato acontecer, a distância entre uma zona a outra não é automatizada, mas requer tempo, estudos, experiências e vivências que gerem significações e criem laços afetivos com o que está sendo aprendido.

## 1.1 DISCUTINDO A BAIXA VISÃO E SUAS PARTICULARIDADES: DILEMAS ENTRE VER E O NÃO VER

Nesse momento, discutiremos a deficiência visual e suas particularidades, compreendendo alguns conceitos iniciais. Nosso objetivo não é trazer a trajetória histórica da baixa visão, ou visão subnormal, mas esclarecer alguns aspectos relevantes para nosso objeto de estudo, significativos para entender melhor os sujeitos adotados na pesquisa.

A deficiência visual pode ser ou ter diferentes níveis e dificuldades vivenciadas pelos sujeitos, como cegueira, baixa visão e outros, que discutiremos ao longo desta pesquisa, tendo em vista as necessidades e particularidades distintas que se refletem diretamente nos processos de socialização, cognição, aspectos emocionais, na própria constituição como sujeito. Dentro desta perspectiva, é necessário que se compreenda o conceito de deficiência, em conformidade com o disposto na Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação em relação à Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2001), que em seu Art. 1º define:

O termo deficiência significa uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social.

De acordo com as informações acima, deficiência é o termo utilizado para identificar sujeitos com limitações, sejam visuais, físicas, cognitivas, sensoriais, nas diferentes instâncias, com reduzida capacidade de desenvolverem suas funções, atividades, bem como os aspectos ontológicos e sociológicos. Tais dificuldades podem ser potencializadas ou diminuídas de acordo com as interações dentro de um contexto sociocultural, bem como o âmbito econômico, dentre as relações estabelecidas com os sujeitos. De acordo com a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, Art. 1º:

São aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015).

Segundo Amiralian (2004), um dos desafios vivenciados pelos sujeitos com deficiência visual é a falta de compreensão acerca das diferenças existentes entre baixa visão e cegueira. Algumas pessoas, mesmo convivendo com a deficiência, ainda não

reconhecem visualmente os aspectos que pertencem a cada uma delas, confundem e não sabem lidar com as necessidades objetivas, emocionais que a própria deficiência acarreta. Os sujeitos aparentam ser visualmente normais, o que gera conflito, muitas vezes pela falta de conhecimento dos que estão à sua volta, que não têm clareza das informações, levando a cometer atos de preconceito, capacitismo ou até mesmo ignorar suas necessidades especiais.

Dentro deste prisma, a falta de conhecimento não é só para com os que convivem em casa ou na comunidade, se aplicando também aos professores, no âmbito escolar, formativo, de maneira que a inclusão e desenvolvimento dos sujeitos com deficiência fica mais difícil de superar. Entretanto, nos deteremos a discutir acerca da baixa visão e suas particularidades, trazendo elementos importantes para as reflexões posteriores.

Segundo Carvalho *et al.* (1992), a pessoa com baixa visão ou visão subnormal apresenta redução na capacidade visual que interfere na acuidade visual, deficiência que pode ser causada por uma série de problemas, como traumas, doenças, patologias, dentre outros. Os sujeitos que têm baixa visão, termo mais conhecido popularmente, possuem dificuldades para enxergar, seja de perto ou de longe, principalmente fontes com letras pequenas, cores de contrastes, além de dificuldade com excesso ou pouca luminosidade. Na apresentação demonstrada pelo Relatório Mundial sobre a Baixa Visão (2021, p. 10), destaca-se que: “A deficiência visual ocorre quando uma doença ocular afeta o sistema visual e uma ou mais funções visuais”.

De acordo com Laplane e Batista (2008), há uma diversidade de fenômenos entre a baixa visão e a cegueira: a cegueira é quando ocorre ausência de luminosidade, diferentemente da baixa visão, que possui campo visual, porém reduzido, com disparidades de uma pessoa para outra, a intensidade da deficiência pode ser sentida de maneiras variadas a partir das necessidades individuais.

Os sujeitos com deficiência visual criam estratégias que melhoram suas atividades e condições, seja no campo educativo ou sociocultural. No que se refere ao campo educativo, os sujeitos fazem uso de recursos ópticos e não ópticos, como lupas e telescópios ou não ópticos ampliações de fontes, iluminação especial e outras adaptações do ambiente para melhorar sua adaptação e conforto, ajudando na autonomia. Muitos sujeitos empregam recursos audiovisuais, bem como materiais táteis, como o sistema Braille de escrita.

Conforme o Relatório Mundial sobre a Visão, a Organização das Nações Unidas demonstra que a deficiência visual está classificada em: leve perda de visão ou próxima

da visão normal 20/30 a 20/60; baixa visão moderada, 0/70 a 20/160; baixa visão grave, 20/200 a 20/400; baixa visão profunda, 20/500 a 20/1000, Inferior a 20/1000: quase total deficiência visual, próximo da cegueira, nenhuma percepção de luz. Total deficiência visual e cegueira total são definições elucidadas que constituem as singularidades que a deficiência visual pode apresentar.

É necessário salientar alguns sintomas característicos da pessoa com baixa visão, reafirmando que não são universais, podendo sofrer variações, a depender da capacidade visual. Segundo a página eletrônica Síndrome de Usher Brasil, podem ocorrer: constante irritação nos olhos, em virtude de um esforço visual; a excessiva aproximação do rosto para ler ou escrever; dificuldade para realizar leitura à distância; dificuldade em reconhecer cores; inclinação da cabeça para tentar enxergar melhor; dificuldade de enxergar pequenos obstáculos no chão ou nas laterais; nistagmo (músculo do olho que constantemente treme); estrabismo; dificuldade de enxergar em ambientes claros ou escuros. Esses são alguns dos sintomas ocasionados pela visão subnormal.

Diante de algumas informações acima acerca da deficiência visual (baixa visão), há uma necessidade de melhorar o campo visual para a realização de atividades com autonomia. É muito comum que os sujeitos com deficiência solicitem ajuda de profissionais ou mesmo de sujeitos que os circundam, podendo gerar conflitos subjetivos no que se refere à sua constituição indenitária, pois os enfrentamentos diários são evidentes nas relações estabelecidas nos ambientes como igreja, escola, universidade, em casa, ao caminhar pela rua, assim como em outros locais externos ao seu ambiente. Dessa maneira, apesar das limitações, os sujeitos com deficiência ganham espaço por meio de suas lutas e enfrentamentos, protagonizando seu espaço mediante uma sociedade heterogênea, mas com paradigmas universais que muitas vezes determinam padrões de sujeito das mais diferentes instâncias, contribuindo e alimentando um sistema duro e desafiador para todos aqueles que não se enquadram no perfil desejado.

Ao longo do tempo, alguns espaços foram alcançadas pelos sujeitos com deficiência, principalmente no período de 1979 a 1980; no ano de 1981, a ONU decretou no Brasil o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, após o que os sujeitos com deficiência também obtiveram conquistas como políticas públicas visando à inclusão social, por meio de lutas e movimentos sociais, de pequenos grupos; a educação nas escolas teve avanços com a implantação da AEE, bem como da equipe multiprofissional, sem contar a ampliação de cotas, como também o acesso a ambientes públicos. Assim, muitos desses sujeitos conseguiram um lugar de fala, passando a ser ouvidos em suas

comunidades. O acesso a recursos também contribuiu com o processo de inclusão e autonomia.

As limitações são vivenciadas pela deficiência, porém essa superação das suas limitações ocorre, mas não da deficiência em si, o que se reflete na forma como a cultura e a sociedade compreendem esses sujeitos e no comportamento das atividades realizadas, por isso há tantos enfrentamentos no que se refere ao preconceito e aos sentidos de incapacidade física, emocional. Não obstante, todos os dias os sujeitos com deficiência ou mesmo baixa visão enfrentam as invisibilidades, a exclusão e tantos outros problemas, na busca de um lugar no qual todos tenham direitos no trabalho, na política, em casa e onde desejarem estar. Essas lutas e conquistas deixam uma marca social, deixam um legado.

Ainda é necessário avanço significativo na eliminação das barreiras urbanísticas, arquitetônicas, de comunicação, de informação, tecnológicas, no transporte e, principalmente, atitudinais, assim como a carga pejorativa, para denominarmos pessoas que tenham impedimentos físicos, mentais, intelectuais ou sensoriais como pessoas com diversidade funcional, respeitando de fato as diferenças e particularidades dos sujeitos. Vigotski (2010, p. 65) enfatiza que:

Se o mestre é impotente para agir imediatamente sobre o aluno, é onipotente para exercer influência imediata sobre ele através do meio social. O meio social e a verdadeira alavanca do processo educacional, e todo o papel do mestre consistem em direcionar essa alavanca.

O autor aborda como o papel do professor ajuda no processo de autonomia dos alunos. Pensando nos alunos com baixa visão, é possível reconhecer as contribuições de boas relações com os docentes, elas ajudam a ter mais segurança, dando maior confiança, afetando e mediando de maneira a produzir significações e novos caminhos, favorecendo outras perspectivas de futuro e longevidade formativa, e os educadores são a ponte para o outro lado.

Dessa forma, a visão possibilita maior autonomia, haja vista que sua função se reflete nos demais sentidos, objetivos e subjetivos, colaborando para uma visão que observa o mundo e seu movimento, mas que, mesmo com sua ausência ou tendo sua acuidade visual reduzida, ainda é possível enxergar nas entrelinhas, tendo em vista que nosso corpo tem a capacidade de transformação e criação, permitindo ir além dos limites existenciais, sempre na perspectiva de um ser ativo e dialético.

Ampliando as discussões na perspectiva de Aristóteles (2006, p. 238), temos a exemplificação de que:

[...] o sentido dispõe de órgão sensorial, pelo qual é percebido um objeto correlato e são discernidas as suas diferenças específicas - a visão, por exemplo, dispõe de olhos para saber cores e discriminar todas as variações que são próprias a elas. É um fato evidente, contudo, que somos capazes discriminar também diferentes gêneros de objeto perceptíveis: Os distinguimos cor de sabor, bem como cores entre si e sabores entre si. Este é necessariamente um ato da percepção sensível, na medida em que envolve objetos perceptíveis.

A boa funcionalidade dos sentidos é de suma importância para o desenvolvimento de outras capacidades do corpo como um todo. Levando em consideração as reflexões, podemos compreender a importância de enxergar, pois na visão podemos desenvolver os demais sentidos, como a percepção, memória visual. Nos nossos corpos, ao mesmo tempo em que a função deixa de obter total funcionamento, logo outra compensa, possibilitando o sujeito se desenvolver mesmo com diferentes condições. Se o campo visual ainda está em perfeita ordem, logo os mecanismos de audição afloram, potencializando e fortalecendo a audição, por meio da percepção auditiva.

Dessa maneira, mediante as discussões apresentadas, podemos aludir que a inclusão é um direito de todos, havendo um processo que envolve participação, acolhimentos, recursos, meios, espaços que permitam o desenvolvimento pleno da pessoa humana, favorecendo e assegurando seus direitos, ouvindo suas necessidades na busca de encontrar estratégias para melhor atender as disparidades existentes na deficiência visual, assim como nas demais deficiências.

A baixa visão ou visão subnormal possui singularidades de compreensão complexa pelos profissionais, bem como comunidade em geral, entretanto discussões e reflexões são necessárias para que o conhecimento seja ampliado e possamos conviver, dando possibilidades de construção da identidade humana, social e cultural, respeitando suas subjetividades, sentidos e significados, por meio da sua constituição afetiva, cognitiva, dentro da universidade e nos demais espaços. Coadunando-se com esta ideia, Martins (2011, p. 41) afirma que:

a inclusão é, portanto, um processo dinâmico, envolvente, participativo, que tem uma amplitude educativa profundamente social, através do qual os alunos aprendem a viver juntos suas diferenças, enriquecendo-

se reciprocamente e desenvolvendo atitudes de confiança, intercomunicação, respeito e aceitação do outro.

A constituição se dá no coletivismo, respeitando e aprendendo com o outro, nos formamos a partir do outro e com o outro, desenvolvendo ações, atitudes, habilidades, nos humanizando, colaborando com o desenvolvimento do outro, juntando as singularidades e a universalidade, reafirmando saberes e constituindo novos, crescendo, democratizando de forma dinâmica, interacional, nas relações sociais e interrelações significadas, promovendo conceitos que ressignificam, transformam a si e o outro, consolidando olhares subjetivos e sendo condutores de novas pontes e outras histórias. Souza e Fratari (2011, p. 9) exprimem também que “O educador deve elaborar seu plano de aula considerando que existe em sua sala uma pessoa com dificuldade visual, portanto deve preocupar-se em adaptar as atividades para atender as necessidades dela”.

Mediante essa colocação, ganha destaque o planejamento das condições de práticas pedagógicas que incluam e percebam a diversidade da sala de aula, na promoção de recursos que viabilizem adaptações e deem condições necessárias às pessoas com deficiência. Por meio de atividades simples, podemos iniciar o processo de inclusão no processo de ensino-aprendizagem, construindo um lugar de pertença ao ambiente e das relações que emergem no processo constitutivo. Nas ideias de Martins (1997, p. 116), “As interações sociais na perspectiva sócio-histórica permitem pensar um ser humano em constante construção e transformação”.

Essa fala reafirma a dinâmica plural que os sujeitos podem executar, criando meios, recursos, caminhos que possam incluir, aproximar do outro e da sua necessidade, seja no campo educativo, familiar e em outros ambientes, favorecendo o respeito à pessoa humana dentro dos espaços nos quais deseja viver, explorar. Diante dessa colocação, a deficiência pode ser interpretada de várias maneiras, mas o próprio sujeito é quem a define diante de seus limites e possibilidades possíveis.

#### A Estrutura do texto de Dissertação

A vigente pesquisa está organizada em seis seções, porém, antes de iniciar as seções, aborda a história de vida e formação, apresentando a pesquisadora, fazendo um resgate da trajetória definidas como **VIVÊNCIAS SIGNIFICADAS DE UMA ALUNA COM DEFICIÊNCIA VISUAL ACERCA DE SEU PROCESSO CONSTITUTIVO ENQUANTO SUJEITA QUE PROTAGONIZA A HISTÓRIA DE VIDA E**

**FORMAÇÃO.** Nesse momento da apresentação, já trazemos as vivências articuladas de algumas categorias de análise.

**SEÇÃO 1: ALGUMAS COMPREENSÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO CONSTITUTIVO DA PESQUISA** - Nessa primeira seção, está a síntese que compõe o início desse diálogo e reflexões, apresentamos a questão problema, o objetivo da pesquisa, a abordagem teórico-metodológica, o método e os procedimentos da produção das informações. Também trazemos a explanação acerca da pesquisa, destacando o pouco campo de discussão, reafirmando e justificando a relevância desta pesquisa. Ainda destacamos uma breve discussão acerca da deficiência visual, baixa visão, abordando os aspectos da deficiência, finalizando com a exposição de como o texto está organizado.

**SEÇÃO 2: ESTADO DO CONHECIMENTO: LEVANTAMENTO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS** - Nessa seção, trazemos a explanação acerca das pesquisas que vêm sendo discutidas com referência aos alunos com baixa visão, com base em um levantamento feito nos bancos de dados de periódicos das produções científicas sobre a vida acadêmica de alunos com baixa visão no ensino superior. Foram selecionados dois artigos abordando um pouco dos núcleos de significação, presentes nos procedimentos teórico-metodológicos.

**SEÇÃO 3: OS FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: DISCUSSÕES ACERCA DA CONCEPÇÃO DE HOMEM E CONCEITUAÇÃO DE CATEGORIA DE ANÁLISE** – Discussão acerca da concepção de homem dentro da Psicologia Sócio-Histórica, discutindo o conceito de categorias de análise.

**SEÇÃO 4: A TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA** – Desenvolvemos nessa seção o percurso teórico-metodológico, a partir da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski e seus colaboradores, discutimos a questão do método adotado, apresentamos *locus* e os colaboradores da pesquisa, bem como primeiro encontro com os alunos com baixa visão, abordamos o procedimento da entrevista semiestruturada para produção das informações, evidenciando o levantamento dos Pré-Indicadores da Entrevista semiestruturada; Sistematização dos Pré-Indicadores, Indicadores e o processo de construção e nomeação dos Núcleos de Significação, demonstrando como foram pensados, sistematizados os núcleos de significação enquanto procedimento de análise e interpretação das informações produzidas.

**SEÇÃO 5: O MOVIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO** - Nessa seção temos como objetivo central apresentar

as apreensões e discussões realizadas nos núcleos de significação, buscando ressaltar as vivências dos alunos com baixa visão na relação com os professores na trajetória do ensino superior, dando significações à realidade que é apresentada nas falas emocionadas.

**SEÇÃO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS: SÍNTESE DAS SIGNIFICAÇÕES CONSTITUÍDAS NA PESQUISA ATRAVÉS DOS ALUNOS COM BAIXA VISÃO NA VIVÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR** - Trazemos algumas considerações dos achados da pesquisa, as significações dos alunos com baixa visão, bem como a síntese das apreensões e interpretações constituídas ao longo da pesquisa. Por último, trazemos as considerações destas reflexões, as referências e os devidos apêndices.

## SEÇÃO 2: ESTADO DO CONHECIMENTO: LEVANTAMENTO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

O conhecimento emerge apenas através da invenção e da reinvenção, através da inquietante, impaciente, contínua e esperançosa investigação que os seres humanos buscam no mundo, com o mundo e uns com os outros (FREIRE, 2009).



Nesse momento, iremos expor um pouco do estado do conhecimento produzido ao longo da pesquisa, demonstrando alguns achados das produções nos bancos de dados, possibilitando ao leitor e à produção científica novas informações e interpretações possíveis para o objeto de estudo, reafirmando a importância de realizar a pesquisa além de nosso próprio olhar.

## 2.1 LEVANTAMENTO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE A VIDA ACADÊMICA DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO NO ENSINO SUPERIOR

Registramos aqui o processo inicial do estado do conhecimento, os achados dos artigos, levantados a partir de um recorte temporal de 2010 a 2020. O interesse em fazer o levantamento nesse período de tempo de 10 anos se deve ao objetivo de resgatar produções mais recentes, que discutem a vida acadêmica de alunos com baixa visão no ensino superior.

Dessa maneira, foi realizado o levantamento bibliográfico, de forma criteriosa, dividido por etapas. Na primeira etapa, usamos descritores, buscando nas bases de dados de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Sociedade de Eletrônico Library Online (SciELO), na revista Plures Humanidades, nas bibliotecas digitais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). A escolha pelos bancos de dados da CAPES e SciELO se deu em virtude de reconhecer maior abrangência de produções atuais, a revista Plures Humanidades, UERN, PUC e BDTD foram escolhidas com o intuito de realizar as buscas em repositórios que se destacam na área de educação com trabalhos relevantes para nosso estudo. Foi efetuado de acordo com o marco temporal definido, bem como a área de conhecimento, todos devidamente pontuados na educação, com base no título dos trabalhos.

No que se refere à segunda etapa, os critérios de filtragem foram a partir do resumo, analisando o objetivo, problema, palavras-chave. A terceira etapa consistiu na análise dos trabalhos selecionados mediante os critérios anteriores, importantes para refinar e filtrar as produções desde o processo inicial até a produção final do estado do conhecimento em questão, dando subsídios e instrumentos para dar continuidade à pesquisa.

O interesse em desenvolver o estado do conhecimento surge a partir da produção do projeto de pesquisa, na busca por produções que abordam direta ou indiretamente a vida acadêmica de alunos com baixa visão no ensino superior desenvolvida no âmbito científico. Dentro desta ótica, entendemos que esse momento da pesquisa dará novos direcionamentos, reflexões para constituir um trabalho significativo, pois promove um olhar plural do que está sendo construído ao longo dos anos, contribuindo para o processo constitutivo da pesquisa, aberto à diversidade de perspectivas identificadas nos artigos e produções que abordam essa temática.

A pesquisa ocorreu nas bases de dados, a partir de descritores especificamente definidos, divididos por etapas e critérios, tendo por objetivo inventariar trabalhos que, publicados na forma de artigos, tratam, de alguma forma, do nosso objeto de estudo: **As vivências de alunos com baixa visão com os professores do ensino superior**, buscando perceber trabalhos que se aproximam do tema supracitado, bem como as discussões desenvolvidas, considerando relevante conhecer as pesquisas existentes.

Faz-se necessário destacar que para melhor utilização e otimização na busca de produções, foi utilizado o recurso das aspas nos descritores, bem como o uso do termo *and* para refinar a busca, chegando a resultados mais compatíveis com o tema da pesquisa mencionado.

Os descritores utilizados e que denotam melhor a busca são: “baixa visão, “deficiência visual,” “deficiência visual and educação superior,” deficiência visual and educação”, assim como “significações and baixa visão”, “significações and educação”, “baixa visão and professor”, “Inclusão no ensino superior” e, por fim, “educação and alunos com deficiência visual”. Nove descritores foram elencados para iniciar as buscas.

Ao pesquisar por descritores “baixa visão”, “deficiência visual,” deficiência visual and educação”, pode-se observar poucas produções e pouca incidência de trabalhos que discutam o aluno com baixa visão na relação com o ensino superior, desse modo optamos por buscar outros descritores, mantendo o termo *significações* atrelado ao nosso objeto de estudo para conseguir maiores resultados de produções, bem como conhecer possíveis trabalhos que discutam a Psicologia Sócio-Histórica, mediante a dificuldade nas buscas realizadas.

No que tange à terceira etapa do trabalho, traremos dois trabalhos, fundamentando os estudos da educação a partir da Psicologia Sócio-Histórica, utilizando de categorias para compreender os fenômenos. As categorias definidas são: sentido, significado,

mediação, zona de desenvolvimento próximo e compensação, historicidade, que serão discutidos e apresentadas nos artigos elencados.

## 2.2 PERCURSO DESENVOLVIDO

O desenvolvimento deste estudo deu-se por meio do estado do conhecimento, de cunho qualitativo, quantitativo, bibliográfico, composto por critérios e etapas. A primeira etapa incluiu o levantamento bibliográfico de 2010 a 2020, tendo sido selecionados trabalhos na área da educação, todos em português, posteriormente selecionados e filtrados segundo os critérios do resumo, nos quais podemos observar objetivo, problema, palavras-chave. Após essa etapa, passamos a analisar os artigos que mais se aproximavam do objeto proposto, compreendendo melhor o conceito da metodologia adotada, contribuindo para a formação da pesquisa vigente.

O problema elencado para esta pesquisa - **Quais são as vivências dos alunos com baixa visão na relação com os professores no ensino superior?** - produz dúvidas, inquietações que nos ajudam também a buscar e realizar o levantamento bibliográfico dos artigos que versam nessa perspectiva educacional, conhecendo outras pesquisas a partir de outros olhares de pesquisadores e estudiosos. Essas pesquisas, conforme Ferreira (2002, p. 258),

Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.

O estado do conhecimento auxilia nas pesquisas e torna-se um meio de busca de produções científicas de caráter valoroso, organizando por processos e critérios que possibilitam ao pesquisador encontrar minúcias, particularidades nos conteúdos pesquisados, para que as análises reflexivas possam direcionar, reconfigurar o processo de informações com ética, rigor, com pesquisas que serão revisitadas por meio das buscas nos bancos de dados, e as etapas desde a escolha dos descritores, marco temporal, assunto, bem como a realização de uma síntese, de forma que os registros se tornam bases complementares para outros estudos.

De acordo com Trentini e Paim (1999, p. 68), “A seleção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com os textos e, por eles,

reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado”. Buscar de outras fontes e bancos de dados confiáveis demanda tempo, dedicação, mas ocorrem aprendizagens importantes durante a produção da pesquisa, dando abertura para dialogar e definir melhor a proposta de trabalho, bem como o objeto de estudo, orientando a busca e a seleção dos trabalhos.

Laville e Dionne defendem que (1999, p. 112):

Fazer a revisão da literatura em torno de uma questão e, para o pesquisador, revisar todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que possa servir em sua pesquisa. Nela tenta encontrar essencialmente os saberes e as pesquisas relacionadas com sua questão; deles se serve para alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar seu aparelho conceitual. Aproveita para tornar ainda mais conscientes e articuladas suas intenções e, desse modo, vendo como outros procederam em suas pesquisas, vislumbrar sua própria maneira de fazê-lo.

O levantamento bibliográfico faz parte do levantamento realizado no estado do conhecimento como um processo de suma importância. A metodologia possibilita o resgate de produções nas diferentes áreas da formação. Recentes ou mais antigas, todas as pesquisas são significativas para o pesquisador investigar, possibilitando reflexões, discussões críticas e reflexivas sobre seu objeto, dentro de um espaço de tempo, produzindo conhecimentos que ajudam em um trabalho como este, um artigo que traduz a pesquisa do estado arte ou até pesquisas de mestrado e doutorado. Nesta ótica, o estado do conhecimento dá novos sentidos e significados aos dados, questionamentos e a autoformação, pois por meio do levantamento bibliográfico refazemos, reformulamos, construímos, desconstruímos, tecemos saberes, objetivando a partir dos critérios que mais contribuem no processo, dando um toque singular por meio de um olhar para si e do que o outro produz, valorizando a ciência e não deixando apagar a história de árduo trabalho que compõe as produções científicas.

### 2.3 ESTADO DO CONHECIMENTO: O PROCESSO DE REFINAMENTO DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Nesse momento será abordada tabela, bem como sua descrição retratando a primeira etapa do processo de busca, por meio dos descritores elencados, as produções e quantidade de trabalhos, de acordo com o marco temporal, todos de língua portuguesa,

realizado no portal de periódicos da CAPES e da SciELO, sistematizando e organizando o passo a passo efetuado.

Quadro 1: Base de dados Capes (2010-2020)

<b>BASE DE DADOS</b>	<b>DESCRITORES</b>	<b>QUANTIDADE</b>
CAPEL	BAIXA VISÃO	22
CAPEL	DEFICIÊNCIA VISUAL	144
CAPEL	DEFICIÊNCIA VISUAL AND EDUCAÇÃO SUPERIOR	04
CAPEL	DEFICIÊNCIA VISUAL AND EDUCAÇÃO	80
CAPEL	SIGNIFICAÇÕES AND BAIXA VISÃO	01
CAPEL	SIGNIFICAÇÕES AND EDUCAÇÃO	36
CAPEL	INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR	24
CAPEL	BAIXA VISÃO AND PROFESSORES	04
CAPEL	EDUCAÇÃO AND ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	35

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2: Base de dados SciELO (2010-2020)

<b>BASES DE DADOS</b>	<b>DESCRITORES</b>	<b>QUANTIDADE</b>
SciELO	BAIXA VISÃO	12
SciELO	DEFICIÊNCIA VISUAL	10
SciELO	DEFICIÊNCIA VISUAL AND EDUCAÇÃO SUPERIOR	01
SciELO	DEFICIÊNCIA VISUAL AND EDUCAÇÃO	02
SciELO	SIGNIFICAÇÕES AND BAIXA VISÃO	0
SciELO	SIGNIFICAÇÕES AND EDUCAÇÃO	0
SciELO	INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR	21
SciELO	BAIXA VISÃO AND PROFESSORES	0
SciELO	EDUCAÇÃO AND ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	02

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao iniciar as buscas na base de dados da CAPES, o primeiro descritor proposto foi “baixa visão”, aparecendo 22 trabalhos, em seguida ao escrever “deficiência visual”,

foram encontrados 144, para “deficiência visual and educação superior” quatro foram visualizados. Posteriormente, ao expor “deficiência visual and educação”, oitenta produções foram encontradas, com relação a “significações and baixa visão” um foi notado, no que se refere a “significações and educação” trinta e seis foram percebidos, já com “inclusão no ensino superior” 24 foram observados; por fim, ao digitar “baixa visão and professores” notou-se (4) quatro opções produzidas, diante dos descritores “educação and alunos com deficiência visual” trinta e cinco foram indicados. É necessário salientar que todos os trabalhos foram registrados nesse espaço de tempo.

Ao desenvolver o processo de busca na base de dados da SciELO, o primeiro descritor foi “baixa visão”, sendo identificados 12; no descritor “deficiência visual”, dez foram evidentes; em uma nova tentativa por “deficiência visual and educação superior”, um trabalho foi encontrado; ao procurar “deficiência visual and educação”, dois foram expressos; ao buscar descritores “significações and baixa visão”, nada foi encontrado; pesquisando por “significações and educação”, novamente nenhum artigo foi exposto; no que tange à “inclusão no ensino superior”, 21 artigos foram ilustrados; com “baixa visão and professores”, nenhum foi apresentado; por fim, ao tentar “educação and alunos com deficiência visual” dois artigos foram identificados.

Passada a primeira fase de seleção, seguimos com a segunda etapa, os critérios de seleção utilizados deram-se a partir da análise do resumo (objetivo, problema) e palavras-chave, também como os descritores de busca que já foram mencionados em outro momento do estudo, para então definir os artigos que serão analisados na terceira fase do estudo.

Quadro 3: Descritores na base de dados Capes

DESCRITORES	QUANTIDADE	FILTRAGEM
BAIXA VISÃO	22	01
DEFICIÊNCIA VISUAL	144	0
DEFICIÊNCIA VISUAL AND EDUCAÇÃO SUPERIOR	04	01
DEFICIÊNCIA VISUAL AND EDUCAÇÃO	80	0
SIGNIFICAÇÕES AND BAIXA VISÃO	01	0
SIGNIFICAÇÕES AND EDUCAÇÃO	36	0
INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR	24	0

BAIXA VISÃO AND PROFESSORES	04	0
EDUCAÇÃO AND ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	35	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4: Descritores na base de dados SciELO

DESCRITORES	QUANTIDADE	FILTRAGEM
BAIXA VISÃO	12	0
DEFICIÊNCIA VISUAL	10	0
DEFICIÊNCIA VISUAL AND EDUCAÇÃO SUPERIOR	01	0
DEFICIÊNCIA VISUAL AND EDUCAÇÃO	2	0
SIGNIFICAÇÕES AND BAIXA VISÃO	0	0
SIGNIFICAÇÕES AND EDUCAÇÃO	0	0
INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR	21	0
BAIXA VISÃO AND PROFESSORES	0	0
EDUCAÇÃO AND ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	02	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentro desta ótica, a segunda etapa de busca foi conduzida a partir dos critérios objetivo, palavras-chave, problema, resumo. A primeira busca foi realizada nos periódicos da CAPES. Inicialmente, durante a busca dos periódicos encontramos algumas produções: ao digitar “baixa visão”, identificamos 22 opções, um selecionado; em seguida, utilizamos os descritores “deficiência visual”, sendo encontrados 114 trabalhos, sem nenhum filtro. Posteriormente, ao pesquisar com o descritor “deficiência visual and educação superior”, foram apresentados quatro trabalhos, tendo um deles se aproximado dos objetivos propostos de análise. Ao identificar esses trabalhos depois de uma filtragem minuciosa, demos continuidade à busca de novas produções: a partir de descritores “significações and baixa visão”, foi identificada apenas uma opção que não condiz com os elementos elencados na busca; para “deficiência visual and educação”, identificamos 80 oitenta produções, porém não utilizamos nenhuma delas; com relação a “significações and baixa visão”, um trabalho foi evidente e fizemos uso dele; no descritor “significações and educação”, 36 opções foram elucidadas, nenhuma tendo sido condizente com o esperado na busca, razão pela qual não foram selecionadas para o registro. Durante a busca a partir de “inclusão no ensino superior”, 24 opções foram apontadas, no entanto

não versavam sobre os critérios; ao pesquisar pelo descritor “baixa visão and professores” no banco de dados da CAPES, quatro produções foram constatadas, porém nada que possa contribuir de maneira significativa; com relação ao descritor “educação and alunos com deficiência visual”, 35 foram identificados e nenhum trabalho foi selecionado. Dessa forma, foram selecionados três trabalhos para análise. Dois foram descartados no início do levantamento bibliográfico, mediante o ano de produção da pesquisa eles foram descartados, pois selecionamos artigos mais recentes para uma melhor perspectiva para novos direcionamentos posteriores.

Nesse segundo momento de etapa de busca, foi elencada a base de dados da SciELO, iniciando com o descritor “baixa visão”, identificando doze opções, nenhuma relevante. Dentre as revisões havia trabalhos em inglês, temas diversificados, e dentre as condições os artigos que mais coadunassem. Em nova tentativa de busca, foram expressos os descritores “deficiência visual”, encontrando-se dez trabalhos, nenhum tendo sido utilizado para análise; para “deficiência visual and educação”, dois artigos, porém nenhum condizente com nossa proposta; ao escrever “significações and baixa visão”, não foi evidente nenhum trabalho; no que se refere a “significações and educação” também não foi contabilizada nenhuma produção. Nas buscas por “inclusão no ensino superior”, havia 21 trabalhos, porém não foram filtrados porque não faziam referência à temática do projeto de pesquisa. Em seguida, ao direcionar “baixa visão and professores”, nada foi encontrado, não tendo como ser útil. Em novas buscas por “deficiência visual and educação superior”, foi descoberto um artigo em inglês, logo após tentamos “deficiência visual and educação”: dois foram mencionados e não condiziam com a busca. E com os descritores “significações and baixa visão”, “significações and educação”, “baixa visão and professores”, nada foi encontrado. Ao expor “educação and alunos com deficiência visual”, dois trabalhos foram apresentados, mas não utilizamos para análise posterior. Dentro desta ótica, não foi aproveitada nenhuma produção para construir as análises.

Fazendo uma síntese do processo, o total de trabalhos selecionados nos periódicos da CAPES foi de dois e no que se refere à base de periódicos da SciELO nenhum dos artigos expostos foi relevante para as reflexões, totalizando duas produções que posteriormente passaram por um processo de análise, delimitando de acordo com as especificidades elencadas. Nosso objetivo é encontrar artigos que mais se aproximem do objeto sobre a vida acadêmica de alunos com baixa visão no ensino superior para assim realizar discussões importantes para o processo.

## 2.4 PRODUZINDO CONHECIMENTO

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, passamos por etapas, estruturadas por critérios pontuados pelos anos de 2010 a 2020. Após essas fases do processo de construção do estado do conhecimento, iremos discutir e analisar dois trabalhos selecionados por critérios como resumo, analisando o objetivo, problema, bem como palavras-chaves, buscando nas produções identificar as produções a partir de um mapeamento dos trabalhos. Temos como objeto a vida acadêmica de alunos com baixa visão no ensino superior, analisando dois trabalhos para interpretar as discussões apresentadas nos artigos elencados.

## 2.5 ANÁLISE DO TEXTO I- SIGNIFICAÇÕES SOBRE O TRABALHO: ESCOLARES COM BAIXA VISÃO NA RELAÇÃO COM OS PROFESSORES E A COMUNIDADE

Esta análise discutirá o artigo selecionado, que aborda as percepções de escolares com baixa visão na relação com os professores e com a comunidade, os locais que frequentam, interpretando as significações constituídas por eles.

Nas buscas na base de dados da CAPES, identificamos dois trabalhos para análise, com o descritor “baixa visão”. Selecionamos um trabalho que está intitulado **ESCOLARES COM BAIXA VISÃO: PERCEPÇÃO SOBRE AS DIFICULDADES VISUAIS, OPINIÃO SOBRE AS RELAÇÕES COM COMUNIDADE ESCOLAR E O USO DE RECURSOS DE TECNOLOGIA ASSISTIVAS NAS ATIVIDADES COTIDIANAS** (FERRON; GASPARETTO, 2012) com o descritor “deficiência visual and educação superior”. Havia também um trabalho intitulado **TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UMA ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR** (MARTINS; SILVA, 2016). Esses trabalhos foram selecionados após as etapas descritas no processo.

No trabalho sobre **ESCOLARES COM BAIXA VISÃO: PERCEPÇÃO SOBRE AS DIFICULDADES VISUAIS, OPINIÃO SOBRE AS RELAÇÕES COM COMUNIDADE ESCOLAR E O USO DE RECURSOS DE TECNOLOGIA ASSISTIVAS NAS ATIVIDADES COTIDIANAS** (FERRONI; GASPARETTO, 2012), o objetivo aborda conhecer a percepção de escolares com baixa visão (visão subnormal) em relação às suas dificuldades visuais, suas opiniões sobre a relação com a comunidade escolar e o uso de recursos de Tecnologia Assistiva nas atividades cotidianas.

O problema não foi indicado na pesquisa; com relação à metodologia, se emprega um roteiro estruturado aplicado por entrevistas; por meio de estudos exploratórios. Os participantes foram adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos com baixa visão, regularmente matriculados no Ensino Fundamental II e Médio e que frequentavam os Serviços de Habilitação e/ou Reabilitação Visual nos municípios de Campinas ou em Ribeirão Preto. Essas são informações mais gerais do texto, ainda serão exploradas as discussões referentes a esse estudo.

É discutida a inclusão no espaço escolar, nas instituições, trazendo a percepção dos alunos sobre seu processo formativo, suas vivências na sala de aula, relação com os colegas, professores, a forma como enxerga a vida, nas diferentes perspectivas, sendo ela social, resgatando relatos, das dificuldades, possibilidades formativas, dando voz aos alunos com deficiência visual, por meio da entrevista, mostrando sua trajetória que os constitui como sujeitos da ação. Também é abordado o apoio de recursos tecnológicos como instrumento facilitador para auxiliar as necessidades educacionais, bem como recursos ópticos, lupas, régua, textos ampliados, tamanho da imagem, ou seja, os recursos assistivos. O artigo ainda apresenta elementos bem pontuais acerca das pessoas com baixa visão, ou baixa acuidade visual, com dados, especificações do campo visual.

Ao visualizar essas informações, pode-se afirmar que o trabalho, apesar de trazer um pouco da trajetória das pessoas com baixa visão no processo educacional, resgata experiências e vivências históricas e sociais, mostrando as percepções desses alunos, algo significativo, que aproxima da pesquisa já citada, pois traz os sujeitos e suas vidas, relações, seja social, cultural, emocional, reconhecendo suas singularidades que permeiam a formação. Além disso, o texto aborda as tecnologias, seus avanços para incluir os estudantes, as tecnologias assistivas das novas oportunidades para aqueles com baixa acuidade visual, pois fortalece o funcionamento visual, desenvolvendo capacidades. Assim, a informática é um ganho para o trabalho pedagógico:

Tecnologia Assistiva é a área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (GASPARETTO *et al.*, 2009, p. 8).

As tecnologias são instrumentos pedagógicos na prática docente, auxiliam no processo de formação, dando maior autonomia aos educandos, principalmente com

deficiência, seja ela visual, física, intelectual, possibilitando experiências e vivências que promovem a inclusão de forma dinâmica, descontraída, atravessando as artes do saber, se tornando um recurso essencial em sala na medida em que contribui para o aluno, como também para facilitar o trabalho desenvolvido pelo professor, diante das dificuldades de encontrar meios para incluir as particularidades dos sujeitos, construindo pontes para a democratização do ensino.

Em meio às leituras, pode-se constatar que os adolescentes que participaram da pesquisa foram investigados pelo critério de que frequentavam os Serviços de Habilitação e ou Reabilitação Visual nos municípios de Campinas ou em Ribeirão Preto. Dessa forma, se reconhece o contexto daquela localidade e dos serviços fornecidos por meio da habilitação e reabilitação, um projeto de apoio a pessoas com deficiência, fomentando oportunidade para a superação das dificuldades visuais. Nesse sentido, a pesquisa não enfoca no processo formativo especificando um nível escolaridade definido, já que foram investigados os alunos frequentadores desse espaço supracitado.

Os autores acima citados abordam a caracterização dos escolares segundo acuidade visual, uso de recursos ópticos, não ópticos e recursos de informática específicos para deficientes visuais. Dificuldades visuais. Relação com a comunidade escolar, sujeitos em atendimento nas Instituições de Ribeirão Preto- SP. A metodologia adotada foi a entrevista, buscando mais detalhes sobre os escolares com baixa visão. Dentro desta ótica, foi selecionada uma fala da entrevista que ilustra as dificuldades dos alunos com deficiência visual, como explicam Ferroni e Gasparetto (2012, p. 312): “**Dificuldades em desempenhar tarefas do cotidiano e a dependência de outras pessoas para completá-las podem ter efeito devastador** para o bem estar psicológico, social e financeiro de um indivíduo” (destaques nossos).

Na fala transcrita, é presente a necessidade de colaboração de outros sujeitos para ajudar em tarefas no cotidiano; isso implica certa resistência das pessoas com deficiência visual, pois leva a compreender que sua autonomia está se reduzindo, mas ao mesmo tempo o dilema de não executar determinadas atividades sozinhos. Esses conflitos internos e externos sofrem afetações nas relações e também na forma como a mediação é vivenciada, seja a formação acadêmica, escolar, humana, os processos passam a serem mediatizados sem que haja controle do ser humano.

Essa fala afirma dificuldades vividas pelos adolescentes da pesquisa, são coisas simples que se tornam desafios. Relatos dos alunos mostram desafios como enxergar a lousa, excesso de luminosidade, locomoção, enxergar certos tamanhos de fontes, o que

se reflete na identidade desses sujeitos, no psicológico, emocional, social, podendo afetar de maneira negativa seu processo formativo, já que as barreiras atitudinais e objetivas geram uma série de conflitos e mais enfrentamentos a serem superados. Essa fala vai ao encontro da categoria mediação.

Conduzindo essa linha de pensamento, iremos nos propor a categoria mediação, reconhecendo que os sujeitos se constituem a partir das relações sociais mediadas a todo momento pelos objetos da natureza, dos instrumentos, do pensamento, palavra. Todos esses aspectos contribuem para a formação e constituição humana, promovendo dialeticamente as ações mediante as mediações que também se configuram de maneira objetiva e subjetiva da essência da identidade humana. Ao longo do texto, outras falas retratam a relação entre professor e aluno, os desafios de sua rotina, que permeia a vida dos estudantes. Dessa maneira, pode-se indicar o que dizem Ferroni e Gasparetto (2012, p. 313), ao relatarem a pesquisa de Masini (2010):

**O professor de inglês relatou ter muita dificuldade em ensinar ao aluno com deficiência visual não conseguindo transmitir o conhecimento necessário como aos demais alunos e fazia cobranças diferenciadas a esse aluno. Tal postura pode causar ao escolar um sentimento de frustração e incapacidade** (destaques nossos).

As dificuldades do professor de Inglês afetam negativamente o aluno, o fato de não conseguir incluir nem atender os anseios vivenciados por seu aluno atravessa a categoria sentido, pois a forma como o aluno enxerga a situação e a relação professor-aluno gera sentimentos frustrantes de incapacidade. Esses sentidos podem ser positivos ou negativos, estando neles contidos os afetos das relações atribuídas por eles, também a forma diferenciada de avaliação pelo professor contribuiu para a constituição de sentidos nos quais seu processo educativo provoca mais limites que podem diminuir a capacidade de resiliência.

Prover atitudes inclusivas requer dedicação dos docentes, para que promovam atividades que se tornem um espaço de aprendizado, estando as diferenças na deficiência e não na forma como as avaliações e cobranças são realizadas. O respeito à diversidade nasce da informação, o ensino deve ter a mesma qualidade para todos os alunos, construindo possibilidades para que superem as dificuldades no trabalho entre aluno e professor; com o aluno mostrando suas limitações e com o professor buscando ações efetivas.

Dentro desta perspectiva, mais uma vez a presença dos alunos reafirma a categoria mediação, revelando o movimento ora com o professor, por vezes, com os colegas de sala, onde um é o mediador e outro passa a ser mediado, numa relação mútua, não linear, mas dialética. Pensar em inclusão é buscar um olhar no âmbito global compreendendo as partes como partes que ajudam a interpretar tanto as condições do aluno quanto o contexto que o rodeia. Omote (2016, p. 211) defende:

O mero fato de estudantes com deficiência estudarem junto com colegas sem deficiência não caracteriza sua inclusão. É necessário que os estudantes com deficiência tenham acesso a todas as oportunidades sociais, culturais e acadêmicas, de cuja participação pode depender a sua formação universitária integral. O ensino de qualidade, com todos os recursos necessários para o pleno aproveitamento por parte de todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiência, e um dos ingredientes para caracterizar o ensino universitário como inclusivo.

Tecemos que a convivência no mesmo espaço não define as condições necessárias para incluir, não podemos integrar os sujeitos dentro de um espaço heterogêneo no qual sua deficiência seja maquiada, tornando a participação dos alunos passiva; o professor tem a função de prover os meios para ajudar no processo, para que haja uma mediação representativa, sentidos, significados que reconfigurem a forma de se perceber no espaço que o cerca. A atividade dos sujeitos deve ser realizada com prazer, gerando sentidos que promovam satisfação em vivenciar os espaços, dentro ou fora dos ambientes educativos. O autor aborda a universidade também como esse espaço inclusivo, mas ainda são frequentes discursos que desqualificam a capacidade das pessoas com deficiência estarem inseridas no campo acadêmico, daí a importância de abordar nosso objeto, pois resgata olhares da inclusão no ensino superior, a partir das trajetórias dos estudantes com deficiência, de forma que a inclusão não se dá por meio de acesso, mas na sua qualidade e na permanência e efetivação dos direitos.

Os sentidos são as marcas do que as vivências e experiências constituíram ao longo de sua trajetória de vida, dizendo parte de quem se tornou. Essa categoria é vista como um elemento de suma importância para entender as significações, a história e sua essência, portanto, quando nos aproximamos dessa categoria reconhecemos aspectos humanos do próprio homem, pois neles se revela o verdadeiro eu, o íntimo de cada um. Dentro desta perspectiva expandindo os estudos, nos escritos pode-se testificar sentidos diferentes, positivos com as relações constituídas com os professores:

**A maioria (79,0%) dos escolares afirmou ter um bom relacionamento com os professores, considerando-os compreensivos com a deficiência, porém nenhum dos entrevistados relatou o uso de estratégias diferenciadas pelo professor** visando minimizar as dificuldades escolares (FERRONI; GASPARETTO, 2012, p. 315; destaques nossos).

De acordo com a pesquisa, os estudantes retratam que conseguiram boa relação com os professores. Os docentes não tiveram dificuldades em realizar as atividades diferenciadas, o que se reflete nas significações dos educandos, pois possibilitou que sua deficiência não determinasse a realidade vivenciada tanto para as pessoas com baixa visão quanto para os professores. Também podemos considerar a categoria compensação, pois o fruto das relações ressignifica o olhar sobre as dificuldades visuais, superando os obstáculos, provocando afetações significantes, um novo redesenhar de sua história, fugindo de atitudes capacitistas, de maneira que a compensação reafirma atitudes positivas sobre a formação. Segundo Vigotski (2022, p. 42),

[...] o processo de desenvolvimento da criança com deficiências [por exemplo] **está condicionado socialmente de um modo duplo: a realização social da deficiência** [...] é um aspecto da condicionalidade social do desenvolvimento; a tendência social da compensação para a adaptação às condições do meio, que têm sido criadas e se formaram para o tipo humano normal, constitui seu segundo aspecto.

Conforme a fala acima, a ideia de alguns sujeitos não estarem nas mesmas condições físicas, biológicas dificulta suas adaptações e desenvolvimento em determinadas funções, porém outras habilidades vão se formando ao longo do processo, pois a necessidade de um campo logo passa a ser substituída por outra; fazendo uma relação com os alunos com baixa visão, suas dificuldades visuais impedem de exercer determinadas tarefas, no entanto eles se desenvolvem socialmente, nas suas relações, de outra maneira na qual consegue atender sua deficiência, reinventando-se com novas possibilidades. É fato reconhecer que muitas vezes se utilizam de pessoas, mas o caminhar propicia o autoconhecimento dos limites das possibilidades sobre si, assim a compensação passa a permear esse indivíduo de diferentes estratégias, sejam pedagógicas, ambientais ou relacionais. Destarte, se o aluno não enxerga a lousa, ele potencializa a habilidade auditiva, na busca de aprender as mesmas informações de um jeito diferente do colega.

Fazendo algumas considerações sobre o trabalho, as discussões são relevantes, tendo em vista que exercitar a inclusão nas comunidades escolares é um desafio, pois os professores não têm capacidade formativa, deixando marcas negativas em seus alunos, significações, histórias que diminuem as possibilidades de ir além dos seus limites; nessa perspectiva, o texto não dialoga em diversas direções da pesquisa. Além disso, o que mais se aproxima é com relação à vida e formação dos alunos com deficiência denotando as dificuldades. Apesar de não trazer a trajetória no ensino superior, podemos perceber categorias de análise importantes para a reflexão.

## 2.6 ANÁLISE DO TEXTO II- HISTÓRIA E CAMINHOS PERCORRIDOS POR UMA ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO PROCESSO EDUCACIONAL

Este trabalho demonstra as significações constituídas por uma estudante com deficiência visual sobre sua trajetória acadêmica na universidade. A fonte de pesquisa é o artigo intitulado **TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UMA ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR** (MARTINS; SILVA, 2016), que tem por objetivo abordar o processo educacional de uma aluna com deficiência visual, baixa visão, no Ensino Superior, durante seu primeiro semestre letivo, em um curso de engenharia da UFRN, analisando sua trajetória, por meio de um recorte da pesquisa de metrado. Foi adotada como metodologia a pesquisa qualitativa, com um estudo de caso, buscando elementos mais amplos sobre a inclusão, reconhecendo as falas do sujeito. O artigo analisado se propôs a investigar e discutir as dificuldades da aluna na graduação nas diferentes áreas da formação humana social, trazendo seu processo educacional, relações que estabeleceu e retratando discussões sobre a inclusão dentro da instituição, bem como no cenário atual, fomentando reflexões sobre o trabalho realizado pelo Núcleo de Acessibilidade (CAENE), em que a aluna participou e teve maiores possibilidades em seus enfrentamentos diários.

Inicialmente, o artigo discute o cenário da inclusão no ensino superior, reconhecendo seus avanços, bem como os desafios para que os alunos possam ser assistidos em suas necessidades educacionais, pois muitas vezes faltam recursos, matérias, formação dos professores, deixando as barreiras cada vez mais visíveis; nesse sentido, apesar do acesso, o dilema experienciado pelos estudantes é permanecer na universidade, conseguir superar seus limites que perpassam o processo de aprendizagem. Segundo Martins e Silva (2016, p. 252),

Tal realidade tem se apresentado como um desafio ao desenvolvimento de políticas e ações que garantam aos alunos com deficiência, bem como àqueles com transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação – público-alvo da Educação Especial, o exercício pleno da cidadania e a democratização do acesso a esse nível de ensino. Isto traz às Instituições de Ensino Superior a responsabilidade de se reorganizarem para receber esses estudantes, garantindo-lhes, de forma isonômica, tanto a formação como uma educação de qualidade.

As políticas públicas deram saltos positivos ao longo da história, fornecendo mais oportunidades, porém não contemplam todas as problemáticas da vida dos estudantes com deficiência porque a democratização do saber, de fato, não é vivida plenamente. Dentro desta ótica, poucos chegam à Universidade e conseguem concluir seus cursos, pois frequentemente a efetivação não ocorre na prática. Discute-se inclusão, cria-se políticas inclusivas, no entanto, o contexto dos alunos não condiz com os objetivos propostos pelas políticas públicas, pois a qualidade da formação sofre prejuízos científicos, emocionais, sociais, e grande parte da culpabilidade está na ausência do atendimento significativo.

O trabalho realizado na pesquisa é relevante, pois traz o protagonismo de uma aluna com baixa visão e ceratocone (enfermidade que afeta a estrutura da córnea), de 20 anos de idade, buscando resgatar sua história de vida e formação, sua trajetória acadêmica, trazendo uma realidade sobre como a inclusão acontece na UFRN.

O artigo retrata que o Núcleo de Acessibilidade (Comissão Permanente de Apoio ao Estudante com Necessidade Educacional Especial - CAENE) da UFRN ajuda os alunos em suas dificuldades, trazendo reflexões, da graduação à pós-graduação, que ultrapassam o ensino, pesquisa e extensão. Os profissionais que fazem parte desse núcleo estão mais capacitados para atender a demanda do que as pessoas com deficiência solicitam, ajudando durante a formação a permanecer em um ambiente ao qual se sintam pertencentes, atendidos, buscando medidas inclusivas mais eficazes, no acompanhamento mais próximo dos educandos.

Dentro deste prisma, “[...] a presença de pessoas com deficiência na universidade é, pois, um processo interativo, assegurado pelos direitos dessas pessoas à igualdade de oportunidades e à participação social” (AMARAL *et al.*, 2000, p. 3). Essa fala reafirma a importância de inserir os sujeitos com deficiência nos espaços da Universidade, pois são sujeitos de direitos, devendo ter oportunidades como os demais, colaborando para uma

formação continuada, prazerosa, que reflita em significações para que ocorra uma longevidade na trajetória adâmica profissional.

As maiores dificuldades enfrentadas pelos alunos envolvem enxergar os textos com fontes pequenas, necessitando de materiais impressos ampliados, bem como recursos ópticos; o tamanho da fonte deve ser 28, com letra Arial. O artigo relata que a aluna se sentia cansada ao ler em tempo prolongado devido ao esforço visual, sendo a claridade também um agravante. No que se refere às suas limitações visuais, pode-se compreender que ela estava sendo afetada pelas dificuldades na formação, pois com autonomia limitada em atividades rotineiras, necessitava de ajuda, da mediação de outros.

Refletindo sobre a categoria mediação, percebemos que, no caso exposto, se estabeleceu uma interação entre a aluna e os colegas, de quem ela recebeu auxílio nas atividades e com os professores do Núcleo de Acessibilidade, que acompanharam sua trajetória, constituindo, assim, relações, sentidos, que ressignificou o olhar sobre si e sobre sua capacidade de superar seu campo visual. A equipe desse Núcleo propiciou estratégias pedagógicas na possibilidade de desencadear um desenvolvimento pessoal, profissional, pois a compreensão sobre as situações foram motivadas pelas interrelações. Nesse sentido, ensina Freire (1996, p. 38-39) que:

[...] a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Professores bem formados e qualificados atendem melhor seus alunos e, principalmente, as pessoas com deficiência, numa dinâmica que conhece as particularidades que a deficiência exige; um professor que conhece e sabe lidar com as situações promove um desenvolvimento no seu aluno, pois potencializa e aprimora. Propomos pensar na categoria zona de desenvolvimento próximo: ocorre uma relação entre aluno professor, na busca de redesenhar as dificuldades educacionais ocasionadas pela deficiência. Assim, o que sozinho o estudante não está realizando bem, o direcionamento correto do professor, seja na escolha de um texto que o aluno com deficiência visual consiga enxergar sem problemas ou na verbalização paciente sobre o texto, produz sentidos para sua educação, saindo da zona de desenvolvimento real para o potencial, a partir da mediação, constituída no processo. Podemos perceber que ambas as

categorias se relacionam, uma completa a outra na dialética dos movimentos complementares, similares ou até mesmo contraditórios.

Algumas falas da aluna, intitulada Cláudia, remetem a reflexos para compreender o contexto, suas relações, sentimentos, como pensa sua educação, demonstrando um pouco da sua história com seus sucessos e insucessos, considerando os sentidos, significados, afetos e os problemas enfrentados no ensino superior. No que diz respeito a seus primeiros desafios, Cláudia (2015) nos diz:

**O único apoio recebido é pela CAENE, que sempre me ajuda e informa aos professores a minha situação.** O que melhora um pouco a relação com alguns professores [...] **A coordenação nunca manteve nenhum contato e o orientador acadêmico, não conheço** (citado por MARTINS; SILVA, 2016, p. 263).

No relato da aluna, pode-se constatar que ela não teve o suporte necessário: os professores parecem não ajudar o suficiente e não constituíram uma relação em que houvesse um compartilhamento das necessidades da aluna. O apoio que ela pôde encontrar veio da CAENE, auxiliando para que ela pudesse ter êxito acadêmico, no entanto, só melhorou um pouco a relação com os professores, segundo a aluna, não atendendo as suas necessidades visuais. Outro aspecto que ela menciona é a falta de contato da coordenação, revelando que enfrentou sozinha as barreiras. Dessa forma, ela obteve acesso à Universidade, que não propiciou os meios e condições para permanecer, apesar disso ela continuou, superando-se. Sua fala permite deduzir que viveu dias difíceis, mas apesar das afetações serem negativas, ela atribuiu significados e sentidos, não se deixou paralisar pela ação negativa dos professores e funcionários, pela falta de comprometimento; ela se constitui de uma história a qual protagonizou, o que, todavia, não ameniza a ausência de melhores condições no ensino superior, direito previsto por lei, que deve ser cumprido até que essa aluna não tenha mais vínculo com a instituição. Com relação ao apoio dos professores, Cláudia (2015) diz que: **“Como minha deficiência não é perceptível logo quando a pessoa me vê, os professores não se importavam com as minhas necessidades,** acho que se eu usasse uma cadeira de rodas ou fosse cega mesmo, eles iriam me ver” (citado por MARTINS; SILVA, 2016, p. 263; destaques nossos).

Essa fala reafirma mais uma vez a falta de apoio dos educadores nas atividades. Em outros relatos ela esboça sobre ser esquecida, ou seja, ela não tinha um ambiente agradável, pois sentia rejeição, um sentimento ruim, pois não era assistida: “não se

importavam”. Isso mostra que não ocorria uma relação com os professores ou boa parte deles. Ao pensar sobre essa situação, percebe-se que bons vínculos não estão sendo constituídos em seu processo formativo, já que a comunidade não buscou criar laços, ter parcerias com ela, deixando clara sua ação passiva diante da deficiência vivenciada pela estudante; a subjetividade não foi considerada como parte da formação humana. Dentro dessa premissa, a categoria mediação se torna elemento essencial para que o compartilhar de saberes, orientações, direcionamentos possa ocorrer, reconfigurando e readaptando possibilidades as quais até o momento não funcionaram ou não foram experienciadas, afunilando a interação e envolvimento entre professores, funcionários e a aluna. Ainda a respeito da relação com os professores e de sua rotina na Universidade, Cláudia (2015) exprime que:

**No dia da prova um professor trouxe a avaliação em tamanho normal para que eu fizesse. Me desesperei, não conseguia ver nada!** Lembrei a ele que não podia ver e perguntei se ele se lembrava das orientações do parecer da CAENE. **Ele disse que havia esquecido, que depois eu faria a prova. Me senti desrespeitada. Estudei, me preparei para fazer a prova naquele dia e ele me negou o direito que eu tinha de fazer a prova igual aos meus colegas [...]** em outra situação o **professor também não levou a prova ampliada e me mandou fazer em dupla**, só porque eu não via o que estava escrito. Todo o resto da turma fez individual, só eu é que fiz em dupla. Me senti novamente desrespeitada (citado por MARTINS; SILVA, 2016, p. 264; destaques nossos).

Esse relato expressa situações doloridas, sendo evidente que ela não era incluída na sala de aula, pois os professores toda semana ministravam suas aulas e no dia da prova a ampliação da fonte para que ela pudesse enxergar foi esquecida. O professor não se sensibilizou nem cumpriu seu papel, deixando a aluna fazer a prova em outro dia, mesmo ela estando no seu direito de realizar no dia proposto. Atitudes como essas geraram significações que marcam sua subjetividade; a prática da inclusão não foi exercida, ela passou por constrangimentos com os colegas, em virtude do direito negado, desmotivando, afetando sua aprendizagem. A atitude do professor expressa que a presença da aluna com baixa visão não afeta sua prática na busca de readaptar o ambiente e as condições, portanto, pode-se concluir que ele não fomentou a inclusão, por deixar de executar uma simples tarefa de ampliação da fonte da prova.

Do mesmo modo, o professor que se esqueceu da prova e fez a aluna fazer em dupla, diferentemente dos demais, não significa dizer que conseguiu incluir, pois não

proporcionou um direito que ela desejava, fazer individualmente, assim como seus colegas de sala. A compreensão de Cláudia sobre o momento possivelmente se reflete na execução da prova, podendo dificultar a concentração, pois antes de iniciar teve que lidar com enfrentamentos que deveriam ser evitados pelos docentes. Apesar da categoria zona de desenvolvimento próximo se adequar à situação da dupla, em que uma podia ajudar a outra com seus saberes singulares, essa não é a maneira certa de agir quando discutimos inclusão na educação. Trazendo outra perspectiva sobre os professores, diz Cláudia (2015):

**Os professores desconhecem que têm um aluno com baixa visão e também não sabem como agir! [...] eu acredito que alguns professores erram por não quererem fazer o certo com a gente mesmo, mas outros fazem por não conhecer as nossas necessidades,** por falta de informação e **não sabem como lidar com um aluno deficiente.** Acho que eles deveriam fazer cursos e se reciclarem nessa área também (citado por MARTINS; SILVA, 2016, p. 266-267; destaques nossos).

A aluna acredita que existem professores que não realizam uma prática inclusiva por não desejarem, no entanto, reconhece o esforço de outros, mesmo nos erros e acertos, fazendo parte da construção do conhecimento de sua deficiência, já que não é uma deficiência visível, ou seja, ela teve vivências significativas com alguns, mas na maioria das vezes não teve uma assistência; na relação entre professor e aluno. Pensar no ensino inclusivo e democrático é valorizar não só os conteúdos, como também o intrínseco do sujeito, emoções, e se ele de fato não ocorrer poderão existir apreensões e recusas sobre seus professores. Dentro desta ótica, a inclusão não acontece pela falta de conhecimento, como ela afirma: a Universidade não está preparada com uma formação dos profissionais, prejudicando, dessa forma, a formação dos alunos, seja a falta de conhecimento ou de comprometimento ético, social, moral, a inclusão começa por pequenas ações e nem os alunos ou professores estão excluídos do compromisso.

Trazendo considerações sobre o artigo, o estudo aborda a temática da inclusão no ensino superior condizente com a realidade dos estudantes com deficiência visual; nas discussões, compreende-se que a inclusão teve acessos e ainda tem muitos caminhos a galgar, pois não inclui todas as deficiências, e o desafio se torna maior quando pensamos nas particularidades humanas. Assim, apresentar as falas e dialogar com as políticas públicas nos remete a novos olhares sobre a inclusão no ensino superior, de maneira que a instituição referida, apesar dos limites, conseguiu ajudar em certas situações com o

Núcleo de Assistência, mas os professores não colaboraram em grande parte do tempo, porém, a aluna consegue lidar com os problemas, com a deficiência, pois supera com a motivação de se formar em engenharia pela UFRN, provendo seus meios de incluir; mesmo na contramão, persiste e enxerga o espaço acadêmico dentro de suas possibilidades. A promoção à inclusão se constitui a partir de histórias de luta e contextos complexos, mas quando ela acontece redesenha trajetórias.

Em meio aos acontecimentos de sua vida acadêmica, a categoria historicidade revela as experiências e vivências que marcam a forma como ela percebe seu papel como sujeito da ação; no percurso enxergamos uma história que constitui e é constituída nas relações com os que estão à sua volta, identificando uma mulher que promove os acontecimentos que deseja e, mesmo nos contrários da vida, desenha os caminhos para sua realização, criando sua estratégia para ser resiliente.

## 2.7 ALGUMAS REFLEXÕES

Esse exercício de realizar um levantamento bibliográfico buscou evidenciar alguns trabalhos nos bancos de dados e periódicos, além de possibilitar organizá-los em uma tabela com os seguintes direcionamentos: ano, tema, problemática e objetivo, visualizados após a escolha do trabalho. Mediante a relação com a temática, esses elementos devem buscar uma semelhança entre nossa produção e os estudos encontrados, fomentando possibilidades a serem refletidas, observadas, direcionando apreensões posteriores e dando significações ao que se estuda e se produz frente ao papel subjetivo e objetivo do produto final, que é a construção da dissertação.

Ao realizar a pesquisa do Estado do Conhecimento, podemos compreender a importância das produções, que nos ajudaram a perceber as potencialidades, fragilidades das produções e sua relevância no âmbito educacional, cultural, político, social, percebendo suas particularidades, os processos e caminhos que conduziram à produção e constituição da pesquisa dentro do processo formativo. O processo de busca de informações por meio dos dados possibilitou um olhar para além do objeto de pesquisa – **As vivências de alunos com baixa visão com os professores do ensino superior**, reconhecendo a diversidade de trabalhos nas diferentes perspectivas e possibilidades, consolidando saberes e reafirmando objetivos e problemáticas de acordo com as necessidades da elaboração e produção do conhecimento.

Faz-se necessário salientar que os dois trabalhos analisados resultaram de um longo processo de busca em vários bancos de dados, porém os resultados obtidos não se configuram dentro do objeto de estudo, pois não retratam a inclusão dentro de uma perspectiva relacional, interativa e constituinte com os outros sujeitos, professores, abordando as dificuldades, processos formativos, implicados nas relações. Nesse sentido, os achados foram reduzidos, filtrados já contidos nos critérios e etapas mencionadas ao longo de todo o estudo, contudo, pode-se compreender que a temática é pouco discutida nessa linha de pensamento, tornando a discussão relevante para a comunidade como um todo, professores, alunos, leigos no assunto, provocando mais questões a serem desenvolvidas em nossas pesquisas.

Ocorre a experiência significativa em desenvolver o estado do conhecimento, pois, no processo inicial como estudantes e pesquisadores, promove-se discussões teóricas e metodológicas, fomenta-se a construção e reconstrução dos saberes, mediante um olhar heterogêneo sobre o objeto estudado, compreendendo a importância do exercício de busca desses trabalhos, trazendo questões, reflexões críticas capazes de levar o investigador a um maior rigor metodológico e a novas impressões de trabalhos científicos.

Os trabalhos analisados possibilitaram novos olhares sobre a inclusão e a trajetória dos alunos no âmbito do ensino superior, revelando os desafios e superações, o trabalho pedagógico e o apoio, bem como as limitações das universidades no processo de inclusão. A pesquisa mostrou a história e o cotidiano vivido por esses alunos, trazendo suas percepções sobre a vida e formação social, em que também podem ser identificados os apontamentos importantes para refletir sobre as pessoas com deficiência visual, trazendo recursos e particularidades.

As análises realizadas a partir da Psicologia Sócio-Histórica direcionam as discussões numa perspectiva de múltiplas interpretações, dialogando com as categorias e os eixos temáticos, revelando trabalhos para além do imediato, colaborando de maneira crítica e reflexiva, percebendo o objeto estudado e as produções que têm relação com ele, ao mesmo tempo reconfigurando os estudos e a pesquisa científica a partir do levantamento e discussões articuladas por meio das leituras, constituindo conhecimento que perpassa o objetivo proposto pela disciplina Pesquisa Educacional.

### SEÇÃO 3: FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: DISCUSSÕES ACERCA DA CONCEPÇÃO DE HOMEM E CONCEITUAÇÃO DE CATEGORIA DE ANÁLISE

Próprio sentido da análise deve ser modificado em sua raiz. Sua tarefa fundamental não é decompor o todo psicológico em partes e inclusive em fragmentos, mas destacar do conjunto psicológico integral determinados traços e momentos que conservam a primazia do todo (VYGOTSKI, 1995, p. 99-100).

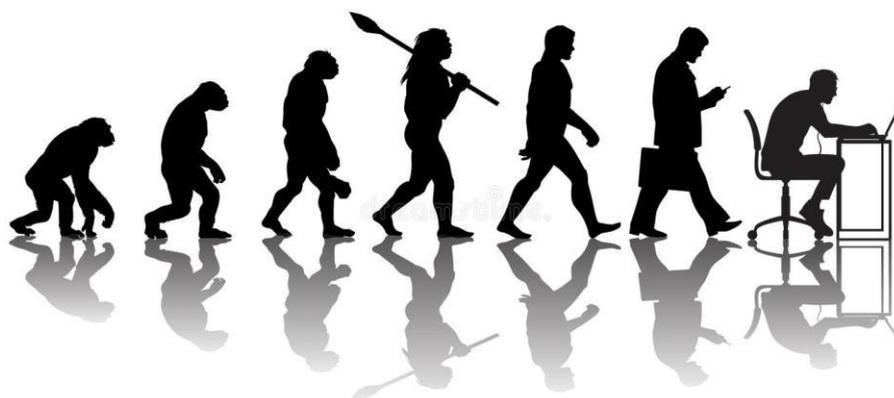


Esta seção tem por objetivo propor reflexões sobre a concepção de homem dentro da Psicologia Sócio-Histórica se pautando na realidade vivenciada pelos sujeitos, elencada por categorias de análises definidas na pesquisa, além de constituir deslocamentos entre o homem e o mundo no qual está inserido, e os sujeitos que o constituem, ampliando o modo de pensar dentro de sua totalidade.

### 3.1 CONCEPÇÃO DE HOMEM

A concepção teórica e epistemológica da Psicologia Sócio-Histórica tem como pressupostos o materialismo histórico dialético de Marx, que fundamenta a concepção de homem, de mundo e de conhecimento. Esses pressupostos apresentam um homem histórico, desconstruindo o paradigma de que o homem é constituído somente de sua natureza humana e biológico. Nessa perspectiva, o homem é um ser social, histórico, cultural. No que se refere às ideias de Bock (1999, p. 30), “um ser ativo, social e histórico” é um homem que age sobre a natureza, concebendo sua história a partir das vivências, experiências constitutivas das relações sociais. Nessa ótica, Andery *et al.* (2006, p. 10) enfatizam: “A atuação do homem diferencia-se do animal porque, ao alterar a natureza, por meio de sua ação, torna-a humanizada; em outras palavras, a natureza adquire a marca da atividade humana [...]”.

Quadro 5: Ilustrativo da evolução humana.



Fonte:

[https://br.images.search.yahoo.com/search/images;\\_ylt=AwrE18m59jxiUj8AqQnz6Qt.;\\_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3BpdnM?p=evolu%C3%A7%C3%A3o+humana&fr2=piv-web&type=E210BR91199G0&fr=mcafee](https://br.images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=AwrE18m59jxiUj8AqQnz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3BpdnM?p=evolu%C3%A7%C3%A3o+humana&fr2=piv-web&type=E210BR91199G0&fr=mcafee). Acesso em: 20 ago. 2022.

A figura apresenta as várias etapas da constituição do homem, desde os primórdios até os dias atuais, com suas características, atividades realizadas, estágios de desenvolvimento. O homem é analisado como biológico, dito como animal, mas suas funções psicológicas o diferem dos outros animais irracionais. Com o passar do tempo, o homem foi exercendo outras particularidades sociais, com novas características, transformando o modo de pensar, agir, falar, instrumentalizar a atividade no mundo. A história, por meio da ciência, foi revelando sua dimensão humana e os caminhos que nos levaram até a era da modernidade.

Por meio da atividade humana, o homem vai constituindo as marcas de sua história de vida; é nas relações que ele se humaniza, cresce, desenvolve, compreende sua participação no mundo que o cerca, constituindo sua identidade como um ato de relação entre homem e mundo, reverberando sentidos, significados afetivos. Ao longo do seu processo constitutivo, ele cria, reinventa, elabora maneiras de viver e atender às necessidades biológicas, emocionais, socioculturais; a interação com os outros sujeitos permite uma aprendizagem coletiva, subjetiva, compartilhada na mediação e nos elementos e instrumentos pensados e formados por eles próprios.

O ser homem vai sendo transformado por afetações de outros sujeitos e experiências e vivências significadas. Nesse movimento dialético de constituir-se, passa pela objetividade, subjetividade, marcados por emoções, sentimentos das relações sociais. Nessa linha de pensamento, essas marcas podem ser registradas pelos signos, bem como símbolos, de ideais que se concretizam por meio da linguagem e atividade sobre o mundo. Esse momento é definido como mediação, partindo do princípio de que somos mediados não apenas por objetos, como também pelas significações, personalidade, por meio de elementos internos e externos.

Ampliando as discussões, Vigotski (2004, p. 69) declara que “cada minuto do homem está cheio de possibilidades não realizadas”. O autor afirma que o sujeito é potencialmente capaz de transformar sua realidade, produzindo o cenário no qual deseja estar inserido, seja nas relações sociais ou no campo material, podendo ter autoridade de decidir sobre algumas vivências, criando meios para ampliar sua imaginação, ou seja, sua função psicológica superior, tendo a consciência de que precisa do outro para modificar suas formas de construção e desconstrução de si.

A essência do homem está materializada no seu trabalho, nos instrumentos em sua criação, ele se torna um ser racional, pois compreende sua função social, se adapta ao mundo e às relações, é ativo, pois protagoniza de maneira consciente sua ação e reação,

constituindo e transformando: seja qualitativa ou quantitativamente, as mudanças ocorrem de maneira contínua e dialética.

Segundo Vigotski (2007, p. 24), “todo fenômeno tem uma história”. Mediante essa proposição, o teórico evidencia que o homem vive o eterno inacabamento, que cada ser é único, singular, de formas diferentes por meio de suas histórias que o envolve, trazendo um olhar sobre o outro de modo individual. Dizer a esse homem que ele é pronto, acabado, é atribuir uma perspectiva reducionista, inconsistente, haja vista que ele é mutável, inquieto, incompleto, cheio de possibilidades a serem exploradas. Para Gonçalves (2007a, p. 49-50), “Não há um homem universal, não há um homem que se realize individualmente. Há homens concretos, determinados pela realidade social e histórica e, ao mesmo tempo, determinantes dessa realidade, através da ação coletiva”.

Podemos refletir a partir das palavras supracitadas que a universalidade acontece ao mesmo tempo em que a singularidade, há uma realidade vivida por cada um individualmente, relações que os atravessam e geram sentidos particulares. Assim, a ação coletiva não determina um padrão de sujeito, um ser definido, mas coletivamente eles complementam ao mesmo tempo em que são incompletos, nas trocas; compartilhar com os outros ao seu redor define uma realidade específica de um ser que se difere dos demais, na medida em que carrega aspectos constitutivos que não se encaixam em padrão ou mesmo a partir de um conceito previamente concebido.

A constituição do homem, além de partir de interações com os sujeitos, exerce grande força pela cultura, valores atribuídas a ela. Na cultura, os homens carregam suas crenças, ensinamentos de seus antepassados, numa relação entre presente, passado e futuro, pois o conhecimento é perpassado pelos mais velhos até as novas gerações, produzindo afetos e criações, apresentando-se como um conceito cultural, costumes que se expressam de diferentes maneiras, produzindo concepções de vida, singulares e plurais dentro da universalidade, unicidade e individualidade do ser. Dentro desta reflexão, diz Aguiar (2001, p. 96): “a humanidade necessária para que o homem se torne humano está na cultura, nas coisas construídas pelo homem que se objetivaram na cultura, nas relações sociais, nos outros, nas formas de vida, no meio, que é um meio humano, porque construído pela atividade humana, pelo trabalho”.

O desenvolvimento do homem passa por várias etapas: na infância até a vida adulta; o ser humano necessita de outros sujeitos, mostrando que nossa formação humana se dá por meio da convivência social, dos laços criados, das formas que o homem encontra para evoluir e sobressair sobre os desafios, limites. Entretanto, o homem aprendeu desde

muito cedo a produzir sua atividade no mundo exercendo a capacidade de gerar frutos aos quais dessem condições suficientes para atender às suas especificidades; se ele tem fome, mesmo no ambiente difícil encontra meios de desenvolver sua sobrevivência não pela natureza dele, mas pelas complexidades de se possibilitar mediante as relações produzidas ao longo sua formação. Dentro do processo de constituição, a linguagem é um importante elemento para a interação. Diante disso, afirmam Aguiar *et al.* (2009, p. 56):

Se quisermos apreender o humano e seu processo de constituição, temos de compreender esse processo de relação do humano com o mundo fundamentado nas atividades transformadoras e mediado pela linguagem. O processo é, como afirma Vigotski, de "colossal revolução" representada pela organização do pensamento que se dá pelo desenvolvimento da linguagem.

Mediante as formas de desenvolvimento e constituição do homem, a linguagem é importante para compreender os aspectos subjetivos, o pensamento, mesmo reconhecendo que o homem, ao verbalizar por meio das diferentes linguagens, ainda é a síntese de um todo caótico, complexo e contraditório. Portanto, a comunicação reflete o processo vivenciado pelas relações que foram estabelecidas, dotadas de significações que impulsionam o homem a transformar e modificar a si mesmo, aos outros e as situações sociais. A linguagem também tem o papel de constituição, já que mantém a comunicação como um instrumento de novas interações.

Na formação humana, o homem precisa ser educado, instruído, o que só é possível por meio da comunicação e socialização com outros sujeitos; se o desenvolvimento evolui à medida que se relaciona, se o homem cresce isoladamente toda a sua constituição é afetada, ele reproduz o que apreende do meio, ao mesmo tempo em que tem autonomia para produzir algo novo. Esse processo não é mecânico, passivo, mas dinâmico, inovador, criacionista, com intenções, necessidade, prazeres e desprazeres. Aguiar e Ozella (2006, p. 224) analisam a questão:

[...] falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a História, sendo, ao mesmo tempo, único, singular e histórico. Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela - em todas as suas expressões -, a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos. Indivíduo e sociedade vivem uma relação na qual se incluem e se excluem ao mesmo tempo.

Dentro da construção social, o homem não nega sua espécie, mas se recria por meio dos outros; cada pessoa tem sua história, subjetividade, um contexto vivenciado por realidades diferentes, daí que na Psicologia Sócio-Histórica a concepção de homem se configura de maneira heterogênea, particular; as condições objetivas e subjetivas implicam a identidade exercida pelo sujeito, seja de si ou do outro, com frutos de uma espécie que não para de prover os registros de seus passos a partir da produção do trabalho. Furtado (2015, p. 99) acrescenta:

É possível dizer que o homem, por sua característica Sócio-Histórica, não nasce pronto [...]. Cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. E lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana.

Em síntese, mediante as colocações apresentadas, a evolução do homem tem estágios, processos constitutivos significativos que se refletem no comportamento social, na forma como é pensado o homem dentro de suas especificidades. Dentro deste prisma, as necessidades sempre surgem à medida que crescem as vivências e experiências, dentro de uma construção na qual o homem se revela produtor que adquire bens, serviços, carrega sonhos, desejos, que são atribuídos historicamente por meio dos sentidos e significados interiorizados.

### 3.2 TEORIZANDO AS CATEGORIAS

Diante das discussões apresentadas, iremos fundar nossas reflexões e interpretações na Psicologia Sócio-Histórica e no materialismo histórico dialético, a partir das categorias de análise que fundamentam todo o trabalho, nos processos constitutivos de idas e vindas, permitindo um diálogo que expressa a dialeticidade. Segundo Aguiar (2015a, p. 117),

As categorias de análises devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o fenômeno estudado em sua totalidade. São construtos ideais (no plano da ideias), que representam a realidade concreta e, como tais, carregam o movimento do fenômeno estudado, suas contradições e sua historicidade.

Em conformidade com a reflexão acerca das categorias, pode-se compreender que as categorias traduzem uma análise teórico-metodológica da realidade; por meio das categorias, o fenômeno passa a ser investigado no concreto, na aproximação da verdade vivenciada pelos sujeitos, pois carregam sua historicidade. Nesse sentido, as categorias conduzem o caminho para chegar aos núcleos de significação e às zonas de sentidos, as zonas mais profundas, ocultas das falas, produzindo o movimento de analisar as minúcias e singularidades para então conseguir aproximar de uma verdade íntima, intrínseca. Segundo Bock e Aguiar (2016, p. 48),

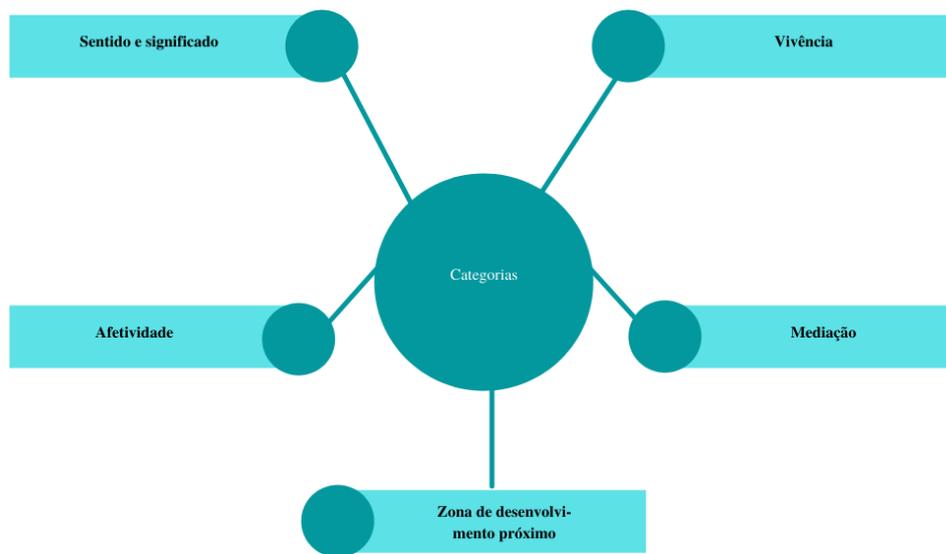
Nesta busca de compreensão do real utilizam-se categorias metodológicas do materialismo histórico e dialético que orientam o pensamento do pesquisador, como contradição, unidade de contrários, totalidade, mediação e historicidade. Criam-se/utilizam-se também categorias teóricas de análises, que expressam processos e nos ajudam a pensar as relações que são constitutivas dos fenômenos. São categorias que permitem ir além do imediato, da aparência dos objetos para compreendermos sua gênese e seu movimento.

As categorias da Psicologia Sócio-Histórica articulam-se com as categorias de análise do materialismo histórico dialético, fazendo essa relação constitutiva, realçando a gênese do fenômeno, as implicações, passando a observar, analisar, além do imediato e do aparente, transformando o processo e seu percurso na concepção da não linearidade, ressignificando o olhar sobre as maneiras e estratégias de formular a pesquisa científica.

O trabalho com as categorias é como um quebra cabeça, as peças vão se encaixando, complementando as partes, no deslocamento das relações; durante as falas, as categorias exercem a função de ligar as reflexões, movimentar. Assim como no jogo, cada parte mantém um sentido de um todo, quando as demais categorias tiverem feito o entrelaçamento das ideias chega-se à interpretação, pontuando a linha para seguir as demais etapas do processo metodológico, não tendo início nem fim, pois é sempre possível a investigação.

As categorias elencadas neste trabalho estão expressas por meio da figura abaixo, sendo responsáveis pelas interrelações estabelecidas nas discussões.

Quadro 6: Categorias



Fonte: Produzida pela autora.

Segundo Aguiar e Machado (2016, p. 263), “As categorias permitem a apreensão da materialidade do real, de sua essência, que, por ser dialética, é também movimento, processo”. Para investigar o fenômeno, o pesquisador se utiliza das categorias porque permitem que a materialidade do real seja revelada pela essência. Durante as análises das falas, o pesquisador vai ao encontro delas, visualizando as categorias que passam a se entrelaçar por meio da dialética que vislumbra a totalidade e universalidade, por meio das falas interpretadas nesse procedimento, como os pré-indicadores, contêm os elementos pra movimentar a dinâmica exercida pelo materialismo histórico dialético.

Dentro desta premissa, as categorias orientam as discussões, uma análise mais profunda acerca da fala, sentimentos dos sujeitos, auxiliando o processo de constituição da própria pesquisa, dos movimentos contraditórios, buscando compreender toda a essência do homem, o que é carregado somente por ele. Dado isso, as categorias também são instrumentos teóricos e metodológicos para nos conduzir aos saberes necessários ao processo de constituição do homem dentro do universo, analisando as partes até chegar à totalidade dos aspectos da dimensão humana.

## SEÇÃO 4 - A TRAJETÓRIA TÉORICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

A elaboração do problema e do método se desenvolvem conjuntamente, ainda que não de modo paralelo. A busca do método se converte em uma das tarefas de maior importância, na investigação. O método, nesse caso, é ao mesmo tempo premissa e produto, ferramenta e resultado da investigação (VYGOTSKI, 1995, p. 47).



Nesta seção, temos como objetivo descrever e explicar de maneira reflexiva como se deu o processo constitutivo da pesquisa, evidenciando os procedimentos, interpretações teórico-metodológicas das informações dentro da perspectiva da Psicologia Sócio-histórica de Vigotski, ampliada por pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mostrando o passo a passo de como foi pensado e realizado o processo na busca de aproximar o leitor da realidade vivenciada no processo de pesquisa, evidenciando o trajeto percorrido da pesquisadora e os colaboradores da investigação.

Dentro desta ótica, a pesquisa está dividida em: procedimentos metodológicos, *locus* e colaboradores da pesquisa, critérios e escolha dos sujeitos (alunos) da pesquisa com deficiência visual, além da descrição do como ocorreu o primeiro encontro.

Discutiremos, além disso, os procedimentos utilizados para a produção das informações, como a entrevista semiestruturada, caracterizando alguns aspectos dos sujeitos participantes da pesquisa e como os núcleos de significação acompanham discussões pertinentes para a construção das demais etapas constitutivas.

#### 4.1 O MÉTODO DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO INVESTIGATIVO

A pesquisa fundamenta-se à luz da Psicologia Sócio-Histórica, alicerçada no materialismo histórico dialético, de Marx e seus colaboradores, bem como na entrevista semiestruturada a partir da produção de conhecimento com os colaboradores da pesquisa, alunos com baixa visão, analisando a relação constituída na vivência do ensino superior. Assim, faremos uso dos núcleos de significação, resgatando a trajetória de vida e formação dos sujeitos da pesquisa, de caráter qualitativo, desenvolvendo um estudo que se preocupa com as significações dos sujeitos, elucidando discussões que promovam novos saberes e aprendizagens significativas que serão compartilhadas por meio da construção do estudo, fomentando um olhar sobre a concepção de homem, mundo e conhecimento, nas relações com os outros e consigo, a partir dos princípios de Vigotski. Ademais, temos como objeto de estudo a **vivência acadêmica de alunos com baixa visão no ensino superior.**

Sobre o materialismo histórico dialético no qual a pesquisa é ancorada, Vigotski (2007, p. 62) revela que:

Naturalismo na análise histórica manifesta-se pela suposição de que somente a natureza afeta os seres humanos e de que somente as condições naturais são as determinantes do desenvolvimento histórico. A abordagem dialética admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existência.

Um dos marcos importantes da Psicologia Sócio-Histórica e da linha de pensamento acerca da dialética é a busca de ultrapassar a concepção de naturalizar e determinar o sujeito e sua condição social. Dessa forma, os estudos dirigem-se à compreensão de um homem tão diverso que não pode ser interpretado por aspectos estruturais. O homem se constitui no percurso de transformações qualitativas e quantitativas explicitadas por sua interrelação sociocultural e as facetas que a atravessam.

À vista disso, Aguiar e Ozella (2006) afirmam que o sujeito é constituído de natureza biológica, sociocultural e histórica. Dessa forma, o homem vai se construindo e formando sua identidade, por meio de suas relações e vivências constituídas durante sua trajetória de vida, na relação com outros sujeitos. Nesta perspectiva, a Psicologia Sócio-Histórica busca um espaço de descoberta sobre o próprio homem e suas ações, como também sobre suas funções psicológicas superiores.

Segundo Aguiar e Soares (2008, p. 222), “Tem como base teórico-metodológica a Psicologia Sócio-Histórica. Trata-se, portanto, de um trabalho cujo método busca revelar o fenômeno em estudo para além do empírico, da imediaticidade que marca a relação sujeito/objeto no mundo concreto”. O método investiga a totalidade do fenômeno, as significações, necessidades, causas e efeitos, a relação do sujeito com o outro, as marcas constitutivas. Nesse caso, exercitaremos a escuta, o dito e o não dito, afunilando as análises por meio das zonas de sentido e dos núcleos de significação.

Por meio de uma vivência e experiência relacional, os sujeitos descobrem e se desenvolvem e constituem como sujeitos, produzindo histórias, por meio de instrumentos da natureza, por meio da linguagem, pensamento e interações propiciadas por outros sujeitos que se tornam caminhos para novas construções de sua evolução psicossocial. Diante de tais considerações a escolha pela Psicologia Sócio-Histórica que compreende um homem completo, inconcluso, que se constitui emocional, racional, biológico e tem

sua atividade pautada na formação humana, ativa e consciente, que concebe a objetividade por meio da subjetividade (AGUIAR; OZELLA, 2006).

O método adotado nesta pesquisa, como já foi relatado, é a Psicologia Sócio-Histórica, a qual direcionou as discussões e reflexões importantes, conduzindo o olhar de pesquisador sobre o fenômeno estudado. Dentro deste prisma, o método revela a realidade posta pelas discussões; dando sentido à forma de discutir as produções, ele realça o real contexto pesquisado, pois implica diversas vezes de maneira interventiva, subjetiva. Segundo Aguiar (2015b), o posicionamento de Vigotski compreendia a necessidade da Psicologia de um método capaz de dar conta da complexidade do seu objeto de estudo, trazendo mais do que um objeto acabado, mas que atravessa um processo constitutivo de diferentes maneiras e formas de ser.

Diante dessa afirmação, iremos refletir acerca do pensar dialético na perspectiva de Vigotski (2007, p. 44):

A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existencial. Essa posição representa o elemento-chave de nossa abordagem do estudo e interpretação das funções psicológicas superiores do homem e serve como base dos novos métodos de experimentação e análise que defendemos.

As interações das relações possibilitam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, uma vez que a relação estabelecida pelo meio se reflete na formação humana, pois no meio encontramos suas características que permitem espaços para criar e ser ativo; o homem se constitui dialeticamente por meio da cultura, valores e história. Dessa forma, a atividade do sujeito ganha significações. Ainda dentro desta perspectiva, as funções psicológicas superiores configuram o ser enquanto homem, que se difere dos animais; em outras palavras, nos humanizamos por meio do conhecimento, das relações sociais, de maneira cognitiva, afetiva, histórica, a partir de um todo caótico, no movimento dialético, entre pensar e agir. Segundo Barbosa (2011, p. 53),

O método na realização de uma pesquisa é uma das questões mais relevantes. É à luz da base teórica metodológica escolhida que se constituem as normas e procedimentos a serem utilizados no processo de obtenção/produção, análise e síntese de informações, da realidade pesquisada.

A escolha do método é importante para a pesquisa, trazendo os apontamentos, caminhos para a obtenção de elementos que contribuam para o objetivo a ser alcançado, razão pela qual deve ser um processo de reflexão, estudo, para que os procedimentos derivados do método façam sentido para quem o conduz, gerando significações para os envolvidos na pesquisa; ele será a luz que indicará caminhos possíveis na pesquisa.

No que tange às discussões da utilização do método, no que se refere ao aluno com baixa visão, o procedimento auxiliará a pensar suas significações, zonas de sentido, observar e entender sua realidade social, pessoal, singularidades que estão escondidas por meio das palavras, olhar, expressar de cada etapa da pesquisa, indo ao encontro do fenômeno ao mesmo tempo em que se ancora nos construtos teórico-metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica.

Segundo Pereira *et al.* (2018, p. 28), o método dialético “Empregado em pesquisa qualitativa, considera que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social; as contradições se transcendem dando origem a novas contradições que requerem soluções”. Doravante, o contexto social dos sujeitos é o elemento que constitui boa parte das interpretações, possibilitando analisar as transformações do homem sobre o cenário no qual atua e a dialética presente nos movimentos que ocorrem na sua atividade e pensamento. Duarte (2000, p. 87) esclarece que:

Dialética porque a apreensão da realidade pelo pensamento não se realiza de forma imediata, pelo contato direto com as manifestações mais aparentes da realidade. Há que se desenvolver todo um complexo de mediações teóricas extremamente abstratas para se chegar à essência do real. Materialista porque Vigotski não compartilhava qualquer tipo de idealismo ou de subjetivismo quando defendia a necessidade da mediação do abstrato.

A Psicologia Sócio-Histórica busca um viés metodológico no qual a dialética permita observar as transformações dos fenômenos, principalmente quando investigamos sujeitos com diferentes histórias de vida. Nesse sentido, o idealismo, as hipóteses são descartadas, apesar de considerarmos a tese; compreende que nela trazemos ideias iniciais, incompletas, exigindo-se um meio de investigação que aprofunde e amadureça as concepções apresentadas, razão pela qual não se para no imediato, no que se pode observar puramente, mas são suscitados caminhos que vão ao encontro do subjetivo, nas mediações, interações e métodos utilizados.

Na realização da análise da produção das informações, adotamos três princípios teórico-metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski que compreendem e esclarecem a abordagem na busca de ir além do visível, rompendo com a mera descrição da produção das informações. O primeiro princípio: **Analisar processos, não objetos**; o segundo princípio: **Explicação versus descrição**; o terceiro princípio: **O problema do comportamento fossilizado**.

O primeiro princípio, **análise do processo e não do objeto**, ajuda a encontrar motivos e caminhos que fizeram chegar a determinado resultado, de forma que o objeto final refletirá os processos vividos; o aluno, que é o sujeito colaborador, chegará a interpretações que só podem ser determinadas por sua constituição ao longo da sua historicidade. Esse processo demonstra particularidades, sentidos, ações que levaram à sua atividade em determinado momento, tempo. Esse fenômeno não se reduz a uma análise superficial do objeto, mas das implicações, percursos do seu processo como sujeito, bem como do pesquisador, frente aos instrumentos e decisões tomadas na investigação, que afetarão suas considerações.

No que concerne ao segundo princípio, **explicação versus descrição**, o bom pesquisador sempre busca ir além do óbvio, imediato, a investigação de se dá por explicações que integram as diferentes dimensões e perspectivas constituintes do fenômeno, de maneira que a descrição se torna insuficiente, pois deixa importantes aspectos formativos que o processo possibilita, para que o objeto final esteja com coerência, reflexões que dialoguem com ele. É necessário que o processo seja vivenciado plenamente, respeitando suas especificidades, não precisa ser rígido ou mesmo linear, mas deve seguir uma sequência provocativa e que desconstrua o produto final; o fenômeno é transformador e inesperado, pois o processo passa por diversas modificações: ele não se define, não se constitui por meio de um único processo. Assim, a trajetória dos alunos com baixa visão não pode ser descrita e nem esperada, pois iremos encontrar um sujeito com um universo que vivencia dialeticamente e que constitui sua afetividade, historicidade. As pesquisas devem quebrar padrões, formas fechadas de pensar, dando sentidos à criação, inovação, travando um resignificar.

No terceiro princípio, **o problema do comportamento fossilizado**, para adentrar a gênese do problema, é necessário que ao pesquisar haja a compreensão de mudanças, alterações importantes para o novo olhar sobre o outro, o reconfigurar e reconstituir os meios, pois o desenvolvimento dos homens não se dá de forma homogênea, padronizada, ou até mesmo reprodutivista: eles são múltiplos, diversos, únicos, singulares, daí que

agindo da mesma forma e pensando sempre do mesmo jeito não chegaremos a outras compreensões do fenômeno: é preciso pensar dialeticamente, fazendo nossas análises da busca das zonas de sentido, olhando para um todo, ressignificando, desconstruindo paradigmas. Se sempre formos lineares e mantivermos a mesma postura, não encontraremos nada de novo e a possibilidade de criticidade, criacionismo e fidelidade das informações perderá sua essência e a capacidade de evoluir.

No que tange às discussões ainda acerca do método, nele estão contidas algumas categorias de análise que vão subsidiar as discussões, já que são construtos teóricos e metodológicos. Assim, Aguiar e Machado (2016) conduzem o pensamento de que elas direcionam a pesquisa em suas análises, enxergando o imediato como um resultado insuficiente, passando a ser compreendido por suas partes que compõem o todo, bem como o contraditório, a negação, o falado e o que está sendo sentido nas interpretações ancoradas no método e no aporte teórico e as complexidades que se apresentam ao longo das transformações.

Para a aproximação das zonas de sentido e a compreensão subjetiva do sujeito participante da pesquisa, se faz necessária a utilização dos núcleos de significação nos quais, segundo Aguiar, Soares e Machado (2015), podemos observar, refletir os sentidos e significados, no atravessar dialético, investigando o oculto, indo além do observado num verdadeiro encontro da realidade, constituindo uma interpretação da singularidade do sujeito, permitindo uma escuta sensível sobre o outro na entrevista semiestruturada.

#### 4.2 O LÓCUS E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O *locus* da pesquisa foi o DAIN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com três alunos com baixa visão, dentre eles dois dos entrevistados foram selecionados para a construção das informações; temos alunos que estão em formação, bem como egressos. Os colaboradores constituíram suas vivências e experiências ao longo de sua trajetória na Universidade. Nesse sentido, pretendemos apreender as vivências constituídas pelos alunos com baixa visão na relação com os professores do ensino superior.

Dentre os participantes colaboradores, entramos em contato com a DAIN para que enviasse o convite por e-mail a fim de que os sujeitos fossem solicitados a participar da pesquisa e, assim, obtivemos resposta positiva do primeiro entrevistado. Todavia, os demais alunos, apesar de manterem uma relação com o Departamento, não foram

selecionados por meio da contribuição concedida pela diretoria. Dentro desta perspectiva, vamos conhecer a DAIN e sua função na instituição supracitada.

#### Quadro 7: Símbolos das instituições



Fonte:

[https://br.images.search.yahoo.com/search/images;\\_ylt=AwrJ7GBb9jxiWWMAHXPz6Qt.;\\_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3BpdnM?p=imagens+do+dain+uern&fr2=piv-web&type=E210BR91199G0&fr=mcafee](https://br.images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=AwrJ7GBb9jxiWWMAHXPz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3BpdnM?p=imagens+do+dain+uern&fr2=piv-web&type=E210BR91199G0&fr=mcafee).

A DAIN é o departamento responsável por assegurar e assistir os alunos com deficiência matriculados na instituição e que solicitem o atendimento, o que pode ser realizado no ensino, pesquisa e extensão, buscando a equidade de inclusão coletiva, respeitando e valorizando os estudantes dentro de suas necessidades especiais, desenvolvendo um trabalho nas diferentes instâncias formativas, tornando-se um espaço importante e pertinente para o processo de inclusão e melhoria da qualidade do ensino dos estudantes. As políticas de assistência promovidas pelo departamento constituem uma conquista para a educação especial. Segundo a página eletrônica da UERN:

A DAIN está ligada à Administração Superior, conforme Resolução Nº 05 de 24 de março de 2015, com um trabalho somado com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEG, a Pró-Reitora de Pesquisa – PROPEG e a Pró-Reitoria de Extensão – PROEX. A partir de 2004, a UERN vivencia uma trajetória de inclusão com profissionais dedicados à discussão e atividades ligadas à diversidade e à inclusão. A DAIN, oficialmente, foi criada pela Resolução nº 2/2008 do Conselho Universitário - CONSUNI, de 18 de abril de 2008, em 2010, passa a Diretoria, através da Resolução Nº 31/2010-CD, posteriormente, a ser Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), através da Resolução nº 5/2015-CD e por meio da Resolução Nº 04/2016-CD foi mantida sua natureza de órgão suplementar, ratificando sua denominação e aprovando seu organograma como Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN).

Desde 2004, a DAIN vem travando sua luta a favor da inclusão e desenvolvendo ações que viabilizem a acessibilidade e crescimento dos estudantes, auxiliando no

processo educativo, bem como na formação humana e social, buscando vivenciar a alteridade, comprometendo-se com os sujeitos e fortalecendo o compromisso adotado pela Universidade.

Dentro desta perspectiva, professores e equipe em geral colocam seus esforços na busca de elevar a autonomia e desempenho, colaborando com espaços e tempos que fortaleçam a capacidade de cada um, mostrando que podem superar suas dificuldades a partir do apoio coletivo e dos serviços prestados. Ainda conta com a promoção de ampliar intercâmbio com diversas entidades para dar maiores condições e possibilidades, ampliando e democratizando os acessos e qualidade na assistência prestada.

Diante das discussões às quais estamos nos referindo, é relevante destacar o conceito de baixa visão, para melhor esclarecer as dúvidas acerca dessa deficiência supracitada. Segundo o Instituto de Oftalmologia do Rio de Janeiro,

Visão Subnormal ou Baixa Visão ocorre quando há uma grande perda da visão (visão abaixo de 20% nos dois olhos), mas com alguma funcionalidade preservada (ao contrário da cegueira). Segundo Relatório do Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO), cerca de quatro milhões de pessoas sofrem deste mal.

Em consonância com os dados obtidos pelo Instituto, identificamos dois termos para configurar a deficiência. Dentro desta perspectiva, pode ser classificada como visão subnormal ou baixa visão, com ambos os termos se referindo à mesma deficiência. Sujeitos que se enquadram com a visão subnormal podem sofrer variações diferentes no campo visual: alguns têm estágios mais avançados e intensos do que outros, a perda visual pode ser patológica ou decorrente de complicações ao longo da vida.

#### 4.3 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

O critério estabelecido para a seleção desses alunos é que possuam deficiência visual, classificada como baixa visão ou visão subnormal. Também foram selecionados os alunos vinculados com a UERN, ou seja, que estejam ainda em formação ou egressos, pois já passaram por esse processo formativo. Dessa maneira, seguimos dando continuidade, respeitando o interesse e desejo dos sujeitos em participar e contribuir com a pesquisa.

No início da pesquisa, não prevíamos realizá-la com egressos, entretanto a escolha por selecionar os egressos também se deu em virtude do número reduzido de alunos com

deficiência visual no campus da Universidade. É válido ressaltar que tanto os que estão no processo formativo quanto os que já concluíram contribuem para o objeto de estudo, não alterando a produção das informações, pois suas vivências são vivas, marcadas de significações.

#### 4.4 CONHECENDO OS ALUNOS

Seguindo com a descrição e explicação de como foi realizado o processo metodológico, após a entrevista, algumas falas foram marcantes proferidas pelos sujeitos, mas ainda não havíamos falado com eles acerca do nome que adotariam. Todavia, não queria escolher sozinha o nome, já que se compreende que o nome é algo subjetivo, íntimo, particular de cada pessoa, sendo necessário criar uma relação de pertença: mesmo ele sendo fictício, deve conter um sentido ao nome escolhido.

Assim, conversamos com cada aluno via WhatsApp e perguntamos como gostariam de ser chamados, demos um tempo para eles, porém logo recebemos um retorno. Eles disseram que podíamos ficar à vontade para escolher, mas sugerimos que podíamos pensar o nome juntos, foram dadas sugestões e chegamos a um acordo em conjunto: eles gostaram de seus nomes e ficaram satisfeitos, um até se sentiu honrado com a escolha, foi um momento especial. A sugestão foi retirada de falas das entrevistas que foram frequentemente mencionadas e que geraram impacto em seus discursos.

Também estabelecemos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE com as docentes, o qual foi apresentado antecipadamente. Ressaltamos que a pesquisa não interferiu na vida dos colaboradores, respeitou a privacidade e tempo, além de assegurar os participantes e o pesquisador, respeitando a conduta ética do fazer pesquisa.

Dessa forma, o nome de cada participante foi escolhido com a aprovação dos sujeitos, e ficaram definidos assim: o primeiro foi chamado de **Inédito**, e o segundo, **Superação**, cada nome com sua história e relação entre nome e sujeito.

Nesse momento, alguns trechos de falas dos sujeitos que foram selecionados para pesquisa que ficarão registrados, como estratégia de adentrar um pouco na história de vida e formação, possibilitando ao leitor pensar nesses sujeitos para além de nomes, como também suas histórias e relações estabelecidas em suas tessituras.

O primeiro colaborador, chamado de **Inédito**, tem trinta e três anos, é natural de Santos, litoral de São Paulo, veio para o Rio Grande do Norte aos vinte e um anos, filho único, divorciado, solteiro, não tem filhos, seus pais são potiguares, da região de Antônio

Martins, tem baixa visão severa; alguns médicos tratam como cegueira legal: tendo cerca de cinco por cento do seu campo visual, foi perdendo a visão ao longo do tempo, é formado em Filosofia pela UERN, e graduado em Direito pela Universidade Potiguar.

Também tem três especializações: uma em Atendimento Educacional Especializado em AEE, uma em Direito Constitucional e outra em Gestão Pública; no momento, está pleiteando nos processos entrar no mestrado em Educação pela UERN. Atualmente é diretor do Centro de Apoio ao Deficiente Visual do município de Mossoró, no qual reside, ainda cursa História e luta intensamente pelos direitos das pessoas com deficiência, marcada pela resistência:

*[...] Meu pai foi o primeiro da nossa família pra São Paulo não conhecia ninguém então teve toda essa trajetória de luta, esse êxodo rural e hoje eles a maior parte dos meus familiares consideram meu pai como patriarca da família, porque ele acabou levando todo mundo, os parentes que estão em São Paulo para foi ele que levou o pessoal, e quando eu comecei a perder a visão eu tive a brilhante ideia, não, vou pra Mossoró estudar (INÉDITO, 2021).*

Podemos observar que ele, desde muito jovem, teve autonomia para decidir seu futuro, tendo apoio familiar em seu processo formativo: seus pais são uma inspiração para suas lutas cotidianas na condição de aluno com deficiência, carregando também o desejo de estudar e prosseguir na área do Direito. Seu pai é para ele aquele patriarca que mudou sua história de vida e formação, pois ao chegar a São Paulo, conseguiu por meio do emprego progredir diante das condições difíceis. Nessa fala, podemos compreender a relação de pertença com o nome escolhido. Quando ele diz [...] *graças a Deus estou se tornando esse inédito né pra minha família, pra sociedade que não acreditava e eu estou se tornando viável de fato. Então tem todo esse esperar. {..}*

Os trechos demonstram que o nome inédito é carregado de emoções, sentimentos, como também de um esperar, mediante os desafios, motivando, provocando uma atitude de transformação, resistência, identidade, constituindo-se em um sujeito ativo e autorizado de si mesmo.

Nossa segunda colaboradora, **Superação**, é natural de Apodi, mas reside em Caraúbas, tem trinta e seis anos, é casada, possui uma filha, tem baixa visão severa com cerca de quinze a vinte por cento da sua acuidade visual; sua deficiência é tratada como um problema patológico; tem quatro irmãos e uma irmã também com deficiência visual; cursa Serviço Social na UERN, está no sexto período do curso, não possui vínculo

empregatício, passou alguns anos de sua vida privada da escola, mas foi para Mossoró e passou alguns anos estudando para finalizar o ensino fundamental e médio, depois retornou a Caraúbas após se casar, sua família reside na cidade de Apodi. Na sua fala inicial, ela retrata a importância de discutir acerca da pessoa com deficiência visual, baixa visão:

*[...] É um projeto muito bem pensado porque que é um projeto bem pensado? porque geralmente as pessoas quando ele desenvolver é projetos ele desenvolve um projeto com pras pessoas com deficiência né? Põe nessa temática com deficiência visual com essa temática eles engloba tanto a baixa visão quanto a pessoa cega, é englobado né? [...]* (SUPERANÇA, 2021).

Em sua fala, pode-se identificar que ela considera a pesquisa referida importante em suas discussões, pelo fato de delimitar diferenças entre baixa visão de quem tem cegueira, haja vista que suas experiências durante o curso são de uma mesma perspectiva para ambos os problemas visuais, promovendo atitudes e assistências iguais, não no nível de condições, mas no atendimento às suas demandas, mesmo os estudantes com particularidades, necessidades diferentes. Acerca da escolha do seu curso em Serviço Social, ela afirma que: *[...] Eu comecei a frequentar né o centro de apoio ne das pessoas com deficiência e lá participava de conferência associação, participava de conferência e eu conheci a participar dessas conferências e me descobri pra Serviço Social [...]*.

No período em que **Superação** morou em Mossoró, ela participou do CADV, quando houve descobertas que lhe ajudaram na escolha do seu curso, já que seu desejo era de cursar administração, desde sua infância; com sua participação em conferências e discussões, acabou fazendo a escolha por Serviço Social e gostando do curso. Teve a oportunidade de realizar a troca por Psicologia, que foi sua primeira opção no Exame Nacional do Ensino Médio, mas, como já estava gostando do curso, optou por permanecer, descobrindo seus encantos pela função do assistente social, decisão que a faz sentir realizada. Sua participação no CADV lhe possibilitou aprender mais sobre sua deficiência.

O primeiro encontro com os alunos não foi como pensávamos: em virtude da pandemia da Covid-19, ficamos impossibilitados de realizar um encontro presencial na UERN, pois cada sujeito reside numa cidade diferente, porém nosso contato inicial deu-se de forma virtual por meio do aplicativo do WhatsApp, mas antes de detalhar um pouco mais sentimos a necessidade de registrar o que antecedeu esse encontro.

Antes de conhecer os sujeitos colaboradores da pesquisa, nosso primeiro contato foi através de um e-mail para a DAIN no dia 10 de agosto de 2021, solicitando informações de alunos com baixa visão que tivessem o interesse em participar da pesquisa “Vivências constituídas de alunos com baixa visão na relação significada com os professores no ensino superior”.

Após curto período de tempo, do dia 13 a 18 de agosto, recebemos um retorno do departamento, com uma mensagem contendo informações com os endereços de e-mail de cada aluno que aceitou o convite. Entretanto, ao entrar em contato novamente com esses alunos, só obtivemos resposta de um; novamente enviamos um e-mail para a DAIN, solicitando ajuda para conseguir um número para contato com esses alunos, mas ainda assim não conseguimos falar com os demais, não obtendo êxito.

Nesse período de tempo, falando com colegas, uma delas nos forneceu o número de um egresso com deficiência visual que ela conheceu enquanto estava no caráter de aluna especial; em seguida, quando ela mencionou o nome, nos lembramos de que o conhecíamos, e logo entramos em contato com ele, combinamos data e horário da entrevista e assim foi realizada, após o que conversamos e expressamos nossa dificuldade em encontrar outros sujeitos. Ele nos deu o contato de outros alunos e assim conseguimos entrar em contato com outros sujeitos por meio do meu primeiro entrevistado. O acesso a esses alunos tornou-se mais fácil, pois o segundo entrevistado, **Inédito**, é diretor do Centro de Apoio ao Deficiente Visual.

Dessa forma, depois de obtermos os números para contato, fomos conversando com os sujeitos via *WhatsApp* e marcamos as entrevistas pelo *google meet* de acordo com a disponibilidade e tempo de cada um, buscando não atrapalhar suas rotinas, de modo a conseguirmos objetivar as intenções da pesquisa. Segundo Barbosa (2006), devemos respeitar os espaços e tempos dos sujeitos, não podemos invadir, atrapalhar a rotina, cotidiano; para que o trabalho colaborativo possa fluir de maneira significativa, deve-se pensar no bem estar dos envolvidos na pesquisa para acolher o sujeito, mas também a realidade na qual ele pertence.

#### 4.5 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

No procedimento de produção das informações, utilizamos a entrevista semiestruturada de Minayo (2003) e Moré (2015), além de Lüdke e André (2003), que possuem uma abordagem dialógica, com características de uma narrativa, revelando suas

historicidades, e no procedimento de análise a proposta metodológica dos núcleos de significação elaborada por Aguiar e Ozella (2006, 2013) e reelaborada por Aguiar, Soares e Machado (2015), que permitiram proximidade das zonas de sentidos, apreensão das significações, das constituições afetivas, emocionais, socioculturais, das vivências dos participantes da pesquisa.

Também dentro do processo que antecede os núcleos de significação e as zonas de sentido, faremos uso dos pré-indicadores e indicadores, provocando apreender os sentidos e significados das falas dos sujeitos. Dentro deste prisma, o trabalho também tem cunho qualitativo (MINAYO, 2003) e bibliográfico dentro das discussões de Andrade (2010), que perpassam e se entrelaçam com os demais procedimentos teóricos e metodológicos. As intenções do trabalho vão ao encontro de Aguiar e Machado (2016, p. 267):

Para produção dos dados, optou-se por adotar procedimentos que primassem pelo uso da linguagem que tivessem o potencial de produzir informações ricas em conteúdo, de modo a permitir a qualidade de análise e interpretação pretendidas.

Todos os procedimentos adotados permitem maior possibilidade de produzir material para a produção das informações, de maneira harmônica com os demais procedimentos, contribuindo para qualificar e sistematizar os achados da pesquisa.

Quadro 8: Leituras flutuantes



Fonte: Produzido pela autora.

#### 4.6 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O interesse em eleger a entrevista semiestruturada se deu porque ela complementa nossos interesses, dentro do método da Psicologia Sócio-Histórica, produz informações mais elaboradas, contextualizadas, trazendo o sujeito para o centro do processo investigativo. No que se refere a essa temática, Moré (2015) discute que a entrevista semiestruturada permite um diálogo aberto, fluido, que possibilita enxergar o fenômeno, além do procedimento não ser rígido e produzir informações de diferentes perspectivas com maior profundidade, aprimorando a qualidade das análises e produções, conhecendo melhor os sujeitos da pesquisa, pois, além da conversa e compartilhar de informações, o pesquisador observa e propicia fazer interrelações mais coerentes com a realidade vivenciada e experienciada, descobrindo coisas inesperadas e desconhecidas que não estavam elaboradas no roteiro, levantando outras proposições importantes para o fenômeno.

Partindo desse pressuposto, traremos algumas informações particulares da entrevista realizada, como data, horário e duração da entrevista e algumas informações relevantes, mediante a trajetória metodológica. Reafirmamos que já havíamos conversado com os alunos via *WhatsApp*, feito o convite, explicado a proposta e as condições da pesquisa, foi dito também que posteriormente entraríamos em contato para combinar os detalhes.

Antes da entrevista ser iniciada, foi verificado o sinal de internet, o ambiente foi organizado, buscando encontrar um local calmo, sem interrupções, também foram testadas todas as ferramentas utilizadas, como câmera, microfone, dentre outras, deixando o espaço bem iluminado, acolhedor, principalmente nesse período em que não estamos realizando as entrevistas de forma presencial. Portanto, os detalhes como lápis, caneta, roteiro foram verificados, dando início a essa fase tão importante do percurso metodológico.

A primeira entrevista foi realizada com **Inédito**, no dia 10 de novembro do mesmo ano, às 9h44. Seu tempo de duração foi de uma hora, seis minutos e quarenta e quatro segundos via *google Meet*. A segunda entrevista, com a entrevistada **Superação**, foi realizada no dia 18 de novembro, às 15h24 da tarde, com duração de 1:14:46, uma hora, quatorze minutos e quarenta e seis segundos. Também foi realizada pela mesma plataforma com autorização para gravação. O nome do aplicativo utilizado para gravar é conhecido como ASR.

Na primeira entrevista, que foi realizada com Inédito, tivemos uma pequena interrupção, pois ele estava no seu ambiente de trabalho, mas nada que tenha prejudicado ou distraído o entrevistado; com relação à Superação, ela estava passando roupas e teve uma interrupção em sua casa com seu marido, mas foi rápido e nada foi comprometido.

Após a realização das entrevistas, transcrevemos todas as falas tal qual foram mencionadas; além da transcrição, foram realizadas várias leituras flutuantes, observando as falas mais fortes e que se repetem, bem como relembrando a forma como os sujeitos foram falando, gestos, expressão facial, anotando por meio de balões no *word*, já evidenciando algumas categorias e possíveis pré-indicadores, constituindo a fase inicial das análises e interpretações.

Segundo Lüdke e André (2013, p. 34), a entrevista semiestruturada ocorre “a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. O autor reafirma a ideia de que na entrevista semiestruturada o roteiro pode ser alterado e isso não significa dizer que há perdas no processo dos dados e informações, mas é seguida uma linha, estabelecendo intenções eficientes para a produção.

Ao desenvolver a pesquisa, o pesquisador deve conhecer o método, estudo com profundidade, para saber direcionar a pesquisa de maneira sistematizada, coerente, obtendo resultados, produções significativas, respeitando suas etapas, fazendo uso consciente dos instrumentos utilizados, melhorando e potencializado. Dessa forma, discutir sobre o método, elaborar o processo metodológico demanda comprometimento e fidelidade aos processos, para que não se prenda ao empírico, tornando esse espaço formativo, de construção de saberes, qualificando a produção das informações. Dessa forma, Barbosa (2011) afirma que a entrevista é um instrumento fundamental para apreensão da realidade.

Toda a nossa investigação é pautada na busca de vivências constituídas ao longo da história de vida e formação no ensino superior. Dessa forma, a entrevista atende ao objetivo de investigar a realidade sentida, vivenciada pelas significações, mediações afetivas. Dentro desta ótica, por meio desse instrumento podemos ampliar as discussões, conhecer o sujeito dentro de sua história real, concreta, objetiva, e suas subjetividades, identidade, em suas relações sociais e processos constitutivos. A entrevista auxilia o pesquisador a aproximar-se do sujeito e do mundo no qual ele está imerso, no seu universo caótico, contraditório, evidenciando na entrevista semiestruturada um vasto campo a ser desenvolvido, com informações ricas para fundamentar as discussões.

Vigotski (2004, p. 150) diz que “se as coisas fossem diretamente o que parecem, não seria necessária nenhuma pesquisa científica essas coisas deveriam ser registradas, contadas, mas não pesquisadas”. De acordo com as ideias do autor, a pesquisa científica tem explicações que demandam estudos, aprofundamento de teorias, por isso na entrevista analisamos o sujeito, a fala intrínseca; a fala não é suficiente: ela se torna o instrumento disparador para as reflexões, por isso é no oculto que explicamos a representação do aparente. Netto (2011, p. 22) reafirma que:

O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto. Numa palavra: o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto.

A pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização” [...] (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31). A direção desta pesquisa é na busca de produzir informações, analisá-las, refletir, problematizar. No que tange a essa discussão, o foco central dessa pesquisa não se limita a estatísticas numéricas, apesar de ainda trazermos dados numéricos: o intuito é aprofundar os achados, criar formas de adentrar em outras dimensões, perspectivas, construindo uma metodologia aberta, mas com interpretações pautadas em sujeitos ativos, que vivem e atuam sobre a história.

Para que a entrevista possa direcionar e ajudar a pesquisa, ela deve permitir que os colaboradores falem, com perguntas abertas, claras, objetivas. Porém, terminado esse processo da entrevista, ela ainda permite que o pesquisador retorne para sanar dúvidas e aprofundar as questões que ficaram em aberto, ou mesmo não foram definidas. O pesquisador deve ter a capacidade de direcionar o sujeito para as questões que versam sobre seu objetivo, o roteiro deve ser bem elaborado, sistematizado para organizar melhor e guiar com maior facilidade a entrevista.

O pesquisador deve estar atento aos desvios de discussão, os desafios que ocorrem durante e depois da entrevista. É necessária sabedoria para passar, atravessar as incertezas, dilemas, bem como os acontecimentos que emergem. Também não se pode esquecer o objetivo central da pesquisa, para evitar que ocorram desconstruções ao longo

do processo. Ampliando as compreensões sobre a entrevista semiestruturada, na concepção de Manzini (2004, p. 9):

[...] a entrevista semi-estruturada é uma das formas para coletar dados. Ela se insere em um espectro conceitual maior que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta. Nesse sentido, para nós, a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem.

Ao longo do processo, bem como no momento da entrevista, o pesquisador deve manter uma postura de certo distanciamento, para não comprometer o resultado final da produção, entretanto, é necessário criar um vínculo aberto, estável, de confiança com o entrevistado, que contribua para o diálogo aberto, em que o sujeito se sinta à vontade para se permitir falar, sem se restringir àquele espaço. Esta face a face com o outro mantém uma segurança, aquece a relação de pesquisador e colaborador, formando uma parceria que não é amizade, tampouco é estranha a ela, sendo necessário transmitir responsabilidade, compromisso com o participante.

Para Zanelli (1992), a autora defende a ideia de que na pesquisa não existe a ausência de neutralidade. Dentro desse prisma, as relações sociais se constituem mutuamente, nesse sentido a neutralidade não pode ser exercida em sua totalidade: somos históricos, culturais, compartilhamos momentos, experiências, conhecimentos, que nos fazem sujeitos da ação, de maneira que a ausência de parcialidade se torna um desafio quase inalcançável. Aguiar e Machado (2016, p. 268) também defendem a ideia de que:

Somente em uma orientação positivista propaga-se a ideia de uma pesquisa pautada no princípio da neutralidade, disposta a revelar uma verdade pura, exigindo, para tanto, que o pesquisador seja neutro e imparcial. No Materialismo Histórico e Dialético, ao contrário, assume-se a contradição como propriedade essencial da realidade.

A pesquisa é ancorada no materialismo dialético, assumindo o papel de reconhecer a totalidade, as contradições, os elementos que constituem o todo. Nesse sentido, a produção deve revelar sua essência, defendendo emoções, sentimentos; a pessoa que está por trás do pensamento e da linguagem, dos escritos, um ser completo e que não realiza uma pesquisa sem manter uma relação com ela e com os sujeitos apontados. O princípio

da neutralidade e verdade pura é uma concepção que não adotamos na abordagem marxista e que não corrobora a universalidade do fenômeno.

Conforme Aguiar e Ozella (2013, p. 308), a entrevista é entendida “como um instrumento rico que permite acesso aos processos psíquicos que nos interessam, particularmente os sentidos e os significados”, tendo em vista ser um momento de efetiva interação social.

Em conformidade com a fala acima, a entrevista possibilita visualizar aspectos objetivos e subjetivos do sujeito, a forma como ele pensa e verbaliza, o modo como vivenciou dados momentos, seus processos psíquicos, a relação entre a linguagem e o pensamento e o que atravessa esse processo; na interação e conversa com o outro, encontramos e retiramos elementos que muitas vezes não estavam preparados em nossos roteiros, portanto, na entrevista, mas principalmente na interação exercida por ela, possibilita uma produção não de dados definidos, mas de informações que serão analisadas e interpretadas por vários processos que já foram descritos anteriormente.

Assim, o ato de pesquisar requer um desenvolvimento de autoria, criatividade, revelando sua heurística, nos diferentes caminhos adotados, instrumentos usados, elaborando estratégias dinâmicas que se aproximem da realidade dos fatos, acontecimentos, afetivos, emocionais que cada ser carrega, mas que muitas vezes estão oculto. Esse é o desafio e direção para as novas descobertas. “Teoria, método e criatividade são os três ingredientes ótimos que, combinados, produzem conhecimentos e dão continuidade à tarefa dinâmica de sondar a realidade” (MINAYO, 2003, p. 9) e desvendar os sentidos e significados subjetivos.

Dando continuidade às discussões acerca da entrevista semiestruturada, também evidenciamos a pesquisa qualitativa e bibliográfica, que não se distancia das discussões elencadas, pois os instrumentos da entrevista complementam-se com os demais procedimentos metodológicos.

Dentro deste contexto, se faz necessário salientar a importância da pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador tem maiores possibilidades de pesquisar o sujeito nos seus diferentes papéis sociais, contemplando valores, cultura, história, religião, potencializando a pesquisa em si, conduzindo aprendizagens significativas, inovadoras que permitam maior amplitude de construção e desconstrução, fortalecendo as discussões, quebrando estruturas fechadas, valorizando outras experiências. As metodologias elencadas respeitam a qualidade e objetivo de cada investigação e valorizam as

contribuições que cada uma fornece para sua qualificação. Conforme Minayo (2003, p. 22),

A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares. [...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um universo mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa traz um método amplo de discussões, mediante um universo diverso de informações, culturas e etnias, raças, crenças, valorizando e considerando ações teórico-metodológicas profundas, pois o sujeito se torna o centro do processo e o fenômeno passa a analisar os vínculos do homem com o mundo que o cerca a partir de visões totalizantes.

Não podemos deixar de mencionar a importância da pesquisa bibliográfica, que, para Andrade (2010), auxilia no primeiro passo de iniciação científica. Ao produzir uma pesquisa, antes de tudo buscamos informações e a pesquisa bibliográfica ajuda a filtrar informações, assuntos, temas variados, produzindo um material de apoio necessário à sistematização das informações que serão elencadas posteriormente. Portanto, a bibliografia encontrada pode possibilitar explorar outros campos, tornando-se o instrumento disparador para outras experiências significativas na pesquisa.

Dentro desta ótica, Moura (2001, p. 27) coloca um novo olhar sobre a formação humana e as pesquisas: o universo científico deve buscar uma transformação no modo de produzir sua heurística, pois a natureza humana é carregada não apenas de conhecimentos, como também de fenômenos complexos, emoções, sentimentos, desejos, os quais passam a ganhar relevância, pois tudo que é construído pelo sujeito é evidenciado por traços de quem o criou por meio de palavras, histórias, vivência/experiências.

A fim de entender seu significado, a pesquisa de cunho qualitativo privilegia a compreensão dos problemas a partir da perspectiva dos sujeitos. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 49),

A abordagem de investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão esclarecedora do nosso objeto de estudo. O investigador coloca constantemente questões [...] nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação.

A pesquisa qualitativa apresenta uma perspectiva do objetivo segundo a qual realiza relações com o mundo, as pessoas, o contexto, buscando investigar além e considerando observações, realidades. A pesquisa possibilita movimentos que não engessam as estratégias metodológicas e os caminhos que o pesquisador acha cabíveis a seu estudo. Não descartamos a pesquisa quantitativa, pois trouxemos dados coletados por meio de artigos e discussões. Segundo Richardson (1989), a pesquisa quantitativa tem maior precisão de dados, na busca de definir bem de acordo com a realidade que está sendo pesquisada, descrevendo e analisando os dados por meio de diferentes estratégias e características próprias, ela é muito utilizada para estatísticas, objetivando um rigor científico, pois acredita que ao desenvolver uma pesquisa científica os dados devem ser obtidos na aproximação do real, fugindo de achismos e hipóteses. Reafirmando um pouco das discussões de Carlomagno e Rocha (2010, p. 177),

Em fato, cabe deixar claro: a designação se seu método é quantitativo ou qualitativo se refere a como você sistematiza os dados com os quais trabalha, não a natureza de sua análise. Não importa que, por exemplo, ao identificar os argumentos presentes em determinada mensagem, você esteja verificando “qualidades” deste objeto. Se você sistematiza (e de alguma forma quantifica)

Quantificar os dados dentro dessa abordagem de pesquisa é a forma mais eficiente que permite a maior exatidão das informações coletadas, principalmente se forem muitos dados. Ela organiza, esclarece, dá resposta objetivas, claras, positivas para as produções. Este trabalho se utiliza da pesquisa qualitativa e quantitativa, pois ambas complementam os objetivos traçados, dando maior subsídio, uma não reduz a outra, mas diante das particularidades fornecem as informações desejadas por quem investiga, sistematizando as análises e dados representados.

O trabalho também tem cunho bibliográfico, sendo possível ampliar as discussões a partir dos aportes teóricos, subsidiando toda a pesquisa, em busca de refletir e construir novos conhecimentos de maneira a considerar as contribuições de outras pesquisas na área abordada neste estudo. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266),

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize

um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

A procura por novas pesquisas deve usar fontes seguras, sistematizar o que o pesquisador deseja, a partir do seu objeto de pesquisa, para assim contemplar os objetivos propostos durante o transcorrer do trabalho. A pesquisa bibliográfica possui inúmeras contribuições para os estudos, pois dispõe de um suporte para que ocorra uma interação entre teoria e prática, ou seja, uma relação teórico-metodológica dos processos de pesquisa-ação, entretanto ambas possuem suas particularidades, porém, precisam ser analisadas, pesquisadas de maneira sistemática, para obter melhores resultados.

É por meio dos estudos bibliográficos que podemos traçar metas, nos aprofundando em meio às leituras, direcionando de maneira mais eficaz o que nos propomos a fazer, consolidando as competências exigidas e que são necessárias para uma pesquisa de qualidade, contribuindo para a pesquisa científica de maneira responsável e significativa.

#### 4.7 NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

A escolha em desenvolver a proposta por meio dos núcleos de significação é de que o método se apoia no processo histórico e social dos sujeitos a materialidade, sem deixar de considerar as subjetividades que se exprimem na produção humana, nas relações constitutivas que se revelam no interno e externo, nas vivências significadas marcadas pelos afetos, mediações, na universalidade da vida.

A proposta metodológica dos núcleos de significação elaborada por Aguiar e Ozella (2006; 2013) e reelaborada por Aguiar, Soares e Machado (2015) propicia ao pesquisador investigar as significações de maneira mais profunda, dialética, pois interpreta a partir da aproximação da realidade e das zonas de sentido. Reafirmando o que dizem Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 60), “O real não se resume a sua aparência”, permitindo explicar aspectos constitutivos da pesquisa, dos sujeitos colaboradores envolvidos, dos atravessamentos que a metodologia da Psicologia Sócio-Histórica suscita, revelando os aspectos simbólicos, emocionais das falas significadas.

A produção de conhecimento abordada nos núcleos de significação, além de destacar os sentidos e significados, ressalta as reflexões por meio de uma síntese, dialogal, que passou por etapas, análises teóricas e metodológicas das categorias, conduzindo uma

apreensão profunda sobre o objeto estudado. “Assim, o caminho de apreensão dos sentidos e significados é continuamente marcado por um processo de idas e vindas” (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p. 63).

A partir das discussões para a realização dos núcleos de significação, o pesquisador necessita realizar várias leituras flutuantes, adentrar profundamente para então conseguir extrair as significações e dialogar com os elementos do texto que engendram a complexidade dos fenômenos, sempre no movimento de idas e vindas.

A composição desses núcleos de significação deve dar visibilidade a aspectos importantes e reveladores do sujeito, articulando e mantendo um sentido com as falas, vínculos relacionais que expressam um contexto, uma situação vivenciada, revelando aspectos singulares dos sujeitos.

A construção dos núcleos, segundo Aguiar, Soares e Machado (2015), ocorre por meio de três etapas importantes e fundamentais para chegar aos núcleos de significação: “levantamento de pré-indicadores, sistematização de indicadores e sistematização dos núcleos de significação” (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p. 61). Para o levantamento dos pré-indicadores e dos indicadores, faz-se necessário pensar em um processo não linear, pois é na totalidade que as compreensões e interpretações subjetivas e objetivas se constituem; ainda nesse processo a dialética é muito presente, pois o processo de análise dialoga com os diferentes elementos da fala do sujeito, por meio das contradições e categorias de análise.

Para realizar a análise e interpretação das informações contidas nos núcleos, é necessário seguir o processo de levantamento dos pré-indicadores, nos quais estão contidas as palavras que, segundo Aguiar e Ozella (2013, p. 309), se referem a “trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado, carregam e expressam a totalidade do sujeito e, portanto, constituem uma unidade de pensamento e linguagem”. Nas entrevistas, são retiradas as palavras que trazem significação forte, marcante, que são importantes para a produção e alcance dos objetivos propostos na pesquisa, e posterior a esse momento, o pesquisador vai construindo os pré-indicadores.

Segundo Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 63), “A palavra não se revela por si só”. A palavra é carregada de emoções, construções afetivas, cognitivas, históricas e sociais; para interpretar as informações, a fala se expressa no pensamento que se reflete na linguagem. Essas propriedades são particulares, porém socializadas subjetivamente, por isso o pesquisador tem a tarefa de desenvolver uma análise interpretativa da realidade

por meio das palavras, gestos, expressões corporais, olhares que o sujeito revela na entrevista, para não se reduzir a aspectos aparentes.

Nesse sentido, após o levantamento dos pré-indicadores, o pesquisador deve buscar aprofundar suas compreensões, articulando, pensando na elaboração dos indicadores. Os processos estão simultaneamente relacionados, contendo papéis importantes para a sistematização dos indicadores e construção dos núcleos de significação. Nessa abordagem, os indicadores são revelados como uma natureza sintética das interpretações (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015).

A dinâmica dos núcleos permite uma relação de complementaridade, similaridade e contraposição, na qual um completa mutuamente o outro; as discussões tomam um contexto que envolve o todo, haja vista que as partes conduzem o produto final das sínteses, no movimento entre tese, antítese e síntese das informações produzidas, fruto de afetações que constituem as significações.

Aguiar e Ozella (2013, p. 304) afirmam que somente “por meio de um trabalho de análise e interpretação pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido”. Após todo o levantamento dos pré-indicadores e sistematização dos indicadores, bem como a construção e interpretação dos núcleos de significação, será possível chegar às zonas de sentido, que são profundas, cheias de sentidos e significados, atribuídas de complexidade, dialeticidade, pois sintetizam as informações contidas nos núcleos, por meio de análises da essência e identidade humana. Frente a essa realidade, não se pode cair no achismo, mas deve-se obter interpretações de uma realidade vivenciada pelos sujeitos, de sentimentos que condizem com essa verdade, que não é absoluta, mas pretende dar conta das reflexões abordadas.

Nos núcleos de significação, os sujeitos passam pelo processo de tese, antítese e síntese, ou seja, o pesquisador consegue interpretar uma nova realidade, informações a partir dos processos que antecedem a síntese, já que na tese tratamos as ideias iniciais, possíveis apreensões, e no processo de antítese construimos, desconstruimos e olhamos para os possíveis, apresentando contradições, argumentos, enxergando concepções, conceitos, olhando o todo que envolve até então chegarmos à síntese dos resultados da pesquisa, evidenciando novas compreensões do objeto estudado.

#### 4.8 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA PRODUÇÃO E NA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DAS INFORMAÇÕES

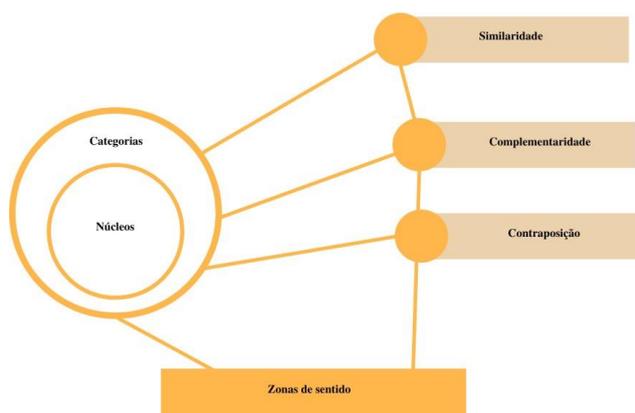
A proposta metodológica dos núcleos de significação elaborada por Aguiar e Ozella (2006; 2013) e reelaborada por Aguiar, Soares e Machado (2015) nos conduz a uma abordagem capaz de realizar uma produção que não se distancia da realidade do sujeito, do sentido dotado à atividade no mundo sentido, vivido e compreendido por ele. Dessa forma, as sínteses dos resultados serão meios possíveis a partir dos elementos constitutivos dos núcleos.

Se pensarmos os núcleos de significação, alguns elementos devem ser considerados em sua constituição, como os pré-indicadores, indicadores, sem dispor as relações entre as categorias de análise, bem como os critérios de similaridade, complementaridade e contraposição. Seguindo essas etapas, será possível chegar à apreensão das significações dos alunos com deficiência.

Sem os núcleos de significação, não podemos chegar às zonas de sentido, de maneira que os núcleos são o caminho para sentidos maiores e mais abrangentes na investigação do fenômeno.

A imagem elenca os processos mencionados no corpo do texto, fazendo as ligações necessárias, já antecedendo o próximo momento da pesquisa, as zonas de sentido.

Quadro 9: Zonas de sentido



Fonte: Produzido pela autora.

#### 4.9 PROCESSO DE LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES

Com a realização das entrevistas e diversas leituras flutuantes, pode-se exercer o movimento dialético, seja nas idas e vindas, como também nas mudanças que a pesquisa realiza, com leituras de outros autores, com a colaboração de tudo que está sendo produzido e vivenciado. Assim, a entrevista semiestruturada torna-se a base para dar sequência aos achados da pesquisa, para a retirada das palavras significadas, dos trechos que conduzirão as discussões e revelarão os entrelaçamentos. De acordo com Vigotski (2001a, p. 402),

A descoberta da mudança dos significados das palavras e do seu desenvolvimento é a nossa descoberta principal, que permite pela primeira vez, superar definitivamente o postulado da constância e da imutabilidade do significado da palavra, que serve de base a todas as teorias anteriores do pensamento e da linguagem.

Após a gravação e transição das entrevistas e leituras recorrentes, identificamos palavras com significados, com frequência durante a entrevista, tais como lutar por direitos, superação, fazer inclusão, sonhar, esperar, que nos possibilitaram olhar para elas na busca de um sentido, das subjetividades que cada aluno carrega em sua história. Assim, iniciamos a investigação que permite articular pensamento e linguagem, olhando para unidade e percebendo as singularidades, os encontros e distanciamentos das falas, dando representações mais claras do significado entre o que se expressa em palavras e do que realmente sentem e desejam emitir.

Passada essa etapa da entrevista e leituras, o passo seguinte foi começar a fazer pequenas anotações por balões no Word, anotando ideias, inspirações, possíveis categorias, acontecimentos da entrevista, expressões, destacando as falas mais fortes, que carregam significações. De acordo com Aguiar, Soares e Machado (2015), o pesquisador deve observar atentamente a fala, registrando essas palavras, olhando para o objeto de estudo ainda de maneira empírica, para posteriormente penetrar os sentidos subjacentes às palavras. Essa etapa dos pré-indicadores é fundamental para sistematizar os indicadores. Durante a leitura das entrevistas, destacamos algumas falas por cores, para ir separando os pré-indicadores um do outro a fim de evitar misturar. Conforme Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 62), “esses instrumentos não são constituídos de palavras vazias.” [...] são falas afetivas, emocionais, cognitivas despojadas de características particulares do sujeito.

Primeiro, realizamos a entrevista, depois fizemos várias leituras das entrevistas, pensando sempre no objeto de estudo, e selecionamos trechos com significado dos alunos com baixa visão, colocando em negrito, somando 142 (cento e quarenta e dois) pré-indicadores que podem ser localizados no Apêndice “D”, o quadro completo.

Com um processo de minúcias, deixamos no quadro abaixo um exemplo do processo de levantamento dos pré-indicadores; deixamos em itálico as falas para observarmos com maior atenção as falas dos alunos com baixa visão, contendo as perguntas e respostas realizadas nas entrevistas, enfatizando que as perguntas foram as mesmas para os sujeitos.

Apesar de ter sido feita a mesma pergunta, as respostas das duas egressas foram diferentes porque estavam inseridas em suas realidades e contextos, se refletindo de modo diferente na forma de sentir expressar as respostas, demonstrando as particularidades que cada sujeito carrega.

Quadro 10: Exemplo do processo de levantamento dos Pré-Indicadores

Inédito e Superação - <b>O que mais lhe marcou em seu processo acadêmico, na relação com seus professores?</b>
(Inédito) [...] <b>que aí eu vou ter que parabenizar a UERN [...].</b>
(Inédito) [...] <b>No primeiro dia de aula, o professor sabia meu nome, sabia como eu trabalhava, como eu estudava, porque a DAIN tinha encaminhado um memorando, e ela faz isso com todos os alunos com deficiência, estudo na UERN encaminhando memorando para o departamento, e o departamento encaminha para os professores [...] isso me impressionou tanto, porque o professor sabia meu nome, não sabia que eu era eu né? [...]. Isso me impressionou tanto, porque o professor sabia meu nome [...].</b>
(Inédito) [...] <b>sou professor da área de filosofia, e tô vendo aqui que você domina bem as tecnologias e como que você quer que eu ministre a aula? qual qual é a melhor forma pra você? Eu tomei um choque; Acredito, falei “que legal, que legal”. Fiquei impressionado porque assim professor já sabia quem eu era, sabia mais ou menos como eu trabalhava [...].</b>
(Inédito) [...] <b> você prefere como as atividades? Eu falei “professor, pode dar sua aula normal, eu só peço pelo amor de Deus, como eu já tinha tido a experiência da questão da da sala da professora, aquilo ali, ela só fez pelo amor de Deus, pelo nome da parte, mas pelo amor de Deus, quando tiver algum imagem alguma mensagem, não diga é aqui ou a ali” [...]</b>
(Inédito) [...] <b>Então foi uma experiência muito boa que eu que eu tive na UERN, muito bacana mesmo. Agora sim, eu não vi isso nas outras universidades. [...].</b>
(Inédito) [...] <b>Hoje eu estou à frente na aqui no CADV, então a gente tem contato com alguns universitários, eu vejo que os universitários gostam bastante do do trabalho da UERN, as únicas questões que eles se preocuparam no último, dos últimos tempos [...]</b>
(Superação) [...] <b>a gente cobra, eles mandam pro departamento, mas quando não chega a tempo né eu tenho um um uma um aplicativo em casa que eu converto só que às vezes é é um um material é um PDF tão ruim tão não está marcado tão e às vezes o o a formatação que eu faço não fica muito legal né? Bagunça o texto. [...] às vezes pego com o colega [...].</b>
(Superação) [...] <b>vai cobrando do departamento também pra enviar né eles são imoral as vezes ele passa o ele passa o material pra o departamento mas não dá acesso ao drive hum</b>

<b>aí o departamento recebe o material mas não tem como baixar pra escanear porque eles não deram acesso aí outro e e-mail pedindo acesso ao drive[...].</b>
<b>(Superação) [...] Nesse período agora que terminou agora foi um professor é novato né contratado inclusive e foram professores mais mais acessível [...].</b>

Fonte: Produzido pela autora.

#### 4.10 AGLUTINAÇÃO DOS PRÉ-INDICADORES EM INDICADORES

Posteriormente, foi realizada a construção dos indicadores, sendo necessário observar bem os pré-indicadores, fazendo relações. Retiramos das entrevistas os trechos com as falas e copiamos e colamos em outra página do Word, novamente revisitamos, fazendo as marcações, destacando em negrito e itálico. Posteriormente, passamos a enumerar os pré-indicadores e anotar também no caderno; ao mesmo tempo em que íamos enumerando, já fomos criando os indicadores, a cada um deles correspondendo um número que se encaixasse nos pré-indicadores, como um grande quebra cabeça. Em seguida, os pré-indicadores e indicadores foram aglutinados e após esse longo processo foi iniciada a construção dos núcleos de significação.

Nesse percurso, foram criadas tabelas, uma para as perguntas e respostas dos entrevistados, outra com os pré-indicadores e indicadores e outra com os núcleos de significação e seus respectivos indicadores, sempre orientados pelos critérios de similaridade, complementaridade e contraposição, bem como a tese, antítese e síntese. É válido ressaltar que os pré-indicadores têm geralmente número maior que os indicadores, porque é realizada filtragem, daí o número dos indicadores ser reduzido na comparação aos pré-indicadores. É necessário salientar que para chegar ao resultado de todo esse processo houve auxílio da orientadora, nas conversas, reflexões, ajudando-nos na aproximação dos objetivos propostos, com um trabalho de colaboração.

Após essa discussão teórico-metodológica, podemos observar o processo de aglutinação dos indicadores, seu processo de formulação por meio dos exemplos a baixo.

Quadro 11: Exemplo da Sistematização dos Indicadores

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
(Inédito) [...] <b>a vivência ela traz essa esperança e trazendo também Paulo Freire novamente, essa <i>minha busca por pela minha exceção social pra mim até então era um inédito viável buscava que até então era inédito [...].</i></b>	<b>INDICADOR 1</b> <b>SUJEITOS INCOMUNS QUE CONSTITUEM SUA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO</b>
(Inédito) <b>uma pessoa que tinha uma deficiência visual pra mim, pros meus</b>	

<p><b>familiares da onde que um cego pode estudar, da onde que um cego pode fazer alguma coisa, e na verdade e hoje eu tenho a minha eu sou graduado em direito e estou fazendo minha segunda graduação [...].</b></p>	
<p><b>(Inédito) estou se tornando esse inédito né pra pra minha família, pra sociedade que não acreditava e eu estou se tornando viável de fato. Então tem todo esse esperar.</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 2</b></p> <p><b>AFETOS QUE MARCAM AS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO</b></p>
<p><b>(Inédito) Foi quando eu estava em sala de aula, tava fazendo um curso e que tinha como uma das disciplinas, matemáticas com matemática financeira e eu perguntando pro professor que estava no slide o professor vira, pergunto três vezes, na terceira vez ele vira pra mim e diz assim: [...] eu não tenho culpa se a instituição aceitou ter um aluno com deficiência visual. Isso pra mim que até então na época era um fato, e intrigante, porque foi o primeiro impacto de fato, que de preconceito vivenciar ele mesmo dentro de sala de aula, que isso impactou [...]. E e aí eu virei professor: Também não tenho culpa, tremendo isso. Imagina uma pessoa tremendo, a voz tremia [...]. E eu queria que a pessoa dissesse sim, porque eu sou também não tenho culpa, se o senhor não sabe.</b></p>	
<p><b>(Inédito) [...] muita das vezes alguns professores ficavam com raiva de mim, porque eu pausava a aula e falava, o professor pelo amor de Deus, o que é isso aqui? Tá aqui [...], aqui aonde? Eu não vejo e eu já vi professor errado, pelo amor de Deus, eu tenho que parar toda hora pra poder explicar pra você... Eu falo, pelo amor de Deus. E eu tenho que ficar toda hora chamando pra atenção dizendo que eu não vejo [...].</b></p>	
<p><b>(Inédito) [...] já aconteceu alguns embates de uma professora, de uma professora me dá uma nota baixa isso é antiético, automático porque eu estava chamando a atenção dela[...].</b></p>	

Fonte: Produzido pela autora.

Nesse segundo momento, são necessárias atenção e imersão na pesquisa; os processos dialéticos são mais intensos e são eles que revelam o movimento das categorias, falas, buscando as significações dos alunos com baixa visão. Para a sistematização dos indicadores, são necessárias muitas leituras e observação da essência do objeto de estudo, pois quanto mais se aproxima dele mais o pesquisador tem a capacidade de conduzir e mediar melhor os desdobramentos das falas dos sujeitos. Apesar das dificuldades do

próprio processo, essa etapa é fundamental para chegarmos aos núcleos de significação. Podemos relatar que esse momento da pesquisa chega a ser exaustivo, preocupante, intenso, entre as inseguranças e medos, buscando atingir o objetivo proposto.

#### 4.11 SISTEMATIZAÇÃO E NOMEAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Para a construção da terceira etapa, dos núcleos de significação, a síntese o apanhado de todo o processo, foi necessária a primeira etapa dos pré-indicadores, classificados como a tese, bem como os indicadores, a antítese, para então chegarmos aos núcleos de significação, após a aglutinação e filtragem, que culminaram na produção das informações, nas apreensões das significações.

Assim, os núcleos ajudam o pesquisador a encontrar a essência do sujeito. Desse modo, Vigotski (2001a) defende que os pensamentos são sempre emocionados, o que nos leva a refletir sobre o desafio do pesquisador em permitir que nessa etapa se abstraia o máximo de verdade nas falas e sentimentos; é um longo processo, exaustivo, inacabado, mas que traduz uma realidade que se articula.

Aguiar e Ozella (2013, p. 311) afirmam a seguinte compreensão a respeito dos conteúdos articulados nos núcleos de significação: “só avançaremos na compreensão dos sentidos quando os conteúdos dos núcleos forem articulados tanto dentro do próprio núcleo como entre os núcleos”. Essa colocação revela que na interpretação das falas também existe uma comunicação entre os núcleos, o deslocamento das relações, os sentidos e significados direcionam o movimento de dinamizar a dialética exercida nessa terceira etapa.

É nesse momento, dos núcleos, que nos possibilita a chegada a zonas de sentidos, nas quais a pesquisa deve ser capaz de apreender os sentidos dos alunos com baixa visão, sejam eles objetivos ou subjetivos, numa dimensão subjetiva da realidade. Frente a essas discussões, pode-se elucidar que nos núcleos de significação saímos de uma investigação empírica e avançamos para o oculto, íntimo, singular, quer um amadurecimento das interpretações e conexões das informações obtidas. Dessa forma, Aguiar (2015b, p. 157-158) assegura a importância desse método:

Já afirmava (Vigotski) que a tarefa da Psicologia era substituir a análise de um objeto pela análise do processo, da sua constituição, da sua gênese. Afirmava a necessidade de se apreender os processos internos,

e que, para isso, era preciso exteriorizá-los, era preciso observar o não observável, o lado escuro da lua.

Fazer uso do procedimento dos núcleos de significação mostra um avanço da pesquisa, na medida em que considera todo o caminho e não determina o resultado como engessado, olhando para a produção como algo a encontrar, o outro lado da versão, da fala, da realidade, os lados, o que está no escuro, é investigar não somente por meio de certezas e partir de respostas, mas fazer as perguntas e refletir sobre as respostas ditas e compreender o que está em oculto, escondido.

Também é muito presente o movimento dialético, pois os indicadores estão em constante movimento com o núcleo, bem como as categorias, considerando os aspectos sociais, históricos, culturais, as relações que esses alunos constituíram na Universidade, além das que atravessam as vivências dentro e fora do campo acadêmico. Para criação dos núcleos e sistematização dos indicadores, é necessária uma dose de criatividade, percepção, concentração, dedicação às leituras das entrevistas, adentrar e se conectar com o texto, dando sentido à prática da pesquisa, constituindo um trabalho que requer empenho, mas que gera frutos significativos e prazerosos.

Em meio às leituras recorrentes, os núcleos foram criados, por meio da articulação das categorias, e mediante algumas falas marcantes dos entrevistados, em uma página do Word, colocamos todos os indicadores, cada um tendo um número para identificar, em seguida fomos fazendo as reflexões e interpretações, colocando os indicadores de acordo com a abrangência que correspondia ao núcleo. Nesse momento, tivemos dúvidas, inquietações, refizemos alguns movimentos, mas tentamos enxergar a totalidade do fenômeno, a realidade e o sentido. Esse trabalho não foi imediato, mas refletindo, procurando superar os limites da observação para então interpretar, respeitando os pré-indicadores, indicadores transitando e realizando a simultaneidade das inter-relações, visualizando o sujeito como o centro de todos os estágios da pesquisa.

Após esse processo, seguimos para a próxima etapa da pesquisa, que foi a sistematização dos indicadores, que resultaram em 17 (dezessete) indicadores, os quais se aproximaram da similaridade e complementaridade e/ou contraposição (AGUIAR; OZELLA, 2006; 2013).

Para a realização dos núcleos de significação, sempre direcionamos nosso olhar por meio da similaridade, complementaridade e contraposição, observando os indicadores, categorias, buscando exercer a dialética de forma subjetiva e objetiva,

constituindo os núcleos de significação por meio das leituras recorrentes não somente das falas das entrevistas, sendo elas pré-indicadores e indicadores, mas dos aportes teóricos e metodológicas da Psicologia Sócio-Histórica. Diante disso, “por articular e sintetizar todos os possíveis conteúdos resultantes do processo de análise empreendido desde o levantamento dos pré-indicadores, esta é a que mais se distancia do empírico e se aproxima da realidade concreta, isto é, dos sentidos que o sujeito constitui para a realidade na qual atua” (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p. 62).

Em todas as etapas da pesquisa, houve orientação mediando os processos realizados, encorajando nos momentos difíceis e complexos, propiciando diálogos que chegassem à aproximação das vivências dos alunos com baixa visão. Dessa maneira, avançamos em nossa pesquisa, por meio de um trabalho de esforço e dedicação que foi essencial para concluirmos cada etapa proposta nessa construção.

Quadro 12: Organização dos Núcleos de Significação

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
<b>INDICADOR 2</b> AFETOS QUE MARCAM AS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO	<b>NÚCLEO 1</b> <b>VIVÊNCIAS SIGNIFICADAS: DIFICULDADES E ENFRENTAMENTOS QUE CONSTITUEM A IDENTIDADE AFETIVA DE SUA FORMAÇÃO</b>
<b>INDICADOR 4</b> LUTAS E ENFRENTAMENTOS ADVINDAS DE SUAS SIGNIFICAÇÕES	
<b>INDICADOR 14</b> VIVÊNCIA E INCLUSÃO NOS SEUS PROCESSOS FORMATIVOS	
<b>INDICADOR 16</b> MARCAS AFETIVAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA JORNADA PELO SONHO	
<b>INDICADOR 1</b> INEDITOS QUE CONSTITUEM SUA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO	<b>NÚCLEO 2</b> <b>RESISTINDO À REALIDADE DA DEFICIÊNCIA E CONSTITUINDO SUA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO</b>
<b>INDICADOR 4</b> LUTAS E ENFRENTAMENTOS ADVINDAS DE SUAS SIGNIFICAÇÕES	
<b>INDICADOR 10</b> AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR MEIO DA DEFICIÊNCIA VISUAL	
<b>INDICADOR 15</b> SUBJETIVIDADE HUMANA, E SABERES DE UMA VIDA	

Fonte: Elaborado pela autora.

A terceira etapa foi a sistematização dos Núcleos conforme a seguir. Em meio a todo o processo já descrito, ficamos com cinco núcleos. Houve sistematização mais clara e organizada por meio de tabelas com cores diversas, para visualizar as diferentes fases do processo descrito. É válido ressaltar que tais cores não foram usadas para fazer o levantamento dos pré-indicadores e indicadores, mas para organizar após a tabela, destacando o caminho percorrido.

## SEÇÃO 5 - O MOVIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

[...] o que ocorre em cena é apenas uma parte da projeção e do reflexo de outros acontecimentos que se desenvolvem nos bastidores (VIGOTSKI, 1999, p.13).



O objetivo desta seção consiste em apresentar as análises e interpretações das informações produzidas dos núcleos de significação, que nos possibilitaram avançar do empírico para o interpretativo, permitindo realizar movimentos dialéticos, superando a dicotomia entre objetivo e subjetivo, ou seja, numa aproximação das zonas de sentidos dos alunos com baixa visão na trajetória do ensino superior.

Para chegarmos a essa etapa do processo analítico-interpretativo dos Núcleos de Significação, partimos das informações produzidas por meio da entrevista semiestruturada, que culminou no levantamento de 142 (cento e quarenta e dois) pré-indicadores, na sistematização de 17 (dezessete) indicadores e na articulação desses indicadores em 5 (cinco) núcleos, como podemos verificar na figura ilustrada.

### 5.1 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO 1: VIVÊNCIAS SIGNIFICADAS: DIFICULDADES E ENFRENTAMENTOS QUE CONSTITUEM A IDENTIDADE AFETIVA DE SUA FORMAÇÃO

O núcleo 1 foi formado pela sistematização de quatro indicadores, como mostra a figura, que por sua vez, foram constituídos por meio da aglutinação de 51 (cinquenta e um) pré-indicadores. Os indicadores desse núcleo e dos demais foram interpretados com base nos princípios de similaridade, complementaridade e contraposição, segundo Aguiar e Ozella (2006; 2013), na tentativa de romper com o empírico.

Quadro 13: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 1.

<b>INDICADOR 2</b> AFETOS QUE MARCAM AS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO	<b>NÚCLEO 1</b> <b>VIVÊNCIAS SIGNIFICADAS: DIFICULDADES E ENFRENTAMENTOS QUE CONSTITUEM A IDENTIDADE AFETIVA DE SUA FORMAÇÃO</b>
<b>INDICADOR 4</b> LUTAS E ENFRENTAMENTOS ADVINDAS DE SUAS SIGNIFICAÇÕES	
<b>INDICADOR 14</b> VIVÊNCIA E INCLUSÃO NOS SEUS PROCESSOS FORMATIVOS	
<b>INDICADOR 16</b> MARCAS AFETIVAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA JORNADA PELO SONHO	

Fonte: Elaborado pela autora.

Os indicadores levantados por meio das falas significadas de Inédito (2021) e Superação (2021), os quais constituíram nosso primeiro núcleo, revelaram vivências traçadas em suas tessituras, mostrando as dificuldades dos alunos com baixa visão, dos afetos interiorizados na formação acadêmica e social, dentro de suas particularidades e universos únicos e singulares das vivências e experiências produzidas nas relações que se formaram e foram constituídas de significações que exprimem a subjetividade apresentada em seus diálogos. De acordo com Lane (1984, p. 15),

Se a Psicologia apenas descrever o que é observado ou focar o Indivíduo como causa e efeito de sua individualidade, ela terá uma ação conservadora, totalizantes ideológica-quaisquer que sejam as práticas decorrentes. Se a homem for visto como produto e produtor, não só de sua história pessoal da história de sua sociedade, a Psicologia estará apenas reproduzindo as condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social.

Os núcleos de significação auxiliam nas análises e interpretações das informações por meio de um método que permite investigar uma totalidade que abrange o campo social, emocional, cultural, histórico, em meio a relações que são produzidas e interpretadas, não apenas reproduzidas com fatos e observações diretas, mas com uma compreensão de que todos os campos da formação humana possibilitam interpretações possíveis, ancoradas numa realidade social, ativa, constituídas de transformações, contradições e um sujeito com emoções instáveis, que não são apenas causa, efeito, mas uma conjuntura de significações, afetos, dentro de um campo dialético.

Segundo Vigotski (2001a), o homem se constitui por meio da história e se revela nas vivências, ao longo de um tempo e acontecimentos significados, daí a importância de chegarmos à gênese, à origem, aos motivos, partindo da realidade do empírico, conduzido por meio do método e do instrumento de análise e interpretação dos núcleos de significação, dando atenção à fala do sujeito em questão, das mediações traçadas. Dentro desta perspectiva, o indicador 2- **Afetos que marcam as Relações Socioafetivas Entre Professor e Aluno** discute as dificuldades dos entrevistados, na relação com os professores nas vivências da sala de aula, sua rotina, cotidiano, dilemas, enfrentamentos, lutas, que serão apresentados por meio de trechos das entrevistas. O indicador 2 constitui pré-indicadores que conduzem o primeiro núcleo de significação **Vivências Significadas: Dificuldades e Enfrentamentos que Constituem a Identidade Afetiva de sua Formação**. Nessa direção, as falas a seguir dizem que:

*(Inédito) Foi quando eu estava em sala de aula, tava fazendo um curso e que tinha como uma das disciplinas, matemáticas com matemática financeira e eu perguntando pro professor que estava no slide o professor vira, pergunto três vezes, na terceira vez ele vira pra mim e diz assim: [...] eu não tenho culpa se a instituição aceitou ter um aluno com deficiência visual. Isso pra mim que até então na época era um fato, e intrigante, porque foi o primeiro impacto de fato, que de preconceito vivenciar ele mesmo dentro de sala de aula, que isso impactou [...]. E e aí eu virei professor: Também não tenho culpa, tremendo isso. Imagina uma pessoa tremendo, a voz tremia [...]. E eu queria que a pessoa dissesse sim, porque eu sou também não tenho culpa, se o senhor não sabe.*

Impactado é a palavra que faz referência ao sofrimento que desencadeia vivências que trazem a dor, transportada no íntimo, no oculto de Inédito, o medo de errar, fracassar, sofrer com uma consciência que orienta a seguir, alcançar, mas entre esses dois universos, dilemas de encontrar um lugar no qual não acreditem ser uma obrigação ou por culpa, mas que reflitam e entendam o direito conquistado, valoroso e que não precisa ser doado, mas que foi alcançado pela força da luta:

*Inédito) [...]muita das vezes alguns professores ficavam com raiva de mim, porque eu pausava a aula e falava, o professor pelo amor de Deus, o que é isso aqui? Tá aqui [...], aqui aonde? Eu não vejo e eu já vi professor errado, pelo amor de Deus, eu tenho que parar toda hora pra poder explicar pra você... Eu falo, pelo amor de Deus. E eu tenho que ficar toda hora chamando pra atenção dizendo que eu não vejo [...].*  
*Superação) [...] tive dificuldade de acesso a um conteúdo não sei se foi no segundo período mas eu acho que foi era pra gente desenvolver um trabalho e e eu falei eu não fiz o trabalho porque o material que você me enviou não foi acessível eu preciso que o conteúdo seja acessível e você não, não mandou um conteúdo acessível. Então, ele olhou e disse, então se vire, então se vire, você tem o departamento pra você se vire entendeu [...] Eu me senti assim muito desestimulada porque se no início eu estava eu estava vivenciando aquilo, antes imagine depois né porque cada período são professores diferentes então eu poderia encontrar até pior.*

Inferimos na fala de Inédito (2021) que suas primeiras vivências no ensino superior foram permeadas de desafios e dificuldades na relação com seus professores, constituindo vivências que marcaram sua história, motivando sentimentos de vergonha, incapacidade, negação, retratando a situação apresentada ao professor, que tratava Inédito como não merecedor da devida importância, não enxergando a responsabilidade enquanto profissional da educação. Tal situação deixa evidente como os espaços de educação formal e os professores não se sentem seguros, capacitados para lidar com a diversidade de deficiências: [...] *Dos*

*professores que eu tive acesso eles ficaram deu pra perceber que eles ficaram com medo. Com aquele receio. Que que eu vou fazer? No começo até eu não sabia o que era pra fazer [...] Então assim, foi um aprendizado mútuo [...].* Também é revelado um professor que, além de não compreender a particularidade do seu aluno, não se preocupou no momento referido em buscar alternativas posteriores, ou mesmo uma escuta sensível para com Inédito, demonstrando sentimento de desprezo que reverbera no sentido atribuído à vivência com o professor na sala de aula.

O medo se revela tanto por parte dos professores quanto dos alunos e esse sentimento angustiante vai tomando novas significações a partir da interação, convivência, nas descobertas, nos erros e acertos, na conversa, no ouvir como o seu aluno lida ou mesmo precisa. O medo está presente na vida de todas as pessoas por diferentes motivos; o medo, apesar de compor e constituir parte das emoções e sentimentos, tem um novo sentido, que é o medo de parar, desistir, mantendo caminhos diferentes na forma de sentir o medo dos entrevistados, compreendemos que ocorrem significações diversas na maneira como se enxerga os desafios e as condições que potencializam novas ações.

Diante do confronto para falar e ser ouvido, Inédito sente o peso das travas e lutas diárias, não quer ser um peso ou problema para os colegas e professores, seguindo na caminhada pela inclusão social, pelo reconhecimento de seus direitos e lugar na Universidade. Isso pode ser observado em seu relato quando ele afirma que sua voz tremeu no momento em questão, mobilizando emoções diversas, deixando nervoso, com vergonha e inquietação, desvelada diante da atitude do professor.

Neste sentido, apreendemos na fala de Superação (2021) que, apesar de vivenciar uma situação diferente da fala de Inédito, os diálogos conversam entre si: apesar de ambos estarem na sala de aula, estão em um processo de integração que alimenta a segregação, no qual estão inseridos na sala de aula, mas não estão envolvidos, fazendo parte de um processo pouco significativo, que pouco frutifique afetações, mediações socioafetivas de forma a ser positivo para o crescimento pessoal e profissional. Superação ainda demonstra em sua fala sua indignação em não estar acompanhando suas atividades por motivos que não cabem em seu papel de aluna, o que se reflete no papel colaborativo que professores e alunos devem manter ao longo da formação. Há muitas dificuldades sentidas, interiorizadas pela deficiência visual, ganhando forma por meio da ação negativa do esquecimento, distanciamento de uma prática pedagógica e humana que viabiliza meios e condições necessárias para mediar as relações objetivas e subjetivas do aluno. Ainda nessa fala, esclarecemos a intensidade dessas significações, possibilitando sentidos e significados de medo, desmotivação, insegurança de

realizar atividades, ou mesmo de ter autonomia, gerando conflitos que partem do contexto da sala de aula para a identidade do sujeito.

É notório que a negação do professor é sentida pelos alunos, que mesmo nos seus universos diversos a dialética atravessa as histórias, experiências e vivências; os acontecimentos se conectam no papel desempenhado na atividade do professor: negar o outro e seu lugar de direito provoca emoções que potencializam o sentimento de fracasso, alimentando a sensação de estar sozinho em meio aos conflitos diários, numa luta que vai desde a família até à Universidade, sabendo que existe uma linha tênue entre dever e fazer que a sociedade por diversas vezes rejeita.

Lidar com conflitos não é tarefa fácil para a maioria das pessoas, e se pensarmos na pessoa com deficiência ou mesmo baixa visão, podemos aludir que mediante situações e frustrações afetadas pelos professores de Inédito e Superação, chega a ser irritadiça a forma como os docentes lidaram com os questionamentos dos alunos e com as expressões de suas necessidades educativas, quebrando um código moral e interpessoal da relação com seus alunos e seus universos múltiplos. Dessa forma, Mantoan (2004) afirma que incluir é uma mudança de atitude, ou seja, é visualizar a importância do outro em todo o processo, é criar formas de interagir, incluir. Assim, é essencial para a formação e constituição de todos ditos “normais” ou sem deficiência, é de uma atividade sobre o mundo e no compartilhar com os outros que a diversidade se mobiliza em transformação que emana possibilidades de igualdade de condições.

Barbosa (2006, p. 83) define a empatia como “[...] trabalhar numa perspectiva de ajuda, cooperação, escuta sensível e incentivo, procurando entender as dificuldades, perspectivas do aluno-professor; pondo-me no lugar do outro [...]”. Os professores não demonstraram em sua fala e atitude a empatia, negando-se a uma escuta sensível, um diálogo aberto, ou mesmo aproximar da história, contexto, necessidades, constituindo logo nos primeiros encontros com os alunos uma fala ríspida, desrespeitosa para com a individualidade humana.

As vivências não são esquecidas pelos sujeitos, não sendo diferentes com os alunos, as marcas subjetivas, objetivas e emocionadas estão interiorizadas na fala, expressão ao longo das entrevistas, nos escritos, revelando o sujeito em sua completude emocional e sociocultural, cognitiva. O negar, seja qual for a instância, atravessa uma linha de pensamento na qual podemos nos perguntar: existe um lugar que sou aceito e outro que não? Mas todos os espaços não deveriam ser livres e poder ser explorados?

*(Superação) [...] esse professor foi muito difícil sabe assim foi eu na verdade eu não eu não vou dizer que eu eu pensei em desistir não sabe não, não, não*

*chegou a passar isso, isso na minha cabeça assim não graças a Deus né? Mas me desestimulou bastante[...] o problema que a gente tinha que resolver era ele mesmo era outro e nem eu sozinha era ele mesmo mas infelizmente ele foi é muito pobre nessas, nessa nessa situação.*

*(Superação) Ele infundiu libras com braile, e aí eu falei assim não professor você está falando de libra de libras né? Ele disse é é mas não é o que vocês usam e disse não o que a pessoa com deficiência visual usa? não, é o braile é o tátil aí falou ah o entendeu? são essas coisas que eu acho que precisa ser mais trabalhado[...] na cabeça deles e o professor dele de universidade e um aluno com deficiência visual ele pode não sabe andar sozinho E sabe, eu acho que é uma benção não ando mais que eu não posso.*

Ainda enfatiza que:

*(Superação) [...] Tem uns que dizem assim do jeito que você fizer está bom...assim o que que ele quer dizer com isso? Quer dizer que mais que eu tenha uma limitação eu não posso desenvolver igual aos outros e eu posso [...].*

O sentimento de redução de si, da capacidade de fazer e realizar, mesmo com as limitações, gera dor. Na fala expressa por Superação (2021), ocorre uma tempestade de opiniões acerca do que pode ou não fazer, não no limite que o outro sujeito compreende, mas no que de fato Superação é capaz de dizer e concretizar por meio da sua atividade. Dentro desta preceptiva, muitas vezes ela se deparou com situações que a fizeram se sentir desvalorizada, desprezada, limitada, atribuindo mais sentidos negativos, mas que se resignificaram em força para se desafiar ainda mais com intensidade. Mediante as reflexões e interpretações, Mantoan (2003, p. 16) defende a ideia de que:

*[...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.*

Ao longo do processo constitutivo dos colaboradores, os desafios e superações provocaram sentidos e significados que revelam suas capacidades como um ser em potencial apesar das contradições e relacionamentos com os professores, na grande maioria, ter um encontro de afetos que fragilizaram os motivos, interesses e sonhos; as significações possibilitaram mover-se em campos diferentes, hora foram negativas e por outra positivas; o protagonismo evidente na trajetória ajudou a perceber-se a si mesmo, favorecendo afetos que não prendem em situações ruins, paralisantes, mas que moveram a atividade sobre o mundo e os sujeitos reconstituindo relações, acontecimentos marcantes.

Frente a essa discussão, a inclusão se dá para todos, não somente para os alunos com deficiência visual, mas os sujeitos com alguma necessidade educacional precisam de um atendimento diferenciado, mas que não o faça sentir distante dos demais a sua volta, assim como Mantoan (2003) afirma, que a inclusão é uma mudança de perspectiva educacional, mas que reflete nos campos socioculturais, afetivos, cognitivos. Os alunos ao adentrarem, seja na educação básica ou superior, buscam instâncias de apoio para mediar melhor suas dificuldades, e ao se deparar com professores que não estão atentos à particularidade de cada um gera impactos incontáveis. Dentro desta ótica, diz Inédito: [...] *já aconteceu alguns embates de uma professora, de uma professora me dá uma nota baixa isso é antiético, automático porque eu estava chamando a atenção dela [...]*.

*[...] quando eu mudei de turma que eu conversei com o professor e o professor aconteceu isso e isso, não preciso do senhor mudar minha nota nem nada ele me deu a explicação em menos de uma hora. O que a professora levou praticamente quase um mês me explicando que eu não consegui compreender nada, ele não explicou em quarenta minutos em quarenta minutos eu fiz a atividade, sem ajuda de ninguém, eu fiz atividade sozinho [...]*.

Frustrações foi um dos sentimentos que mais afloraram ao longo da formação: desde o início do curso, os embates com os docentes foram se delineando, favorecendo conflitos, distanciamento, muitos desafios foram sendo evidentes, adaptação a cada novo período, novos professores, lidar com a deficiência, as atitudes de sujeitos e os limites de ser um aluno como outro, aflorando um percurso de conflitos pessoais, socioemocionais. Inédito não se calou com as injustiças, buscou ser ouvido de outras maneiras, levando consigo a marca da luta constante, representando não somente sua deficiência, como também alcançando as pessoas com deficiência na Universidade.

Na fala de Inédito (2021), pode-se apreender que sempre acompanhou e buscou oportunidade, meios para criar formas de desenvolver atividades com autonomia, e isso advém também da incessante cobrança dos professores em busca de ajuda; todavia a transformação do próprio espaço educativo se deu mais por meio de Inédito e até mesmo de Superação, quando diz que [...] *os professores entendem quem deve fazer tudo isso é o aluno quem tem que trabalhar a inclusão é o aluno sozinho quando eu acho que é uma luta de todo mundo*. Em virtude mais de suas escolhas e intervenções do que da participação dos docentes, é possível visualizar que a professora se sente ameaçada, insegura, negando não somente o direito, como também os próprios sentimentos humanos, afetando a aproximação necessária da relação entre

o professor e o aluno, delegando responsabilidades além das exercidas para Superação, ausentando-se suas responsabilidades éticas e morais. Dessa maneira, a fala de Superação revela: [...] ***Mas mesmo sabendo que não é uma temática muito fácil de ser trabalhada, viu? Porque não é todo mundo que se disponibiliza em trabalhar contar como ela realmente.***

Apesar da falta de conhecimento, formação adequada, poucos recursos, não se pode justificar a participação efetiva, afetiva do professor para com os alunos. Esses sujeitos entram na Universidade com o desejo de superar suas histórias de vida, conquistar novos espaços, representar tantos outros que não tiveram as mesmas condições, se deparando, porém, com a dura realidade de professores que veem os desafios dos alunos com baixa visão e não auxiliando, mas alimentam a constituição de sentidos que geram desprazeres não só com a formação na qual estão passando, mas em projetos futuros. De acordo com Soares, Araújo e Pinto (2020, p. 74), “os desafios vividos não se reduzem, portanto, à experiência da sala de aula; são amplos e fazem parte da constituição histórica da realidade objetiva e subjetiva”.

Dentro deste prisma, todas as vivências e experiências historicamente constituídas na sala de aula, nos relacionamentos e vínculos afetivos atravessam toda a vida, a formação do ser, sendo eles amplos e múltiplos, podemos identificar consequências de afetos que os encorajam ou não, a depender da forma como o ser enxerga ou mesmo é visto nas relações sociais.

Ao apreender a fala analisando também a entonação e a forma como descrita, Superação (2021) sentiu-se desmotivada a seguir em frente na caminhada pela inclusão; no seu processo acadêmico, ao perceber a forma como os professores lidavam, começou a pensar que sua jornada pela inclusão e superação de suas limitações seria solitária, gerando uma desapropriação do coletivismo, da participação do professor mediante a necessidade visual. Ao mesmo tempo, a fala exprime espanto, frustração com a desqualificação de conceitos previamente existentes pelo professor no campo da inclusão, fazendo-a repensar os saberes apreendidos pelo docente, fragilizando a mediação, afetividade sócio-histórica de sua constituição humana. Também podemos observar que:

(Superação) [...] ***tive uma professora que ela foi marcando assim ela realmente ela foi marcante na minha na minha vida acadêmica sabe? Porque ela é inclusiva ela é uma pessoa que trabalha dentro da inclusão [...].***

De acordo com a fala, ao mesmo tempo em que vivências negativas integram o processo constitutivo, afetos de vivências positivas, que alimentam o esperar de oportunidades e possibilidades formativas, emocionais, novas relações se estabeleceram mediando significações

que permitiram sonhar, desenvolver-se melhor diante dos enfrentamentos diários na sala de aula, na Universidade, com os sentidos passando a ser reinventados diante do olhar da professora, da prática pedagógica que apresenta um sujeito além de suas capacidades, para o centro do processo formativo, buscando aprendizagens e saberes tanto para Superação, como a professora. Dentro deste prisma, afirma Soares (2006, p. 62): “é a partir da luta pela construção de novos sentidos que o sujeito supera, ou não, seus conflitos e satisfaz, ou não, suas necessidades. É a partir do processo de satisfação das necessidades do sujeito que surgem os motivos”.

As falas retratam os novos sentidos apreendidos, como também a forma como estão internalizando os afetivos positivos e negativos:

*(Inédito) [...] não são todos os professores, de todos os professores que eu que eu tive são apenas foi uma [...]*

*Superação) [...] a gente vê que tem professor que é mais que vê que o aluno tem capacidade né e que puxa pelo aluno que eu adoro [...]*

*(Superação) [...] Mas assim tem outros que são acessíveis sabe? Muito muito bom muito de muito que me inclui sabe? [...].*

Os sentidos mudaram a partir de novas situações, experiências e vivências, fruto de necessidades que foram supridas, gerando afetos satisfatórios para eles próprios, significados, com motivações para olhar o passado, numa esperança de futuro, pautado na realidade que o circunda, mesmo reconhecendo que as mesmas ou outras dificuldades e limitações virão, seja por parte do outro ou mesmo na história de vida. Assim, a historicidade está marcada por contradições, impedimentos, maneiras diversas e caminhos que podem gerar apenas experiências que não levaram a sentidos que conduzem a outras realidades subjetivas e objetivas.

Esse entrelaçar de informações e interpretações fica explícito nas falas de Inédito e Superação, por meio da afetividade, tanto positiva quanto negativa, na constituição dos alunos:

*(Inédito) [...] No primeiro dia de aula, o professor sabia meu nome, sabia como eu trabalhava, como eu estudava, porque a DAIN tinha encaminhado um memorando, e ela faz isso com todos os alunos com deficiência, estudo na UERN encaminhando memorando para o departamento, e o departamento encaminha para os professores [...]isso me impressionou tanto, porque o professor sabia meu nome, não sabia que eu era eu né? [...]. Isso me impressionou tanto, porque o professor sabia meu nome [...].*

A importância de ter um nome, de ser chamado por ele, mostra que temos uma identidade, uma história, um universo próprio, único, singular; um simples ato de chamar o

outro, de saber que ele faz parte daquela sala, não de outra, bem como da Universidade, faz a diferença na forma de ensinar e de aprender, constituindo uma relação de vínculo, conhecimento, dotada de um sentido significativo à identidade humana.

Nas falas acima, podemos compreender que muitos afetos positivos com professores foram constituídos, boas experiências e vivências foram significadas, desde o fato de ser lembrado de uma simples conversa no primeiro contato fez sentir-se valorizado, enxergado, pelo meio e pelos outros alunos. O trabalho desenvolvido pela DAIN, junto aos colaboradores da UERN, fomenta novos horizontes, possibilitando experienciar um processo educativo com maiores e melhores condições de superar e conseguir ter uma longevidade formativa, favorecendo relações que multiplicam boas ações que elevam as chances dos alunos com baixa visão ou demais deficiências assegurarem um lugar de acolhimento, transformação, constituindo-se nas barreiras, oportunidades, escuta e fala, nos sentidos subjetivos, mas também objetivos, sociais. Vejamos a fala de Superação:

*Superação) Mas tem uns que vê que assim que eles investem em você porque ele vê que não é por causa que você tem uma deficiência que você é limitado e que você não tem capacidade de desenvolver uma atividade, um trabalho produtivo [...].*

O professor pode possibilitar diversos caminhos para o estudante, e na fala de Superação (2021) entendemos que ela pode ir além, doar mais, participar, ser incluída, perpassando barreiras atitudinais, que se refletem na identidade subjetiva, tecendo momentos importantes que conduzem a outros níveis de potencial de aprendizado e desenvolvimento, tomando posse de uma alteridade, autoria. Quando Superação afirma “*eu posso*”, nos conduz a apreender que ela conhece suas capacidades e deseja superar os limites que a deficiência ou a sociedade impõem, reafirmando seu lugar e o poder que as significações exercem na formação identitária. No indicador 4- **Lutas e enfrentamentos advindos de suas significações**

Esse indicador aglutina pré-indicadores que se relacionam com as vivências de suas trajetórias de vida e formação, os sentimentos e as lutas que viveram e ainda enfrentam em meio à busca pela superação e inclusão na caminhada da educação, elucidando a força e coragem dos alunos. Vejamos:

*(Inédito) a minha trajetória ela é muito não é que não é porque acaba sendo um espectador da minha própria história, mas porque aconteceram muitas muitos fatos realmente nessa minha trajetória da educação que eu posso dizer que hoje eu tenho alegria de permitir, que outras pessoas com deficiência visual tenham a oportunidade de ingressar nos seus estudos,*

*tenham tenham acesso à leitura, alfabetização, possam chegar no mestrado, doutorado.*

(Inédito) *Talvez nem todas as pessoas teriam essa força mental, essa esse índice psicológico de tentar tornar o negativo positivo, porque pra mim foi difícil [...].*

Mediante a fala de Inédito (2021), mesmo com suas lutas, perdas e conquistas em sua trajetória, não foi fácil, ocorreu um esforço interno de ressignificar os sentidos em negativos para positivos, mediante vivências dolorosas, na busca de um olhar para as situações em outra perspectiva, mantendo-se firme mesmo nos fracassos, buscando sempre uma postura ativa, entusiasmante, construindo pontes para outros espaços, havendo nesse mesmo percurso tristezas e desânimos, principalmente quando posturas de professores ou mesmo pessoas de sua convivência não fomentaram uma acessibilidade atitudinal. Aguiar (2001, p. 102) explica:

O homem, ao internalizar alguns aspectos da estrutura da atividade, internaliza não apenas uma atividade, mas uma atividade com significado, como um processo social que, como tal, é mediatizado semioticamente ao ser internalizado.

Ao internalizar situações, vivências ou mesmo experiências, o homem leva consigo significações, afetos, emoções, que foram constituídas na atividade social, nas interações, quando realizadas e atribuídas ou sentidas, elas se interiorizam, ficando no oculto do sujeito, em sua subjetividade, marcada por um processo social, objetivo e subjetivo. Conforme as investigações, compreendemos que muitos sentidos foram atribuídos na Universidade, mas fora dela também, na família, comunidade, nelas se exprimindo os sentidos e significados; como ficou evidente na fala, os sentidos, apesar de serem recebidos, a princípio foram sentidos como algo que fizesse os sujeitos se sentirem fracos, impotentes, mas modificam pelos movimentos dialéticos e refazem-se em novos, com novos motivos, sensações e potencializam a atividade humana de forma significativa. Em consonância com essas ideias, se faz necessário salientar a importâncias das emoções. Segundo Vigotski, (2010, p. 139),

Toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente e infrutífero no comportamento. Ao sermos afetados, se alteram as conexões iniciais entre mente e corpo, pois os componentes psíquicos e orgânicos da reação emocional se estendem a todas as funções psicológicas superiores iniciais em que se produziram, surgindo uma nova ordem e novas conexões.

Todas as nossas funções do corpo e da mente se conectam: as emoções fazem as relações auxiliarem nos sentidos, o homem sente cada emoção, não sendo indiferente no que se refere a sentir, mas pode escolher recusar ou alimentar o que está sentindo, como tristeza, alegria, medo ou segurança, alterando, assim, a atividade do homem, seja ela corporal, biológica, psíquica. Quando passamos por algo, sentimos de uma forma ou de outra, não podemos fugir das emoções, apesar de às vezes não estarem definidas, são elas que carregam as novas conexões e subjetividade, movendo em diferentes direções.

Dessa maneira, podemos refletir, por meio de Sasaki (2005), que a acessibilidade atitudinal está presente em programas e práticas de sensibilização e de conscientização dos sujeitos em geral e da convivência que se constitui em meio à diversidade, resultando em quebra de atitudes preconceituosas, estigmas, estereótipos e discriminações, e na forma como as ações são configuradas, como a postura é transformada, deixando aqueles conceitos preconcebidos para uma consciência que se pauta na realidade de seu próprio aluno. Também podemos apreender:

(Inédito) [...] *eu não queria que nenhuma pessoa com deficiência visual passasse pelo que eu passei [...].*

A partir dessa fala, podemos interpretar que ao olhar para suas dificuldades enquanto aluno com deficiência visual não foi fácil ter que vivenciar e sentir os afetos apreendidos das vivências dolorosas e cheias de desafios: muitas atitudes, palavras e ausências foram interiorizadas, daí o sentimento de que ninguém tenha que passar pelo mesmo. Também podemos observar que há uma sensibilidade, empatia, para com o outro de não desejar acontecimentos semelhantes, pois a dor é carregada na subjetividade humana e, apesar de novos sentidos, não deixa de ser sentida:

(Superação) [...] *porque quando eu morava com a minha mãe eu não tinha nem o direito de fazer uma academia porque eu não podia que eu era deficiente visual, porque eu eu podia ir pra academia, eu podia cair por cima das máquinas, não podia fazer isso, podia fazer aquilo. Entendeu? Entendo. Isso não me fazia bem, fazia mal um terrível mal, eu eu era uma pessoa que eu não tinha direito de escolher, pra eu ir o que fazer, porque eu era deficiente[...].*

Na fala de Superação (2021), algo que sempre incomoda é o fato de sentir que não pode realizar algo, ou mesmo quando alguém diz que ela não pode fazer e realizar determinadas atividades, entretanto, o fato de sua mãe ter excessivo cuidado e proteção a fez sentir sufocada,

presa àquele contexto, pois não teve por muito tempo o direito de escolha, a liberdade de ir e vir, de se aventurar, ultrapassar limites sozinha com suas próprias decisões e escolhas. Para ela, a deficiência não foi o maior impedimento, mas a forma do tratamento de sua mãe na sua inocência e falta de conhecimento acerca da deficiência visual, ocasionando certas consequências, deixando por muitos anos a vida de Superação mais desafiadora. Acerca dos sentidos, afirmam Soares, Araújo e Pinto (2020, p. 75): “Especificamente sobre o sentido, convém registrar que, além das propriedades cognitivas, também devem ser considerados os aspectos afetivos que o constituem como uma zona do psiquismo humano”.

Nos sentidos podemos constituir saberes, conhecimentos, mas eles potencialmente se deslocam por meio da afetividade, a forma como reagimos às afetações das relações. De acordo com o exposto, os alunos marcam seus processos por meio dos sentidos, mas que sentidos são esses? Sentidos que se entrelaçam de satisfação e insatisfação, tristeza e alegria, havendo unificação de polos diferentes e reconhecimento de que há algo maior que deve ser conquistado: o direito de viver, escolher, crescer, transformar, o direito de se constituir da forma como desejar, não se abstendo da realidade, mas enfrentado com clareza nas fraquezas e na coragem.

Atividades simples pareciam grandes obstáculos, porém Superação carregava sonhos, desejos e motivos que levaram e conduziram o sonho de chegar à Universidade, a retomar seus estudos, mesmo após anos fora da escola, tendo a coragem de ir para outra cidade e estudar, se desafiar mesmo com suas necessidades educacionais. Explorar os medos, limites tornou a aluna uma verdadeira superação, deixando um marco para sua família e comunidade em geral, desencadeando e constituindo significações que alimentam novas motivações na construção de história como mãe, esposa e estudante com baixa visão. González Rey (2003, p. 242) destaca que “a emoção caracteriza o estado do sujeito ante toda ação, ou seja, as emoções estão estreitamente associadas às ações por meio das quais caracterizam o sujeito no espaço de suas relações sociais”.

Todos os acontecimentos experienciados e vivenciados são preenchidos de emoções, sentimentos, que constituem a identidade do ser sujeito aluno. Nas relações, as emoções se expandem, contribuindo no processo de atribuir significações à atividade do homem sobre o mundo e as pessoas, considerando que o sujeito é completo e não se reduz às questões biológicas ou emocionais. Portanto, os alunos carregam essas emoções, fato importante de ser compreendido, pois mediam as relações e os processos psíquicos e sociais.

#### No Indicador 14- **Vivências e inclusão nos seus processos formativos**

O indicador deste núcleo é fruto da aglutinação de pré-indicadores que nos revelam as compreensões sobre inclusão vivenciada, bem como a forma de conceituar o termo na perspectiva da realidade da aluna, principalmente quando nos deparamos com esses relatos:

(Superação) [...]  *você sabe que que a inclusão ela não é feita ela não é composta só do do falar né? Eu não sou eu falar foi ah é a gente vive inclusão a gente defende inclusão a gente nós somos inclusão não é isso? Você tem que viver a inclusão[...].*

(Superação) *A lutar pelos nossos direitos, nosso espaço, pela e e se defender também diante das afrontas, né? Que nos sobrevivem a cada dia que a gente vive um a gente vive uma guerra todos os dias[...].*

(Superação) [...] *tem pessoas que veste mais essa essa luta né? [...] Que abraça a causa mas tem pessoas que tem tem mais dificuldade, mas assim o que você vai conversando eles vão entendeu? uau mas é é um processo né você sabe que é um processo é uma é uma é um caminho a ser andado todos os dias então, então não é fácil a inclusão é não é fácil, mas é algo que a gente precisa estar lutando todos os dias pra ir superar pra ir superando né o desafio.*

Nos relatos apresentados, podemos compreender como a inclusão se tornou mais um discurso do que prática social que vai de encontro à pessoa humana, das necessidades. Superação enxerga a inclusão por meios de atos concretos que levem as condições de se desenvolver plenamente, assim como os demais ditos normais. Em sua fala, podemos analisar a necessidade de experienciar, vivenciar afetações positivas, significativas de espaços, tempos, lugares e sujeitos que vejam como um ser em potencial, completos. Dessa forma, a necessidade se torna maior quando não negamos a realidade do aluno e o universo que ele revela. Nesse sentido, a inclusão de sujeitos que constituem os ambientes, escolares ou universitários, precisam ir “criando estratégias e condições adequadas para que os alunos possam aprender, individual e coletivamente” (DUEK, 2014, p. 24).

Lutar é a palavra mais utilizada para descrever esses alunos, eles estão em busca de um lugar, entretanto, a luta e a resistência geram cansaço, esgotamento psicológico. Nas falas podemos evidenciar que não é fácil fazer a inclusão acontecer, seja qual for o espaço; na Universidade não é diferente: esses alunos traçam suas historicidades na busca da superação. Por isso podemos elucidar que de fato Superação (2021) explicita a forma como enxerga seus dias de lutas quando diz: [...] *a cada dia que a gente vive um a gente vive uma guerra todos os dias [...].*

A inclusão é apreendida dessa forma por Superação:

*[...] não, eu não, não defendo que a gente tenha isso, conteúdo fácil, prova fácil não. O que eu defendo é que a gente tenha um conteúdo acessível [...].*

Frente à discussão teórica e a fala da aluna, podemos perceber que é necessário superar a ideia de que a inclusão se dá somente nos discursos teóricos, nos significados que exercem, mas principalmente nos sentidos que provoca, nas condições dignas, adequadas que fomenta, nas possibilidades elaboradas. Dessa forma, Carvalho-Freitas *et al.* (2015, p. 217) defendem que “negava aos referidos alunos a possibilidade de realizar atividades básicas que poderiam contribuir mais efetivamente para o desenvolvimento de uma vida autônoma”.

Discutindo acerca dos sentidos, dizem Aguiar *et al.* (2009, p. 63): “Constituem-se a partir de complexas reorganizações e arranjos, em que a vivência afetiva e cognitiva do sujeito, totalmente imbricadas na forma de sentidos, são acionadas e mobilizadas”. Mediante as discussões já constituídas, os sentidos são constituídos de forma dinâmica que mobiliza a atividade do homem, de forma que os sentidos dos alunos, apesar da complexidade que os envolve, se constituíram de situações, momentos, que se formaram em vivências que impulsionaram motivos para seguir com seus projetos de vida, mesmo nas angústias, inquietações, desprazeres e satisfações. Nenhum desses sentimentos e emoções pode ser completamente definido entre positivos e negativos, mas que foram significados ao longo das tessituras de vida. Conforme podemos elucidar, os sentidos estão conectados nas vivências exercidas.

Podemos ainda inferir que o termo “acessível”<sup>2</sup> é compreendido de maneiras diferentes pelos alunos e professor; alguns profissionais acreditam que acessibilidade<sup>3</sup> está relacionada ao acesso, quando na verdade ocorre uma discrepância de sentidos e significados dessas palavras, levando a conjunturas complexas em sala de aula, colocando os alunos em situações inadequadas que dividem uma educação inclusiva para todos.

#### No Indicador 14- **Marcas afetivas de vivências e experiências na jornada pelo sonho**

O indicador deste núcleo é fruto da aglutinação de pré-indicadores que nos revelam as compreensões sobre afetações constituídas na relação de Superação com sua mãe, família e a

---

<sup>2</sup> Acessível é quando seus professores fornecem o texto com letra legível, antes do encontro da aula, quando tem acesso a slides e outros materiais os quais ela possa manusear e enxergar com facilidade, incluindo por meio também dos recursos utilizados.

<sup>3</sup> Segundo o dicionário, acessibilidade é qualidade ou caráter do que é acessível, facilidade na aproximação, tratamento ou aquisição.

luta pelo sonho de estudar e conseguir alcançar uma vaga na Universidade, desbravando novas veredas de sua história:

(Superação) *Eu sempre tive vontade de a minha infância era terminar né? O ensino médio, terminar o terminal fundamental né? Eu tinha que ter muito desejo de terminar quando eu parei. Sim. Se estudar eu tinha mais de quatorze anos eu parei não, minha mãe me tirou, né? Da escola. Os professores me diziam que eu tinha uma limitação, não tinha capacidade de estudar não adiantava, não valia a pena, disseram para minha mãe que não, não valia a pena eu estudar porque eu tinha não tirava do quadro[...].*

O relato apresentado demonstra a dor de ser desvalorizado pela escola, professores, e a forma como sua mãe a enxergou por muitos anos; o descrédito fomentou afetos negativos, gerando consequências como anos sem ir à escola, interrompendo um sonho, entretanto, o desejo gerou motivações, significações que ficaram em sua subjetividade e com o passar dos anos a levaram a ter coragem de seguir com o sonho de dar continuidade à sua formação, concluindo a educação básica e galgando novos horizontes no ensino superior.

Ainda podemos esclarecer que o fato de não estar inserida em uma instituição não significa que ela parou, apesar de Superação passar 14 anos sonhando no desejo de retomar seus estudos, também passou esses espaço de tempo elaborando maneiras de reinventar-se, ressignificando os sentidos e afetações sofridas por parte de sua mãe, que, apesar de ter boa intenção de proteger sua filha, fortaleceu sentimentos negativos, como dor, solidão, fracasso, fazendo acreditar que uma pessoa com baixa visão não era capaz de realizar as mesmas atividades, mas com condições diferentes das demais pessoas.

Os professores de Superação não tiveram a capacidade de acreditar, apoiar a aluna nem de descobrir estratégias para mantê-la apesar de suas dificuldades, orientando a mãe de forma errônea a desacreditar também em sua filha, destruindo possibilidades vindouras que ficaram marcadas de dor em sua trajetória. Foram afetos que com muita força e empenho em retomar sua vida foram se delineando num sonho possível, olhando para si e acreditando que é possível, mesmo diante de atitudes de professores e de sua mãe, compreendendo a fragilidade humana e social já estabelecida nas relações sociais. Fica evidente na fala que, apesar das vivências dolorosas longe da escola, ela compreende que sua mãe fez o que acreditava ser o melhor para ela; reconhecendo as incompreensões teóricas, socioculturais da sua mãe, ela superou e significou novos sentidos, mesmo que suas vivências não tenham sido alteradas. *“Minha mãe sem conhecimento ela me tirou da escola aí eu passei quinze anos sem estudar só sonhando, né? [...].*

“Não valer a pena” foi uma das expressões usadas para definir temporalmente Superação. Ela não se calou, ela não se escondeu, mas construiu, confrontou sua mãe, a sociedade, a si próprio, mas chegou aonde desejava estar, pela força da luta diária e pela forma como ela significou e sentiu as afetações sofridas. Dessa maneira, quando sua mãe a retirou da escola, também lhe tirou realizações, alegrias, conflitos, negou um direito, um direito carregado de uma história que não parou no tempo, ela se revelou ao longo do tempo, superando as perdas sofridas na vida. Para Silva e Nörnberg (2013, p. 669-670), “É preciso tratar a educação inclusiva como um projeto global de sociedade e de garantia do direito à educação, que não se faz, necessariamente, por práticas que ainda carregam elementos de homogeneização e normalização”.

Concatenando a reflexão trazida por Silva e Nörnberg (2013), ainda temos uma sociedade que não compreende a diversidade, e aqueles que não estão dentro dos padrões da normalidade são discriminados e segregados. Essa lamentável realidade é sentida e para os que insistem em degradar os padrões, construindo um lugar para si, mesmo com dificuldades e resistência por parte das pessoas, todavia podemos olhar para essas histórias como inspiração, extraíndo aprendizagens valiosas para todos, mesmo reconhecendo um alto preço das conquistas alcançadas. Ainda fazendo referência aos afetos interiorizados:

*(Superação) [...] eu sempre dizia que na hora que eu tivesse oportunidade eu e eu ia voltava a estudar e eu ia e para o meu futuro que eu mais queria e até que um dia eu tive uma oportunidade né de ter alguém que acreditasse na minha capacidade e eu voltei a estudar [...].*

*Superação) [...] no início quando eu quando eu, eu decidi ir embora pra Mossoró morar com a prima pra mim estudar eu tive muita resistência da parte da minha mãe, porque assim eu nunca saí de casa [...].*

Presumimos que Superação (2021) nunca deixou de sonhar, nem viu sua vivência escolar como algo que não termina e tem fim; ela restituiu suas forças, movendo seu desejo em busca de oportunidade de retomar os estudos, enfrentando seu apoio familiar, sua mãe, figura importante de sua vida, e prosseguindo com seus objetivos de vida e formação; com autonomia e persistência, levou consigo encantos e desencantos do processo formativo, para mediar, significar outros lugares, sujeitos e experiências. Nessa direção, o que lhe restou das decepções foi a coragem de viver algo que ela pudesse escolher, sem que as vozes de fantasmas antigos ressoassem dentro si com mais força do que seu próprio desejo.

Apesar de contextos diferentes, Inédito e Superação optaram pela coragem: enfrentando as diversidades subjetivas, objetivas, saíram de sua zona de conforto, quebraram barreiras,

mesmo com os medos, limites e incompreensões, refazendo caminhos para serem protagonistas – Superação, ao sair de casa, mesmo com a reprovação de sua mãe, e Inédito, ao sair de São Paulo para o Nordeste em busca de superar e se aventurar.

Muitas marcas afetivas se constituíram por diversas instâncias, mas principalmente no que se refere ao ambiente institucional, seja na educação básica ou superior: Inédito e Superação conseguiram ir além de suas capacidades e se fortaleceram nas dificuldades, potencializando afetos que propuseram o lugar a que pertencem hoje, a Universidade com reflexos do passado, mas que fortalece a caminhada pela longevidade e inclusão, trazendo sentidos que os fazem se afirmarem nas lutas diárias.

Os sentidos são as marcas do que as vivências e experiências constituíram ao longo de sua trajetória de vida, exprimindo parte de quem esses sujeitos se tornaram. Os sentidos são elementos de suma importância para entender as significações, a história e a essência deles, portanto, quando nos aproximamos dos sentidos reconhecemos aspectos humanos do próprio homem, pois neles se revela o verdadeiro eu, o íntimo de cada um. Segundo Aguiar e Ozella (2013, p. 304-305), “O sentido refere-se às necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade”.

Em conformidade com a fala dos autores, os sentidos estão para além da fala, podendo ser explicitados nas ações dos sujeitos, em um olhar, expressão, na entonação da sua voz, quando se aborda determinada fala, se revelando também quando são recordados momentos significativos de suas vivências; nelas estão registradas as significações de seus anseios, necessidades, prazeres e desprazeres. Os sentidos podem ser variados, por isso não são fixos, sofrem mudanças e podem ser distintos, dependendo da percepção ou mesmo situação vivida pelos homens, daí que referir-se aos sentidos é trilhar por zonas delicadas.

Com base nisso, podemos dizer que os sentidos mudaram, não foram os mesmos, dadas as experiências e vivências. Cada momento foi sentido de uma forma e intensidade diferente, constituindo aspectos, particularidades únicas, singulares, tanto de Inédito quanto de Superação. As histórias se conectam, alinham-se, mas cada um tem universos complexos que se distinguem um do outro. Nesse entrelaçado de informações, cabe abordar que mediados por emoções, sentimentos, formaram identidades fortes, autorais, que ultrapassam o conhecimento daqueles mesmos professores que disseram que não era possível um aluno com baixa visão ter o direito de viver plenamente as mesmas condições humanas de desenvolvimento.

Todos os processos que levaram à Universidade e as escolhas que fizeram até hoje foram formados de riscos, acertos, erros, que amadurecidos levaram saberes, aprendizagens,

transformações; nisso consiste a coragem de exercer uma vontade não só de viver dentro de um espaço tempo, mas de forma ativa, criadora, original, que forma, cresce, ganha perspectivas maiores, negando as vozes que nos mandam parar, não ir, ficar onde estamos, mas escutar o interior, os sentidos que nos levaram a ir sem saber se a direção estava certa e se teria bons resultados: o enfrentar teceu histórias de um homem e uma mulher que não aceitam a normatização, repetição, mas criam a própria contradição que se apresenta entre pessoa humana, deficiência, sociedade e inter-relações, uma totalidade dialética, dinâmica e mobilizadora.

## 5.2 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO II- RESISTINDO À REALIDADE DA DEFICIÊNCIA E CONSTITUINDO SUA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO

Este núcleo foi formado por falas recorrentes, contundentes, aglutinadas e sistematizadas em quatro indicadores, constituídos de trinta e seis pré-indicadores que marcam as reflexões atribuídas nesse núcleo.

Quadro 14: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 2

<b>INDICADOR 1</b> INÉDITOS QUE CONSTITUEM SUA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO	<b>NÚCLEO 2</b>  <b>RESISTINDO À REALIDADE DA DEFICIÊNCIA E CONSTITUINDO SUA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO</b>
<b>INDICADOR 4</b> LUTAS E ENFRENTAMENTOS ADVINDAS DE SUAS SIGNIFICAÇÕES	
<b>INDICADOR 10</b> AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR MEIO DA DEFICIÊNCIA VISUAL	
<b>INDICADOR 15</b> SUBJETIVIDADE HUMANA, E SABERES DE UMA VIDA	

Fonte: Elaborado pela autora.

### O Indicador 1 - Inédito que constitui sua história de vida e formação

Esse indicador aglutina pré-indicadores que ressaltam as dificuldades que alunos com baixa visão enfrentam em suas vidas, ou seja, em todos os segmentos da sociedade, mas principalmente na Universidade, em virtude de preconceitos, exclusão e desigualdade social, relacionadas à sua deficiência visual e às relações que se revelam na atividade humana, nas mediações, bem como os saberes que se estendem para além da formação acadêmica profissional e nos sentidos e significados de sua história.

Dando continuidade às discussões, podemos compreender o conceito de vivência a partir do olhar de Inédito (2021), quando declara:

*(Inédito) [...] a vivência ela traz essa esperança e trazendo também Paulo Freire novamente, essa minha busca por pela minha exceção social pra mim até então era um inédito viável buscava que até então era inédito [...].*

A trajetória de luta e resistência de Inédito revela um sentimento que impulsiona suas ações no caminho para incluir a si e os demais à sua volta, transmitindo positividade a partir do um sentido maior, a esperança, provocando mudança de pensamento: a tristeza ganha um novo sentido, mesmo não vivenciando bons momentos, sendo eles de dor, ainda encontra-se esperança, pois há força depositada para os dias mais difíceis com um olhar para um futuro no esperar de uma transição no modo de compreender e agir, na dinâmica de sair de si e olhar o outro, principalmente dos seus professores; diariamente está vivendo os enfrentamentos, tornando o desafio o caminho para as transformações, levando aprendizados que fazem dele um Inédito. Como o próprio aluno afirma: *(Inédito) estou se tornando esse inédito né pra pra minha família, pra sociedade que não acreditava e eu estou se tornando viável de fato. Então tem todo esse esperar.*

Diante disso, o desafio e a dificuldade na maioria das vezes do aluno estão associados, da mesma forma que sua atitude frente ao contexto é sempre de seguir confrontando os limites da deficiência, os limites de ser aluno, as fraquezas e possibilidades. Seja com seus familiares, amigos e sociedade em geral, passar pelo desafio é a combustão necessária para levar e conduzir a uma nova aventura, trazendo consigo a esperança, amor, dedicação pela vida, além de construir um lugar melhor onde exista igualdade de condições em que os sujeitos não vejam o diferente como “anormal” e a normalidade não tenha interpretações próprias, prevalecendo a diversidade humana. Destacamos algumas falas que expressam significações interessantes de **Inédito** (2021):

*[...] toda essa trajetória ela não foi fácil, foi com muitas lutas as barreiras, mas é como eu sempre digo, independente ter a deficiência ou não, dificuldade, todos nós teremos [...].*

*Existe aquela, aquele paradigma social que é a pessoa com deficiência é um ser coitado e essa mentira de alguma maneira acabou sincronizando dentro das próprias pessoas, dentro da sociedade, então quando vê uma pessoa com deficiência é a coitada, mas nós temos que levar o seguinte, que independente da deficiência ou não, as lutas vão vim [...].*

Presumimos que Inédito interioriza as lutas para poder experienciar e vivenciar melhor as dificuldades e desafios; compreendendo que todos passamos dificuldades e que a dele não é a única; ele percebe a universalidade de processos vividos e sentidos, no que se refere ao sentir. O desejo que o motiva é a esperança, além da vontade de seguir adiante, de explorar outros espaços, tempos, limites, de se encontrar em outras formas de lidar com os conflitos internos e externos. Na fala ainda se destaca a forma como interpreta sua historicidade, quando ele afirma que não é fácil e que existem barreiras, mostrando que ele não romantiza e nem se utiliza de sua história de vida e formação para se vitimizar, mas olha todo o trajeto com o desejo de futuro e de plantar esperanças em outros sujeitos.

O processo de ser incluído e as lutas vão se constituindo gradativamente, chegando a ser comuns na sua rotina diária; os enfrentamentos, sejam quais forem as instâncias, geram dificuldades que às vezes são superadas ou não, mas que levam a ressignificar a forma de entender que, apesar de serem diferentes, são vivenciadas de forma individual, não deixando de ser um desafio na linha de chegada pelos objetivos e sonhos: perceber as fraquezas e lidar com elas envolve estratégias de sobreviver e se sobressair de forma mais significativa. Superação enfatiza: [...] *Eu não gosto daquela coisa eu tenho que provar que eu sou capaz, mas eu tive que fazer isso [...]*.

Ela não sente o desejo de mostrar que sabe, ou mesmo realiza, entende que seu lugar cresce à medida que ela se adapta e ultrapassa seus limites, o que se revela ao longo do tempo, demonstrando que não há necessidade de provar que ela, de fato, está apta ou é aceita por determinado grupo; suas batalhas são satisfatórias para ela e não deseja que isso se torne um espetáculo para os outros, fazendo mostrar que ela pode realizar e fazer, ela é apenas uma mulher que constrói sua historicidade por meio da luta que começa de dentro para fora e se potencializa nas relações sociais. Sobre o princípio de igualdade, reza Santos (2003, p. 56):

Temos o direito de ser iguais quando nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Em conformidade com a discussão do autor, a igualdade de condições ainda é um dos maiores desejos das pessoas com deficiência, apesar de não serem as únicas a compreender que a igualdade é para todos, tornando-se latentes os desafios de ser diferente em meio ao paradigma social que reverbera a inferioridade. Nesse sentido, as histórias de Superação e Inédito produzem um efeito e afeto transformador na maneira de impor e criar meios de constituir-se um aluno com baixa visão. Isso fica evidente na fala de **Inédito**:

*[...] a minha trajetória ela é muito não é que não é porque acaba sendo um espectador da minha própria história, mas porque aconteceram muitas muitos fatos realmente nessa minha trajetória da educação que eu posso dizer que hoje eu tenho alegria de permitir, que outras pessoas com deficiência visual tenham a oportunidade de ingressar nos seus estudos, tenham, tenham acesso à leitura, alfabetização, possam chegar.*

Ao longo do trabalho realizado por meio de discussões, diálogo e seu trabalho realizado no CADV junto às pessoas com deficiência, no apoio às lutas políticas e os entraves na educação, foi possível haver significações importantes para sua própria formação acadêmica, profissional e pessoal, mas também para tantos outros alunos e sujeitos que não tinham o conhecimento necessário, tornando-se mais confiante, esperançoso e protagonista de oportunidades que beneficiam outros sujeitos, fomentando a inclusão mesmo com mudanças pequenas, qualitativas. Essas significações teceram um lugar na Universidade, no ambiente de trabalho e na representação na luta pela inclusão, formada de um sentido que não se esgota, mas se permite mudar as emoções e os afetos que levaram a tantos desprazeres. Neste entrelaçado de informações, podemos inferir nas falas seguintes:

*(Superação) [...] hoje minha mãe me vê realmente como uma pessoa capaz assim. Hoje sim, mas ela viu que eu fui, que deu tudo certo o que eu queria fazer eu da família da minha mãe eu sou a única assim da família, do do filho né que eu tenho quatro irmãos eu fui a única que entrei na universidade.*

*(Superação) [...] Hoje eu passei a faculdade, tenho minha filha, tenho minha casa, com meu marido sabe? E assim hoje sim, mas antes ela teve uma dificuldade de compreender esse lado né? Eu sei eu acho que hoje ela já tem como exemplo pra dizer pra pra qualquer uma outra pessoa que passa por uma situação semelhante que é possível[...].*

A entrevistada, apesar de afirmar em outro momento que não deseja mostrar aos outros que é capaz de enfrentar e superar os desafios, sente a necessidade em particular de mostrar à sua mãe que é capaz, por meio de suas conquistas, fazendo-a perceber que Superação é mais do que ela afirmou nas suas vivências, quando ainda morava com ela. Assim, a aluna traçou uma busca pela mudança de pensamento e consciência da mãe e da deficiência. A figura da mãe é e foi muito importante para a formação de Superação, mesmo com os conflitos de ideias e sentimentos há uma necessidade profunda de mostrar que apesar da deficiência e da negação ela ressignificou sua história, luta, afetos, significações, as vivências foram marcados e não serão esquecidas, sejam positivas ou negativas. Na fala, podemos observar a mudança de comportamento da mãe com a filha: **(Superação) *Aí assim hoje ela acredita sim ela teve que***

*realmente eu sou uma pessoa batalhadeira esforçada hoje ela vê dessa forma, mas antes ela achava que não[...].*

Com base nas falas e apontamentos realizados, podemos inferir que as vivências se constituíram de histórias de vida, que identificam cada sujeito de modo particular e único, com produção de marcas subjetivas defendida por Vigotski (2010). As vivências se afirmam por meio de representações, sensações, sentimentos e emoções diferentes de momentos vividos pelos sujeitos, há uma consciência dotada de sentidos, que são ocasionados de percepções externas, estímulos e interpretações que dão novos olhares do que passou ou o que está vivendo, tendo a capacidade de olhar para si e perceber o que são vivências e o que não é em sua história de vida e formação, a partir de um importante mergulho interior.

#### **No Indicador-4 Lutas e enfrentamentos advindas de suas significações**

Esse indicador é formado por pré-indicadores que mostram as significações e sentimentos que os sujeitos expressam a partir das consequências da deficiência em seu processo de formação humana e social, os afetos que se exprimem na fala e no oculto

Nesse sentido, Oliver e Barnes (2006) defendem a ideia de que “pessoa deficiente” ou “deficiente” demonstram que a deficiência é parte constitutiva da identidade das pessoas, ao invés de um detalhe. A deficiência tem implicações políticas, físicas, emocionais, psicológicas, cognitivas. Dessa forma, não podemos negar seu papel constitutivo, não se tornando apenas um detalhe, a identidade de um todo que a forma, não inferiorizando ou supervalorizando, mas a deficiência possui características particulares, que são sentidas, vivenciadas, não sendo possível separar a pessoa da deficiência, ela é um todo completo, complexo e caótico.

Em consonância com a discussão, a fala apresenta o desconforto que acarreta a deficiência para **Inédito** (2021): *[...] dentro da área da deficiência visual e me denominam como cego legal, como se fosse legal ser cego [...].* Ao longo dos anos, Inédito sofreu perda significativa de sua capacidade visual, o que vem gerando afetações difíceis de serem ressignificadas, entretanto, ele luta de forma constante para se superar, reconhecendo, porém, a dificuldade existente no seu cotidiano em virtude da sua baixa visão, denominada como cegueira legal, um termo que contradiz os sentimentos evidenciados por ele, que também revela o quanto esses afetos podem ser intensos: *[...]eu não queria que nenhuma pessoa com deficiência visual passasse pelo que eu passei [...].* Bock (2011, p. 82) explica que:

Os afetos compõem a nossa relação com o mundo. Ajudam-nos a avaliar as situações como positivas ou negativas (depende de como fomos afetados por elas). Os afetos preparam nossas ações, participam de nossas percepções e de nossos planos de vida. Fazem parte de todas as nossas escolhas.

Ao longo da constituição do homem, os afetos são inevitáveis, pois estão sempre promovendo sensações ora positivas, podendo potencializar a atividade humana, ora negativas, gerando conflitos, aprisionando ou mesmo paralisando a ação, o pensar, sentir. Esta categoria envolve as emoções e sentimentos, os sentidos que damos aos afetos mediante as afetações ocorridas, daí que quando nos remetemos à categoria supracitada, podemos definir que ela está para além de expressões objetivas, como abraços, beijos, atos de carinhos, tendo em vista que nas afetações são reveladas as demais dimensões afetivas.

A percepção de **Inédito** e **Superação** não ficou presa aos afetos inicialmente inferidos das situações e desprazeres da formação; eles de forma corajosa e contínua buscaram ressignificar suas histórias de vida, superando e seguindo com seus sonhos e desejos. Neste ponto de vista, os afetos foram interiorizados como pequenos espaços de tempos que se transformaram, transfigurando novos ciclos e aprendizagens. Pensando por meio das marcas da historicidade dos sujeitos e conforme evidencia Soares (2011, p. 33),

Nos estudos Sócio-Históricos, a história é uma categoria que nos ajuda a romper, fundamentalmente, com a ideia de que o homem é um ser estático, ou simplesmente que seu desenvolvimento é marcado por uma sequência linear de características sobrepostas.

Nessa direção, todas as coisas estão dotadas de histórias, bem como os sujeitos, pois são frutos delas; Inédito e Superação vêm constituindo sua história ativamente, permitindo criar, desenvolver outras habilidades, conhecer seus limites, sonhar, realizar, atravessar momentos bons e ruins; na historicidade, estão contidas marcas subjetivas conduzidas por relações e significações, ganhado espaço, reconhecimento por meio de marcas duras e afetos muitas vezes não superados, mas principalmente de afetações não definidas e não lineares. Na fala de Superação, podemos visualizar:

*[...] porque quando eu morava com a minha mãe eu não tinha nem o direito de fazer uma academia porque eu não podia que eu era deficiente visual, porque eu, eu podia ir pra academia, eu podia cair por cima das máquinas, não podia fazer isso, podia fazer aquilo. Entendeu? Entendo. Isso não me fazia bem, fazia mal um terrível mal, eu eu era uma pessoa que eu não tinha direito de escolher, pra eu ir o que fazer, porque eu era deficiente[...].*

Muitas restrições foram experienciadas e significadas para Superação, afetando sua educação, vida social, cultural, suas relações, desde um simples ato de ir a uma acadêmica cuidar de si mesma até a ausência da escola, se refletindo diretamente no processo de ensino-aprendizagem, na zona de desenvolvimento próximo, no avanço da sua formação. Todavia, foi sonhadora, galgando cada conquista com a tomada de decisão de sair de casa, sair do lugar de origem, tomar uma decisão e escolha que não era sua. De acordo com Ibiapina e Ferreira (2005, p. 33),

[...] ajuda para avançarmos nos nossos processos de desenvolvimento pessoal e profissional. Ainda a zona de desenvolvimento próximo, conduz a potencialidades pessoais e profissionais, subjetivas, já que o sujeito internaliza suas vivências pelas marcas que elas produzem.

Os autores esclarecem a importância dos processos que potencializam a aprendizagem por meio da zona de desenvolvimento próximo, categoria que nos permite refletir as significações exercidas na vida de Superação na retomada de seus estudos. Apesar da ZDP não se desenvolver apenas numa educação institucionalizada, permite crescimento e desenvolvimento mais amplos e sistematizados dos aspectos subjetivos e objetivos pessoal e profissional que se refletem até hoje na trajetória da colaboradora. Segundo Marques, Góis e Barbosa (2017), essa categoria é concebida como espaço de interação no qual são produzidas as mediações necessárias ao desenvolvimento psíquico.

### **No Indicador- 10 As dificuldades enfrentadas por meio da deficiência visual**

Esse indicador é fruto de pré-indicadores que apresentam as dificuldades rotineiras da Universidade e das relações com os professores e as impostas pela deficiência, relatando vivências e experiências enquanto alunos e com os colegas de sala e atividades em geral.

No que se refere às dificuldades, Inédito (2021) diz: [...] **nós temos dificuldades e que cabe a cada um de nós lutarmos pelos nossos sonhos, obviamente que teremos barreiras só que cada história é uma história [...]**. Na compreensão de Inédito, cada pessoa vive as próprias dificuldades e desafios, com suas histórias diversas. Fazendo alusão à forma como o sujeito apresenta suas apreensões, podemos compreender que os sentidos e significados estão contidos nas histórias de vida, nos sonhos, desejos, motivos, potencializando na ação e na reação diante dos obstáculos, impedimentos, negações, formando afetos constituintes de

afetações que impulsionam a seguir os prazeres e nos desprazeres. Acerca das vivências na UERN, Inédito diz:

*Na UERN eu não tive, [...] a minha dificuldade realmente é uma questão pessoal, era a distância, a minha dificuldade era a distância, das vezes, pronto. Eu tinha que fazer a prova com a pessoa que lesse a prova pra mim [...].*

*[...]Eu precisava de um leitor. Então geralmente perdão ah então assim muita das vezes eles marcavam a prova,[...] você pode vim à tarde? Então muitas vezes eu eu tinha que pegar o ônibus de meio dia e meio ficar de uma hora da tarde até as dez horas da noite. Só que isso é natural. Quem mora fora, quem é de outro município também tem essa mesma dificuldade de passar o dia todo[...].*

No fragmento da fala, podemos apreender que as dificuldades, apesar de afetarem Inédito de maneiras diferentes, são vistas não como exclusividade dele, mas são comuns a todos, mesmo com intensidades que podem ser ocasionadas pelas situações que não estejam ligadas à sua baixa visão; ele reconhece, mas não interpreta negativamente, de modo a justificar suas atitudes com a atividade sobre o meio no qual está inserido. Ele ainda elogia o papel da Universidade na formação, pois corroborou com seu desenvolvimento acadêmico e profissional, dando maiores oportunidades inclusivas com relação a outras instituições das quais fez parte no curso de Direito, e outros. Portanto, podemos elucidar que os limites e desafios foram praticamente os mesmos e frequentes na trajetória do aluno, entretanto o que mudou foi sua forma de olhar para a dificuldade, foi o sentido atribuído à realidade. Com relação às dificuldades enfrentadas por Superação (2021), temos o seguinte:

*[...] mas a gente ainda sente essa dificuldade com eles porque eles não enviam material pra DAIN, o material que eles utilizam é esse material do estilo foto né? Um PDF mais num formato foto sim aí o nosso programa de voz o nosso programa de voz eles não não lê esse formato de PDF tá então ele precisa de ir pra o departamento pra eles escanear e enviar pra gente por e-mail [...].*

O trecho acima sinaliza que as dificuldades de Superação não estão apenas nas relações existentes entre professores, colegas ou funcionários, envolvendo tecnologias de informação e comunicação, assim como alunas, pois sente que sua formação não deu as condições e subsídio necessários para estar na Universidade e acompanhar as atividades com maior tranquilidade e segurança. Sua fala também inclui a DAIN, programa que ajuda os estudantes com deficiência, sendo o suporte para toda a Universidade, exercendo papel de suma importância, especialmente com a participação proativa e colaborativa dos professores, mas na grande maioria das vezes a

ausência de apoio a Superação comprometeu prazos e esforço físico e psicológico, demandando um prolongamento da realização de suas atividades acadêmicas, em virtude da assistência do professor e por consequência da DAIN.

Situações como essas se tornam mais comuns para Superação, constituindo uma formação de significações que expressam frustração, solidão, incapacidade, alimentando o medo e a dúvida sobre ela ser capaz de estar e administrar os conflitos, sua identidade fica fragilizada, e novamente começa o processo de ressignificar o negativo e tirar algo positivo para seguir com o sonho, mostrando sua capacidade e habilidade por meio do esforço, tecendo sua história e mediando outras vivências, estabelecendo uma relação de continuidade, mesmo com o afastamento do papel do professor, frente às orientações das atividades escolares, quando não entrega os textos e slides escolares com antecedência, quando os textos e provas não estão com letras legíveis.

A subjetividade de Superação se exprime no olhar, no gesticular, no falar e no silêncio das dores que carrega, formando uma mulher decidida que olha para o presente no suspiro de um futuro melhor para ela e para tantos outros. Para Soares (2006, p. 61), “as necessidades não são universais”. Essa afirmação nos leva a pensar que os sentidos e os afetos são sentidos de maneiras diferentes, logo as necessidades também não são universais, as singularidades são múltiplas. Dessa forma, cada sujeito é único, singular, particularizado, heterogêneo, indefinido, não exercendo comparação, já que cada processo é diferente do outro.

As significações exercem força nos processos afetivos, nas travessias da vida e decisões. Bons afetos produzem significações que fazem da atividade do homem um espaço de desenvolvimento, criação satisfatória para si, diferentemente de afetações negativas, principalmente quando o sujeito paralisa diante das emoções sentidas nas situações negativas como resultados de afetos definidos como dissabores. Assim, as constituições afetivas implicam não apenas nos sentidos e significados, como também no processo histórico das vivências.

A entrevistada ainda enfatiza que:

*(Superação) [...] sim é muita dificuldade[...] porque eu sou diferente eu acho que eu sou diferente do povo porque eu me cobro muito sabe eu me cobro muito. [...] Se eu precisasse entregar uma atividade na próxima semana eu já começava nessa semana às vezes eu ia dormir uma da manhã, duas... às vezes eu me acordava de quatro horas da manhã de cinco pra estudar[...].*

Presumimos que o excesso de atribuições e responsabilidades exige de Superação uma postura mais intensa de responsabilidade e compromisso. Ela tem uma postura de cobrança provocada também pelas afetações negativas; a falta de condições e de apoio favorece algo positivo como a disciplina para estudar, realizar com antecedência suas atividades, ter um compromisso com seu aprendizado e desenvolvimento. Apesar dela ser uma estudante, sua deficiência a impede de realizar certas atividades com menor tempo e esforço, de modo que ela compreende que o processo é árduo, mas prazeroso, significativo, mesmo nos sofrimentos, tendo em vista que muitas conquistas foram frutos de seu esforço diário, seja ela como mãe, filha, esposa e estudante. Superação também não olha para si como a única que vivencia esses dramas, mas deseja ser incluída e ter a acessibilidade que tanto retrata em seus diálogos:

**(Superação) Mas assim são dificuldades assim que é hora que a gente buscar superar a gente consegue a questão é o tempo que a gente não tem né? Pra mas as tecnologias são muito boas nos ajuda bastante sabe? [...] é impossível lhe dizer que a gente não tem dificuldades com relação as tecnologias né? Assistiva que a gente tem é impossível dizer que a gente não tem [...].**

Novamente podemos perceber as dificuldades com as tecnologias assistivas, mas algo interessante na fala de Superação é a forma como ela entende que necessita da ajuda de outros, apesar de ter autonomia para realizar suas próprias coisas, ela sente a necessidade do outro, o que mostra a importância de conviver e constituir relações e inter-relações; ela também deseja aprender, mas, em meio à rotina e demandas, não consegue conciliar tudo que deseja, sem diminuir, porém, sua capacidade de superar as dificuldades, conduzindo aprendizado, saberes para uma vida, com autoridade, autoria de sua história, favorecendo momentos únicos e singulares que constituem a identidade da aluna.

Conjecturamos que quando ela afirma dizer que todos têm dificuldades e que é impossível não ter, ela enxerga o meio à sua volta de forma que todas as pessoas com baixa visão têm as mesmas dificuldades que ela nas tecnologias, levando a pensar que ela não sente a necessidade sozinha, existe a universalidade de sujeitos que podem passar por dificuldades semelhantes à sua, fortalecendo a esperança em percepção particular da forma que enxerga o mundo do qual ela faz parte e os outros atravessam. Essa maneira de pensar também não permite que ela interprete se há uma realidade que pode ser diferente da sua e não ter as mesmas características apresentadas na vida e formação de outros com baixa visão. Diante dos desafios com os colegas de sala, Superação declara:

*[...] eu percebo pela questão quando a gente apresenta seminários né que é aquele grupo de cinco ou seis ou sete eles procuram tornar as coisas tem uns que ter mais dificuldades como eu já falei pra vocês a gente passa a faculdade todinha batendo na tecla de uma coisa e as pessoas fazendo do mesmo jeito né? Sim mas assim, tem uns que tem mais dificuldade de entender às vezes a gente fica até chato né? A gente tem que estar vendo gente eu preciso de um, eu preciso disso aqui acessível, porque eu sou deficiente visual eu sou baixa visão, não tenho como ver [...].*

É retratado na fala da entrevistada em vários momentos que ela não gosta ou não deseja ficar dizendo que necessita de ser assistida a todo momento, como se precisasse lembrar a todos de sua baixa visão, apesar dos desafios com os professores na sala de aula serem constantes, as situações se repetem com os colegas, desde uma simples atividade em grupo, na qual não se sente parte ou mesmo incluída, apenas estando inserida no grupo, cobrando outra postura de outros, o que gera incômodo, desconforto, impedindo maior participação e contribuição da realização das propostas. Ela afirma que conflitos como esse podem gerar importunações para ambos os lados, e o fato de não enxergar assume uma semelhança com a incapacidade, que poderia ser evitado se a sociedade como um todo permitisse incluir as diferenças.

As significações afloram o olhar para os colegas e o convívio com eles por vários períodos, de forma que ainda ser esquecida pelos colegas de sala de aula é uma dor que não é amenizada pelo fato de estar no mesmo ambiente com os demais. Conforme Bock, Furtado e Teixeira, (1999, p. 190), “A vida afetiva é parte integrante de nossa subjetividade. Nossas expressões não podem ser compreendidas, se não conhecermos os afetos que nos acompanham”.

Desse modo, os afetos atribuídos dessas relações fazem prevalecer a sensação de incapacidade de sensibilidade e empatia, pois faltaram acolhimento e reconhecimento do direito de participar da mesma forma que todos. É interessante ressaltar que Superação destaca que os alunos têm dificuldade para compreender o que ela está passando, experienciando, existe uma linha tênue entre o que eles sabem sobre ela e o que de fato ela vive, o relacionamento com eles é distante, com pouca intimidade e sem um vínculo afetivo emocional.

Conhecer os sentimentos que nos envolvem por meio dos afetos contribui para uma compreensão sobre a realidade vivenciada, constituindo direções para uma atividade que permite apreender melhor os fatos, sejam positivos ou negativos, ambas as situações podem auxiliar na tomada de consciência dos afetos, transformando as relações entre homem e os sentimentos, bem como a situação que entrelaça.

## No Indicador -15 Subjetividade humana e saberes de uma vida

Esse indicador é fruto de pré-indicadores que representam parte das memórias afetivas, emocionais de Superação no curso de Serviço Social da UERN, nos entrelaçamentos experienciados e vivenciados, que foram significativos para sua personalidade, identidade de aluna e pessoa humana.

As pessoas com deficiência têm sofrido de diversas maneiras: falta de recursos, de políticas públicas adequadas, de espaços acessíveis, além de descrédito e exclusão social. Essas são algumas situações que ao menos uma vez na vida uma pessoa já deve ter sofrido. Dessa maneira, podemos analisar a fala de Superação (2021), quando ela destaca que não há diferenças na forma de tratamento das pessoas com baixa visão e cegueira, bem como as características atribuídas às deficiências como um todo:

*(Superação) É uma é um projeto muito bem pensado porque que é um projeto bem pensado, porque geralmente as pessoas quando ele desenvolver é projetos ele desenvolve um projeto com pras pessoas com deficiência né? Põe nessa temática com deficiência visual com essa temática eles engloba tanto a baixa visão quanto a pessoa cega, é englobado né? É bem verdade que existe uma uma diferença existe não é muita, mas uma diferença que a gente deve considerar. Geralmente nas universidades a gente não há essa distinção [...].*

*(Superação) [...] eu desconheço no meu curso essa prática geralmente eles o mecanismo que eles utilizam a maneira que eles utilizam pra um cego usa com o pra o baixa visão.*

Com essas reflexões contempladas pela estudante, pode-se identificar que se práticas de inclusão não são realizadas desde um conceito teórico isso se refletirá diretamente até sua efetivação, ficando complexo e desafiador constituir processos de inclusão no curso, apesar da Universidade ter a possibilidade de um apoio aos estudantes com deficiência, a demanda não atende à necessidade de cada aluno, à multiplicidade de sujeitos. Nesse sentido, a formação de Superação é incitada de desafios que limitam os espaços a serem explorados por ela.

Os afetos são constituídos em sua maioria nas relações sociais, pois podem ser estabelecidos com os objetos da natureza, com o seu eu, construindo as emoções e sentimentos que lhe são intrínsecos, reafirmando que esse homem é mais que biológico, psicológico, ele se torna humano a partir dessas dimensões. Essa humanização é uma construção que se dá por afetações e, conseqüentemente, por significações. Assim afirma Soares (2006, p. 57): “A afetividade é um grande elemento mediador presente nos espaços das relações sociais do sujeito”.

As afetações de Superação foram constantes, quase ininterruptas, diariamente uma nova dificuldade é encontrada por ela, é visualizada pelos professores, tornando-se um problema sem solução; não estamos afirmando que a deficiência é um problema, mas que a forma como enxergamos e reagimos se torna um problema: se nos deparamos com um acúmulo de situações, ocasiões não desejadas e sem solução efetiva, isso vai tornando cada vez mais difícil transformar essa realidade. Entretanto, a forma como Superação e Inédito resistem e tecem suas histórias e retratam nas memórias impulsiona uma mudança qualitativa e quase imperceptível, lidar com a deficiência em um mundo globalizado e preconcebido de conceitos chega a gerar um incômodo, favorecendo uma inclusão que começa muitas vezes sozinho e que afeta positivamente outros sujeitos.

Diante do relato, ser tratada da mesma forma gera um incômodo, mas principalmente sentidos que marcam sua formação universitária, seus objetivos ao chegarem à Universidade foram frustrados, arrasados por ações, afetos, emoções que foram produzidas de relações que significaram de forma a gerar desconfortos; a Universidade, para Superação, era um lugar de desconstrução social, lugar onde ela encontraria o que tanto perdeu e foi negado, entretanto poucas mudanças foram sentidas, consolidando marcas subjetivas que não são esquecidas, pois fizeram e fazem parte do ciclo das idas e vindas que a deficiência e tudo que a engloba entrelaça. Ainda nesta lógica:

*(Superação) E o fato e o fato de de do professor ter aluno com com deficiência na sala de aula não quer dizer que isso é inclusão não né? E eu e assim eu eu acho que o momento mais difícil que eu enfrentei assim que eu falei oxe isso não era nem pra existir[...].*

*(Superação) [...] Então pra isso cada aluno tem as suas especificidade e eles precisavam de conhecer pra eles melhor trabalharem. [...] Eu acho que a universidade teria que se preocupar com isso. Entendeu? Entendi. Pra coisa fluir assim pra coisa, inclusão é isso não é eu juntar todo mundo num pacote só e agir da mesma forma [...].*

São recorrentes na fala da entrevistada suas apreensões acerca da inclusão, seja do espaço ou mesmo das relações sociais, incluir é juntar-se, é saber que existem espaços, possibilidades de serem quem elas de fato são, é demonstrar atitudes simples de igualdade, colaboração mútua. As especificidades são interpretadas como um grupo ao qual Superação pertence, marcando sua identidade, pois outros sujeitos têm características e necessidade diferentes das suas; o sentimento de solidão ressoa e saber que está sendo incluída é uma maneira pela qual os fantasmas se esvaziam um pouco.

Inédito e Superação demonstram histórias inspiradoras que deixam aprendizagens importantes para esta pesquisa, bem como para a formação humana, a constante procura pela ascensão social e inclusão destaca personalidades e identidade com possibilidades futuras abrangentes, significativas que fazem deles uma minoria de um pequeno grupo em busca pelo espaço social.

### 5.3 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO III- TECENDO CAMINHOS E PRODUZINDO SENTIDOS AO LONGO DAS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

O terceiro núcleo de significação é resultado da sistematização de seis indicadores, como mostra o quadro abaixo, formado da aglutinação de 47 pré-indicadores que constituem o núcleo de significação vigente. Os indicadores apresentados direcionam considerações acerca da autonomia e trajetória estudantil dos alunos com baixa visão, as descobertas e possibilidades que foram constituídas por eles, na relação de suas significações entre aluno e sujeito.

Quadro 15: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 3.

<b>INDICADOR 1</b> SUJEITOS INCOMUNS QUE CONSTITUEM SUA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO	<b>NÚCLEO 3</b> <b>TECENDO CAMINHOS E PRODUZINDO SENTIDOS AO LONGO DAS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS</b>
<b>INDICADOR 3</b> DESCOBERTAS QUE CONSTITUEM POSSIBILIDADES AO LONGO DA TRAJETÓRIA	
<b>INDICADOR 13</b> A AUTONOMIA DO SUJEITO E SEU PROCESSO METATIZADOR NA RELAÇÕES SOCIAIS	
<b>INDICADOR 11</b> INTERAGINDO COM O OUTRO E TECENDO VÍNCULOS SOCIAIS	
<b>INDICADOR 12</b> DIÁLOGOS ABERTOS E UMA ESCUTA SENSÍVEL	

Fonte: Elaborado pela autora.

#### **No Indicador 1- Sujeitos incomuns que constituem sua história de vida e formação**

Esse indicador é fruto de pré-indicadores a partir das histórias de vida que fazem sujeitos incomuns demonstrarem a resistência e perseverança do que acreditam e do mundo que desejam criar. Na sua fala, Inédito (2021) externa:

**Uma pessoa que tinha uma deficiência visual pra mim, pros meus familiares da onde que um cego pode estudar, da onde que um cego pode fazer alguma coisa, e na verdade e hoje eu tenho a minha eu sou graduado em direito e estou fazendo minha segunda graduação [...].**

Podemos observar que Inédito não tinha apoio, e sua família não acreditava em sua capacidade de superação, apenas visualizando as limitações enquanto pessoa com deficiência, provocando afetações que potencializassem sua atividade. Entretanto, a forma de pensar dos outros não se refletiu na forma como ele se via e como acreditava em si mesmo; apesar dos medos e inseguranças, conseguiu conquistar espaço e explorar experiências e vivências em sua historicidade tecendo outra concepção de homem apresentada por seus familiares.

Segundo Reynell (1978), as crianças com alguma deficiência sofrem atraso no seu desenvolvimento; alguns autores até abordam que essa diferença entre pessoas com deficiência e sem deficiência é notório na infância, nos primeiros anos de vida, tendo em vista que ainda estão descobrindo suas habilidades, em processo de maturação cognitiva, emocional e social. Neste ângulo, apesar dos atrasos e limitações, Inédito e Superação se esforçaram para suprir os atrasos que historicamente são refletidos até hoje, porém hoje os alunos têm se destacado no processo de aprendizagem e dos diversos campos da vida.

Com os estímulos sociais e interações, a evolução das pessoas com deficiência se torna mais significativa, aprimorando os aspectos psíquicos, cognitivos, desenvolvendo saberes, possibilitando uma postura de igualdade de condições, apesar de histórias e dificuldades biológicas, patológicas.

A luta constante e as conquistas do aluno ultrapassam a concepção a que ele mesmo poderia chegar, hoje, depois de se formar em Direito e Filosofia, com três especializações e um mestrado, mostra não apenas um título, mas uma trajetória de significações boas e ruins que se acumulam na forma como ele se expressa. Vivencia os momentos e ciclos da vida, mesmo nada sendo fácil nem simples e com todas as contradições, incertezas, hoje ele tem dotado uma alegria, satisfação, orgulho em olhar para sua história e perceber tudo que conquistou e está traçando.

Ao longo dos anos, Inédito tem perdido sua capacidade visual, mas mesmo com todas as dificuldades da perda visual vem conquistando seus sonhos. Quando tomou a decisão de sair de casa, tinha maior capacidade de enxergar, mas com o tempo seu problema visual se agravou, ocasionando perda gradativa e significativa, a qual, apesar de afetar vários campos de atuação, seja na formação acadêmica ou social, não o fez parar; pelo contrário, lutou e deu novo sentido à sua luta em prol da independência, construindo uma nova história de conquistas. Dessa forma,

Corrent (2016, p. 1) retrata:

Toda a história humana é fruto de abrangências que se assemelham e passam a defender alguns preceitos que podem ser bons, ruins, justos, injustos ou distintos, onde passam a beneficiar alguns e prejudicar outros. Dentre esses princípios surge a deficiência, que vai passar a abranger vários conceitos, conceitos que vão ser valorizados, criticados, excluídos, mantidos, dependendo de cada época, contexto histórico, social, econômico e até político.

O conteto, as relações, tudo passa por mudanças e os sujeitos estão em constante movimento, e a forma como pensam também se reflete no marco temporal. Nesse sentido, muitos dos familiares, colegas e professores só passaram pelo incômodo e inquietude de serem provocados, por meio de atitudes como as de Inédito e Superação; mesmo com os preceitos bons e ruins que os sujeitos carregam, esses alunos vêm constituindo uma história que mantém um legado, realizando representatividade de outros sujeitos que nunca chegaram à Universidade. Portanto, o processo de constituição do sujeito se transforma e ganha novos sentidos e significados num movimento dialético. Situações similares atravessam a vida de Superação (2021):

*[...] hoje minha mãe me vê realmente como uma pessoa capaz assim. Hoje sim, mas ela viu que eu fui, que deu tudo certo o que eu queria fazer eu da família da minha mãe eu sou a única assim da família, do do filho né que eu tenho quatro irmãos eu fui a única que entrei na universidade.*

*[...] Hoje eu passei a faculdade, tenho minha filha, tenho minha casa, com meu marido sabe? E assim ó hoje sim, mas antes ela teve uma dificuldade de compreender esse lado né? Eu sei eu acho que hoje ela já tem como exemplo pra dizer pra pra qualquer uma outra pessoa que passa por uma situação semelhante que é possível[...].*

Inferimos que Superação sente que passou a ter autonomia, controle de sua vida a partir das conquistas que veio constituindo, sair de casa, construir uma família, cursar Serviço Social, o que foi relevante a ponto de sua mãe olhar e perceber que sua forma de pensar já não faz o mesmo sentido hoje. Isso foi reflexo da forma como sua filha afetou, transformado suas significações; a relação entre mãe e filha se torna mais aberta, dialogal, madura, pois uma compreende o espaço da outra, a forma como cada uma se percebe no mundo. Superação é a única dos quatro filhos a chegar à Universidade; mesmo com seu campo visual reduzido, de família humilde e com os descréditos, é o exemplo para sua comunidade e familiares de conquistas, perseverança na sua luta para reduzir a realidade social vivida.

Compreendemos que a subjetividade está contida no oculto da pessoa humana, mas mesmo com o acumulado de emoções, sentimentos, significações, cada sujeito encontra suas formas de externar. No relato de Superação e em meio às suas atividades, ela conduziu tudo que vivenciou na nova perspectiva de futuro, da mesma maneira que Inédito. As vozes que ecoavam para ambos dizendo que não seriam capazes de vencer, unificada por suas vontades, geraram motivos que os fizeram sair de seu lugar de origem e recriar, reconduzir e se constituírem como novos sujeitos.

### **No Indicador -3 Descobertas que constitui possibilidades ao longo da trajetória**

Esse indicador é fruto de pré-indicadores que abordam descobertas tecnológicas, políticas, sociais, conquistas e lutas dentro e fora da Universidade, e os entraves travados na luta pela inclusão social de tantos outros sujeitos que vivem à margem da sociedade situações difíceis.

Mediante o processo de superação das dificuldades visuais, Inédito (2021) encontrou nas tecnologias assistivas maneiras de auxiliar suas necessidades por meio de pequenas ferramentas que para ele representaram um salto qualitativo:

*Tecnologias assistivas, metodologias que possibilitam que a pessoa com deficiência visual possa ter a igualdade de condições em suas atividades é tanto que nos últimos concursos e até mesmo na própria seleção do mestrado agora eu não me coloquei como pessoa com deficiência.*

*Hoje por utilizar as tecnologias assistivas eu acharia pelo menos na minha visão é inviável eu colocar como pessoa com deficiência mesmo tendo a deficiência, só que as tecnologias já suprem minha necessidade, hoje eu consigo ter um, um pé de condições como qualquer outra pessoa.*

Diante das colocações do aluno, as possibilidades que ele encontrou de desenvolver melhor suas capacidades visuais e acompanhar as atividades, principalmente no campo educativo, fomentaram condições significativas para seguir com sua formação, dando condições de igualdade, incluindo no processo, por meio de simples ferramentas tecnológicas. Ele, apesar de aceitar sua baixa visão, suas condições patológicas, tem como princípio não se conformar com os limites da baixa visão, o colocando em constante esforço para sentir que está em pé de igualdade com os demais ditos “normais”.

Apesar de ter uma condição diferente, ele busca vivenciar e experienciar momentos como outras pessoas; mesmo com a deficiência afetando campos de sua vida e formação, ele

entende que sua história de luta e resistência, passando por situações dolorosas, não o faz especial, mas potencializa as condições de igualdade e inclusão social. O fato de não se colocar como pessoa com baixa visão nas seleções, concursos e provas em geral não se reflete na falta de aceitação, somente refletindo um processo de significações que deram condições para construir uma realidade diferente de outros sujeitos que também enfrentam dificuldades. Ainda esclarece que: (Inédito) [...] *eu falei não, quero trabalhar eu quero ser proativo eu quero e realmente produzir e ser colaborador dessa sociedade, do nosso país, do nosso estado, do nosso município [...]*.

Olhando para si e se ver como um ser que pode fazer mais, Inédito demonstra em sua fala que ele tem confiança em si mesmo, ele é confiante, proativo, ele deseja provocar a mudança em si e na sociedade da qual faz parte: o que o move são suas motivações que o encorajam e impulsionam transformações, mudanças de pensar e agir, ele não se vê como vítima do sistema nem se conformou com as condições iniciais de sua baixa visão, mas descobriu formas de evoluir e criou estratégias viáveis que reconstituíram sua identidade subjetiva e objetiva de ser. O educando compreende que existe um lugar no mercado de trabalho, na Universidade, no congresso, na escola, em qualquer lugar e se esse lugar lhe for negado, ele enfrenta e consegue seu lugar de representatividade.

Apesar de existir inúmeras dificuldades, o mais importante não é ter a voz mais forte, mas o que pode fazer com ela, que meios, pessoas, lugares podem ajudar, mediar melhor e obter outros resultados. Toda atividade do homem é provida de sentido. Parte desses sentidos nos conduz a ter uma concepção de mundo e do seu lugar nele; com Inédito, não foi diferente, na verdade, foi a ponte para olhar não da janela do mundo, mas para seus sentimentos, emoções impelindo suas ações até hoje. Essa reflexão é retratada em sua fala quando esboça que: (Inédito) [...] *lutar pelos direitos das pessoas com deficiência e tudo isso modificou a minha história[...]*.

*[...] nessa brincadeira eu levei bem também uma proposição que levei aqui em Mossoró, fui aprovado em Mossoró, fui aprovada no estado e chegou pra Brasília, que na época o presidente Dilma, por orientação de dos procuradores, e ela vetou a garantia do de cotas para as pessoas com deficiência nas universidades federais e estaduais [...]*.

*[...] Até quando e quando eu quando eu descobro que na verdade, e foi sancionado no quando eu tiver enganado dia vinte e oito de dezembro de dois mil e dezesseis, a lei que garante as cotas para as pessoas com deficiência em institutos federais universidades federais[...]*.

Nas falas acima podemos observar que a luta de Inédito não se deu apenas por seus

intresses ou necessidades, mas para todas as pessoas com deficiência. No início da faculdade, passou por situações complicadas, a Universidade não tinha a mesma concepção de inclusão que hoje é vigente, algumas mudanças foram ocorrendo de acordo com as conquistas galgadas. É importante ressaltar a ida de Inédito ao Congresso Nacional, para reivindicar cotas para universidades federais e estaduais para Pessoas com Deficiência-PCD. A efetivação dessas cotas vem possibilitando as pessoas com deficiência a vivenciar o sonho do ensino superior, de maneira que ele vem registrando sua história na política e na vida.

Segundo trabalho de Romeu Sasaki “Inclusão: construindo uma sociedade para todos” (1997), a inclusão não é para uma categoria ou para determinada classe ou pessoa, ela é fruto de ação coletiva, cooperativa e abrange todos, independentemente de qual situação ou particularidades os sujeitos carreguem: inclusão acontece na totalidade, na universalidade. Nessa direção, Inédito (2021) rememora:

**[...] Quando eu estava fazendo a minha graduação realizou a minha graduação no sexto período, a gente foi orientado pelos professores que nós devemos buscar um estágio. Eu bati em vinte inscrições de advocacia, nenhum abriu a porta pra mim.[...].**

Negação é a palavra que define essa vivência: mesmo com suas capacidades e estando em perfeitas condições de exercer o cargo, Inédito passou por muitos sujeitos que lhe negaram a oportunidade. Dentre essas vinte inscrições para o estágio, um desses aceitou e lhe oportunizou mostrar seus conhecimentos. Foi angustiante para ele saber que não teria a mesma oportunidade que seus colegas, de aprender um pouco mais além do curso, isso foi frustrante, mas ele perseverou e conseguiu uma vaga, mostrando ser capaz, mesmo reconhecendo que não necessitava provar seu mérito ao outro que ele merece, mas que gradativamente poderia desenvolver e desempenhar um bom trabalho.

Para Sposati (1996), exclusão social representa impossibilidade de partilhar da sociedade e leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão, inclusive com violência de parcela significativa da população. Ser privado de um direito fere nossa formação, constituição, afeta nossa maneira de viver, de significar, faz sentir que está abandonado e sozinho, mesmo rodeado de sujeitos, gerando traumas, alimentando a desigualdade e desfalecendo a pessoa humana nos seus aspectos cognitivos, socioculturais, afetivos, constituindo uma identidade afetada de forma profunda pelos traços de construções desiguais e perversas.

A autonomia foi um dos eixos necessários para trilhar os caminhos de Inédito e de Superação: todas as conquistas resultaram de entraves que possibilitaram um lugar melhor e um direito exercido, ambos tendo rompido com paradigmas sociais, levando suas ideias, estratégias e mostrando um pouco da inclusão e da capacidade que uma pessoa com deficiência pode realizar, favorecendo a redução da desigualdade, mesmo que não seja notório. Dentro desta perspectiva, a diferença é feita todos os dias a cada novo desafio.

### **Indicador 13 – A autonomia do sujeito e seu processo mediatizador nas relações sociais**

Esse indicador é fruto de pré-indicadores sobre a autonomia dos entrevistados, suas dificuldades e como foram superadas, da satisfação e felicidade de realizarem sozinhos, de terem o controle de suas vidas, de como foi importante a autonomia para sua constituição de aluno e de sujeito em si.

No que se refere à autonomia de Inédito e Superação, podemos tornar possível de ser visto nas falas seguintes que:

*(Inédito) [...] que eu prendo muito a minha autonomia eu quero fazer minhas coisas eu não quero precisar de um outro pra fazer algo por mim, eu acredito que se eu adaptar algumas metodologias eu não vou precisar de um outro alguém pra fazer, como escrever como estudar [...].*

*(Superação) [...] independentemente de qualquer coisa a gente precisa ter consciência que a gente precisa ser autônomo, porque um dia você vai precisar e você não vai ter como, não vai saber lidar né com a situação então a gente tem que ter essa autonomia mesmo [...] Eu acho que a minha autonomia começou quando eu sai de casa né pra estudar [...].*

Essas afirmações retratam a importância da autonomia para os alunos. Percebemos que Inédito busca realizar o maior número de atividades sozinho, sem precisar de outras pessoas; ele não gosta de depender nem da própria deficiência, tampouco da ajuda de outros sujeitos. Superação também busca sua autonomia não na mesma direção porque ela admite precisar de outras pessoas. Buscando autonomia, ambos, ao longo dos processos, foram descobrindo e criando metodologias que auxiliassem suas dificuldades visuais, principalmente no que concerne ao campo educativo. A baixa visão suscitou estímulos que desenvolvem capacidades autorais, criativas.

As vivências significadas contribuíram para uma constituição que permitiu explorar vários campos e potencialidades da formação humana, afetando e instigando um desejo de

pensar alternativas além da realidade imposta. Dessa maneira, superar sozinho os desafios por meios da mediação de outros instrumentos fomenta no aluno a realização e felicidade de sentir a igualdade que tanto anseia. Frente às descobertas tecnológicas, podemos perceber que:

*(Inédito) [...] ganhei um computador do meu pai, quando eu passei no vestibular e meu pai comprou um computador pra mim e quando eu recebi o computador foi a coisa mais linda do mundo, eu abri o computador não vejo, e agora que eu estou com a máquina na minha mão e eu não vejo [...] fiquei incansável fiquei naquela neura eu tento encontrar uma forma que eu não quero pedir pra ninguém e tal mas eu preciso aprender [...].*

A necessidade de fazer e realizar sozinho é constante, incansável, inicialmente por sentir impotente em não enxergar para fazer uso do computador, o que não o afetou de forma que apenas olhasse para o problema, ele insistiu, pesquisou para encontrar o que desejava. Os sentidos e significados de Inédito foram ressignificando e constituindo em meio aos desafios e conquistas da dialética que transformou uma realidade de insucesso em soluções possíveis. Superação também aborda a relevância de um aluno com baixa visão ser autônomo.

*[...] autonomia do aluno também. Essa ajuda bastante, sabe? O aluno ser é autônomo, né? são dificuldades que. Assim, são dificuldades que pode ser superado, né? Com a ajuda, com o apoio... tudo caminhando[...].*

Presumimos que, na fala de Superação, a autonomia fez parte do seu processo formativo, entretanto ela tem uma perspectiva diferente de vivenciar a autonomia, ela apreende que diante da realidade que vivencia necessita da ajuda de outras pessoas, e que sentir que existem sujeitos que facilitam e dão melhores condições de superar suas condições não impede sua capacidade de plenificar a autonomia.

Tomar posse, sentir que está no controle fez de Inédito e Superação sujeitos que lidam melhor com os conflitos. Superação, ao sair de casa, encontra um mundo desconhecido e explorou experiências e vivências importantes para quem se tornou, significou de forma intensa o fato de romper com os limites de sua mãe, e abraçar o novo, contradizendo um futuro que ela foi a principal protagonista. Sua autonomia a levou a conquistas inimagináveis: aquela menina que vivia sonhando com seu retorno aos estudos hoje tem a alegria de compartilhar a superação de tantos desafios trilhados em sua jornada:

*(Superação) [...] Eu me sinto realizada assim. E olha que eu tenho essa essa coisa que é a autonomia e eu me sinto realizada quando eu vou e resolvo sozinha. Mas só que assim às vezes, às vezes a gente é mal entendido porque*

*às vezes as pessoas e confundem essa essa autonomia e esse prazer de você fazer as coisas né? como mal agradecido [...].*

Para Superação, os sujeitos sentem dificuldade em interpretar, confundindo sua autonomia com orgulho, prepotência, ingratidão, quando na verdade ela está buscando descobrir, aprender sozinha, pois sente que é necessário para seu desenvolvimento, reconhecendo que pela autonomia ela constituiu o que sempre desejou e realizando só, de forma que sentimentos de satisfação, alegria, fortalecimento pessoal prosperam nela, estabelecendo novas significações para situações vindouras. A realização pessoal teve início com uma tomada de decisão que fomentou a autonomia na vida e na formação; a aliada, para Superação e Inédito, foi por meio de uma atitude autorizada, proativa.

Segundo a afirmação de Toassa (2011, p. 231), “pela vivência somos impactados; sofremos a ação da obra de arte, do texto, do quadro”. Interessa destacar que as vivências nunca são iguais, algumas semelhantes, outras nem tanto, porém, o elemento que as torna algo profundo e significativas para o sujeito é o impacto gerado na personalidade, na identidade, levando transformação qualitativa ou quantitativa, já que seguimos uma linha de pensamento que reconhece que o sujeito se transforma nas relações com outros e com o mundo, trazemos que os ensinamentos, aprendizagens, frustrações, emoções se expressam de forma aflorada, de acordo com o exemplo abordado da obra de arte ou do texto um quadro. Nessa ótica, Superação afirma: [...] *você tendo autonomia você consegue não tudo, porque tudo é muita coisa, mas a autonomia ela lhe ajuda bastante você chega bem mais rápido [...].*

As experiências e vivências passadas por Superação sofreram menos impacto afetivo por meio da tomada de decisão e a postura autônoma diante das decisões que foram tomadas até hoje, revelando uma personalidade que encoraja sentimentos que fortalecem a identidade subjetiva e objetiva em meio às afetações positivas e negativas que apresentaram no processo. Nesse sentido, a aluna compreende que ter autonomia não é a ausência de sujeitos que a auxiliem, mas uma decisão diária que promove a diferença em toda a sua historicidade:

*[...] esse cuidado dele essa superproteção ele tira essa essa autonomia que o ser humano precisa e isso não só para a pessoas com deficiência que todo pai superprotege o filho o filho uma hora chega ele não vai saber se resolver né chega um momento ele não sabia se resolver, porque ele sempre teve alguém pra decidir por ele. Entendeu? Então a autonomia é um ele um ele é um carro chefe, ela é um carro chefe pra qualquer ser humano.*

As relações de Inédito e Superação com seus pais foram de mais controle quando ainda viviam com eles, por isso a necessidade de ambos saírem de seus lugares de origem e buscarem

seus objetivos. Superação se sentia superprotegida por sua mãe, ela deixou de conhecer e vivenciar muitas experiências, por isso que ao sair e se deparar com um mundo, apesar das dores, conseguiu encontrar alegrias, levando aprendizagens de uma vida, sentindo-se mais preparada a enfrentar, razão pela qual ela retrata que a autonomia foi o carro chefe para resumir muitas de suas lutas.

### **No Indicador -11 Interagindo com o outro e tecendo vínculos sociais.**

Esse indicador é fruto de pré-indicadores que elucidam a importância das relações pessoais e interpessoais na formação e relação com os professores, colegas de sala, possibilitando compreender melhor, a partir das falas expressas, os vínculos estabelecidos.

No que se refere à importância das relações sociais, Inédito aborda assim:

De acordo com o apontamento realizado o valor do outro em sua vida, mesmo não abrindo mão de sua autonomia, ele entende que por meio do outro ele se desenvolve, cresce, aprende e compartilha. (Inédito) [...] *parto de um princípio da alteridade. O que esse princípio diz? Que eu sou o que sou por causa do outro. Então eu vou ser uma pessoa diferente depois dessa conversa [...].* Nesse prisma, sua constituição advém de relações que se constituem com a partilha de experiências e vivências, isso vai sendo interiorizado de forma que, à medida que se relaciona com os sujeitos, ocorre uma evolução no campo sociocultural e emocional, constituindo uma identidade que não é apenas parte única, ou exclusiva de Inédito, como também de outros sujeitos que fazem história com ele, nos diálogos, experiências e momentos vivenciados.

Retratando as vivências das relações com os professores e colegas de sala, Inédito afirma:

(Inédito) [...] *professor vamos se juntar aqui no grupo de cinco pessoas todo mundo se juntava e eu ficava sozinho, então e aí o que que acontece, você precisa se juntar em um grupo e aí é professora quem quiser que eu fique no grupo eh estou a disposição e geralmente quem me escolhia isso que é o mais bacana de tudo era aqueles grupos que eram dos mais bagunceiro que estava nem aí pra nada [...].*

(Inédito) [...] *como começaram a falar e quando os cara tirava dez aí o pessoal começou a dizer, não, calma aí eu quero ver[...] no meu grupo, então assim começaram a inverter a questão dos então às vezes eu já cheguei a presenciar grupos brigando [...].*

*(Inédito) [...] assim modificando com o tempo, então no começo eu senti que os meus colegas achavam que eu era incapaz e quando terminava era o pessoal brigando pra poder ficar na turma deles [...].*

Essas pontuações nas falas demonstram que as relações dentro do espaço escolar não fluíam com facilidade; somando-se à timidez do aluno, os colegas de sala não buscavam estabelecer vínculos afetivos, cooperativos, uma pequena parte dos colegas interagia. Ao adentrar na sala de aula, além de levar consigo sua história e lutas, encontrou desafios nas relações interpessoais, seja com o professor ou com os colegas, a ausência de afetações e afetos marca um processo educativo e formativo, fazendo sentir excluído e longe de um ideal de inclusão social.

Como apontado por ele, os grupos bagunceiros o aceitavam no seu grupo, isso demonstra que a percepção dos alunos era de que ele não tinha capacidade cognitiva para desenvolver suas competências nas atividades realizadas, sendo desacreditado, gerando isolamento social dentro da própria sala de aula, alimentando um sentimento de timidez e vergonha, favorecendo experiências as quais vivenciou sozinho. Afirmam Laplane e Batista (2008, p. 211),

Na ideia de que o homem é um ser social está embutida a de que o homem se desenvolve na sociedade e na cultura, por meio de uma ferramenta especialmente desenvolvida para isso, isto é, o homem é um ser capaz de aprender com o outro por meio da linguagem que organiza e dá sentido à experiência humana compartilhada. Dessa ideia decorre a de que o desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem no espaço privilegiado constituído pelas relações sociais.

Em meio à constituição das relações entre os homens, a mediação está presente, seja na linguagem, cultura e tantas outras formas que os sujeitos utilizam para seu desenvolvimento. As experiências e vivências humanas vão tecendo histórias significadas, que geram sentidos valorosos para a vida e formação e os vínculos que se fazem e refazem na trajetória, desenvolvendo habilidades e constituindo um ser que constrói e cria. Nesta ótica, os sujeitos, de um modo geral, necessitam uns dos outros, somos pertencentes aos outros, e quando pensamos nas pessoas com baixa visão, ou mesmo com deficiência, as relações colaborativas afetam de maneira significativa o processo de superação, deixando-o mais leve.

Diante da convivência com os colegas, Inédito foi mostrando ser capaz e demonstrou seu potencial de dedicação e desempenho nas discussões teórico-metodológicas, na resolução de conflitos, modificando a percepção dos colegas, pois passaram a ter outros sentidos sobre ele e que de fato ele tinha capacidade plena de realizar todas as atividades, assim como os

demais. Da mesma forma que as relações entre Inédito e os colegas de sala, pois a nova concepção possibilitou outros entrelaços que constituíram significações positivas sobre ele, mas de seu olhar interior que ele mesmo passa a refletir.

Ao mesmo tempo, também se podem refletir que o interesse dos colegas foi modificado, agora com o intuito de que ele podia contribuir nos trabalhos e atividades; a tomada de consciência não foi de que excluía e segregavam um colega de sala, ou que desejavam tê-lo em seu grupo porque tinha afeição e afeto, pelo contrário, visavam aos benefícios recebidos com a partição, levando a um sentimento de egoísmo. Não podemos generalizar o posicionamento e interpretação de cada aluno, não estamos para fazer juízo de valor, mas para trazer reflexões que nos permitam pensar além da realidade em sua totalidade.

Na relação com os colegas, Superação (2021) esclarece ainda que:

*[...] eu vejo que não, nada exposto não, eu até que tenho né mas enfim me deixa transparecer que que eles me excluí[...]. Aí você pode olhar que eles têm alguém na família ou conviveu com alguém ou ou alguma coisa a gente tem que eles são mais acessíveis[...].*

Superação declara que os colegas de sala também não mantêm um vínculo forte de amizade, compartilhando momentos, esclarecem dúvidas, realizam grupos de estudos, a maioria dos colegas mantém distância, não sendo muito colaborativo, o que torna um pouco mais difícil o ambiente da sala de aula; mesmo não demonstrando atitudes inclusivas ou falando, a exclusão acontece de maneira subjetiva, afetando a convivência e desenvolvimento socioemocional de Superação, como afetou a de Inédito; mesmo gerando significações particulares, os alunos sentem e apreendem as atitudes dos colegas, as ausências e distâncias.

A ajuda dos colegas no processo de formação é muito importante para o desenvolvimento das atividades; apesar da autonomia e capacidade, os colegas podem ser instâncias de apoio que auxiliam nas necessidades que possam surgir, além de criar vínculos afetivos há uma contribuição notória da formação identitária da personalidade de cada sujeito.

## **Indicador 12 – Diálogos abertos e uma escuta sensível**

Esse indicador é fruto de pré-indicadores que constituem relatos de vivências e relações com os professores, evidenciando as dificuldades de Inédito e Superação na rotina da Universidade, nos trabalhos e aulas, na relação com os colegas, assim como a realidade que cada um significou de forma singular a formação acadêmica e social. Na trajetória de Inédito, ao longo dos anos houve experiências e vivências diferentes com professores, nas duas

universidades onde estudou: dentre algumas situações negativas, declara também momentos positivos e significativos de sua formação, do relacionamento e interação com os professores, alguns deles foram compreensivos, ajudaram no crescimento enquanto aluno e pessoa com deficiência. Demonstraram respeito, empatia, levando a bons momentos a sentidos e significados, dando maiores condições de exercer com coragem, confiança, seus propósitos, nas atividades rotineiras, facilitando de maneira que não desviasse do propósito de igualdade, mas das condições permitidas e viáveis. O aluno explica: (Inédito) [...] ***os professores sempre foram muito assim, nessa questão como foram bem compreensivos [...].*** Especifica ainda que:

(Inédito) [...] ***quando a atividade era individual aí o que eu pedia professor então tem como só encaminhar porque eu não levava o meu computador pra UERN, não levava pela questão conhecer de assaltos, tal opção faço trabalho pra mim se eu quiser que eu ainda encaminhe ainda hoje quando chegar em casa eu faço em casa, e mando pro seu primeiro e-mail. Então assim, foi muito na questão do diálogo [...].***

Podemos observar que a atitude de alguns professores teve impactos diferentes no processo educacional, facilitando a maneira de Inédito exercer as atribuições, um diálogo que possibilitou escuta sensível, que levou a resultados diferentes, significações que se refletem diretamente na forma como o aluno vivenciou o dado momento; a inclusão inicia no momento da escuta e na extensão que o ouvir permite, na prática ou intervenção realizada. Ele ainda menciona o quanto a UERN vem crescendo no que se refere à inclusão, desde a DAIN, bem como os profissionais que fazem parte. No curso de Filosofia, ele pôde apreender relações mais fluidas e simples, que o ajudaram de forma mais rápida e eficiente no desenvolvimento acadêmico, profissional e humano.

Inédito (2021) e Superação (2021) abordam situações da rotina diária:

(Inédito) [...] ***Então eu pedi o seguinte, olha antes da da aula começar ou dias anteriores ou uma aula posterior a outra, me digam qual vai ser o assunto da outra aula pra que eu já estude em casa e eu já venha pra aula preparado para poder discutir o tema o que eu gosto de discutir pronto uma coisa, ah mas o direito da universalidade realmente é garantido então assim eu gosto de questionar, isso faz parte também de mim, então houve esse esse avançar mesmo na questão de filosofia [...].***

(Superação) [...] ***estou conseguindo dar de conta pouquíssimo pouquíssimos trabalho eu entregava com dois três dias isso mesmo quando eu via que não dava eu conversava com o professor, esclarecer que não dava pra entregar dentro daquele prazo e tal e disse não, mas você me entregava tal dia entendeu? Sim. Havia essa flexibilidade.***

Os educandos exigem mais de si no desenvolvimento de suas capacidades e habilidades, seja na faculdade ou em outras situações, estando sempre em busca de se sobressair para atingir as metas constituídas de forma subjetiva e objetiva, com compromisso, com a aprendizagem, buscando interagir, discutir, ser alunos aplicados; isso provoca um processo educacional que explora e tem maior aproveitamento, nos fazendo apreender que existe doação, amor diante do que se propôs a fazer, desejando o melhor sem reservas. Esse esforço, além de gerar um cansaço que não é apenas físico, mas emocional, sentimental, deixa vestígios de suas marcas.

A flexibilidade e compreensão dos professores revelam um comportamento que deve ser o esperado dos docentes, o cumprimento do seu papel, mediando, conduzindo o aluno, educando e atendendo às necessidades e demandas, dando lugar e voz aos estudantes, atentando às suas histórias de vida, dando igualdade de condições e respeito, compreendendo que cada pessoa possui seu tempo, espaços, singularidades, permitindo, dessa forma, travarem as metas com as mesmas condições que são ofertadas aos ditos “normais”.

*(Inédito) [...] Isso realmente com alguns professores aconteceram, alguns professores chegaram a dizer: [...] mas se a gente fizer isso a gente vai tá privilegiando mais você do que outro aluno [...] professor e aí aquela questão de demonstrar, professor eu acredito que o senhor não vai estar privilegiando a mim mais pro outro aluno, porque o que acontece o outro aluno ele consegue ler o livro, e os livros pra mim, eles não são físicos é através do meu computador, então eu preciso saber qual a informação[...].*

Criar formas dos alunos se desenvolverem, mudar práticas e metodologias contribuirá e, ao contrário do que muitos pensam, o professor não estará favorecendo ou privilegiando uma categoria ou aluno. As falas de Inédito e Superação retratam a importância de realizar leituras no dia anterior às aulas. Assim como para os outros alunos, o material deve ser sempre adequado e estar acessível, sob pena de os alunos terem negado o direito de aprender e estudar com antecedência, ficando apenas como ouvintes em sala. Dentro desta conotação, novamente observamos uma prática excludente e desigual, deixando que os alunos sejam meros ouvintes e que não participem de forma ativa.

Além de consequências no processo de ensino-aprendizagem, Inédito e Superação sentem que apesar de estarem na Universidade e dos recursos fornecidas, os docentes recusam-se a contribuir de forma significativa, deixando o processo de ensino-aprendizagem aquém do necessário ao desenvolvimento do aluno. É plausível como a zona de desenvolvimento próximo está relacionada dentro do processo de formação dos alunos.

Coll e Colomina (1996) enfatizam a importância do trabalho em grupo, da coletividade, pois se estimulam mutuamente, sejam adultos ou crianças, a interagir e criar relacionamentos com outros sujeitos, nos fazendo evoluir, seja no campo educativo ou subjetivo; a participação do outro é imprescindível e privilegiada na formação humana.

Ao longo da nossa constituição, passamos por ciclos diferentes, processos distintos, cada sujeito com suas dificuldades e potencialidades. Desta forma, a contribuição da zona de desenvolvimento real, atribuída como os saberes existentes dos sujeitos, frente a seus não saberes, mediados e significados a partir das relações afetivas e cognitivas produzirá a zona de desenvolvimento próximo, um processo que, nas suas idas e vindas, dialoga com a natureza humana, social, interna e externa, constituindo ciclos que em cada etapa apropria e apreende saberes inacabados, que necessitam de novos processos para irem se constituindo por meio da relação com os sujeitos e natureza universal produzida pelo homem. Nessa direção, Laplane e Batista (2008, p.214) defendem que: “A visão é uma função altamente motivadora para o desenvolvimento em todos os seus aspectos: os objetos, as pessoas, as formas, as cores e o movimento despertam curiosidade e interesse”.

O campo de visão é de fato um elemento constitutivo da formação biológica, socioemocional, pois suscita interesse, desenvolvimento e desperta experiências. Por meio da visão enxergamos um mundo, nos relacionamos com o universo de forma única, singular; apesar de alguns sujeitos terem esse sentido comprometido, a forma de se relacionar e comunicar ganha outras instâncias, além das motivações serem significadas de forma distinta: a pessoa cega ou com baixa visão se comunica de forma mais intensa no campo subjetivo e o sujeito com sua função em perfeito estado se relaciona com todos os seus campos que a visão fornece. Nisso, os sentidos se diferem, destacando a especificidade do sujeito com o mundo, aí estão a constituição e os movimentos dialéticos, pois nenhuma função é deslocada da outra.

#### 5.4 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO IV- SUBJETIVIDADE QUE SE EXPRIMEM E SONHOS QUE ATRAVESSAM A LONGIVIDADE FORMATIVA

O quarto núcleo de significação é resultado da sistematização de quatro indicadores, como mostra a figura abaixo, por meio da aglutinação de 23 pré-indicadores que formaram este núcleo e refletem dialeticamente os processos constitutivos dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 16: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 4

<b>INDICADOR 5</b> A EDUCAÇÃO COMO UM ESPAÇO QUE DELIMITOU NOVAS CONQUISTAS	<b>NÚCLEO 4</b> <b>SUBJETIVIDADES QUE SE EXPRESSAM E SONHOS QUE ATRAVESSAM A LONGIVIDADE FORMATIVA</b>
<b>INDICADOR 6</b> O DESCREDITO DOS SUJEITOS OS DESAFIOS DA DEFICIÊNCIA	
<b>INDICADOR 7</b> PAIS: APRENDIZAGENS QUE ATRAVESSAM A FORMAÇÃO HUMANA	
<b>INDICADOR 13</b> A AUTONOMIA DO SUJEITO E SEU PROCESSO METATIZADOR NA RELAÇÕES SOCIAIS	

Fonte: Elaborado pela autora.

### **No Indicador 5- A educação como um espaço que delimitou novas conquistas.**

O indicador cinco é fruto de pré-indicadores que circundam as discussões acerca da importância da educação para a superação das deficiências, bem como a tomada de consciência e as descobertas e possibilidades formativas das tessituras de sonhos e conquistas alcançadas. Na fala elucidada, podemos interpretar acerca da educação e das transformações que delas partem:

*(Inédito) [...] a educação tem esse poder porque a educação tem o poder de liberdade, a educação tem esse poder libertário, a educação esse poder transformador e a educação tem o poder de ressignificar a pessoa, dela conhecer-se a si mesmo e conhecer o como ser social colaborar com que as pessoas possam viver de forma aprimar pelo bem comum [...] agora, é um processo que não é fácil [...]*

*(Superação) [...] eu sempre dizia que na hora que eu tivesse oportunidade eu e eu ia voltava a estudar e eu ia e para o meu futuro que eu mais queria e até que um dia eu tive uma oportunidade né de ter alguém que acreditasse na minha capacidade e eu voltei a estudar [...].*

Para os entrevistados, a educação foi o lugar de aprendizados para a vida, por meio dela conheceram seus limites, possibilidades, sabendo que existem um lugar e um direito para todos, que por meio do conhecimento podem realizar além do esperado, contribuir, tendo uma vida ativa como desejam. A educação é o espaço onde se constituem e têm prazer em viver cada momento: mesmo com os dissabores da vida e formação, não trocam a oportunidade e valorizam o que têm conquistado até hoje, pois os frutos de suas trajetórias podem ser sentidos na dimensão subjetiva da realidade.

Na fala de Superação, ela aborda que sempre desejou retomar seus estudos e voltar à escola, não se conformando com a vida que tinha, desejou sonhar longe e seguir com seus propósitos, acreditou em si e no mundo, mesmo nem sabendo o que esperar dele, lutou, conquistou, e hoje saboreia os prazeres e encantos que a longevidade proporcionou. Ainda acerca da Educação:

*(Inédito) sempre fui esse cara de estudar pra caramba eu quero aprender não é não quero ser mau com os outros não, eu quero aprender pra mim mesmo que é pra mim, entendeu? E aí o que acontece quem acabar fazendo as atividades era eu[...] então eu sempre preferi, se for pra tirar nota baixa eu tiro nota baixa, mas pelo menos que eu venha aprender [...].*

Inédito retrata que sempre buscou estudar, tentar aprender e sobressair nas atividades escolares, bem como na Universidade, tendo em vista que, apesar de sua visão não estar em plenas condições, não justificou os limites no campo educativo; pelo contrário, se empenhou ainda mais para conquistar o que sempre desejou. A exigência de si mesmo também foi um elemento de dedicação nos estudos, pois suscitou mais tempo para aprender e significar outras habilidades enquanto alunos e as particularidades da baixa visão, já que a perda de um sentido foi compensada por outros, mas aprimorada por meio das decisões diárias. Também Inédito é sempre motivado por meio do conhecimento pensando em aprender para si, fazer o melhor por ele próprio, espalhando e propagando seus passos rumo a novos ciclos.

A partir desta ótica, “A possibilidade não é a realidade, mas é também ela uma realidade, não bastando, porém, que as possibilidades existam, é necessário conhecê-las, saber utilizá-las e querer utilizá-las” (GRAMSCI, 1995, p. 47). Ao saírem de casa, ambos os alunos arquitetaram suas metas e desejaram viver as possibilidades; mesmo não sabendo o resultado de tudo isso, desejaram conhecer o desconhecido e plenificar as vontades utilizando-se dos mecanismos criados ao longo de sua historicidade, tornada uma possibilidade real, concreta e constituída por eles, com a ajuda de tantos que perpassaram suas vidas com boas significações.

Superação e Inédito sempre buscam contribuir, criar, cada de seu modo vem realizando o que deseja, traçando seu processo, com histórias que perpassam experiências, vivências, mesmo com diferenças, podemos observar afetação e transformação dos afetos da educação que receberam. No que se refere à educação, afirmam Kitahara e Custódio (2017, p. 91):

*Apesar de qualquer deficiência, as crianças, os jovens e os adultos precisam estudar, não importando sua condição. Eles precisam ter certeza de pertencer a uma escola, a um grupo de amigos, ter pessoas formadas e capacitadas que desvendem os conhecimentos acumulados pela humanidade.*

Todos precisam se encontrar, descobrir e formar suas personalidades e identidades. A partir da relação com mundo e das significações que dela emergem, os sujeitos criam suas relações coletivas e individuais, importantes para manter a força que os impulsiona para a atividade sobre o mundo, por isso as pessoas com deficiência não podem ser uma exceção ou um pequeno grupo que esteja à mercê da sociedade: elas são parte constituinte e constituidora do âmbito sociocultural. Assim, participar é um direito de todos e nesse todo não há lugar para exclusão, nele só existe um lugar pertencente e único do qual cada pessoa faz parte.

Portanto, alunos, professores e sujeitos em geral devem buscar incluir, mesmo não sendo a receita, o caminho e como fazer, mas devem buscar fazer sua parte, demonstrar humanidade e constituir-se mais humanizados numa formação subjetiva e objetiva, que compreende a importância do homem e sua contribuição e importância para as relações sociais, seja na escola, na família, no lazer ou trabalho.

Nesse sentido, diz Merçon (2013, p. 48): “as coisas que amamos são amadas por nós com mais firmeza quando imaginamos que outras pessoas também as amam, segue-se que nos esforçaremos para que os outros amem o que nós próprios amamos”. Constituir em meio a outros sujeitos gera emoções: passamos a fazer parte da vida do outro, assim vamos constituindo sentimentos como amor, satisfação, prazer, que advêm das vivências que compartilhadas se conectam, fundem, revelam o amor que os alunos têm pela educação e o desejo de serem incluídos com o mesmo amor e doação que exercem no processo formativo. Inédito e Superação querem sentir de seus professores a dedicação e empenho que eles desenvolvem, pois compreendem que viver coletivamente e apreender a inclusão na realidade é um trabalho.

### **No Indicador 5 - O descrédito dos sujeitos e os desafios da deficiência**

O indicador cinco é fruto de pré-indicadores que delineiam reflexões retratando o preconceito vivenciado nos mais diversos campos da vida e formação, além das marcas exercidas desses afetos dolorosos, bem como dos sentidos e significados que se constituem nas apreensões de uma vida.

Os alunos com baixa visão expõem situações de preconceitos que para eles foram difíceis em suas trajetórias: (Inédito) [...] *Eu sinto isso na pele. É o descrédito das pessoas e em relação à pessoa com deficiência*[...]. É interessante destacar que as pessoas com deficiência, seja baixa visão ou outras particularidades, sempre estão lidando com atitudes preconceituosas, bem como inseguranças e descrédito da sociedade. Tal forma de pensamento

acarreta não somente em significações, mas no afastamento, isolamento da participação social e do direito de configurar os direitos resguardados na Lei.

Inédito sente fortemente os afetos de viver em ambientes repletos de sujeitos que não o enxergam como de fato ele é: um aluno esforçado, dedicado, com conhecimentos e fraquezas humanas, entretanto muitos sujeitos o veem apenas com a deficiência e tudo de negativo que ele enfrenta, negando um olhar complexo no qual se veja o outro lado, o que está por trás da deficiência, um jovem que se destaca pelo desempenho. Frente a essa colocação, Inédito, (2021) narra:

*[...] Então assim, é muita das vezes nós precisamos demonstra aquilo que nós já somos, são isso que é um lado negativo de alguma forma, porém eu entendo e da mesma forma que uma pessoa que possa ter qualquer outra dificuldade [...].*

Mostrar que precisa ser bom, capaz e buscar demonstrar para o outro é significado de forma negativa para Inédito, bem como para Superação, que em vários momentos de sua fala também declara sua insatisfação em provar a capacidade que diversas é comparada, ridicularizada, ferida, internalizando situações preconceituosas que limitam as transformações socioculturais:

*(Superação) A gente tem uma dificuldade também na questão da inclusão né em com a turma não é todo mundo né que que que veste a camisa da inclusão de fato né existem pessoas que assim que não querem ter contado né não querem ter aproximação né com o aluno com deficiência a gente sabe a gente sabe que isso vem numa série de coisas né sim isso é gerado uma série de coisas.*

Concatenado com as falas expressas, outra forma de preconceito é o afastamento das pessoas com deficiências, seja na sala de aula ou em outros ambientes. Ainda encontramos sujeitos resistentes a compartilhar momentos, interagir, criar vínculos afetivos, criar laços emocionais significativos, acreditando que a deficiência se torna maior que o outro, e os valores que carregamos e a socialização das pessoas com deficiências pode sofrer maiores dificuldades, essa não é uma regra para todos, mas é um desafio enfrentado na realidade de muitos.

Bock (1999, p. 171) reitera que “a relação indivíduo/sociedade é vista como uma relação dialética, na qual um constitui o outro. O homem se constrói ao construir sua realidade”. É nessa relação dialética que nos constituímos, na escola, Universidade, nas relações familiares ou mesmo com os professores, uma relação mediada da outra, carregada de subjetividade e objetividade humana, daí a importância do papel social na vida das pessoas com deficiência,

pois o social se reflete no individual, na intimidade e identidade. Portanto, um sujeito necessita do outro, seja com ou sem deficiência, ninguém se desenvolve sem a contribuição e participação afetiva do outro, mesmo negando nossa natureza, algumas transformações estão além do nosso controle.

A pouca interação com outros sujeitos ditos “normais” dificulta a expressão dos sentimentos e emoções, no falar e agir, os alunos com deficiência ficam receosos em sair de seu grupo ou bolha, pois o medo de ser rejeitado e provar de mais preconceito os afasta de outras experiências e vivências que fogem de sua realidade. Diante das diversas formas de desigualdade e exclusão, a inclusão social é um desafio a ser vencido, superado por todos. O preconceito e a falta de uma interpretação da realidade também advêm de relações familiares:

(Superação) *Ela dizia ah tu não, não vale a pena você sair de casa, porque você tem uma limitação porque isso e aquilo não implica não tem isso eu então, mas mesmo assim eu vou então assim havia aquele descrédito, não você não vai conseguir sabe, e minha mãe me chegou a me dizer você não vai conseguir é uma besteira[...].*

Consideramos nessa fala que a desaprovação e falta de confiança da mãe são atos de preconceito, mesmo não tendo consciência de suas ações, ou mesmo de forma intencional, o preconceito se revela na fala e agir da mãe. Superação não interiorizou tudo que ouvia de sua mãe, mas escutou a voz que falava dentro de si, do sonho e do desejo de criar sua própria história de crescer e florescer, transformando o que estava ao seu alcance, levando à longevidade formativa, provocando mudanças nela e nos outros; mesmo com os desapontamentos, as conquistas foram constituídas nos espinhos e nos encantos que os afetos e significações transmitem quando são ressignificados.

Desse modo, todos os acontecimentos são importantes para a formação humana, bons ou ruins, grandes ou pequenos, cada momento, experiência e vivência desencadeia aspectos subjetivos e objetivos e tendo em vista as reflexões abordadas nesta pesquisa se faz necessário compreender a subjetividade a partir de Marques (2014, p. 65).

[...] a subjetividade, portanto, refere-se à dimensão do humano que singulariza cada indivíduo, ou seja, àquilo que distingue os indivíduos entre si e, que, ao mesmo tempo em que o singulariza, porque expressa seu mundo refletido nas suas ideias, no seu modo de ser, é também a expressão do mundo social e cultural do qual faz parte.

A subjetividade é o acúmulo das significações e de toda a trajetória histórico-cultural do sujeito, das relações íntimas, pessoais, individuais e coletivas, são campos que se comunicam

e entrelaçam; a subjetividade também emerge da linguagem, dos valores, emoções, ideias, de suas singularidades. A subjetividade é a dimensão oculta e sensível do sujeito; o social e o individual são afetados na atividade humana das relações. Dentro desta perspectiva, os alunos com baixa visão têm suas subjetividades muitas vezes oprimidas pelo sistema e pessoas, além de tantas outras formas de preconceito que agridem o processo constitutivo do sujeito.

### **No Indicador 7 - Pais: aprendizagens que atravessam a formação humana**

Esse indicador é fruto de pré-indicadores que esclarecem as significações atribuídas às relações com os pais, a potência que eles mobilizaram e desenvolveram na formação dos entrevistados, dos saberes e não saberes da tarefa árdua de formar um cidadão. Os alunos falam da relação com seus pais: (Inédito) [...] *tenho os meus pais como um espelho pessoas guerreiras. Eu acabei querendo ou não, interiorizando isso dentro de mim [...] Eu tenho esse espírito de luta e eu devo muito isso aos meus pais[...]*. Os pais de Inédito foram figuras importantes para sua formação, encorajando e apoiando em muitos momentos de sua vida, dando condições para ele potencializar sua atividade, significando de forma afetiva emocionada a relação com eles. Em outros momentos, ele retrata que ambos se esforçaram para dar uma boa educação, segurança e amor; o aluno enxerga de forma positiva e significativa a figura paterna e materna, mostrando que sua personalidade, identidade e força advêm da inspiração e aprendizados em casa recebidos, ele interiorizou e carregou consigo nas lutas, sonhos e conquistas, os pais representam mediações relevantes para as afetações que levaram Inédito a galgar novos horizontes.

Apesar de sair muito cedo de casa, Inédito não se afastou dos saberes apreendidos, da concepção de mundo que aprendeu com as vivências familiares, ele dotou como o seu alicerce; hoje, ao olhar para trás, além de visualizar a importância das relações, compreende que sua constituição é parte importante das significações atribuídas com seus pais, pois foi lá, no seio de casa, que aprendeu a acreditar em si mesmo e saber que podia chegar a lugares maiores e melhores, mesmo sabendo de suas limitações visuais; o apoio familiar foi e é essencial à tomada de decisões e à maneira como enxerga seu presente e futuro. Soares (2006, p. 57) argumenta que:

Para a Psicologia Sócio-Histórica, o ser humano não se reduz, portanto, a uma estrutura cognitiva, como definem muitas teorias pedagógicas e psicológicas. Ao mesmo tempo em que se configura como um ser cognitivo, ele é, também, um ser afetivo, ou seja, ele é atravessado por emoções e sentimentos. Nesse

sentido, afeto e cognição se inter-relacionam dialeticamente no processo de constituição do homem.

Conforme a fala do autor, o homem não pode ser reduzido a uma estrutura cognitiva. Compreendendo essa perspectiva, pode-se expor que a afetividade está relacionada à subjetividade, pois guardadas nossas interpretações das pessoas, do mundo, do que vivemos ou até mesmo do que não foi vivido, falado, a subjetividade se expressa na objetividade dessa relação, estando no centro do processo constitutivo as afetações que podem ser definidas como os sentidos atribuídos às diversas relações singulares, particulares dos sujeitos. Superação (2021) aborda que:

*[...] porque quando eu morava com a minha mãe eu não tinha nem o direito de fazer uma academia porque eu não podia que eu era deficiente visual, porque eu eu podia ir pra academia, eu podia cair por cima das máquinas, não podia fazer isso, podia fazer aquilo. Entendeu? Entendo. Isso não me fazia bem, fazia mal um terrível mal, eu eu era uma pessoa que eu não tinha direito de escolher, pra eu ir o que fazer, porque eu era deficiente[...].*

Diferente da relação de Inédito com seus pais, Superação demonstra que as afetações podiam ter diminuído as possibilidades de uma longevidade formativa, mas isso não define ou resume sua historicidade. Seus primeiros anos na escola sofreram afetações significativas que exerceram uma potência maior de desenvolvimento do que mesmo as palavras e atitudes de sua mãe; na escola, ela compreendia que podia fazer mais, apesar do comportamento dos professores, em casa era impedida de realizar, criar e crescer. No universo subjetivo que ela mesma criou mediante os afetos e significações, a aluna se fortaleceu nas fraquezas e fragilidades, olhando para o negativo e extraindo o positivo, atravessando dialeticamente os tempos, pensamentos e valores; a deficiência era só uma deficiência, não era o todo, ela não se calou e não permitiu que ninguém tirasse mais nada, apenas lutou diariamente para superar os obstáculos.

Portanto, podemos observar o movimento que se revela nas categorias, seja sentido ou significado, bem como o par dialético entre sentido e afetividade. Vigotski (2001a, p. 469) ressalta que “Os sentidos como que deságuam uns nos outros e como que influenciam uns aos outros, de sorte que os anteriores como que estão contidos nos posteriores ou os modificam”. Os sentidos se fundem e se conectam por meio das vivências afetivas, mas sofrem ao mesmo tempo mudanças, mesmo com suas conexões subjetivas.

## **No Indicador 1- A autonomia do sujeito e seu processo mediatizador na relação entre ser sujeito e aluno**

Esse indicador é fruto de pré-indicadores constituídos de discussões que permeiam a autonomia e tomada de decisão das atividades na Universidade e no campo pessoal, na relação entre aluno e sujeito, refratando nos ganhos e conquistas atribuídos da independência e autonomia dos sujeitos:

*(Superação) [...] Então a gente tem essa autonomia a gente tem todo esse direito de de de escolher. [...] Hoje eu decido onde eu quero ir, eu vou a todo canto e não tem ninguém pra me dizer, assim não, você não vai porque você é deficiente, não tem, entendeu? Hoje eu vou mesmo [...].*

*(Inédito) [...] comecei a pesquisar sobre a lupa e eu consegui adaptar a lupa do Windows com invenção de cores tal aquilo, transformou minha educação conseguir criar uma metodologia com o meu próprio computador [...]*

Ambas as falas nos permitem entender que a autonomia foi o princípio das mudanças e transformações na trajetória dos alunos, passaram a ter o direito de viver e escolher o modo como vivenciar os momentos e acontecimentos; Inédito se tornou mais criativo, proativo, e Superação, além da coragem, passou a descobrir habilidades sociais e explorar outros ambientes e autorizar sua decisão e opinião. Principalmente quando ela reconhece: [...] ***Eu acho que a minha autonomia começou quando eu saí de casa né pra estudar [...]***. Assim, “[...] cada um teria a possibilidade e a dignidade de definir, individual e solitariamente, qual seria o projeto digno de sua vida e a ação moral a seguir, vez que por meio do mecanismo do imperativo categórico isso seria facilmente resolvido” (GOMES, 2007, p. 37).

Permitir-se escolher onde morar, com quais sujeitos deseja conviver, trabalhar em outros desejos e motivações é essencial para o processo de amadurecimento da tomada de autonomia, para o próprio aspecto cognitivo, psíquico e a conscientização do sujeito sobre si e a vida a que deseja pertencer. Fazer uma escolha individual e solitária promove uma relação de autoridade de si, na qual o sujeito, no seu processo de erros e acertos, amplia suas condições socioculturais e sonhos, seu projeto de vida, sem que ninguém o impeça de ter o direito de viver como desejar, seja por meio de afetações familiares ou mesmo pelo direito privativo. Acerca da superproteção e as consequências para a vida, diz Superação:

*(Superação) [...] vivência da gente pessoa com deficiência a gente sabe que quando a gente tem uma limitação, a gente é muito superprotegido, né? Pelo nosso pros nossos familiares, nossos pais, a gente, eles têm muito medo da gente [...].*

Superproteção, para Superação, é um impedimento para o pleno desenvolvimento da autonomia, que é a descoberta de si; estar sob controle constante provoca uma afetação da diminuição do eu, a limitação passa a ser vista pelo próprio sujeito de forma negativa, diminuindo as chances de uma vida com melhores oportunidades e uma visão crítica reflexiva da realidade. Para alguns, a afetação pode dar o conforto, conformismo, além do medo de enfrentar o mundo exterior e, para outros, a inquietude e potência para romper com as ideias e paradigmas sociais, refazendo e reconstituindo-se no processo de idas e vindas. Autonomia é “[...] o poder de estabelecer por si, e não por imposição externa, as regras da própria conduta [...]” (RUGER; RODRIGUES, 2007, p. 4).

## 5.5 NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO V- A UNIVERSIDADE COMO UM ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E DESCOBERTAS DOS SABERES E NÃO SABERES DA VIDA E FORMAÇÃO

O quinto núcleo de significação é resultado da sistematização de quatro indicadores, como mostra a figura abaixo, por meio da aglutinação de cinquenta e oito pré-indicadores que atravessaram as discussões desse núcleo, ampliando as apreensões acerca da subjetividade dos alunos com baixa visão e sua formação universitária e profissional.

Quadro 17: Indicadores que constituíram o Núcleo de Significação 5

<b>INDICADOR 2</b> AFETOS QUE MARCAM AS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO	<b>NÚCLEO 5</b> <b>A UNIVERSIDADE COMO UM ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E DESCOBERTAS DOS SABERES E NÃO SABERES DA VIDA E FORMAÇÃO</b>
<b>INDICADOR 9</b> A DAIN COMO INSTÂNCIA DE APOIO AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA UERN	
<b>INDICADOR 14</b> VIVÊNCIA E INCLUSÃO NOS SEUS PROCESSOS FORMATIVOS	
<b>INDICADOR 17</b> ENTRE ENCANTOS E DESENCANTOS: OS LIMITES DA UNIVERSIDADE E OS DILEMAS COTIDIANOS	

Fonte: Elaborado pela autora.

### No Indicador 2 - Afetos que marcam as relações socioafetivas entre professor e aluno

Esse indicador é fruto de pré-indicadores que discutem os problemas existentes na Universidade e como os afetam, assim como a relação com os professores, nas interpretações

atribuídas dos docentes sobre a baixa visão, tangendo as significações dos alunos em meio aos conflitos e dificuldades. Relatos de vivências dolorosas podem ser apresentados na fala de Inédito (2021):

*Foi quando eu estava em sala de aula, tava fazendo um curso e que tinha como uma das disciplinas, matemáticas com matemática financeira e eu perguntando pro professor que estava no slide o professor vira, pergunto três vezes, na terceira vez ele vira pra mim e diz assim: [...] eu não tenho culpa se a instituição aceitou ter um aluno com deficiência visual. Isso pra mim que até então na época era um fato, e intrigante, porque foi o primeiro impacto de fato, que de preconceito vivenciar ele mesmo dentro de sala de aula, que isso impactou [...]. E e aí eu virei professor: Também não tenho culpa, tremendo isso. Imagina uma pessoa tremendo, a voz tremia [...]. E eu queria que a pessoa dissesse sim, porque eu sou também não tenho culpa, se o senhor não sabe.*

**[...] muita das vezes alguns professores ficavam com raiva de mim, porque eu pausava a aula e falava, o professor pelo amor de Deus, o que é isso aqui? Tá aqui [...], aqui aonde? Eu não vejo e eu já vi professor errado, pelo amor de Deus, eu tenho que parar toda hora pra poder explicar pra você. Eu falo, pelo amor de Deus. E eu tenho que ficar toda hora chamando pra atenção dizendo que eu não vejo [...].**

Por conseguinte, algumas situações em sala de aula ou mesmo em outros ambientes podem gerar certos desconfortos, tanto para as pessoas com deficiência quanto aquelas que não possuem. Inédito retrata a maneira como seu professor falou e lidou com o ocorrido: naquele instante, ao ouvir aquelas duras palavras, se sentiu diminuído, tornando o primeiro impacto de preconceito. Dentro deste prisma, mesmo o professor não sabendo mediar as limitações que se apresentam em sua prática pedagógica, frente à baixa visão, o aluno foi prejudicado, afetado, sua subjetividade foi ferida, pelas palavras e atitudes, confrontando um direito legal.

A voz trêmula, as emoções e agitações atravessam o corpo e a mente de Inédito, numa mistura de sentimentos ao ouvir que não tem culpa da instituição aceitá-lo no ambiente que é para todos, revela não apenas o preconceito enraizado, mas desencadeia e abre caminhos para a exclusão social, num pensamento retrógrado, como se não merecesse o mesmo que o outro, desapropriando a participação de viver socialmente com as diversidades.

Dessa forma, “O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais” (VIGOTSKI, 2001b, p. 315). A ideia do autor nos aponta que as relações sociais são fruto de emoções, afetos, diálogos, compartilhar momentos, experiências que significadas nos ajudam a vivenciar e constituir-se, por isso é válido ressaltar a importância de conviver com a diversidade de sujeitos, nos entrelaços e interpelações nos formamos e constituímos uns aos outros, em que um participa da vida do outro, transformando e criando por meio do pensamento,

linguagem e a atividade humana, já que o processo de formação humana começa pela atividade do homem.

Afetar e ser afetado na prática educativa requer reflexão do educador, frente às particularidades do educando. Essa afirmação destaca não apenas a prática do professor na sala de aula enquanto práxis, mas que requer um movimento dialético no qual haja o reflexo, pensamento e tomada de consciência das particularidades dos alunos, pois toda ação gera um afeto, e esses afetos podem gerar consequências boas e ruins que favorecem ou diminuem as significações dos sujeitos, sejam eles alunos com ou sem deficiência:

*(Inédito) [...] já aconteceu alguns embates de uma professora, de uma professora me dá uma nota baixa isso é antiético, automático porque eu estava chamando a atenção dela[...].*

*(Superação) [...] dificultando assim e às vezes eles passam é é é. vídeo dublado às vezes se passa coisa com imagem que a gente tem que estar dizendo ai professor tem aluno com deficiência visual não tem como se um um filme dublado, né? Ou legendado na verdade. Ai eles acham que que o o que a DAIN a DAIN descreve um filme todinho, [ ] Ai é muito complicado a gente ter que falar pra eles que não é dessa forma a inclusão [ ].*

Nas falas podemos pautar nossas discussões acerca da relação e dificuldades que ambos os alunos enfrentaram na Universidade. A cobrança do direito de estudar, de ter um material que dê as condições necessárias à realização das atividades tornou-se um problema para alguns professores, pois eles não desejavam ser cobrados, ao mesmo tempo em que não entregavam o material na data prevista, ignorando a necessidade dos alunos, deixando total responsabilidade para os estudantes ou mesmo para a DAIN, comprometendo as discussões e aprendizagem na sala de aula. No relato de Superação, ela deixa evidente a atitude dos professores. Inédito também passou por entraves como esse. Diante disso, existe o sentimento de revolta e impotência, mesmo se doando para conseguir estar na Universidade e realizar as atividades propostas sem privilégios. O fato dos professores se afastarem de suas atribuições com os alunos dificulta significações positivas e prazerosas da formação, confrontos e conflitos perpassam a prioridade que todo aluno deve ter, que é de se dedicar aos estudos e não ficar preocupado com o papel exercido pelo professor.

Sempre estar em estado de alerta, é essa a sensação que os alunos permitem todos os dias viverem, estarem repetindo que têm uma necessidade educacional diferente, mostrando como precisa ser realizado, explicando como se faz a inclusão; apesar de reconhecerem que todos podem ensinar uns aos outros, os educandos sentem o desejo de perceber que os

professores olham para eles, que pensam em suas necessidades, que planejam sabendo que eles estarão na sala de aula, porém ficar em constante movimento de chamar atenção, reclamar, questionar as práticas docentes constitui aborrecimentos, insatisfação, dissabores de sujeitos que afetam por meio da falta de comprometimento com o bem estar do outro e da desvalorização. Tais afetos negativos geram marcos profundos que não são apagados, mas com o esforço de Superação e Inédito traduz historicidade que ultrapassa os limites. Superação enfatiza:

*[...] E a questão do do material acessível a gente, a gente enfrenta uma luta muito grande na universidade por questão da da do acesso ao material acessível e tem muita dificuldade com os docentes nesse sentido porque eles não entende que a gente precisa de ter um material acessível e o quanto antes um dia uma semana antes da aula eu precisaria eu preciso ter um material em mão pra eu zer a leitura e na no dia da aula já ter um domínio do que o professor já vai falar, sim a gente não tem como né e e participar de uma aula se você não tem o domínio no no texto que está falando [...].*

Dentro desta ótica, a reflexão de Pereira *et al.* (2016, p. 159).

Embora a matrícula e a presença do acadêmico estejam legalmente amparadas por lei, certas atitudes por parte da universidade podem favorecer a inclusão, assim como podem dificultar a participação do mesmo no contexto universitário.

Conforme o posicionamento dos autores, apesar dos alunos estarem matriculados na Universidade, atitudes de profissionais causam revolta, bem como professores que invertem os papéis e limitam as condições dos alunos com deficiência, dificultando a participação e infringindo um direito social que com muita luta foi conquistado, sendo confrontado com o preconceito e exclusão. Entretanto, não estamos culpabilizando exclusivamente os professores, pois existem problemas complexos e políticas públicas que exercem força no cotidiano dos professores e alunos.

*[...] tive dificuldade de acesso a um conteúdo não sei se foi no segundo período, mas eu acho que foi era pra gente desenvolver um trabalho e e eu falei eu não fiz o trabalho porque o material que você me enviou não foi acessível eu preciso que o conteúdo seja acessível e você não não mandou um conteúdo acessível. Então, ele olhou e disse, então se vire, então se vire, você tem o departamento pra você se vire entendeu[...].*

A Universidade se reflete dentro e fora do sujeito, sua vida está implicada nos processos de aprendizagem e na comunidade à qual pertence, quando afetos positivos e negativos surgem

um e atravessa o outro. Assim, as significações constituem a subjetividade humana e por meio do pensamento e da linguagem o sujeito se exprime, causando uma potência maior ou menor de chegar à longevidade formativa e da própria superação das dicotomias arraigadas na sociedade patriarcal, que, apesar dos deslocamentos e transformações, ainda tem resquícios que individualmente levamos das vivências.

O desejo de participação dos entrevistados é recorrente nas falas, aí encontra-se a explicação das vivências afetivas com os professores, pois a participação desejada pelos alunos não se reduz à própria participação, incluindo os docentes, trabalhando em comum acordo. Com relação aos objetivos, Inédito e Superação desejam de forma ativa realizar com independência as atividades, com o estímulo e apoio que os incluam no processo educativo. Quando Superação aborda que a expressão usada foi “*se vire*”, ela sentiu que sozinha teria que encontrar meios, soluções para os desafios, levando a um sofrimento. Suas emoções estremeceram, e os sentidos atribuídos ao ideal de relacionamento bom e significativo com os docentes passa a ser um total desencanto.

Os sentidos são as marcas do que as vivências e experiências constituíram ao longo de sua trajetória de vida, exprimindo parte de quem se tornou. Essa categoria é vista como um elemento de suma importância para entender as significações, a história e a essência dele, portanto, quando nos aproximamos das significações reconhecemos aspectos humanos do próprio homem, pois neles se revela o verdadeiro eu, o íntimo de cada um. Segundo Aguiar e Ozella (2013, p. 304-305), “O sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. A categoria sentida destaca a singularidade historicamente construída”.

Em conformidade com a fala do autor, os sentidos estão para além da fala, podendo ser explicitados nas ações dos sujeitos, em um olhar, expressão, a maneira da entonação da sua voz, quando aborda determinada fala, se revelando também quando recorda momentos significativos de suas vivências, nas quais estão registradas as significações de seus anseios, necessidades, prazeres e desprazeres. Os sentidos podem ser variados, por isso não são fixos, sofrem mudanças e podem ser distintos, dependendo da percepção ou mesmo situação vivida pelos homens, daí que nos referirmos aos sentidos é trilhar por zonas delicadas da natureza humana e social desse ser ainda desconhecido, tendo em vista que a totalidade é um processo provocador.

Dessa forma, é notório como os afetos e sentidos modificam uma realidade que aparenta ser inadequada e desafiadora de ser superada, como é fato os sentimentos e emoções são modificados mesmo diante das vivências expostas.

A aluna esclarece um pouco mais sobre fatos de sua trajetória:

*(Superação) [...] esse professor foi muito difícil sabe assim foi eu na verdade eu não eu não vou dizer que eu eu pensei em desistir não sabe não não não chegou a passar isso isso na minha cabeça assim não graças a Deus né? Mas me desestimulou bastante[...] o problema que a gente tinha que resolver era ele mesmo era outro e nem eu sozinha era ele mesmo mas infelizmente ele foi é muito pobre nessas nessa nessa situação.*

*(Superação) [...] Eu tinha um professor chegou assim pra mim e dizia assim esqueci até dessa, mas eu vou citar agora. Eu eu tive professor durante o curso que era uns professores bons, mas eles chegavam pra mim e dizia assim você anda? Você anda? Ai eu disse Por que? Não, porque você é não porque é assim que você tem deficiência. Eu disse não. A minha deficiência não me impede de eu andar[...].*

Desapontada com seus professores, tendo que lidar com o esquecimento de tantas outras formas de exclusão social, situações problemas como essas se tornaram mais frequentes do que o esperado. Na grande maioria das vezes, Superação teve que se incumbir de dificuldades que não eram dela, mas do professor, marcando uma vivência de significações que exercem força negativa, como desânimo, pois passou por muitos docentes que reproduziram as mesmas atitudes, reverberando uma inclusão que quase não existe dentro e fora da Universidade. Apesar desses dois mundos exercerem afetos e potências diferentes, são duas instâncias que não se dividem, sendo importantes para a constituição de si. Com o impacto gerado pela Universidade é dotado de mais sentidos, pois fora dela, Superação e Inédito já vivem experiências e vivências negativas e ao se deparar com o ensino superior acreditam em possibilidades melhores e um espaço que os enxergue como merecem, mas o início de sua trajetória é recheada de decepções.

Essas afirmações explicitam a reinvenção do papel do professor. Superação, apesar de sempre de sobressair e buscar realizar atividades sem depender da ajuda do outro, se indigna com a fala do professor em não compreender que uma pessoa com baixa visão não pode andar, revelando que se ele não sabe as especificidades da deficiência de uma aluna que está durante todo um semestre, teria dificuldade em ajudá-la em seu processo formativo. A falta de compreensão do professor também explica sua prática pedagógica excludente, que não condiz com os anseios e necessidades educacionais da aluna.

Zucchetti (2011) destaca algo importante para nossas reflexões, mencionando que primeiro quem chega às escolas e instituições é a patologia e não o aluno, ou seja, o aluno, ao adentrar em um espaço, seja na educação básica ou superior, recebe foco principal na patologia, como se o sujeito não fizesse parte de um todo.

Dessa maneira, professores e profissionais, em geral, não dão a atenção necessária às emoções, sentimentos que constituem a subjetividade humana, mas se preocupam com a deficiência em si e com o seu despreparo. Dentro dessa realidade, podemos enxergar que quem mais sente a complexidade dos conflitos é a pessoa com deficiência, seja criança ou adulto. Apesar dos limites formativos dos professores, a pessoa com deficiência é constantemente afetada pela sociedade e por tantas experiências e vivências que os assolam por meio dos desafios; seja no campo visual, físico, motor ou cognitivo, ter uma deficiência não é fácil, porém não pode ser visto como um peso para os sujeitos que fazem parte, sendo primordial visualizá-la como instrumento para redescobrir e reinventar-se dentro da realidade apresentada do aluno e do professor.

Diferentemente dos trechos anteriores, os alunos apontam outras relações com os professores, dessa vez com boas afetações:

*(Superação) [...] Nesse período agora que terminou agora foi um professor é novato né contratado inclusive e foram professores mais mais acessível [...] Mas assim tem outros que são acessíveis sabe? Muito muito bom muito de muito que me inclui sabe? [...]*

*(Inédito) [...] o primeiro bimestre pra mim foi um aprendizado grande, pra mim também, como pros professores que já a partir dos outros trimestres, quando acontecer de ter um professor novo, eu já falava o seguinte: Olha essa metodologia, prefiro dessa forma e assim não é que se tem que ser dessa forma não viu? [...].*

*(Superação) Mas tem uns que vê que assim que eles investem em você porque ele vê que não é por causa que você tem uma deficiência que você é limitado e que você não tem capacidade de desenvolver uma atividade, um trabalho produtivo [...]. tem uns que dizem assim do jeito que você fizer está bom...assim o que que ele quer dizer com isso? Quer dizer que mais que eu tenha uma limitação eu não posso desenvolver igual aos outros e eu posso [...].*

Podemos identificar nas falas tanto de Inédito quanto de Superação que há maior abertura dos professores e dos alunos; os diálogos e escutas são exercidos e refletidos na rotina da sala de aula, gerando bons momentos, experiências, afetações que beneficiam uma aprendizagem leve, feliz, na convivência, o desenvolvimento como um todo, pois as emoções são renovadas a partir de uma mudança de atitudes. Os docentes passam a exercer estímulos para as questões cognitivas, psíquicas, que constroem pontes para a igualdade de condições, o que se torna quase um privilégio quando na verdade é um direito.

Os alunos buscam momentos e tempos para mostrarem serem capazes, infelizmente se sentem com a necessidade de ter que realizar e se destacar por uma exigência social de

paradigmas criados para avaliar o desempenho e desenvolvimento. Essa condição cresce à medida que desqualificam as condições e subjetivamente fazem comparações. Essa maneira de pensar o sujeito e a universalidade é dotada de contradições, que carrega preconceito e desfavorece as competências de cada sujeito, constituindo consequências subjetivas e objetivas, seja na educação ou na vida que se entende para além desse campo. De acordo com Kitahara e Custódio (2017, p. 80):

As representações sociais são processos com origem nas mudanças da sociedade e que possuem natureza psicológica e social, sem divisão entre o individual e o social, o exterior e o interior, de forma que o indivíduo não reproduz o que lhe é externo, mas o reconstrói e o representa de determinada maneira e, ao fazê-lo, se constrói como sujeito posicionando-se no mundo.

Apesar das mudanças e transformações, não é fácil mesmo no mundo contemporâneo obter vivências inclusivas: os sujeitos ainda fazem a divisão entre sujeito e deficiência, agravando e ferindo a pessoa humana com palavras, atitudes, ambientes, imagens, reproduzindo uma postura que segue por muitas gerações; os alunos com baixa visão estão interiorizando as significações afetivas, cognitivas de forma negativa e expressando sua relação com o mundo, para alguns superando as formas de tratamento, mas para outros estão paralisando, negando seu direito de viver todas as possibilidades do presente e do futuro, com uma minoria que constrói uma nova história de superação e que cria uma identidade que delega uma postura resistente e de constância.

### **No Indicador 9 – A DAIN como instância de apoio aos alunos com deficiência na UERN**

Esse indicador é fruto de pré-indicadores que se referem à Universidade e DAIN, Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas, do seu apoio aos estudantes com deficiência e suas contribuições para a formação acadêmica e profissional, com suas expectativas e realidade.

A UERN foi vista com orgulho e carinho por Inédito, pois o trabalho realizado com o aluno propiciou momentos da formação que o ajudaram nas atividades diárias; ele faz um comparativo diante de outras experiências e vivências em outras instituições, percebendo os ganhos e os avanços que a UERN tem desenvolvido. Boas significações e afetos podem ser percebidos nas falas do aluno: (Inédito) [...] *então foi uma experiência muito boa que eu tive na UERN, muito bacana mesmo. Agora assim, eu não vi isso nas outras universidades. [...] que aí eu vou ter que parabenizar a UERN[...]*:

Quanto ao relato de Superação, ela expressa que:

(Superação) *E a gente também tem o apoio né, do departamento DAIN, sempre pra fazer as leituras e assim vejo que é dentro da universidade e a gente tem conquistado bastante espaço muitos espaços nessa temática as necessidades dos alunos com deficiência visual na universidade [...].*

Superação também teve assistência da DAIN: sempre que necessitou, recorreu a esses recursos e instância na Universidade, passando a conquistar outros espaços com auxílio da Diretoria; apesar de muitas vezes a demanda ser superior aos recursos, vem sendo buscada uma aproximação mais direta e significativa com os estudantes, construindo e transformando realidades complexas e com especificidades que merecem atenção.

A Universidade foi um lugar de tecer significações, criar amizades, vínculos e relações significadas com os professores; apesar dos desafios, problemas e conflitos com certos professores, colegas de sala, dentre outros, as significações se constituíram entre boas e ruins, levando à potencialidade de desejar ir além desse espaço, de dar continuidade à formação, às descobertas e à superação dos medos e inseguranças, desenvolvendo ações inclusivas por meio da atividade social, mostrando que a igualdade começa com autonomia, direito de escolha e respeito mútuo, em um trabalho colaborativo em que todos são envolvidos.

No que tange à discussão, a DAIN ajuda os alunos a superar suas necessidades educacionais, dando o subsídio necessário. Frente a isso, podemos compreender o conceito de superação: conforme o minidicionário Aurélio (2004, p. 756), superar significa “ser ou mostrar-se superior, em força, valor, intensidade; vencer, dominar”. É nada mais que passar de uma situação ruim, difícil, complicada para uma melhor, com a força, independência e autonomia, constituindo vivências que permitem vencer com força e coragem. Vejamos a fala do aluno:

(Inédito) [...] *Hoje eu estou à frente na aqui no CADV, então a gente tem contato com alguns universitários, eu vejo que os universitários gostam bastante do do trabalho da UERN, as únicas questões que eles se preocuparam no último, dos últimos tempos[...].*

Inédito e Superação já mencionaram as contribuições da DAIN, e podemos perceber que ela vem desenvolvendo um trabalho que afeta positivamente os alunos. Inédito, por meio de suas próprias vivências na Universidade e em outros ambientes, bem como no CADV, apreende nas falas e narrativa de outros alunos o bom desempenho que vem gerando as ações realizadas na vida dos sujeitos com deficiência, seja com baixa visão ou outras especificidades, muitos vêm gostando e sentindo-se satisfeitos com o trabalho demonstrado. Ampliando a discussão, diz Cabral (2017, p. 384):

[...] é chegado o momento de se transcenderem as práticas isoladas, meramente instrumentalizadas e assistencialistas, no âmbito do contexto universitário. Igualmente, é chegada a hora de se avaliarem cuidadosamente as ações executadas, que, por vezes, são centralizadas somente nas dificuldades daquele estudante que compõe o público-alvo da Educação Especial, deixando assim a oportunidade de se construírem iniciativas inclusivas universalizadas.

Essa fala nos faz repensar as práticas, atitudes e concepções de uma educação inclusiva, e na maneira como os estudantes com deficiência têm sido assistidos ainda é notório que a centralidade do processo ainda não está no sujeito. Essa forma de pensar dificulta o processo de autonomia e desenvolvimento: precisamos suscitar construções e uma inclusão que é realizada por meio da contribuição de cada pessoa, sem distinção, uma universidade que promova igualdade, diversidade e significações positivas, transcendendo o olhar e ressignificando o contexto e a história, dando oportunidade de estudar, aprender, ensinar e compartilhar juntos e não de maneira isolada e excludente.

Não se pode adiar o novo, é necessário se adaptar às novas condições e as necessidades educacionais dos sujeitos, sejam professores ou funcionários, todos têm seu papel e precisam cumprir suas obrigações com ética profissional. Não podemos negar a realidade, devendo mediar, mostrar outras formas de fazer dar certo para todos os envolvidos. Mesmo com as limitações que carregamos quando pensamos no bem comum, novas descobertas podem ser surpreendentes.

#### **No Indicador 14 - Vivência e inclusão nos seus processos formativos**

Esse indicador é fruto e pré-indicadores que constituem narrativas sobre as opiniões, concepções de inclusão que partiram das vivências e experiências que sofreram na Universidade e as expectativas acerca da inclusão social:

*(Superação) [...] você sabe que que a inclusão ela não é feita ela não é composta só do do falar né? Eu não sou eu falar foi ah é a gente vive inclusão a gente defende inclusão a gente nós somos inclusão não é isso? Você tem que viver a inclusão[...].*

Na compreensão e interpretação de inclusão, Superação sente que os discursos são frequentes, mas as falas não estão acompanhadas de boas ações, de motivações que levem ela e tantos outros a realizar com maior facilidade e desempenho as atividades na Universidade; apesar de muitos defensores de boas causas, os discursos não mudaram muitas vivências

dolorosas, eles não surtiram o efeito necessário, eles só foram proferidos. Superação e Inédito tiveram que passar momentos difíceis sozinhos, sem apoio de professores, nem da Universidade ou da sociedade como um todo, por isso a entrevistada enfatiza que a inclusão é composta por todos, que na universalidade e singularidade afetam a forma como vivem e sentem cada tempo histórico de suas vidas. Ela afirma que: *A luta pelos nossos direitos, nosso espaço, pela é se defender também diante das afrontas, né? Que nos sobrevivem a cada dia que a gente vive um a gente vive uma guerra todos os dias [...]*.

As práticas pedagógicas, bem como o posicionamento do professor, refletem e afetam as ações e atitudes sociais: os sujeitos passam a enxergar de outra maneira, o professor ainda é um espelho, o mediador do processo educativo e ele detém aspectos que são interiorizado pelos alunos, razão pela qual atitudes positivas e negativas causam impacto profundo na subjetividade e objetividade da vida e da formação, pois nas relações interpessoais retiramos aprendizagem e saberes que atravessam os conteúdos, formando um currículo para fora dos muros da Universidade.

Conduzindo essa linha de pensamento, por meio da mediação, reconhecemos que os sujeitos se constituem a partir do movimento que essa categoria propicia; as relações sociais são mediadas a todo momento pelos objetos da natureza, dos instrumentos, do pensamento, palavra, todos esses aspectos contribuem para a formação e constituição humana, promovendo dialeticamente as ações mediante as mediações que também se configuram de maneira objetiva e subjetiva da essência da identidade humana. Aguiar e Machado (2016) definem que as relações não são estabelecidas de maneira direta, podendo acontecer de maneira subjetiva dentro do processo de socialização e interação entre as pessoas, objetos, bem como nos diálogos internos do próprio eu e do homem em si. De acordo com Kosik (1976, p. 49),

De um lado, definir a si mesmo, e de outro definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo mais.

A mediação vai redefinindo a maneira de se relacionar das pessoas, revelando suas experiências, vivências, conduzindo significativas atividades, consolidando de maneira diversa, mas é válido mencionar a concepção do que seria mediação. Dentro desta premissa, considerando que a mediação redefine a maneira do sujeito viver as relações, sua história de vida, a natureza como um todo e o seu pertencer, refletindo, portanto, as condutas propulsoras de atividade mediadora. Por isso essa categoria vem explicitar as relações existentes entre os

professores e a aluna com baixa visão, em busca de apreender como essa constituição ocorreu e quais elementos mediadores as passaram. A mediação pode ocorrer de maneira única e individual, mas de forma mais presente socialmente, essas construções estão carregadas de singularidades, particularidades que fazem das categorias a própria explicação da mediação ocorrida nessas diversas relações, por isso é válido ressaltar que na mediação descobrimos e compreendemos a constituição do homem, pois fatores extrínsecos e intrínsecos fomentam a potencialidade das formas de mediar os seres humanos.

Sobre esse entendimento, apresentamos a concepção de Saviani (2015, p. 26) quando destaca que: “‘Mediação’ é uma categoria central da dialética que, em articulação com a ‘ação recíproca’, compõe com a ‘totalidade’ e a ‘contradição’, o arcabouço categorial básico da concepção dialética da realidade e do conhecimento”. A aluna ainda reitera:

*(Superação) [...] tem pessoas que veste mais essa essa luta né? [...] Que abraça a causa mas tem pessoas que tem tem mais dificuldade, mas assim o que você vai conversando eles vão entender? uau mas é é um processo né você sabe que é um processo é uma é uma é um caminho a ser andado todos os dias então, então não é fácil a inclusão é não é fácil, mas é algo que a gente precisa estar lutando todos os dias pra ir superar pra ir superando né o desafio.*

A dificuldade é um aspecto incontestável, tendo em vista os enfrentamentos cotidianos e a postura de luta e resistência; a inclusão não ocorre facilmente, seja por parte do aluno ou o desafio do professor em incluir com responsabilidade a multiplicidade de deficiências que surgem na sala de aula. O mundo contemporâneo está repleto de complexidade, cobranças e desafios novos, todavia o aluno não pode ser prejudicado nesse processo, pois a formação humana, socioeducativa é essencial e prioritária na vida de qualquer pessoa, e para as pessoas com deficiência é uma conquista ainda mais saborosa, pois é carregada de memórias emocionadas, significadas pela resiliência e rompimento de paradigmas sociais. Desse modo, não estamos supervalorizando uma categoria em detrimento da outra, mas reafirmando e dando destaque à importância da inclusão do sujeito como ele de fato é, com um processo constitutivo próprio.

O processo educativo deve contemplar uma verdadeira aproximação, seja com a criança ou o adulto, para perceber, observar suas necessidades e potencializar o que ele já sabe e possibilitar novas aprendizagens, passando de um processo para outro, por meio da mediação e interações.

## **No Indicador 17 - Entre encantos e desencantos: os limites da Universidade e os dilemas cotidianos**

Os relatos de Superação (2021) declaram as diversas dificuldades encontradas na Universidade:

*[...] A a inclusão na universidade o que tem não é o suficiente a gente falou que assim a gente teve bastante avanço né? Teve um avanço muito grande muito significativo na na questão da inclusão, mas o que tem dentro da universidade não é o suficiente a gente precisa lutar mais conquistar mais.*

O relato de Superação é fruto de uma realidade vivenciada por ela, que apreendeu as significações dos avanços e limitações, sentindo diariamente que a Universidade ainda não atende às necessidades educacionais das pessoas com deficiência, principalmente com relação à demanda que a DAIN apresenta: as dificuldades de textos acessíveis à leitura, professores que nem sabem que na sala de aula há alunos com necessidades educacionais, atitudes grosseiras e preconceituosas frequentes, fragilizando o processo de ensino-aprendizagem. Outros problemas surgem:

*[...] quando a gente leva pra o departamento pra o departamento do curso que que diz, converse com o professor como é que a gente pode conversar com o professor a se ele manda se virar ele vai mandar me virar novamente? Aí eu acho uma fragilidade muito grande sabe? Tanto no do docente quanto do departamento. Eu acho que isso não era pra pra acontecer.*

Diante do exposto, entendemos que o problema vai passando de um para outro sem solução e o aluno fica à mercê dessa situação, o desconforto fica por parte dos professores, alunos e o próprio departamento, entretanto, ninguém está assumindo seu papel e ajudando a pensar juntos em uma melhor solução para as dificuldades dos alunos. Os recursos e a informação ainda não atendem à expectativa, apesar das discussões muitos professores não sabem nem as características da deficiência do aluno: *[...] Sabe que a nossa universidade ela não é tão acessível acessível [...] Eu acho assim, que a questão do acesso às leituras, sabe? [...] Procurar conhecer as especificidades do aluno [...]:*

*[...] existe uma falta de informação assim de até mesmo de de capacitação do do da parte pra os docente lidar com pessoas com deficiência porque não é que a gente que tem a deficiência a gente vai querer o mais fácil não agora a gente precisa de um material acessível é isso que eu bato na tecla de vez em quando é que a gente não precisa de de facilidade na facilidade não a gente precisa de ter um material acessível.*

Muitos alunos já passaram pela Universidade e na sua grande maioria os relatos são semelhantes: despreparo dos professores, a demanda da Universidade, poucos recursos, uma formação cheia de afetos negativos que têm sido vivenciados por especificidades aqui retratadas. A história da luta pela inclusão não é fácil, da mesma maneira que as instituições buscam aproximar-se das realidades. Apesar dos esforços por avanços, os alunos sempre estão no meio de todo o conflito tentando lidar e ser resilientes, mesmo em condições desfavoráveis. A deficiência ainda é um processo de descoberta para alguns alunos. Dentre as mudanças, transformações e aspectos da própria deficiência, cabe reiterar que são necessários mais empenho e esforço pra que os alunos tenham o bem estar na travessia da Universidade.

Ao longo da formação humana, as relações sociais se constituem dos vínculos afetivos que se formam de experiências ressignificadas, tornando-se uma vivência que propicia afetações oriundas de outros sujeitos que fazem parte de um contexto histórico, situação vivida por meio das diferentes expressões, seja sentir, pensar, agir ou até mesmo verbalizar por meio das linguagens. No que conduz essa reflexão, ao vivenciar o sujeito transmite emoções que são diversas, provocativas, íntimas, na subjetividade e no sentido dado em que as potencialidades e intensidades se configuram.

A vivência se destaca porque é significada, deixando marcas singulares de processos que produziram afetos que se definem como positivos e negativos ao mesmo tempo em que se conectam entre si. Tais sentimentos podem estar bem definidos pelos sujeitos e por vezes nem tanto, mas o elemento relacional entre os dois campos é denominado pela vivência. Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 194) ressaltam:

Nas emoções é possível observar uma relação entre os afetos e a organização corporal, ou seja, as reações orgânicas, as modificações que ocorrem no organismo, como distúrbios gastrointestinais, cardiorrespiratórios, sudorese, tremor. Um exemplo comum é a alteração do batimento cardíaco.

A categoria vivência não se resume a uma interiorização de determinados afetos ou marcas pontuais de trajetória vivenciada, mas acompanha toda a complexidade do corpo, pois os sentidos e significados também afetam e reproduzem reações corporais; passando pelas questões biológicas, ganham uma atividade mais intensa, seja o riso, alegria, tristeza, choro, sentimentos fortes de prazer ou desprezar, estados emocionais de inter-relações facultadas por significações.

Para Vigotski (1999), vivências são constituídas na historicidade do sujeito pela intensa afetividade, acontecimentos do eu que podem ser vivenciados ou apenas experiências, que não

têm uma marca afetiva que provoque uma relação profunda na subjetividade humana; ela é mais uma sequência de acontecimentos com poucos sentidos, mas também é importante para a constituição, apesar de não produzir afetos significativos. Em contrapartida, uma vivência não pode se tornar uma experiência, todavia uma experiência pode ser ressignificada a partir das significações e afetações, tornando-se uma vivência.

Superação traz uma sugestão para que os professores possam ser mais sensíveis à sua deficiência visual. [...] *Era pra ter uma disciplina assim que pra todos docentes ser e pagar[...]*. De acordo com Santos (2005, p. 68-69),

Talvez seja mais correto designar a área do acesso como acesso/permanência ou mesmo acesso/permanência/ sucesso, uma vez que o que está em causa é garantir não só o acesso, mas também a permanência e o sucesso dos estudantes oriundos de classes ou grupos sociais discriminados

Essa afirmação esclarece que as instituições como a Universidade devem fornecer condições de acesso e de permanência. Nas trajetórias dos alunos e dos relatos visualizados percebemos que, apesar de acessarem o espaço do ensino superior, foi difícil permanecer porque ao longo do processo foram desrespeitados, desmotivados, sofreram, mas houve sucesso: Inédito já é formado em duas graduações e Superação está chegando ao fim do seu curso, mesmo com os direitos desrespeitados, além das várias formas de opressão social, os sentidos e significados da formação da vida terem ultrapassado a formação acadêmica, levando a reinventar-se ao longo da história.

Apesar das possibilidades de insucesso e desistência serem maiores, Inédito e Superação não cederam às emoções nem a tudo de negativo que os afetou: eles persistiram no sonho e nas motivações; olhando para o futuro e deixando os conflitos no presente, aprenderam, erraram, ensinaram, se fortaleceram, dando comunidade e buscando uma longevidade que lhes permitisse fazer mais e aproveitar suas conquistas, ganhando saberes sobre inclusão, igualdade e coragem.

As motivações de Inédito e Superação vieram da deficiência visual: eles sentem a necessidade de superar e ressignificar. Apesar de individuais, os motivos também se constituíram de maneira coletiva: nas vivências escolares, na relação com seus pais, cada um estabeleceu motivações e caminhos de acordo com seu contexto, significações e afetos, porém essas duas histórias se entrelaçam, levando saberes para uma vida, nos fazendo refletir de forma crítica, reflexiva sobre a formação humana e sócio-histórica, tecendo suas falas e narrativas que revelam suas identidades fortes, encorajadoras e inspiradoras, nos dando esperança. Partindo desses relatos, Vigotski (2001a, p. 398) explica que:

O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento.

Uma das maneiras pelas quais os sujeitos se comunicam é por meio dos significados: os pensamentos e sentimentos como emoção, alegria, tristeza são expressos e realizados de maneira material, bem como a união entre pensamentos e palavras, logo um se revela no outro, ou seja, se ao pensar algo, logo falamos até mesmo criamos as bases que estavam em nosso psicológico, daí que as categorias estão relacionadas, uma depende da outra para construir bases significativas dentro da Psicologia Sócio-Histórica.

Apontamos e valorizamos a importância das falas apresentadas, pois por meio delas compreendemos melhor as diversas realidades enfrentadas pelas pessoas com deficiência visual e as relações com os professores do ensino superior, nos aproximando das significações valorosas para a constituição do sujeito, por isso enfatizamos que o significado é o princípio para o movimento de escuta, de apreendermos os sentidos e enxergarmos o homem na totalidade.

**SEÇÃO 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS: SÍNTESE DAS SIGNIFICAÇÕES  
CONSTITUÍDAS NA PESQUISA ATRAVÉS DOS ALUNOS COM BAIXA VISÃO NA  
VIVÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR**

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele [...]. (FREIRE, 1996, p. 31).



**E**ssa seção discute os resultados das discussões e as apreensões constituídas dos alunos com baixa visão, suas significações afetivas das vivências e experiências tecidas na relação com os professores no ensino superior. Nesse momento final da pesquisa, deixamos algumas considerações desse processo que termina, mas que não está completo e acabado, permitindo novas reflexões acerca de futuras pesquisas.

A escolha por essa epígrafe se deu porque revela uma vertente que nos faz apreender a infinidade de possibilidades, criação e desenvolvimento do homem, interpretações da sua constituição inacabada, não tendo um processo direto, cronológico e sistematizado, mas a consciência e liberdade de formar-se e formar, constituindo a cada segundo de vida, tecendo história e uma relação com o mundo, para além de uma interpretação objetiva.

Mediante as discussões elucidadas durante a pesquisa, podemos interpretar ainda de maneira inicial que as entrevistas possibilitaram muitas informações a serem analisadas e interpretadas e que as vivências com os professores no ensino superior produziam sensações e emoções variadas, de dor, felicidade, infelicidade, motivações e até mesmo a diminuição dessas motivações de seguir adiante, sendo uma relação muitas vezes instável e que necessita de leituras, discussões para chegarmos a resultados pautados na realidade e consistência.

Também é possível observar que suas histórias de vida se refletem diretamente em suas formações humanas, socioculturais deixam suas marcas afetivas, seus sentidos e significados nas relações com o mundo e com os sujeitos, promovendo uma atividade no mundo repleta de sentimentos que conduzem o enfrentamento dos desafios da deficiência visual. Dentro desta ótica, a deficiência, amigos e família devem ser analisados e interpretados, pois são parte das relações previamente existentes que corroboram a atividade como aluno universitário.

A perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica contribui para toda a fundamentação do objeto “As vivências de alunos com baixa visão na relação com os professores do ensino superior”, evocando descobertas sobre a vida e o universo de cada sujeito pesquisado, seus desafios, dores, alegrias e sentidos conferidos às suas vidas, realizando uma busca na qual se apresenta o homem como o principal meio investigativo, numa relação de homem com homens, valorizando as relações, subjetividades, o sujeito humano e as tessituras que o envolvem, trazendo encontros com o presente e suas relações com o passado, apresentando perspectivas múltiplas.

Reconhecemos que ainda temos caminhos a serem visualizados, idas e vindas, mas nesse espaço de tempo em que está sendo desenvolvida esta pesquisa, buscamos obter a produção as informações na dialeticidade na qual os sujeitos se constituem, deixando possibilidades a serem instigadas para esse momento, assim como pesquisas vindouras.

É possível perceber que os alunos estão em constante aprendizado e transformação, extraindo de suas vivências e experiências saberes, práticas, afetos significativos para sua vida, tecendo uma história de lutas que não se reduzem à própria deficiência, envolvendo uma luta oculta, íntima, significada por eles ao longo de sua trajetória, tecendo momentos, espaços, autoria e desenvolvendo capacidades, limites.

Ainda se destaca que as relações constituídas são lugares de escuta, fala, além de reproduzirem as afetações, principalmente dos professores na Universidade, dos papéis que eles exercem no contexto da sala de aula, mas na vida dos alunos com deficiência, nas mediações de suas atividades e dos sentidos que se exprimem de maneira epistemológica, histórica e social, revelando que o sujeito não se divide entre ser aluno ou mesmo ter necessidades educacionais, fragilidades e potencialidades, tudo vai se constituindo mesmo com representações diferentes.

Diante das inter-relações dos alunos na Universidade, são evidentes as limitações assistenciais, técnicas, estruturais, entretanto, a Universidade ainda é esse espaço que possibilitou uma longevidade formativa, demonstrando um campo a ser explorado, vivências diversas, entre os encantos e desencantos. Também a DAIN tem um papel relevante, dando apoio mesmo com dificuldades em abranger todos os alunos com deficiências e suas necessidades educacionais, ainda possui um significativo papel na constituição e significação da formação acadêmica e pessoal.

Pode-se interpretar que os professores ainda não compreendem as necessidades dos alunos com deficiência, muitos ainda não têm uma formação que possibilite uma escuta sensível, com práticas pedagógicas que não acolhem a diversidade de sujeitos e universos, gerando afetações negativas. Todavia, esse cenário não é constituído apenas de vivências negativas, mas também de marcas positivas, significativas para a vida e formação, ajudando a trilhar novos caminhos e superar suas dificuldades na condição de aluno com deficiência.

Também aludimos que a autonomia dos alunos se destaca em suas historicidades, eles se permitem ser ousados, desafiados, sonhando nas ausências e impossibilidades, fazendo sua história, sendo motivados mesmo na dor e alegria, aprendendo com as

situações adversas, delegando os sentidos dados aos seus contextos, com suas singularidades, gerando frutos vindouros. Dentro desse prisma, a base teórica e metodológica da Psicologia Sócio-Histórica possibilita revelar um sujeito além de sua atividade no mundo, pois investiga os porquês e para quês, os motivos, o potencial ou diminuição dos sentidos, toda a conjuntura que constitui a pessoa humana, no dito e não dito, no processo e no resultado dele, investigando o universo na sua universalidade.

Mesmo diante das dificuldades diárias, os alunos vêm conseguindo superar e ganhar novos espaços, protagonizando seus caminhos; mesmo carregados de sentidos, afetações negativas, muitos desses sentimentos e emoções foram ressignificados, sentidos de jeito diferente, constituindo e tecendo seus sonhos, compreendendo suas realidades, criando, adaptando, construindo aprendizagens, ensinando e aprendendo com eles e com os outros, traçando formas de viver a Universidade como os outros alunos, vencendo as situações de preconceito e descrédito com muita força, coragem e desejo de ir além.

Em meio às aspirações humanas, os significados representaram diferentes sentidos nas relações com os professores, mas a mesma situação de dor, tristeza e desmotivação trouxe desejo de novas descobertas e superou o descrédito, caminhando-se rumo à jornada pela vida e alcançando sujeitos, lugares e transformando sua realidade com sentimentos que não param, mas movem-se com a velocidade do tempo.

As considerações apresentadas são pequenos achados da pesquisa, de um longo e desafiador processo, no qual o método da Psicologia Sócio-Histórica possibilitou a aproximação com dois sujeitos, Inédito e Superação, que revelam suas histórias reais e traçadas de resistência, luta, empenho, produzindo significações para a pesquisa por trás desses escritos, dando motivações e interesse em pesquisar, mesmo diante da pandemia, e do mundo pós-pandêmico, constituindo aprendizados revelados de forma objetiva e subjetiva que cada sujeito carrega. Por meio das categorias vivência, sentido e significado, mediação e zona de desenvolvimento próximo, bem como do movimento interpretativo das informações, ocorreu uma escuta sensível e um olhar para o outro e o universo ao qual ele carrega.

Diante disso, compreendemos que não encerramos ou finalizamos, apenas concluímos um ciclo, podendo surgir outras questões e inquietações vindouras. Assim, apesar do objetivo de **apreender as vivências constituídas de alunos com baixa visão na relação com os professores do ensino superior** ter sido alcançado, ainda existe muito a ser pesquisado relativamente à proposta que abordamos, a outras abordagens, perspectivas e métodos a serem desenvolvidos propiciando tecer outros caminhos.

Valorizamos todos os envolvidos nesta trajetória, sejam sujeitos ou as escolhas realizadas na pesquisa. Todas as decisões tomadas e reflexões realizadas foram frutos de um processo colaborativo, aberto e fluido, o qual, a partir dos aspectos teóricos e metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotiski e seus colaboradores, revelou tais resultados. Dessa maneira, dentro da totalidade e complexidade do fenômeno chegamos à síntese do movimento interpretativo dos cinco núcleos de significação.

Ao discutir o primeiro núcleo de significação - **“vivências significadas: dificuldades e enfrentamentos que constituem a identidade afetiva de sua formação”**, a partir das falas apresentadas nesse núcleo, podemos apreender que as vivências foram significadas porque trouxeram marcas afetivas, emocionadas, seja de momentos felizes ou vivências que levantaram sofrimentos e desapontamento na relação com os professores na Universidade. Os impactos foram transformados ao longo do tempo, a identidade de Inédito e Superação se constitui e ainda está sendo constituída de emoções fortes e variadas, a relação com os professores ou mesmo com um professor no mesmo período de tempo sofre oscilações, ocorrem situações que potencializam e diminuem a relação cognitiva, afetiva, deixando marcas que formaram tessituras e aprendizados de momentos bons, ruins, desafiadores e de superação, demonstrando o poder que as significações podem exercer na formação humana e social. Dentro desse contexto, entendemos que o processo educacional foi difícil, mas que ainda nas dificuldades o prazer e persistência em ir além superou as marcas subjetivas de falas, atitudes, escutas dolorosas. Algo que se destaca na formação de ambos os alunos é a insistência na inclusão social, seja na vida acadêmica, profissional, familiar ou social, provocando a releitura da realidade da qual fazem parte, reposicionando a atividade sobre a relação entre homem e mundo.

Diante das discussões, é revelado o movimento dialético dos núcleos de significação, dentre eles o núcleo 4, **“subjetividade que se exprimem e sonhos que atravessam a longevidade formativa”**, e núcleo- 5, **“A Universidade como um espaço de vivências e descobertas dos saberes e não saberes da vida e formação.”** Os núcleos apresentados também fomentam discussões semelhantes que se conectam, entrelaçam: seja nas falas, discussões ou categorias de análise, o movimento interpretativo realiza os deslocamentos permitidos por meio do movimento dialético. Assim podemos reconhecer que as vivências constituíram significações que confrontam a realidade e ideia de linearidade, principalmente no que se refere ao processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com baixa visão, bem como a dimensão subjetiva. Frente

aos achados, podemos perceber que a Universidade é um espaço que desafia, realiza sonhos, produz enfrentamentos e onde os alunos resistem aos confrontos diários.

De acordo com a análise interpretativa do núcleo de significação 2, **“Resistindo a realidade da deficiência e constituindo sua história de superação”**, as reflexões em volta desse núcleo se dão a partir de vivências na Universidade e no seio familiar, retratando o preconceito sofrido por colegas, familiares e professores, a exclusão em sala de aula, as relações com suas fragilidades e momentos significativos. Os alunos lidaram com diferentes desafios, desde a patologia da deficiência, assim como barreiras atitudinais, todavia buscaram exercer seus saberes e direitos, explorando por meio da longevidade formativa. As estratégias e conquistas diárias foram crescendo e ganhando novos sentidos e significados, elementos da mediação entre sonho e desafio, entre o mundo interior e exterior. Dessa forma, a deficiência foi a ponte para vivências desconhecidas, inexploradas, foi a causa da dor e da alegria, pois descobriram, criaram, constituíram e foram constituídos pelos efeitos e afetos que a deficiência causa e o efeito sociocultural pelo qual as relações foram formadas. Ser baixa visão e passar pelas experiências e vivências com dificuldades conduziu os entrevistados a significações que não se reduzem ao aparente e observável; de maneira intrínseca, as falas revelam que, apesar da totalidade dos acontecimentos, existem esperança, amor e dedicação própria, única, que não depende da atitude de professores, funcionários ou instância familiar, a decisão parte do sujeito. Portanto, a historicidade está contida nos passos dados por eles nas mediações, afetos e relações que exercem força para os dias de luta e os sentidos que almejam outras conquistas.

Considerando as vivências e afetos interiorizados no espaço formativo, o núcleo 2 faz relação com o núcleo de significação 1, **“vivências significadas: dificuldades e enfrentamentos que constituem a identidade afetiva de sua formação”**. Dentro desta perspectiva, ambos os núcleos retratam as dificuldades decorrentes da baixa visão, visualizando os desafios cotidianos, a identidade formada por meio dos afetos e significações que são elementos constitutivos da personalidade e identidade dos alunos que têm uma marca travada pela luta de espaço e desejo de que suas vozes sejam ouvidas e seus direitos sejam respeitados, a pessoa humana em sua totalidade e particularidade.

O núcleo de significação 3, **“tecendo caminhos e produzindo sentidos ao longo das vivências e experiências”**, discute o preconceito enfrentado ao adentrar na Universidade, nas vivências das relações com os professores e colegas, o descrédito do mercado de trabalho, dos familiares, de sujeitos que, apesar de conviverem diariamente,

não enxergavam além da realidade, se reduzindo a uma interpretação aparente. Inédito e Superação tiveram que lidar com a dor da rejeição, chegando a duvidar de si próprios, fragilizando as emoções e sentimentos, porém, apesar dos dias duros, havia dias nos quais se fortaleceram para a transformação do medo e insegurança que sentiam, mas principalmente dos sentidos dotados à sua atividade sobre a vida. Com autonomia, foram constituindo sua independência, encorajando outros sujeitos, confrontando atitudes preconceituosas e deixando sua marca na história de muitos que passaram por eles. Essa autonomia mediou outras oportunidades e conquistas que historicamente se tornaram memórias afetivas, emocionadas, rompendo com os limites, protagonizando a vida e formação, além de transformar o negativo em positivo.

O relacionamento com os professores foi um espaço a ser explorado e descoberto, os diálogos e escutas foram pouco exercidos na prática social, sendo a inclusão ainda um desafio para todos que compõem a Universidade. Os estudantes tiveram sua subjetividade ferida, porém fortalecida nos limites que os sentidos e significados foram transformados e experienciados, vivenciados de maneiras autoral e dinâmica. Seguindo essa linha de pensamento, o núcleo 3 faz referência ao primeiro núcleo de significação, “**vivências significadas: dificuldades e enfrentamentos que constituem a identidade afetiva de sua formação**”. Destacamos que os núcleos 3 e 1 exprimem as vivências constituídas na formação acadêmica, memórias e emoções vivenciadas no ensino superior, assim como na educação básica; as significações revelam-se na postura, atitude dos alunos frente à realidade que se apresenta, transitando por meio das relações interpessoais; a afetividade, apesar de provocar sentimentos diferentes, reconhecemos que estes são responsáveis por provocar uma potência na longevidade e continuidade da formação, nos anseios pelo futuro e no olhar de um passado que trouxe aprendizados e marcas que se tornaram pontes para mediar o presente.

Pautados no núcleo de significação 4, “**Subjetividade que se exprimem e sonhos que atravessam a longevidade formativa**”, o sonho de chegar à Universidade fez de Inédito e Superação jovens motivados para superar dificuldades, independentemente das situações adversas, a longevidade formativa tornou-se realidade, uma vivência de significações confrontadas pela realidade e superadas nas lutas, nos encantos e desencantos da educação e de quem a compõe. Todos os acontecimentos foram importantes para a constituição de saberes que atravessam a formação acadêmica, profissional, exercendo significativa potência para recarregar as energias do processo que por diversas vezes foi afrontado e maquiado, levando a pensar numa inclusão que está

relacionada a uma concepção mais individual do que mesmo social, coletiva. Subjetividades foram feridas, mas fortalecidas: foi na dor que encontraram o caminho do recomeço e encorajaram-se a prosseguir, refazendo seus passos e, nas relações sociais, redescobrimo suas tessituras.

Considerando o núcleo de significação 5, **“A Universidade como um espaço de vivências e descobertas dos saberes e não saberes da vida e formação”**, foi na Universidade que um novo mundo foi apresentado, com efeitos e afetos bons, ruins, mas principalmente foi um espaço de aprendizado constante na vida e formação dos alunos com baixa visão; foram descobrindo melhor sua deficiência, conhecimento científico, saberes interpessoais, criaram laços, desfizeram e romperam outros. Choraram, sorriram, constituíram-se e significaram os momentos, abriram oportunidades e guardaram o medo no íntimo, expressando coragem, entusiasmo e concretizando o sonho. Inédito e Superação constituíram uma história de possíveis insucessos em uma peripécia. A maneira como mediaram os conflitos foi e é inspiradora, deixando marcas subjetivas, objetivas construídas ao longo da pesquisa.

Os núcleos de significação 4, **“Subjetividade que se exprimem e sonhos que atravessam a longevidade formativa”**, e 5, **A Universidade como um espaço de vivências e descobertas dos saberes e não saberes da vida e formação”**, suscitam a refletir acerca da subjetividade e sua implicação nas decisões e processos vivenciados; se a singularidade é fruto de um processo universal, aprendemos que os sentidos e significados dialeticamente se entrelaçam dentro de uma realidade palpável, atitudinal e emocional, carregando consigo o mundo interiorizado pelos sujeitos, que fazem e refazem as compreensões, interpretações das experiências e vivências, da posição dotada da qual estão imersos.

Este estudo também é fruto das contribuições da participação do Grupo de Pesquisas e Estudos em Educação e Subjetividade (GEPES/UERN) e do POSEDUC, no tocante aos aprendizados diante das disciplinas cursadas, sejam como aluno especial ou regular, e nas relações estabelecidas, bem como da dedicação de tantos profissionais que constituem e colaboram para o trabalho desenvolvido na UERN.

Por fim, além do desejo de darmos continuidade a esses estudos e produções, almejamos publicizar parte da nossa pesquisa, expandir novas vivências e experiências, dando outras significações, reconhecendo a dinamicidade e a dialética da formação humana sociocultural como também subjetiva. Dessa maneira, este estudo deseja provocar reflexões; apesar das potencialidades e fragilidades da pesquisa, é necessário

resistir, pesquisar e explorar, valorizando a educação e atravessando as barreiras atitudinais, deixando nossas marcas, mesmo que simplórias, resistindo às formas de opressão e preconceito, ressignificando o negativo em positivo, esperando por dias melhores mesmo quando tudo parecer acabado.

Portanto, para adentrarmos nas zonas de sentido, foi necessário ir ao encontro da essência das falas dos sujeitos entrevistados, pautados na realidade histórica e cultural, na consciência, buscando enveredar de forma teórica, metodológica, traçando uma relação de confiança para os pesquisados, constituindo significações pautadas nos significados e aprofundando as falas ditas e não ditas, gestos, afetos, olhares, expressões, movimentos, mesmo por meio de uma câmera e ferramenta do *google meet*. A aproximação das zonas de sentido veio das relações que se exprimem nos afetos e significações de vivências e experiências com os professores no ensino superior, bem como das ausências, negações e isolamento não só físico, mas afetivo.

Após todas as informações apresentadas, transcritas e discutidas, fazemos uma breve reflexão das vivências de Inédito e Superação, frente as nossas próprias vivências constituídas na relação com os professores no ensino superior. Ao ouvir cada palavra mencionada na entrevista, além de rememorar a história de lutas e enfrentamentos, nos afetou de alguma maneira suas histórias, sejam as que passamos de maneira semelhante ou mesmo aquelas que não fizeram parte do nosso processo constitutivo. Nossas tessituras se alinham no percurso das lutas pelo espaço de ser ouvida e no desejo autorizar-se. Nossa relação com os professores foram mais ausências, negação, desinteresse, esquecimento, já no que se refere às relações e aos afetos dos colaboradores da pesquisa, eles tiveram impactos de preconceitos e palavras de significações negativas de maneira mais direta, dura. No entanto, não estamos fazendo comparativos ou juízo de valor, as dores e alegrias, como as conquistas e lutas não se reduzem ao campo subjetivo, apenas se constituem e transforma-se de outras maneiras.

Podemos perceber, por meio deste estudo, a importância do outro no processo de mediação e colaboração em nossa constituição; estamos cheios de possibilidades vindouras, mas é com o outro que compartilhamos e construímos. As histórias retratadas dos alunos com baixa visão afetaram professores, colegas, suas famílias, a pesquisadora. Reveladas por meio dos enfrentamentos, as palavras de negação, preconceito e dor, potencializaram e não paralisaram as ações desses sujeitos, por isso hoje eles são jovens inéditos que superaram as formas de opressão social, emocional, subjetiva e objetiva que a sociedade impõe. Hoje, eles podem identificar o quão podem ir além, pois o processo

não é linear, fechado, acabado, mas é dialético e na realidade que se constituem não precisa ser determinada, mas constituída de afetos mais positivos do que negativos e de inclusão, humanização dando novos sentidos.

Após todos esses escritos, fazemos referência à arte apresentada nesta pesquisa, que busca ressaltar as palavras e expressões significadas, elucidando a constituição e formação do sujeito dentro da realidade e universalidade, retratando o período pandêmico e, principalmente, a ideia de temporalidade, da criança à vida adulta, dos instrumentos os quais o homem utiliza para a transformação da natureza e as relações interpessoais que se formam, numa perspectiva que aflora o social e individual, deixando evidente nos dois sujeitos da pesquisa que possuem baixa visão, particularizados por meio de óculos, instrumento utilizado pelos sujeitos da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda Junqueira de. Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015a. p. 117-135.
- AGUIAR, Wanda M. Junqueira. A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate Metodológico. *In*: AGUIAR, Wanda M. Junqueira; BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015b, p. 154-171.
- AGUIAR, Wanda Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para psicologia da educação. *In*: AGUIAR, Wanda Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). **A Dimensão subjetiva do processo educacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 43-59.
- AGUIAR, Wanda Junqueira de; MACHADO, Virgínia Campos. Psicologia Sócio-Histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 2, p. 261-270, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v33n2/0103-166X-estpsi-33-02-00261.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2021.
- AGUIAR, Wanda Junqueira de; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- AGUIAR, Wanda Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.
- AGUIAR, Wanda Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro. A formação de uma professora do ensino fundamental: contribuições da Psicologia Sócio-Histórica. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 12, n. 1, p. 221-234, jan.-jun. 2008.
- AGUIAR, Wanda Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de Significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p. 56-75, jan./jun. 2015.
- AGUIAR, Wanda Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta metodológica em constante movimento. XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. **Anais...** PUC-PR, 26 a 29 out. 2015, p. 37889-37900. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20260\\_10577.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20260_10577.pdf). Acesso em: 16 ago. 2020.

AGUIAR, Wanda Junqueira de *et al.* Reflexões sobre sentido e significado. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M. (org.). **A dimensão subjetiva da realidade**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009. p. 54-72.

AMARAL, Lígia Assumpção, ROAS, Felipe Andrés Calderón, FABRI, Letícia Moraes; CALADO, Vânia Aparecida. **Propondo uma Política da USP Referida à Deficiência**. Disponível em: [www.cecae.usp.br/usplegal/quem/Propondo\\_uma\\_Política\\_da\\_USP\\_Referida\\_à\\_Deficiência.htm](http://www.cecae.usp.br/usplegal/quem/Propondo_uma_Política_da_USP_Referida_à_Deficiência.htm) 67k Acesso em: 20 dez. 2021

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. Sou Cego ou Enxergo? as questões da baixa visão. **Educar em Revista**, n. 23, p. 15-28, 2004.

ANDERY, Maria Amália Pie Abib *et al.* Introdução - Olhar para a história: caminho para a compreensão da ciência hoje. *In*: ANDERY, Maria Amália Pie Abib *et al.* **Para Compreender a Ciência**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 9-10.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO 2006.

BARBOSA, Sílvia Maria Costa. **Etnometodologia e Multirreferencialidade**: a formação do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental sob duas perspectivas de análise. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo dos Campos, 2006.

BARBOSA, Sílvia Maria Costa. **Atividade do professor em sala de aula**: uma análise das estratégias de ensino a partir da psicologia sócio-histórica. 2011. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

BARNES, Colin; OLIVER, Mike. **Disability politics and the disability movement in Britain**: where did it all go wrong. Leeds: Disability Press. (paper), 2006.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Aventuras do Barão de Munchausen na Psicologia**. São Paulo: Cortez, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Razão e Emoção. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia *et al.* (org.). **Psicologia Fácil**. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 77-90.

BOCK, Ana Mercês Bahia; AGUIAR, Wanda Junqueira de. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a psicologia da educação. *In*: AGUIAR, Wanda Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). **A Dimensão subjetiva do processo educacional**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 43-59.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia *et al.* A dimensão subjetiva da desigualdade social no processo de escolarização. *In*: AGUIAR, Wanda Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). **A dimensão subjetiva do processo educacional**. São Paulo: Cortez, 2016, p. 207-228.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Decreto n. 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 21 dez. 1999. Seção 1, p. 10.

BRASIL. **Decreto Nº 3.956**, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Guatemala: 2001.

BRASIL. **Decreto n. 7.612, de 17 de novembro de 2011**. Viver sem Limites. Diário Oficial da União. Brasília, 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm). Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 12 jul. 2021.

BRASIL. Uso de recursos de tecnologia assistiva na educação municipal, estadual e Federal tecnológica. *In*: BRASIL. Subsecretaria nacional de promoção dos direitos da pessoa com deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas (org.). **Tecnologia Assistiva**. Brasília: Corde, p. 41-58, 2009.

CABRAL, Leonardo Santos Amâncio. Inclusão no Ensino Superior brasileiro: indicadores e problematizações. **Revista de Educação PUC**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 371-388, 2017. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/4075/2504>. Acesso em 20 mar. 2021.

CARLOMAGNO, Márcio Carlomagno; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>. Acesso em: 08 mai. 2021.

CARVALHO, Keila Miriam M. de *et al.* **Visão subnormal** - orientações ao professor do ensino regular. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; ALFREDO, Raquel Antonio. Análise mediadas pela dialética objetividade e subjetividade: as múltiplas de terminações de identidade

docente. *In*: AGUIAR, Wanda Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). **A Dimensão subjetiva do processo educacional**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 129-149.

CARVALHO-FREITAS, Maria Nivalda de; GUIMARÃES, Andrea Carmen; ROCHA, Giselle Barreto Diniz; SOUTO, Jéssica Faria; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. Características psicossociais do contato inicial com alunos com deficiência. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 211-220, 2015.

COLL, César; COLOMINA, R. Interação entre alunos e aprendizagem escolar. *In*: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. v. 2 - Psicologia da Educação. Tradução de A. M. Alves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 298-314.

CORRENT, Nicolas. Da Antiguidade à contemporaneidade: a deficiência e suas concepções. *In*: **Semana Acadêmica Revista Científica**. Instituto Paradigma, 2016. Disponível em: <https://shre.ink/1JEs>. Acesso em: 21 maio 2021.

DUARTE, Newton. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 71, jul. 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313695004>. Acesso em: 10 mai. 2021.

DUEK, Viviane Preichardt. Formação continuada: análise dos recursos e estratégias de ensino para a educação inclusiva sob a ótica docente. **Educ. rev.**, v. 30, n. 2, jun. 2014.

EDUCERE – XI Congresso Nacional de Educação, 2013, Curitiba, Paraná. **Anais do XI Congresso...** Paraná: PUCPR, 2013. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/25601\\_12436.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/25601_12436.pdf). Acesso em: 06 maio. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da Língua Portuguesa. 6. ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & sociedade**, v. 23, n. 79, p. 258-272, 2002.

FERRONI, Marília Costa Câmara; GASPARETTO, Maria Elisabete Rodrigues Freire. Escolares com baixa visão: percepção sobre as dificuldades visuais, opinião sobre as relações com comunidade escolar e o uso de recursos de tecnologia assistiva nas atividades cotidianas. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 18, n. 2, p. 301-318, abr.-jun. 2012.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não**. Cartas a quem ousa ensinar. 11. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

FURTADO, Odair. O psiquismo e a subjetividade social. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia. GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GASPARETTO, Maria Elisabete R. F. *et al.* Uso de recursos de tecnologia assistiva na educação municipal, estadual e federal tecnológica. *In*: BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. (org.). **Tecnologia Assistiva**. Brasília: Corde, 2009. p. 08-58.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade e Currículo**. Brasil/Mec: Brasília, 2007.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (org.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007a. p. 37- 52.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Fundamentos Metodológicos da Psicologia Sócio- Histórica. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (org.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007b. p. 113-127.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. A perspectiva sócio-histórica: uma possibilidade crítica para a Psicologia e para a Educação. *In*: AGUIAR, Wanda Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). **A Dimensão subjetiva do processo educacional**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 27-42.

GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson, 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo; FERREIRA, Maria Salonilde. A pesquisa colaborativa na perspectiva sócio-histórica. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 12, p. 33, 2005.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. Pesquisa colaborativa no Procad: criação de nova paisagem na cooperação acadêmica. *In*: AGUIAR, Wanda Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). **A Dimensão subjetiva do processo educacional**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 61-87.

INSTITUTO DE OFTALMOLOGIA DO RIO DE JANEIRO - IORJ. Disponível em: <https://iorj.med.br/baixa-visao/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

KITAHARA, Adil Margarete Visentini; CUSTODIO, Eda Marconi. A inclusão e as representações sociais dos professores: uma revisão da literatura. **Bol.- Acad. Paulista de Psicologia**, *online*, v. 37, n. 92, p. 79-93, 2017.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LANE, Silvia T. Maurer. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. *In*: LANE, Silvia T. Maurer; CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 10-19.

LAPLANE, Adriana Lia Friszman de; BATISTA, Cecília Guarneiri. Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola. **Caderno Cedes**, v. 28, p. 209-227, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Ed: UFMQ 1999.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e Práticas Pedagógicas. *In*: LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 15-45.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MANTOAN, Maria Tereza Egler. **Inclusão Escolar: O que? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, Brasília, n. 26, p. 36-44, 2004. Disponível em: <http://www.cjf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/view/622>. Acesso em: 13 jan. 2021.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. *In*: Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf). Acesso em: 15 maio 2021.

MARQUES, Antônia Batista; GÓIS, Francisca Lacerda de; BARBOSA, Sílvia Maria Costa. Teoria Sócio-Histórica: a contribuição de Vigotski para a Educação. *In*: SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). **Ensino Médio: Políticas Educacionais, Diversidades, Contextos Locais**. Fortaleza (CE): Eduece, 2017. p. 145-163.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. **O socioafetivo mediando a constituição de práticas educativas bem sucedidas na escola**. 2014. 324f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. São Paulo: FDE, 1997.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Fundamentos em Educação Inclusiva. Formação Continuada do Professor da Educação Básica. **Curso Formação de Professores do Ensino Fundamental na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Módulo 1. Natal/RN. UFRN. 2011.

- MARTINS, Lisiê Marlene da Silveira Melo; SILVA, Luzia Guacira Santos. Trajetória acadêmica de uma estudante com deficiência visual no ensino superior. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 54, n. 41, p. 251-274, maio/ago. 2016.
- MARX, Karl. **Capítulo VI inédito de O capital**. Tradução de Klaus Von Puchen. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- MERÇON, Juliana. O desejo como essência da educação. **Filosofia e Educação**, v. 05, n. 01, abr./set. 2013. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revistaqindex.php/rfe/article/viewFile/3630/3812>. Acesso em: 10 out. 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 9-29.
- MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde - Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. In: *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*. **Atas CIAIQ**, 2015, p. 126-131. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158/154>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- MOURA, Manoel Oriosvaldo de. In: CASTRO, Amelia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Pioneira Tompson Learning, 2001.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- OLIVER, Mike; BARNES, Colin. Disability politics and the disability movement in Britain: where did it all go wrong. Leeds: Disability Press. 2006. (paper).
- OMOTE, Sadao. Atitudes em relação à inclusão no ensino superior. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, p. 215-221, 2016.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial sobre a Visão**. 2021. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/328717/9789241516570-por.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- PEREIRA, Adriana Soares *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria: UFSM. 2018. Disponível em: [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica\\_final.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf). Acesso em: 27 out. 2021.
- PEREIRA, Rosamaria Reo; SILVA, Simone Souza da Costa; FACIOLA, Rosana Assef; PONTES, Fernando Augusto Ramos; RAMOS, Maély Ferreira Holanda. Inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior: uma revisão sistemática. **Revista Educação Especial**, v. 29, n. 54, 147-160, jan./abr. 2016.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação. *In*: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. São Paulo: Graf. FE, 2005.

RELATÓRIO MUNDIAL SOBRE A VISÃO. *Light for the World International*, 2021. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/328717/9789241516570-por.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

REYNELL, Joan. Developmental patterns of visually handicapped children. **Child Care, Health and Development**, v. 4, n. 5, p. 291-303, 1978.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

RUGER, André; RODRIGUES, Renata de Lima. Autonomia como princípio jurídico estrutural. *In*: FIUZA, César; SÁ, Maria de Fátima Freire de; NAVES, Bruno Torquato de Oliveira (orgs.). **Direito Civil**: atualidades II. Belo Horizonte: Del Rey, 2007. p. 03-24.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Democratizar a democracia**: os caminhos da democracia participativa. Porto: Afrontamento, 2003.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: o paradigma do século 21. **Revista Inclusão**, ano I, n. 1, p. 19-23, out. 2005.

SAVIANI, Dermeval. O Conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, 2015.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação Revista do Programa de Estudos Pós-graduados**, São Paulo, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em: <http://pesquisa.pespisc.bvsalud.org/scielo.php>. Acesso em: 19 fev. 2021.

SILVA, Gilberto Ferreira da; NÖRNBERG, Marta. Sentidos e significados da educação inclusiva: o que revelam os profissionais do Centro de Capacitação em Educação Inclusiva e Acessibilidade (CEIA/Canoas). **Revista Diálogo Educacional**, v. 13, n. 39, p. 651-672, mai.-ago. 2013.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. 2009. Disponível em:

[http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09520520042012Pratica\\_de\\_Pesquisa\\_I\\_Aula\\_2.pdf](http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09520520042012Pratica_de_Pesquisa_I_Aula_2.pdf). Acesso em: 10 nov. 2021.

SOARES, Júlio Ribeiro; ARAÚJO, Dalcimeire Soares de; PINTO, Rafaela Dalila Costa. Aprendizagem escolar: desafios do professor na atividade docente. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 51, p. 72-84, 2º sem. de 2020.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Vivência pedagógica**: a produção de sentidos na formação do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental sob duas perspectivas de professor em serviço. 2006. 327f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, Ricardo Ferreira de; FRATARI, Maria Helena Dias. **Alfabetização da Criança Cega nas Séries Iniciais**. Artigo elaborado para conclusão de curso Graduação em Pedagogia da Faculdade Católica de Uberlândia-MG. 2011.

SPOSATI, Aldaíza (coord.). **Mapa da exclusão/inclusão social na cidade de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 1996.

TOASSA Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

TRENTINI, Mercedes; PAIM, Lygia. **Pesquisa em Enfermagem**. Uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

VIGOTSKI, Lev S. **Obras escolhidas III**. Madrid: Visor, 1995.

VIGOTSKI, Lev S. **A tragédia de Hamlet**: o príncipe da Dinamarca. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

VIGOTSKI, Lev. S. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001b

VIGOTSKI, Lev S. **Teoria e método em Psicologia**. 3. ed. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira M. Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, Lev S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia**. Org. de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes; Tradução de Claudia da Costa Guimaraes Santana. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VYGOTSKI, Lev S. Problemas fundamentais da defectologia. *In: Obras Completas - Tomo V: Fundamentos de Defectologia*. Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE). Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2022.

VIGOTSKI, Lev S.; LURIA, Alexander Romanovich. **Estudos sobre a história do comportamento**: o macaco, o primitivo e a criança. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ZANELLI, Jose Carlos. **Formação profissional e atividade de trabalho**: análise das necessidades por psicólogos organizacionais. 1992. 364f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, SP, 1992.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza. A Inclusão Escolar vista sob a ótica de professores da escola básica. **Educação em Revista**, v. 27, n. 2, p. 197-218, 2011.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
 Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva.  
 CEP: 59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN Tel: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314-3452

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, na condição de Aluno da /UERN, do Campus Central, localizado na cidade de Mossoró/RN afirmo que:

1) Fui convidado (a) participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada “**Vivências constituídas pelos alunos com baixa visão na relação significada com os professores no ensino superior**”, realizada por Larissa Feitosa Moura, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Maria Costa Barbosa no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), cujo objetivo geral consiste em: Apreender as vivências constituídas de alunos com baixa visão na relação com os professores do ensino superior;

2) O projeto de pesquisa foi apresentado a mim aluno, além do objetivo geral, seus procedimentos metodológicos foram devidamente esclarecidos;

3) Foi garantido a mim o livre acesso a todos os dados produzidos por meio dos procedimentos Metodológicos utilizados na realização do citado trabalho de pesquisa, assim como terei direito ao esclarecimento acerca das informações das quais eu possa ter dúvidas com relação ao meu envolvimento nesse processo;

4) Além de estar ciente de todo o processo metodológico da pesquisa e de sua publicação, sei também que serão resguardados todos os dados referentes à minha privacidade, de modo que jamais o pesquisador criará meios que possibilitem a minha identificação nesse trabalho. Tudo aquilo o que diz respeito à minha identidade sei que será mantido sob sigilo;

5) Caso decida por não mais participar dessa pesquisa, poderei retirar-me dela a qualquer momento sem que isso signifique nenhum tipo de prejuízo para mim. Não há, inclusive, necessidade de justificar tal desistência. Ciente de que o referido projeto não apresenta nenhuma perspectiva de desconforto ou risco à minha

Participação no seu desenvolvimento, **ACEITO, DE FORMA LIVRE E ESCLARECIDA**, participar dessa pesquisa com o intuito de contribuir com a sua realização naquilo o que me couber como aluno da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Mossoró / RN, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

Colaboradora da Pesquisa

---

## APÊNDICE B

### Base de dados Capes e SciELO (2010-2020)

ANO	BASE DE DADOS	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	OBJETIVO	PROBLEMA
2011	CAPES	A Inclusão no Ensino Superior: uma experiência em debate!	Inclusão no Ensino Superior; Núcleo de Acessibilidade e Inclusão; Autonomia para PNEE.		
2016	CAPES	Atitudes em Relação à Inclusão no Ensino Superior	Inclusão, ensino universitário, atitudes sociais.	O propósito desta comunicação é trazer alguns resultados de estudos brasileiros sobre as atitudes sociais de segmentos da comunidade universitária em relação à inclusão	
2007	CAPES	Atuação de professores do ensino itinerante face à inclusão de crianças com baixa visão na educação infantil	Educação especial. Formação continuada. Deficiência visual. Inclusão. Educação infantil	Neste sentido, estabeleceu-se o objetivo de investigar aspectos relativos às necessidades de duas professoras itinerantes, participantes de um programa de formação.	
2020	CAPES	Desafios e Perspectivas do Estudante com Deficiência Visual na Educação Superior: Análise da Produção Científica	Educação especial. Deficiência visual. Educação superior. Inclusão.	Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar as pesquisas sobre acesso e permanência, com ênfase no Atendimento Educacional Especializado de estudantes com deficiência visual nas produções da Revista de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no período de 2014 a 2019.	

2012	CAPES	Escolares com baixa visão: percepção sobre as dificuldades visuais, opinião sobre as relações com comunidade escolar e o uso de recursos de tecnologia assistiva nas atividades cotidianas	Educação Especial. Inclusão. Deficiências da Visão. Autopercepção. Tecnologia Educacional	Este trabalho teve como objetivos conhecer a percepção de escolares com baixa visão (visão subnormal) em relação às suas dificuldades visuais, suas opiniões sobre a relação com a comunidade escolar e o uso de recursos de Tecnologia Assistiva nas atividades cotidianas.	
2019	CAPES	Inclusão no Ensino Superior: Um Processo em Pauta na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	Inclusão educacional. Ensino Superior. Treinamento profissional.	O artigo tem como proposta relatar e refletir sobre como os processos de inclusão vêm sendo construídos na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Dentre as iniciativas que a UFJF tem priorizado, destacaremos a criação do Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI) e, mais pontualmente, a criação de uma modalidade de bolsa de treinamento profissional (TP) voltada para o assessoramento ao NAI e o acompanhamento acadêmico dos estudantes com deficiência.	
2017	CAPES	Inclusão no ensino superior: uma revisão sistemática das condições apresentadas aos estudantes com deficiência	O objetivo deste trabalho é investigar as condições de acesso e permanência das pessoas com deficiência no ensino superior.	Acessibilidade, Universidade, Educação Especial, EPAEE, Google Acadêmico.	
2017	CAPES	O processo educacional de estudante com deficiência visual: uma análise dos estudos de teses na temática	Deficiência visual; Processo educacional; Inclusão.	O propósito do estudo relatado neste foi inventariar e discutir as teses que tiveram como objeto de estudo o processo educacional de estudante com	

				deficiência visual no território brasileiro.	
2009	CAPES	Percepção dos professores da rede regular de ensino sobre os problemas visuais e a inclusão de alunos com baixa visão	Baixa visão; Cegueira; Saúde escolar; Conhecimentos, atitudes e prática em saúde; Questionários; Ensino fundamental e médio	Verificar e analisar o conhecimento a respeito dos problemas visuais e do tema baixa visão entre os professores da rede regular de ensino, justificando a importância do pedagogo especializado como elo entre o médico oftalmologista e a escola.	
2016	CAPES	Trajatória acadêmica de uma estudante com deficiência visual no ensino superior	Ensino superior. Educação inclusiva. Deficiência visual.	Tem como objetivo apresentar o processo educacional de uma aluna com deficiência visual – baixa visão no Ensino Superior, durante o seu primeiro semestre letivo, em um curso de engenharia da UFRN.	
2017	CAPES	Uma análise das ações do professor em uma sala de aula em que estão presentes estudantes com deficiência visual	Ação docente. Análise textual discursiva. Matriz 3x3. Deficiência visual. Aprendizagem.	A pesquisa procurou caracterizar a ação docente em sala de aula que possuía estudantes com deficiência visual.	
2010	SciELO	A Formação do Professor Para o Ensino Superior: Prática docente com alunos com deficiência visual	Educação Inclusiva. Ensino de Biologia. Formação Docente.	Objetivo analisar a formação de professores universitários formados em Ciências Biológicas/licenciatura para o atendimento de pessoas com deficiência visual no sistema Universitário	
2020	SciELO	Deficiência visual: caminhos legais e teóricos da escola inclusiva	Acessibilidade. Deficiência Visual. Escola Exclusiva. Escola Inclusiva.	O artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre a cegueira e a baixa visão no contexto da democratização do acesso e permanência escolar.	
2013	SciELO	Estudo de Caso Sobre a Inclusão de	Educação Especial. Pessoa com	Objetivo do presente estudo foi levantar o número de alunos	

		Alunos com Deficiência no Ensino Superior	Deficiência. Ensino Superior.	autodeclarados com deficiência em processo de inclusão no ensino superior nas instituições públicas e privadas de Juiz de Fora	
2021	SciELO	Narrativas de Mulheres com Deficiência Visual.	Educação Especial. Mulheres com deficiência visual. Inclusão. Acessibilidade	Este estudo objetivou conhecer a trajetória de vida de mulheres com deficiência visual em relação aos processos de Acessibilidade e inclusão social	Como mulheres com deficiência visual narram suas trajetórias de vida em relação aos processos de acessibilidade e inclusão social?
2013	SciELO	Processos de Escolarização de Pessoas com Deficiência Visual	Educação Especial. Educação Inclusiva. História de vida. Deficiência Visual.	Analisar as trajetórias e expectativas de vida escolar de pessoas com deficiência visual, que frequentaram um curso comunitário preparatório para o vestibular e almejavam ingressar no ensino superior	Como foi o acesso ao atendimento especializado? Houve adaptação de material e de conteúdos Escolares? Como enfrentaram e superaram os preconceitos vivenciados na escola?
2008	SciELO	Ver, Não Ver e Aprender: a participação de crianças com Baixa Visão e Cegueira na Escola	Educação inclusiva. Práticas de inclusão na escola. Deficiência Visual. Interação social. Recursos de ensino	Discute o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com deficiência visual, seus modos de apreensão do mundo e o uso de recursos para auxiliar na participação escolar	De que modo a deficiência visual interfere no desenvolvimento e na aprendizagem? Como ensinar alunos com deficiência visual? Qual é o lugar dos recursos pedagógicos e dos auxílios na sala de aula? Como escolher o recurso indicado para cada situação?

**APÊNDICE C**  
**Processo de levantamento dos Pré-Indicadores**

<b>Inédito e Superação - Fale de sua trajetória? (família, amigos, um pouco sobre você)</b>
(Inédito) [...] dentro da área da deficiência visual e me denominam como cego legal, <b>como se fosse legal ser cego [...]</b> .
(Inédito) [...] a <b>vivência ela traz essa esperança</b> e trazendo também Paulo Freire novamente, essa <b>minha busca por pela minha exceção social pra mim até então era um inédito viável buscava que até então era inédito [...]</b> .
(Inédito) <b>Uma pessoa que tinha uma deficiência visual pra mim, pros meus familiares da onde que um cego pode estudar, da onde que um cego pode fazer alguma coisa, e na verdade e hoje eu tenho a minha eu sou graduado em direito e estou fazendo minha segunda graduação [...]</b> .
(Inédito) <b>Estou se tornando esse inédito né pra pra minha família, pra sociedade que não acreditava e eu estou se tornando viável de fato. Então tem todo esse esperar</b>
(Inédito) [...] <b>toda essa trajetória ela não foi fácil, foi com muitas lutas as barreiras, mas é como eu sempre digo, independente ter a deficiência ou não, dificuldade, todos nós teremos [...]</b> .
(Inédito) <b>Existe aquela, aquele paradigma social que é a pessoa com deficiência é um ser coitado e essa mentira</b> de alguma maneira acabou sincronizando dentro das próprias pessoas, dentro da sociedade, então <b>quando vê uma pessoa com deficiência é a coitada, mas nós temos que levar o seguinte, que independente da deficiência ou não, as lutas vão vim [...]</b> .
(Inédito) [...] <b>nós temos dificuldades e que cabe a cada um de nós lutarmos pelos nossos sonhos, obviamente que teremos barreiras só que cada história é uma história [...]</b> .
(Inédito) Foi quando eu estava em sala de aula, tava fazendo um curso e que tinha como uma das disciplinas, matemáticas com matemática financeira e <b>eu perguntando pro professor que estava no slide o professor vira, pergunto três vezes, na terceira vez ele vira pra mim e diz assim: [...] eu não tenho culpa se a instituição aceitou ter um aluno com deficiência visual</b> . Isso pra mim que até então na época era um fato, e intrigante, porque <b>foi o primeiro impacto de fato, que de preconceito vivenciar ele mesmo dentro de sala de aula, que isso impactou [...]</b> . E e aí eu virei professor: <b>Também não tenho culpa</b> , tremendo isso. Imagina uma pessoa tremendo, a voz tremia [...]. <b>E eu queria que a pessoa dissesse sim, porque eu sou também não tenho culpa, se o senhor não sabe</b> .
(Inédito) <b>Tecnologias assistivas, metodologias que possibilitam que a pessoa com deficiência visual, possam ter a igualdade de condições em suas atividades</b> É tanto que nos últimos concursos e até mesmo na própria seleção do mestrado agora eu não me coloquei <b>como pessoa com deficiência</b> .
(Inédito) <b>Hoje por utilizar as tecnologias assistidas eu acharia pelo menos na minha visão é inviável eu colocar como pessoa com deficiência mesmo tendo a deficiência, só que as tecnologias já suprem minha necessidade, hoje eu consigo ter um um pé de condições como qualquer outra pessoa</b> .
(Inédito) [...] <b>eu não queria que nenhuma pessoa com deficiência visual passasse pelo que eu passei [...]</b> .
(Inédito) <b>Talvez nem todas as pessoas teriam essa força mental, essa essa índice psicológico de tentar tornar o negativo positivo, porque pra mim foi difícil [...]</b> .
(Inédito) <b>A minha trajetória ela é muito não é que não é porque acaba sendo um espectador da minha própria história, mas porque aconteceram muitas muitos fatos realmente nessa minha trajetória da educação que eu posso dizer que hoje eu tenho alegria de permitir, que outras pessoas com deficiência visual tenham a oportunidade de ingressar nos seus estudos, tenham tenham acesso à leitura, alfabetização, possam chegar no mestrado, doutorado</b> .
(Superação) <b>É uma é um projeto muito bem pensado</b> porque que é um projeto bem pensado, porque geralmente as pessoas quando ele desenvolver é projetos ele desenvolve um projeto com pras pessoas com deficiência né? Põe nessa temática com deficiência visual com essa

temática eles engloba tanto a baixa visão quanto a pessoa cega, é englobado né? <b>É bem verdade que existe uma diferença que não é muita, mas uma diferença que a gente deve considerar. Geralmente nas universidades a gente não há essa distinção [...].</b>
(Superação) [...] eu desconheço no meu curso essa prática geralmente eles o mecanismo que eles utilizam a maneira que eles utilizam pra um cego usa com o pra o baixa visão.
(Superação) E a gente também tem o apoio né, do departamento DAIN, sempre pra fazer as leituras e assim vejo que é dentro da universidade e a gente tem conquistado bastante espaço muitos espaços nessa temática as necessidades dos alunos com deficiência visual na universidade [...].
(Superação) [...] Mas mesmo sabendo que não é uma temática muito fácil de ser trabalhada, viu? Porque não é todo mundo que se disponibiliza em trabalhar e contar como ela realmente.
<b>Inédito e Superação - Quais os motivos que fizeram você ingressar na universidade?</b>
(Inédito) [...] eu falei não, quero trabalhar eu quero ser proativo eu quero e realmente produzir e ser colaborador dessa sociedade, do nosso país, do nosso estado, do nosso município [...].
(Inédito) A minha luta não parou e aí a minha luta continuou sendo mais forte, porque eu impulsionei os conselhos municipais do de Mossoró. Nessa brincadeira eu fui escolhido pra representar o município de Mossoró, numa conferência estadual dos direitos das pessoas com deficiência. [...].
(Inédito) [...] nessa brincadeira eu levei bem também uma proposição que levei aqui em Mossoró, fui aprovado em Mossoró, fui aprovada no estado e chegou pra Brasília, que na época o presidente Dilma, por orientação de dos procuradores, e ela vetou a garantia do de cotas para as pessoas com deficiência nas universidades federais e estaduais [...].
(Inédito) [...] aí quando e quando eu quando eu descobro que na verdade, e foi sancionado no quando eu tiver enganado dia vinte e oito de dezembro de dois mil e dezesseis a lei que garante as cotas para as pessoas com deficiência em institutos federais, universidades federais [...].
(Inédito) [...] lutar pelos direitos das pessoas com deficiência e tudo isso modificou a minha história [...].
(Inédito) [...] a educação tem esse poder porque a educação tem o poder de liberdade, a educação tem esse poder libertário, a educação esse poder transformador e a educação tem o poder de ressignificar a pessoa, dela conhecer-se a si mesmo e conhecer o como ser social colaborar com que as pessoas possam viver de forma aprimar pelo bem comum [...] agora, é um processo que não é fácil [...].
(Superação) Eu sempre tive vontade de a minha infância era terminar né? O ensino médio, terminar o terminal fundamental né? Eu tinha que ter muito desejo de terminar quando eu parei. Sim. Se estudar eu tinha mais de quatorze anos eu parei não, minha mãe me tirou, né? Da escola. Os professores me diziam que eu tinha uma limitação, não tinha capacidade de estudar não adiantava, não valia a pena, disseram para minha mãe que não, não valia a pena eu estudar porque eu tinha não tirava do quadro [...].
(Superação) Minha mãe sem conhecimento ela me tirou da escola aí eu passei quinze anos sem estudar só sonhando né? [...].
(Superação) [...] eu sempre dizia que na hora que eu tivesse oportunidade eu e eu ia voltava a estudar e eu ia e para o meu futuro que eu mais queria e até que um dia eu tive uma oportunidade né de ter alguém que acreditasse na minha capacidade e eu voltei a estudar [...].
(Superação) Assim tudo isso muita dificuldade né porque a gente às vezes, a gente vem do ensino médio bem, bem degradado né? Bem salteados assim então quando a gente entra na universidade, seja quem for, quando a gente não tem uma boa base de ensino médio, fundamental. A gente tem muito, bastante dificuldade, né? Isso pra qualquer pessoa, principalmente pra uma pessoa com limitação visual, né? [...].
(Superação) [...] tive nota baixa e reprovei em uma disciplina, mas foi algo que foi superado, sabe? [...].

<b>Inédito - Deseja dar continuidade à sua formação em direito?</b>
(Inédito) [...] <b>Eu sinto isso na pele. É o descrédito das pessoas e em relação à pessoa com deficiência [...].</b>
(Inédito) [...] <b>Quando eu estava fazendo a minha graduação, realizou a minha graduação no sexto período, a gente foi orientado pelos professores que nós devemos buscar um estágio. Eu bati em vinte escritórios de advocacia, nenhum abriu a porta pra mim.[...].</b>
(Inédito) [...] <b>Era tudo o que eu queria, era buscando a oportunidade [...].</b>
(Inédito) [...] <b>Então, assim, é muita das vezes nós precisamos demonstrar aquilo que nós já somos, são isso que é um lado negativo de alguma forma, porém eu entendo e da mesma forma que uma pessoa que possa ter qualquer outra dificuldade [...].</b>
<b>Inédito e Superação - Quais suas dificuldades enquanto aluno com baixa visão?</b>
(Inédito) [...] <b>muita das vezes alguns professores ficavam com raiva de mim, porque eu pausava a aula e falava, o professor pelo amor de Deus, o que é isso aqui? Tá aqui [...], aqui aonde? Eu não vejo e eu já vi professor errado, pelo amor de Deus, eu tenho que parar toda hora pra poder explicar pra você... Eu falo, pelo amor de Deus. E eu tenho que ficar toda hora chamando pra atenção dizendo que eu não vejo [...].</b>
(Inédito) [...] <b>já aconteceu alguns embates de uma professora, de uma professora me dar uma nota baixa; isso é antiético, automático porque eu estava chamando a atenção dela [...].</b>
(Inédito) [...] <b>quando eu mudei de turma que eu conversei com o professor e o professor aconteceu isso e isso, não preciso do senhor mudar minha nota nem nada ele me deu a explicação em menos de uma hora. O que a professora levou praticamente quase um mês me explicando que eu não consegui compreender nada, ele não explicou em quarenta minutos em quarenta minutos eu fiz a atividade, sem ajuda de ninguém, eu fiz atividade sozinho[...].</b>
(Inédito) <b>há ainda essa barreira atitudinal de algumas pessoas acharem que a gente tá querendo algo a mais, ou tá querendo mudar a a metodologia[...].</b>
(Inédito) [...] <b>não são todos os professores, de todos os professores que eu que eu tive são apenas... foi uma [...].</b>
(Inédito) [...] <b>Então assim, há esses fatos e assim esses aspectos esses fatos que eu vou que aconteceram comigo são fatores desmotivacionais, porque desmotiva bastante... então isso aconteceu comigo[...].</b>
(Inédito) [...] <b>Eu tenho esse espírito de luta e eu devo muito isso aos meus pais [...]</b>
(Inédito) [...] <b>tenho os meus pais como um espelho pessoas guerreiras. Eu acabei querendo ou não, interiorizando isso dentro de mim.[...].</b>
(Inédito) [...] <b>De uma maneira eu não posso punir ela por um pacto seu eu tenho que demonstrar pra ela o seguinte: essa forma errada só que entender que ela tem os porquês dela [...].</b>
(Inédito) [...], <b>você vai passar a mão na cabeça dela, mesmo ela tendo agindo da forma como ela agiu? Não, não vou passar a mão na cabeça, mas eu vou ter que demonstrar a realidade e entender que talvez a construção social, a construção é que ela obteve das metodologias de ensino dela né da práxis.[...].</b>
(Inédito) [...] <b>Eu escuto muitas pessoas falando “ah, mas você pensava dessa forma e hoje você pensa diferente?”. Gente, nós somos seres e mudamos. Isso mesmo. Mas não somos imutáveis. Nós mudamos com o tempo. [...]</b>
(Superação) [...] <b>Dificuldades são várias, em verdade a baixa visão sofre bem mais do que a pessoa com cegueira né? E é até complicada né? Dizer e as pessoas, por que né? Porque a baixa visão ele tem um resíduo visual né? Ou seja, ele não tem, mas a gente sofre bem mais do que um aluno com cegueira, porque é das duas uma, ou as pessoas entendem que você não tem, o meu caso quem olha pra mim não me vê que eu tenho uma deficiência [...].</b>
(Superação) [...] <b>a gente tem está provando o tempo todo que a gente tem uma necessidade né então não é obrigação da gente está tendo que provar pro mundo a gente tem uma limitação não [...].</b>
(Superação) [...] <b>Sabe que a nossa universidade ela não é tão acessível [...].</b>

(Superação) [...] À noite eu tenho mais, de dia eu ainda tenho sabe? [...] Assim, tipo quando eu chego em um canto é, é tipo uma claridade boa que eu vou pra uma claridade mais com menos qualidade eu já tenho dificuldade depois é que eu vou conseguir [...]
(Superação) [...] Mas eu tenho dificuldade de dia. E principalmente de canto que eu não conheço [...].
<b>Superação - Quais são as dificuldades que você encontra na sala de aula?</b>
(Superação) E a gente eu não tiro, eu não tiro do quadro eu não tiro do slide né eu não copio sim como copiar[...].
(Superação) [...] pra mim ter o acesso eu gravo as minhas aula, e se eu trabalho com a questão de grifar os textos algum computador entendeu? Antes eu levava o computador pra sala de aula pra mim ir acompanhando o texto, mas depois eu deixei de levar, esse perigo né [...].
(Superação) [...] mas dos mecanismos que eu utilizo na sala de aula é a gravação das aulas. E prestar atenção, procurar não, não faltar né? Porque a explicação do professor é muito interessante. [...] E a questão do material acessível a gente, a gente enfrenta uma luta muito grande na universidade por questão da... do acesso ao material acessível e tem muita dificuldade com os docentes nesse sentido porque eles não entende que a gente precisa de ter um material acessível e o quanto antes um dia uma semana antes da aula eu precisaria eu preciso ter um material em mão pra eu fazer a leitura e na... no dia da aula já ter um domínio do que o professor já vai falar, sim a gente não tem como né e e participar de uma aula se você não tem o domínio no no texto que está falando [...].
(Superação) [...] mas a gente ainda sente essa dificuldade com eles porque eles não enviam material pra DAIN, o material que eles utilizam é esse material do estilo foto né? Um PDF mais num formato foto sim aí o nosso programa de voz o nosso programa de voz não lê esse formato de PDF tá então ele precisa de ir pra o departamento pra eles escanear e enviar pra gente por e-mail [...].
(Superação) [...] dificultando assim e às vezes eles passam é é é. vídeo dublado às vezes se passa coisa com imagem que a gente tem que estar dizendo “ai professor tem aluno com deficiência visual não tem como ser um filme dublado, né?” Ou legendado, na verdade. Aí eles acham que o DAIN descreve um filme todinho, [ ] Aí é muito complicado a gente ter que falar pra eles que não é dessa forma a inclusão [ ].
(Superação) [...] existe uma falta de informação assim de até mesmo de de capacitação do do da parte pra os docente lidar com pessoas com deficiência porque não é que a gente que tem a deficiência a gente vai querer o mais fácil não agora a gente precisa de um material acessível é isso que eu bato na tecla de vez em quando é que a gente não precisa de de de facilidade na facilidade não a gente precisa de ter um material acessível.
<b>Inédito e Superação - O que mais lhe marcou em seu processo acadêmico, na relação com seus professores?</b>
(Inédito) [...] que aí eu vou ter que parabenizar a UERN [...].
(Inédito) [...] No primeiro dia de aula, o professor sabia meu nome, sabia como eu trabalhava, como eu estudava, porque a DAIN tinha encaminhado um memorando, e ela faz isso com todos os alunos com deficiência, estudo na UERN encaminhando memorando para o departamento, e o departamento encaminha para os professores [...] isso me impressionou tanto, porque o professor sabia meu nome, não sabia que eu era eu né? [...]. Isso me impressionou tanto, porque o professor sabia meu nome [...].
(Inédito) [...] sou professor da área de filosofia, e tô vendo aqui que você domina bem as tecnologias e como que você quer que eu ministre a aula? qual qual é a melhor forma pra você? Eu tomei um choque; Acredito, falei “que legal, que legal”. Fiquei impressionado porque assim professor já sabia quem eu era, sabia mais ou menos como eu trabalhava [...].
(Inédito) [...] você prefere como as atividades? Eu falei “professor, pode dar sua aula normal, eu só peço pelo amor de Deus, como eu já tinha tido a experiência da questão da da sala da professora, aquilo ali, ela só fez pelo amor de Deus, pelo nome da parte, mas pelo

amor de Deus, <b>quando tiver algum imagem alguma mensagem, não diga é aqui ou a ali”[...]</b>
(Inédito) [...] <b>Então foi uma experiência muito boa que eu que eu tive na UERN, muito bacana mesmo. Agora sim, eu não vi isso nas outras universidades.[...]</b>
(Inédito) [...] <b>Hoje eu estou à frente na aqui no CADV, então a gente tem contato com alguns universitários, eu vejo que os universitários gostam bastante do do trabalho da UERN, as únicas questões que eles se preocuparam no último, dos últimos tempos [...]</b>
(Superação) [...] <b>a gente cobra, eles mandam pro departamento, mas quando não chega a tempo né eu tenho um um uma um aplicativo em casa que eu converto só que às vezes é um um material é um PDF tão ruim tão não está marcado tão e às vezes o o a formatação que eu faço não fica muito legal né? Bagunça o texto. [...] às vezes pego com o colega[...]</b>
(Superação) [...] <b>vai cobrando do departamento também pra enviar né eles são imoral as vezes ele passa o ele passa o material pra o departamento mas não dá acesso ao drive hum aí o departamento recebe o material mas não tem como baixar pra escanear porque eles não deram acesso aí outro e e-mail pedindo acesso ao drive[...]</b>
(Superação) [...] <b>Nesse período agora que terminou agora foi um professor é novato né contratado inclusive e foram professores mais mais acessível [...]</b>
<b>Inédito - Como se deu a relação com seus professores no curso de filosofia na UERN?</b>
(Inédito) Na UERN eu não tive, [...] <b>a minha dificuldade realmente é uma questão pessoal, era a distância, a minha dificuldade era a distância, das vezes, pronto. Eu tinha que fazer a prova com com a pessoa que lesse a prova pra mim [...]</b>
(Inédito) [...] <b>Eu precisava de um ledor. Então geralmente perdã,o ah então assim muita das vezes eles marcavam a prova,[...] você pode vim à tarde? Então muitas vezes eu eu tinha que pegar o ônibus de meio dia e meio ficar de uma hora da tarde até as dez horas da noite. Só que isso é natural. Quem mora fora, quem é de outro município também tem essa mesma dificuldade de passar o dia todo,[...]</b>
<b>Inédito - Você sente que tem apoio por partes dos professores da UERN?</b>
(Inédito) [...] <b>professor de metodologia científica foi tão bacana, porque assim, ele trouxe todos os materiais, se encaminhou pro meu email, e e ele no segundo dia de aula ele falou assim: [...], você tem um perfil de escrever não tem? ele ele mesmo percebeu [...]</b>
(Inédito) [...] <b>se você quiser escrever um texto o texto acadêmico pra ser publicado na revista Lei você pode escrever até o semestre e eu me encaminho pra ele pra pra que seja publicado. Nossa, eu falei caramba que legal [...]</b>
(Inédito) [...] <b>Daí foi complicado eu escrevi o texto empregabilidade de pessoas com deficiência e foi publicado. Foi muito bacana, foi muito pertinente, positivo pra mim[...]</b>
<b>Superação - Quais os momentos mais difíceis que você enfrenta ou enfrentou durante seu curso de serviço social?</b>
(Superação) [...] <b>você sabe que que a inclusão ela não é feita ela não é composta só do do falar né? Eu não sou eu falar foi ah é a gente vive inclusão a gente defende inclusão a gente nós somos inclusão não é isso? Você tem que viver a inclusão[...]</b>
(Superação) <b>E o fato e o fato de de do professor ter aluno com com deficiência na sala de aula não quer dizer que isso é inclusão não né? E eu e assim eu eu acho que o momento mais difícil que eu enfrentei assim que eu falei oxe isso não era nem pra existir[...]</b>
(Superação) [...] <b>tive dificuldade de acesso a um conteúdo não sei se foi no segundo período, mas eu acho que foi era pra gente desenvolver um trabalho e e eu falei eu não fiz o trabalho porque o material que você me enviou não foi acessível eu preciso que o conteúdo seja acessível e você não não mandou um conteúdo acessível. Então, ele olhou e disse “então se vire, então se vire, você tem o departamento pra você. Se vire, entendeu?[...]”.</b>
(Superação) [...] <b>quando a gente leva pra o departamento pra o departamento do curso que que diz, converse com o professor como é que a gente pode conversar com o professor a se ele manda se virar ele vai mandar me virar novamente? Aí eu acho uma fragilidade muito grande sabe? Tanto no do docente quanto do departamento. Eu acho que isso não era pra acontecer.</b>
<b>Superação - Como você se sentiu passando por essa situação?</b>

(Superação) Eu me senti assim muito desestimulada porque se no início eu estava vivenciando aquilo, antes imagine depois né porque cada período são professores diferentes então eu poderia encontrar até pior e eu não teria apoio e se eu levo pra o departamento de inclusão que a universidade tem que não converse com com o seu departamento do curso. Aí ficam jogando de um pro outro, de um pro outro e a necessidade da gente continuando.

**Superação - Qual o momento que mais lhe marcou na universidade?**

(Superação) [...] esse professor foi muito difícil sabe assim foi eu na verdade eu não eu não vou dizer que eu eu pensei em desistir não sabe não não não chegou a passar isso na minha cabeça assim não graças a Deus né? Mas me desestimulou bastante[...] o problema que a gente tinha que resolver era ele mesmo era outro e nem eu sozinha era ele mesmo mas infelizmente ele foi é muito pobre nessas nessa nessa situação.

(Superação) [...] Mas assim tem outros que são acessíveis sabe? Muito muito bom muito de muito que me inclui sabe? [...].

(Superação) A gente tem uma dificuldade também na questão da inclusão né em com a turma não é todo mundo né que que que veste a camisa da inclusão de fato né existem pessoas que assim que não querem ter contado né não querem ter aproximação né com o aluno com deficiência a gente sabe a gente sabe que isso vem numa série de coisas né sim isso é gerado uma série de coisas.

(Superação) [...] os professores entendem quem deve fazer tudo isso é o aluno quem tem que trabalhar a inclusão é o aluno sozinho quando eu acho que é uma luta de todo mundo.

**Superação - Como se deu a relação com seus professores?**

(Superação) Hoje eu considero boa, muito boa.

(Superação) [...] a gente vê que tem professor que é mais, que vê que o aluno tem capacidade né e que puxa pelo aluno que eu adoro professor assim eu não gosto daquele professor, Larissa, que não está bom eles são deficientes está bom não, não gosto eu gosto do perfil de uma pessoa que ele veja o aluno como o outro, tanto você tem capacidade de fazer isso aqui muito embora você precise mais de tempo[...].

(Superação) [...] não eu não não defendo que a gente tenha isso, conteúdo fácil, prova fácil não. O que eu defendo é que a gente tenha um conteúdo acessível[...].

(Superação) Mas tem uns que vê que que assim que eles investem em você porque ele vê que que não é por causa que você tem uma deficiência que você é limitado e que você não tem capacidade de desenvolver uma atividade, um trabalho produtivo [...].

(Superação) [...] Tem uns que dizem assim “do jeito que você fizer está bom” ...assim o que que ele quer dizer com isso? Quer dizer que mais que eu tenha uma limitação eu não posso desenvolver igual aos outros e eu posso [...].

(Superação) É por isso assim que eu acho que tinha que haver um trabalho pra eles procurarem conhecer de perto a necessidade do aluno, eu sei que tem aluno que não tem a mesma facilidade que eu e que não tenham a mesma dificuldade[...].

(Superação) [...] então pra isso cada aluno tem as suas especificidade e eles precisavam de conhecer pra eles melhor trabalharem. [...] Eu acho que a universidade teria que se preocupar com isso. Entendeu? Entendi. Pra coisa fluir assim pra coisa, inclusão é isso não é eu juntar todo mundo num pacote só e agir da mesma forma[...].

**Superação - Você tem alguma experiência positiva com seus professores?**

(Superação) [...] tive uma professora que ela foi marcando assim ela realmente ela foi marcante na minha na minha vida acadêmica sabe? Porque ela é inclusiva ela é uma pessoa que trabalha dentro da inclusão e eu tive na verdade inclusive bem no início do período também eu tive uma professora que ela foi marcando assim ela realmente ela foi marcante na minha na minha vida acadêmica sabe? Porque ela é inclusiva na pessoa que trabalha dentro da inclusão ela sabe como lidar[...].

(Superação) [...] então isso pra mim esse momento assim que eu tive com ela que pena que eu só paguei essa que uma disciplina com ela, mas eu aprendi demais assim com ela pra mim ela foi um exemplo assim muito boa e isso nos ajuda assim, isso nos fortalece, isso nos nos ensina a gente a cada dia mais[...].

(Superação) <b>A lutar pelos nossos direitos, nosso espaço, pela e e se defender também diante das afrontas, né? Que nos sobrevivem a cada dia que a gente vive um a gente vive uma guerra todos os dias[...].</b>
(Superação) [...] <b>tem pessoas que veste mais essa essa luta, né? [...] Que abraça a causa, mas tem pessoas que tem tem mais dificuldade, mas assim o que você vai conversando eles vão entendeu? Uau, mas é é um processo né você sabe que é um processo é uma é uma é um caminho a ser andado todos os dias então, então não é fácil a inclusão é não é fácil, mas é algo que a gente precisa estar lutando todos os dias pra ir superar pra ir superando né o desafio.</b>
(Superação) [...] <b>A inclusão na universidade o que tem não é o suficiente a gente falou que assim a gente teve bastante avanço né? Teve um avanço muito grande muito significativo na na questão da inclusão, mas o que tem dentro da universidade não é o suficiente a gente precisa lutar mais conquistar mais</b>
<b>Superação - O que poderia melhorar na relação com os professores?</b>
(Superação) [...] <b>eles precisam de melhorar né pra pra como servir como dar assistência a um aluno como nesse deficiência[...].</b>
(Superação) [...] <b>Eu acho assim, Larissa, que a questão do acesso a a as leituras, sabe? [...] Procurar conhecer as especificidades do aluno[...].</b>
(Superação) [...] <b>Eu tinha um professor chegou assim pra mim e dizia assim esqueci até dessa mas eu vou citar agora. Eu eu tive professor durante o curso que era uns professores bons, mas eles chegavam pra mim e dizia assim “você anda? Você anda?”. Aí eu disse “Por que?” - Não, porque você é não porque é assim que você tem deficiência. Eu disse: “não. A minha deficiência não me impede de eu andar[...].”</b>
(Superação) [...] <b>outro que que eu acho que foi foi esse foi esse mesmo perguntou se eu andava que ele que ele fez assim gesto de de de libras sabe? Como você entende a questão da Libras aquele desse jeito, mulher[...].</b>
(Superação) [...] <b>ele estava confundindo libras com braile, e aí eu falei “assim não, professor você está falando de libra de libras né?” Ele disse “é é mas não é o que vocês usam” e disse “não o que a pessoa com deficiência visual usa?” não, é o braile é o tátil aí falou ah o entendeu? são essas coisas que eu acho que precisa ser mais trabalhado[...].na cabeça deles e o professor dele de universidade e um aluno com deficiência visual ele pode não sabe andar sozinho E sabe, eu acho que é uma benção não ando mais que eu não posso.</b>
(Superação) [...] <b>Era pra ter uma disciplina assim que pra todos docente ser e pagar[...].</b>
<b>Superação - Você sente que tem apoio por parte da Universidade?</b>
(Superação) [...] <b>Sempre que eu precisei do departamento que eu tive. Não não senti assim dificuldade, assim de de não precisei do departamento ou do e e não tive não sabe? Inclusive, eu até conheço pessoas que já tiveram grandes problema com a questão da da da do departamento da faculdade quanto departamento de inclusão, mas eu não tive, não na verdade eu não tive nada eu quando eu entrei[...].</b>
<b>Inédito e Superação - Você conseguiu acompanhar as atividades?</b>
(Inédito) [...] <b>eu não quero ser melhor que os outros, igual todo mundo Trabalhar em equipe, eu gosto desse trabalho realmente em equipe[...].</b>
(Inédito) [...] <b>Quando a atividade era individual aí o que eu pedia professor então tem como só encaminhar porque eu não levava o meu computador pra UERN, não levava pela questão conhecer de assaltos, tal opção faço trabalho pra mim se eu quiser que eu ainda encaminhe ainda hoje quando chegar em casa eu faço em casa, e mando pro seu primeiro e-mail. Então assim, foi muito na questão do diálogo [...].</b>
(Inédito) [...] <b>os professores sempre foram muito assim, nessa questão como foram bem compreensivos[...].</b>
(Inédito) [...] <b>realmente nós não temos como adaptar esse recurso. Eu falei professor desde que o senhor coloque em letra ampliada um pouquinho, a baixa a visão bem severa peço que o senhor coloque letra ampliada, eu não vou conseguir enxergar então pra mim é mais viável que esteja em PDF o material, e que eu possa responder no meu computador [...]</b>

(Inédito) [...] aí muitas das vezes até algum professor, [...] <b>eu vou ter confiança em você viu? Não vale colar não viu? Aí eu fui professor não pode ter certeza e realmente como nunca nunca coleí porque eu vejo que se eu colasse eu estava me boicotando [...].</b>
(Inédito) [...] <b>Então eu sempre preferi, se for pra tirar nota baixa eu tiro nota baixa mas pelo menos que eu venha aprender [...].</b>
(Superação) [...] <b>sim é muita dificuldade[...] porque eu sou diferente eu acho que eu sou diferente do povo porque eu me cobro muito sabe eu me cobro muito.</b>
(Superação) [...] <b>Se eu precisasse entregar uma atividade na próxima semana eu já começava nessa semana às vezes eu ia dormir uma da manhã, duas as vezes eu me acordava de quatro horas da manhã de cinco pra estudar[...].</b>
(Superação) [...] <b>estou conseguindo dar de conta pouquíssimo pouquíssimos trabalho eu entregava com dois três dias isso mesmo quando eu via que não dava eu conversava com o professor, esclarecer que não dava pra entregar dentro daquele prazo e tal e disse não, mas você me entregava tal dia entendeu? Sim. Havia essa flexibilidade.</b>
(Superação) <b>Mas assim são dificuldades assim que é hora que a gente buscar superar a gente consegue a questão é o tempo que a gente não tem né? Pra mas as tecnologias são muito boas nos ajuda bastante sabe? [...] é impossível lhe dizer que a gente não tem dificuldades com relação as tecnologias né? Assistiva que a gente tem é impossível dizer que a gente não tem [...].</b>
<b>Inédito e Superação – Você sente que tem autonomia?</b>
(Inédito) [...] <b>parto de um princípio da alteridade. O que esse princípio diz? Que eu sou o que sou por causa do outro. Então eu vou ser uma pessoa diferente depois dessa conversa [...].</b>
(Inédito) [...] <b>que eu preno muito a minha autonomia eu quero fazer minhas coisas eu não quero precisar de um outro pra fazer algo por mim, eu acredito que se eu adaptar algumas metodologias eu não vou precisar de um outro alguém pra fazer, como escrever como estudar[...].</b>
(Inédito) [...] <b>ganhei um computador do meu pai ,quando eu passei no vestibular e meu pai comprou um computador pra mim e quando eu recebi o computador foi a coisa mais linda do mundo, eu abri o computador não vejo, e agora que eu estou com a máquina na minha mão e eu não vejo [...] fiquei incansável fiquei naquela neura eu tento encontrar uma forma que eu não quero pedir pra ninguém e tal mas eu preciso aprender [...].</b>
(Inédito) [...] <b>comecei a pesquisar sobre a lupa e eu consegui adaptar a lupa do Winderson com invenção de cores tal aquilo, transformou minha educação conseguir criar uma metodologia com o meu próprio computador [...]</b>
(Superação) [...] <b>autonomia do aluno também. Essa ajuda bastante, sabe? O aluno ser é autônomo, né? são dificuldades que... assim... são dificuldades que pode ser superado, né? Com a ajuda, com o apoio, com, mas assim, eu acho que não, acho que algo que. tudo caminhando[. .].</b>
(Superação) [...] <b>você tendo autonomia você consegue não tudo, porque tudo é muita coisa, mas a autonomia ela lhe ajuda bastante você chega bem mais rápido [...]</b>
(Superação) [...] <b>independente de qualquer coisa a gente precisa ter consciência que a gente precisa ser autônomo, porque um dia você vai precisar e você não vai ter como, não vai saber lidar né com a situação então a gente tem que ter essa autonomia mesmo [...] Eu acho que a minha autonomia começou quando eu sai de casa né pra estudar [...].</b>
(Superação) [...] <b>vivência da gente pessoa com deficiência a gente sabe que quando a gente tem uma limitação, a gente é muito superprotegido, né? Pelo nosso pros nossos familiares, nossos pais, a gente, eles têm muito medo da gente[...].</b>
(Superação) [...] <b>Esse cuidado dele essa superproteção ele tira essa essa autonomia que o ser humano precisa e isso não só para a pessoas com deficiência que todo pai superprotege o filho o filho uma hora chega ele não vai saber se resolver né chega um momento ele não sabia se resolver, porque ele sempre teve alguém pra decidir por ele. Entendeu? Então a autonomia é um ele é um ele é um carro chefe, ela é um carro chefe pra qualquer ser humano.</b>

(Superação) [...] <b>Eu me sinto realizada assim. E olha que eu tenho essa essa coisa que é a autonomia e eu me sinto realizada quando eu vou e resolvo sozinha. Mas só que assim às vezes, às vezes a gente é mal entendido porque às vezes as pessoas e confundem essa essa autonomia e esse prazer de você fazer as coisas né? como mal agradecido [...].</b>
(Superação) [...] <b>porque quando eu morava com a minha mãe eu não tinha nem o direito de fazer uma academia porque eu não podia que eu era deficiente visual, porque eu eu podia ir pra academia, eu podia cair por cima das máquinas, não podia fazer isso, podia fazer aquilo. Entendeu? Entendo. Isso não me fazia bem, fazia mal um terrível mal, eu eu era uma pessoa que eu não tinha direito de escolher, pra eu ir o que fazer, porque eu era deficiente[...].</b>
(Superação) [...] <b>Então a gente tem essa autonomia a gente tem todo esse direito de de de escolher. [...] Hoje eu decido onde eu quero ir, eu vou a todo canto e não tem ninguém pra me dizer, assim não, você não vai porque você é deficiente, não tem, entendeu? Hoje eu vou mesmo[...].</b>
(Superação) [...] <b>Eu não gosto daquela coisa eu tenho que provar que eu sou capaz, mas eu tive que fazer isso [...].</b>
(Superação) [...] <b>No início quando eu quando eu, eu decidi ir embora pra Mossoró morar com a prima pra mim estudar eu tive muita resistência da parte da minha mãe, porque assim eu nunca saí de casa [...].</b>
(Superação) <b>Ela dizia ah tu não, não vale a pena você sair de casa, porque você tem uma limitação porque isso e aquilo não implica não tem isso eu então, mas mesmo assim eu vou então assim havia aquele descrédito, não você não vai conseguir sabe, e minha mãe me chegou a me dizer você não vai conseguir é uma besteira[...].</b>
(Superação) [...] <b>hoje minha mãe me vê realmente como uma pessoa capaz assim. Hoje sim, mas ela viu que eu fui, que deu tudo certo o que eu queria fazer eu da família da minha mãe eu sou a única assim da família, do do filho né que eu tenho quatro irmãos eu fui a única que entrei na universidade.</b>
(Superação) <b>Aí assim hoje ela acredita sim ela teve que realmente eu sou uma pessoa batalhadeira esforçada hoje ela vê dessa forma, mas antes ela achava que não[...].</b>
(Superação) [...] <b>Hoje eu passei a faculdade, tenho minha filha, tenho minha casa, com meu marido sabe? E assim ó hoje sim, mas antes ela teve uma dificuldade de compreender esse lado né? Eu sei eu acho que hoje ela já tem como exemplo pra dizer pra pra qualquer uma outra pessoa que passa por uma situação semelhante que é possível[...].</b>
<b>Inédito e Superação - Qual a relação com seus colegas de sala?</b>
(Inédito) [...] <b>Dos professores que eu tive acesso eles ficaram deu pra perceber que eles ficaram com medo. Com aquele receio. Que que eu vou fazer? No começo até eu não sabia o que era pra fazer [...] Então assim, foi um aprendizado mútuo [...].</b>
(Inédito) [...] <b>o primeiro bimestre pra mim foi um aprendizado grande, pra mim também, como pros professores que já a partir dos outros trimestres, quando acontecer de ter um professor novo, eu já falava o seguinte: Olha essa metodologia, prefiro dessa forma e assim não é que se tem que ser dessa forma não viu? [...].</b>
(Inédito) [...] <b>Então eu pedi o seguinte, olha antes da da aula começar ou dias anteriores ou uma aula posterior a outra, me digam qual vai ser o assunto da outra aula pra que eu já estude em casa e eu já venha pra aula preparado para poder discutir o tema o que eu gosto de discutir pronto uma coisa, ah mas o direito da universalidade realmente é garantido então assim eu gosto de questionar, isso faz parte também de mim, então houve esse esse avançar mesmo na questão de filosofia [...].</b>
(Inédito) [...] <b>Então eu pedia sempre antes, me diga o que aconteceu, o que que o senhor vai passar na aula pra que eu já vinha preparado pra poder ouvir a sua explicação e já saber o que o senhor vai repassar praquela informação fique mais fácil ao ser compreendida na discussão da sala [...]</b>
(Inédito) [...] <b>Isso realmente com alguns professores aconteceram, alguns professores chegaram a dizer: [...] mas se a gente fizer isso a gente vai tá privilegiando mais você do que outro aluno[...].</b>

(Inédito) [...] professor e aí aquela questão de demonstrar, <b>professor eu acredito que o senhor não vai estar privilegiando a mim mais pro outro aluno, porque o que acontece o outro aluno ele consegue ler o livro, e os livros pra mim, eles não são físicos é através do meu computador, então eu preciso saber qual a informação[...].</b>
(Inédito) [...] <b>Privilégio se obedece a resposta das questões na prova. Isso seria um privilégio. Mas se eu me passar o qual seria o conteúdo da próxima aula eu acho que não seria somente pertinente para mim. Pessoa com deficiência visual seria o pertinente pra todos os alunos[...].</b>
(Inédito) Então, essa realmente é a questão com os professores, com o espaço dos alunos o que eu via quando eu <b>chegava numa turma nova, quando era trabalho em grupo eu sempre eu sou um pouco tímido também apesar de eu falar ele mais eu sou tímido[...].</b>
(Inédito) [...] <b>professor vamos se juntar aqui no grupo de cinco pessoas todo mundo se juntava e eu ficava sozinho, então e aí o que que acontece, você precisa se juntar em um grupo e aí é professora quem quiser que eu fique no grupo eh estou a disposição e geralmente quem me escolhia isso que é o mais bacana de tudo era aqueles grupos que eram dos mais bagunceiro que estava nem aí pra nada [...].</b>
(Inédito) <b>sempre fui esse cara de estudar pra caramba eu quero aprender não é não quero ser mal com os outros não, eu quero aprender pra mim mesmo que é pra mim, entendeu? E aí o que acontece quem acabar fazendo as atividades era eu[...].</b>
(Inédito) [...] <b>como começaram a falar e quando os cara tirava dez aí o pessoal começou a dizer, não, calma aí eu quero ver[...]</b> no meu grupo, então assim começaram a inverter a questão dos então às vezes eu já cheguei a presenciar grupos brigando [...].
(Inédito) [...] <b>assim modificando com o tempo, então no começo eu senti que os meus colegas achavam que eu era incapaz e quando terminava era o pessoal brigando pra poder ficar na turma deles [...].</b>
(Inédito) [...] <b>E eu como disse né, eu sou tímido</b> nessa questão, exemplo qual o meu grupo tal? <b>Eu não vou sair eu não vou escolher que pra mim não importa qual seja o grupo. Aonde eu estiver vai dar certo. Eu fiz isso comigo então eu sou meio fechado nessa nessa parte[...].</b>
(Superação) [...] <b>eu acho assim que existe uma mistura existe algumas pessoas que acham que as pessoas com deficiência eles são ajudados pelo departamento certo? Que isso é é não existe não existe, isso o departamento de inclusão na universidade não, ele não faz isso não, tem esse papel[...].</b>
(Superação) [...] eu percebo pela questão quando a gente apresenta seminários né que é aquele grupo de cinco ou seis ou sete eles procuram tornar as coisas tem uns que ter mais dificuldades como eu já falei pra vocês <b>a gente passa a faculdade todinha batendo na tecla de uma coisa e as pessoas fazendo do mesmo jeito né? Sim mas assim, tem uns que tem mais dificuldade de entender às vezes a gente fica até chato né? A gente tem</b> que estar vendo gente eu preciso de um, eu preciso disso aqui acessível, porque eu sou deficiente visual eu sou baixa visão, não tenho como ver[...].
(Superação) [...] <b>Eles tiram uma foto de alguma coisa relacionada ao seminário bota no grupo. Aí aquela foto eu não o meu programa de voz que utilizo ela não vai ler. Ele vai dizer ele vai identificar foto não vou saber o que está vendo naquela foto. Entendeu? estou entendendo aí eu preciso explicar que que aquela foto não está sendo eu não estou sabendo o que que eles mandaram, aqueles documentos que eles mandaram eu não estou tendo como ter o acesso esse tipo de coisa assim aí tranquilo [...].</b>
(Superação) [...] <b>eu vejo que não, nada exposto não, eu até que tenho né, mas enfim me deixa transparecer que que eles me excluem[...]. Aí você pode olhar que eles têm alguém na família ou conviveu com alguém ou ou alguma coisa a gente tem que eles são mais acessível[...].</b>

**APÊNDICE D**  
**Sistematização dos Indicadores**

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
(Inédito) [...] <b>a vivência ela traz essa esperança</b> e trazendo também Paulo Freire novamente, <b>essa minha busca por pela minha exceção social pra mim até então era um inédito viável buscava que até então era inédito [...].</b>	<b>INDICADOR 1</b> <b>SUJEITOS INCOMUNS QUE</b> <b>CONSTITUEM SUA HISTÓRIA DE</b> <b>VIDA E FORMAÇÃO</b>
(Inédito) <b>uma pessoa que tinha uma deficiência visual pra mim, pros meus familiares da onde que um cego pode estudar, da onde que um cego pode fazer alguma coisa, e na verdade e hoje eu tenho a minha eu sou graduado em direito e estou fazendo minha segunda graduação [...].</b>	
(Inédito) <b>estou se tornando esse inédito né pra pra minha família, pra sociedade que não acreditava e eu estou se tornando viável de fato. Então tem todo esse esperar.</b>	
(Inédito) [...] <b>toda essa trajetória ela não foi fácil, foi com muitas lutas as barreiras, mas é como eu sempre digo, independente ter a deficiência ou não, dificuldade, todos nós teremos [...].</b>	
(Inédito) <b>Existe aquela, aquele paradigma social que é a pessoa com deficiência é um ser coitado e essa mentira de alguma maneira acabou sincronizando dentro das próprias pessoas, dentro da sociedade, então quando vê uma pessoa com deficiência é a coitada, mas nós temos que levar o seguinte, que independente da deficiência ou não, as lutas vão vim [...].</b>	
(Inédito) <b>a minha trajetória ela é muito não é que não é porque acaba sendo um espectador da minha própria história, mas porque aconteceram muitas muitos fatos realmente nessa minha trajetória da educação que eu posso dizer que hoje eu tenho alegria de permitir, que outras pessoas com deficiência visual tenham a oportunidade de ingressar nos seus estudos, tenham tenham acesso à leitura, alfabetização, possam chegar no mestrado, doutorado.</b>	
Superação) [...] <b>a gente tem está provando o tempo todo que a gente tem uma necessidade né então não é obrigação da gente está tendo que provar pro mundo a gente tem uma limitação não [...].</b>	
(Superação) [...] <b>Eu não gosto daquela coisa eu tenho que provar que eu sou capaz, mas eu tive que fazer isso [...].</b>	

<p>(Superação) [...] hoje minha mãe me vê realmente como uma pessoa capaz assim. Hoje sim, mas ela viu que eu fui, que deu tudo certo o que eu queria fazer eu da família da minha mãe eu sou a única assim da família, do do filho né que eu tenho quatro irmãos eu fui a única que entrei na universidade.</p>	
<p>(Superação) Aí assim hoje ela acredita sim ela teve que realmente eu sou uma pessoa batalhadeira esforçada hoje ela vê dessa forma, mas antes ela achava que não [...].</p>	
<p>(Superação) [...] Hoje eu passei a faculdade, tenho minha filha, tenho minha casa, com meu marido sabe? E assim ó hoje sim, mas antes ela teve uma dificuldade de compreender esse lado né? Eu sei eu acho que hoje ela já tem como exemplo pra dizer pra pra qualquer uma outra pessoa que passa por uma situação semelhante que é possível [...].</p>	
<p>(Inédito) Foi quando eu estava em sala de aula, tava fazendo um curso e que tinha como uma das disciplinas, matemáticas com matemática financeira e eu perguntando pro professor que estava no slide o professor vira, pergunto três vezes, na terceira vez ele vira pra mim e diz assim: [...] eu não tenho culpa se a instituição aceitou ter um aluno com deficiência visual. Isso pra mim que até então na época era um fato, e intrigante, porque foi o primeiro impacto de fato, que de preconceito vivenciar ele mesmo dentro de sala de aula, que isso impactou [...]. E e aí eu virei professor: Também não tenho culpa, tremendo isso. Imagina uma pessoa tremendo, a voz tremia [...]. E eu queria que a pessoa dissesse sim, porque eu sou também não tenho culpa, se o senhor não sabe.</p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 2</b> <b>AFETOS QUE MARCAM AS</b> <b>RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS ENTRE</b> <b>PROFESSOR E ALUNO</b></p>
<p>(Inédito) [...] muita das vezes alguns professores ficavam com raiva de mim, porque eu pausava a aula e falava, o professor pelo amor de Deus, o que é isso aqui? Tá aqui [...], aqui aonde? Eu não vejo e eu já vi professor errado, pelo amor de Deus, eu tenho que parar toda hora pra poder explicar pra você.. Eu falo, pelo amor de Deus. E eu tenho que ficar toda hora chamando pra atenção dizendo que eu não vejo [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] já aconteceu alguns embates de uma professora, de uma professora me dá uma nota baixa isso é antiético, automático porque eu estava chamando a</p>	

atenção dela [...].	
(Inédito) [...] quando eu mudei de turma que eu conversei com o professor e o professor aconteceu isso e isso, não preciso do senhor mudar minha nota nem nada ele me deu a explicação em menos de uma hora. O que a professora levou praticamente quase um mês me explicando que eu não consegui compreender nada, ele não explicou em quarenta minutos em quarenta minutos eu fiz a atividade, sem ajuda de ninguém, eu fiz atividade sozinho [...].	
(Inédito) [...] De uma maneira eu não posso punir ela por um pacto seu eu tenho que demonstrar pra ela o seguinte, essa essa forma errada só que entender que ela tem os porquês dela [...].	
(Inédito) [...], você vai passar a mão na cabeça dela mesmo ela tendo agindo da forma como ela agiu? Não, não vou passar a mão na cabeça, mas eu vou ter que demonstrar a realidade e entender que talvez a construção social, a construção é que ela obteve das metodologias de ensino dela né da da práxis [...].	
(Inédito) [...] não são todos os professores, de todos os professores que eu que eu tive são apenas foi uma [...].	
(Inédito) [...] Então assim, há esses fatos e assim esses esses aspectos esses fatos que que eu vou que aconteceram comigo são fatores desmotivacionais, porque desmotiva desmotiva bastante então isso aconteceu comigo[...].	
(Inédito) [...] sou professor da área de filosofia, e tô vendo aqui que você domina bem as tecnologias e como que você quer que eu ministre a aula? qual qual é a melhor forma pra você? Eu tomei um choque; Acredito, falei que legal, que legal fiquei impressionado porque assim professor já sabia quem eu era, sabia mais ou menos como eu trabalhava [...].	
(Inédito) [...] você prefere como as atividades.? Eu falei, professor, pode dar sua aula normal, eu só peço pelo amor de Deus, como eu já tinha tido a experiência da questão da da sala da professora, aquilo ali, ela só fez pelo amor de Deus, pelo nome da parte, mas pelo amor de Deus, quando tiver algum imagem alguma mensagem, não diga é aqui ou a ali[...]	
(Inédito) [...] professor de metodologia	

<p><b>científica foi tão bacana</b>, porque assim, ele trouxe todos os materiais, se encaminhou pro meu email, e e <b>ele no segundo dia de aula ele falou assim: [...], você tem um perfil de escrever não tem? ele mesmo percebeu [...]</b>.</p>	
<p>(Inédito) [...] <b>se você quiser escrever um texto o texto acadêmico pra ser publicado na revista</b> Lei você pode escrever até o semestre e eu me encaminho pra ele pra pra que seja publicado. <b>Nossa, eu falei caramba que legal [...]</b>.</p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Daí foi complicado eu escrevi o texto empregabilidade de pessoas com deficiência e foi publicado. Foi muito bacana, foi muito pertinente, positivo pra mim [...]</b>.</p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Dos professores que eu tive acesso eles ficaram deu pra perceber que eles ficaram com medo. Com aquele receio. Que que eu vou fazer? No começo até eu não sabia o que era pra fazer [...]</b> Então <b>assim, foi um aprendizado mútuo [...]</b>.</p>	
<p>(Inédito) [...] <b>o primeiro bimestre pra mim foi um aprendizado grande, pra mim também</b>, como pros professores que já a partir dos outros trimestres, <b>quando acontecer de ter um professor novo, eu já falava o seguinte: Olha essa metodologia, prefiro dessa forma e assim não é que se tem que ser dessa forma não viu? [...]</b>.</p>	
<p>(Inédito) [...] <b>No primeiro dia de aula, o professor sabia meu nome, sabia como eu trabalhava, como eu estudava, porque a DAIN tinha encaminhado um memorando, e ela faz isso com todos os alunos com deficiência, estudo na UERN encaminhando memorando para o departamento, e o departamento encaminha para os professores [...]</b>isso me impressionou tanto, porque o professor sabia meu nome, não sabia que eu era eu né? [...]. Isso me impressionou tanto, porque o professor sabia meu nome [...].</p>	
<p>(Superação) [...] pra mim ter o acesso eu gravo as minhas aula, e se eu trabalho com a questão de grifar os textos algum computador entendeu? Antes eu levava o computador pra sala de aula pra mim ir acompanhando o texto, mas depois eu deixei de levar, esse perigo né [...].</p>	
<p>(Superação) [...] <b>mas dos mecanismos que eu utilizo na sala de aula é a gravação das aulas. E prestar atenção, procurar não, não faltar né? Porque as a explicação do professor é muito interessante. [...]</b> E a</p>	

questão do do material acessível a gente, a gente enfrenta uma luta muito grande na universidade por questão da da do acesso ao material acessível e tem muita dificuldade com os docentes nesse sentido porque eles não entende que a gente precisa de ter um material acessível e o quanto antes um dia uma semana antes da aula eu precisaria eu preciso ter um material em mão pra eu fazer a leitura e na no dia da aula já ter um domínio do que o professor já vai falar, sim a gente não tem como né e e participar de uma aula se você não tem o domínio no no texto que está falando [...].

(Superação) [...] dificultando assim e às vezes eles passam é é. vídeo dublado às vezes se passa coisa com imagem que a gente tem que estar dizendo ai professor tem aluno com deficiência visual não tem como se um um filme dublado, né? Ou legendado na verdade. Aí eles acham que que o o que a DAIN a DAIN descreve um filme todinho, [ ] Aí é muito complicado a gente ter que falar pra eles que não é dessa forma a inclusão [ ].

(Superação) [...] Nesse período agora que terminou agora foi um professor é novato né contratado inclusive e foram professores mais mais acessível [...].

(Superação) [...] tive dificuldade de acesso a um conteúdo não sei se foi no segundo período, mas eu acho que foi era pra gente desenvolver um trabalho e e eu falei eu não fiz o trabalho porque o material que você me enviou não foi acessível eu preciso que o conteúdo seja acessível e você não não mandou um conteúdo acessível. Então, ele olhou e disse, então se vire, então se vire, você tem o departamento pra você se vire entendeu [...].

(Superação) Eu me senti assim muito desestimulada porque se no início eu estava eu estava vivenciando aquilo, antes imagine depois né porque cada período são professores diferentes então eu poderia encontrar até pior e eu não teria apoio e se eu levo pra o departamento de inclusão que a universidade tem que não converse com com o seu departamento do curso. Aí ficam jogando de um pro outro, de um pro outro e a necessidade da gente continuando.

(Superação) [...] esse professor foi muito difícil sabe assim foi eu na verdade eu não eu não vou dizer que eu eu pensei em desistir não sabe não não não chegou a

<p>passar isso na minha cabeça assim não graças a Deus né? Mas me desestimulou bastante [...] o problema que a gente tinha que resolver era ele mesmo era outro e nem eu sozinha era ele mesmo mas infelizmente ele foi é muito pobre nessas nessa nessa situação.</p>	
<p>(Superação) [...] os professores entendem quem deve fazer tudo isso é o aluno quem tem que trabalhar a inclusão é o aluno sozinho quando eu acho que é uma luta de todo mundo.</p>	
<p>(Superação) [...] a gente vê que tem professor que é mais que vê que o aluno tem capacidade né e que puxa pelo aluno que eu adoro professor assim eu não gosto daquele professor Larissa que não está bom eles são deficientes está bom não, não gosto eu gosto do perfil de uma pessoa que ele veja o aluno como o outro, tanto você tem capacidade de fazer isso aqui muito embora você precise mais de tempo [...].</p>	
<p>(Superação) Mas tem uns que vê que assim que eles investem em você porque ele vê que não é por causa que você tem uma deficiência que você é limitado e que você não tem capacidade de desenvolver uma atividade, um trabalho produtivo [...].</p>	
<p>(Superação) [...] Tem uns que dizem assim do jeito que você fizer está bom...assim o que que ele quer dizer com isso? Quer dizer que mais que eu tenha uma limitação eu não posso desenvolver igual aos outros e eu posso [...].</p>	
<p>(Superação) [...] tive uma professora que ela foi marcando assim ela realmente ela foi marcante na minha na minha vida acadêmica sabe? Porque ela é inclusiva ela é uma pessoa que trabalha dentro da inclusão e eu tive na verdade inclusive bem no início do período também eu tive uma professora que ela foi marcando assim ela realmente ela foi marcante na minha na minha vida acadêmica sabe? Porque ela é inclusiva na pessoa que trabalha dentro da inclusão ela sabe como lidar [...].</p>	
<p>(Superação) [...] então isso pra mim esse momento assim que eu tive com ela que pena que eu só paguei essa que uma disciplina com ela, mas eu aprendi demais assim com ela pra mim ela foi um exemplo assim muito boa e isso nos ajuda assim, isso nos fortalece, isso nos ensina a gente a cada dia mais [...].</p>	
<p>(Superação) [...] Eu tinha um professor</p>	

<p>chegou assim pra mim e dizia assim esqueci até dessa, mas eu vou citar agora. <b>Eu eu tive professor durante o curso que era uns professores bons, mas eles chegavam pra mim e dizia assim você anda? Você anda? Ai eu disse Por que? Não, porque você é não porque é assim que você tem deficiência. Eu disse não. A minha deficiência não me impede de eu andar [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...][ <b>outro que que eu acho que foi foi esse foi esse mesmo perguntou se eu andava que ele que ele fez assim gesto de de de libras sabe? Como você entende a questão da Libras aquele desse jeito, mulher[...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>ele estava confundindo libras com braile, e aí eu falei assim não professor você está falando de libra de libras né? Ele disse é é mas não é o que vocês usam e disse não o que a pessoa com deficiência visual usa? não, é o braile é o tátil aí falou ah o entendeu? são essas coisas que eu acho que precisa ser mais trabalhado [...] na cabeça deles e o professor dele de universidade e um aluno com deficiência visual ele pode não sabe andar sozinho E sabe, eu acho que é uma benção não ando mais que eu não posso.</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>Mas mesmo sabendo que não é uma temática muito fácil de ser trabalhada, viu? Porque não é todo mundo que se disponibiliza em trabalhar e contar como ela realmente.</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>Mas assim tem outros que são acessíveis sabe? Muito muito bom muito de muito que me inclui sabe? [...].</b></p>	
<p>(Superação) <b>Hoje eu considero boa, muito boa.</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Então eu pedia sempre antes, me diga o que aconteceu, o que que o senhor vai passar na aula pra que eu já vinha preparado pra poder ouvir a sua explicação e já saber o que o senhor vai repassar praquela informação fique mais fácil ao ser compreendida na discussão da sala [...].</b></p>	
<p>(Inédito) <b>tecnologias assistidas, metodologias que possibilitam que a pessoa com deficiência visual possa ter a igualdade de condições em suas atividades É tanto que nos últimos concursos e até mesmo na própria seleção do mestrado agora eu não me coloquei como pessoa com deficiência.</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 3</b> <b>DESCOBERTAS QUE CONSTITEM</b> <b>POSSIBILIDADES AO LONGO DA</b> <b>TRAJETÓRIA</b></p>
<p>(Inédito) <b>hoje por utilizar as tecnologias assistidas eu acharia pelo menos na minha</b></p>	

<p><b>visão é inviável eu colocar como pessoa com deficiência mesmo tendo a deficiência, só que as tecnologias já suprem minha necessidade, hoje eu consigo ter um pé de condições como qualquer outra pessoa.</b></p>	
<p>(Inédito) [...] eu falei não, quero trabalhar eu quero ser proativo eu quero e realmente produzir e ser colaborador dessa sociedade, do nosso país, do nosso estado, do nosso município [...].</p>	
<p>(Inédito) <b>A minha luta não parou e aí a minha luta continuou sendo mais forte, porque eu impulsionei os conselhos municipais do de Mossoró. Nessa brincadeira eu fui escolhido pra representar o município de Mossoró, numa conferência estadual dos direitos das pessoas com deficiência [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>nessa brincadeira eu levei bem também uma proposição que levei aqui em Mossoró, fui aprovado em Mossoró, fui aprovada no estado e chegou pra Brasília, que na época o presidente Dilma, por orientação de dos procuradores, e ela vetou a garantia do de cotas para as pessoas com deficiência nas universidades federais e estaduais [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Aí quando e quando eu quando eu descubro que na verdade, e foi sancionado no quando eu tiver enganado dia vinte e oito de de dezembro de dois mil e dezesseis, a lei que garante as cotas para as pessoas com deficiência em institutos federais universidades federais [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>lutar pelos direitos das pessoas com deficiência e tudo isso modificou a minha história [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Quando eu estava fazendo a minha graduação realizou a minha graduação no sexto período, a gente foi orientado pelos professores que nós devemos buscar um estágio. Eu bati em vinte inscrições de advocacia, nenhum abriu a porta pra mim [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] dentro da área da deficiência visual e me denominam como cego legal, <b>como se fosse legal ser cego [...].</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 4</b> <b>LUTAS E ENFRENTAMENTOS</b> <b>ADVINDOS DE SUAS SIGNIFICAÇÕES</b></p>
<p>(Inédito) <b>Talvez nem todas as pessoas teriam essa força mental, essa essa índice psicológico de tentar tornar o negativo positivo, porque pra mim foi difícil [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>eu não queria que nenhuma pessoa com deficiência visual passasse pelo que eu passei [...].</b></p>	
<p>(Inédito) <b>a minha trajetória ela é muito não</b></p>	

<p>é que não é porque acaba sendo um espectador da minha própria história, mas porque aconteceram muitas muitos fatos realmente nessa minha trajetória da educação que eu posso dizer que hoje eu tenho alegria de permitir, que outras pessoas com deficiência visual tenham a oportunidade de ingressar nos seus estudos, tenham tenham acesso à leitura, alfabetização, possam chegar no mestrado, doutorado.</p>	
<p>(Superação) [...] porque quando eu morava com a minha mãe eu não tinha nem o direito de fazer uma academia porque eu não podia que eu era deficiente visual, porque eu eu podia ir pra academia, eu podia cair por cima das máquinas, não podia fazer isso, podia fazer aquilo. Entendeu? Entendo. Isso não me fazia bem, fazia mal um terrível mal, eu eu era uma pessoa que eu não tinha direito de escolher, pra eu ir o que fazer, porque eu era deficiente [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] a educação tem esse poder porque a educação tem o poder de liberdade, a educação tem esse poder libertário, a educação esse poder transformador e a educação tem o poder de ressignificar a pessoa, dela conhecer-se a si mesmo e conhecer o como ser social colaborar com que as pessoas possam viver de forma aprimar pelo bem comum [...] agora, é um processo que não é fácil [...].</p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 5</b> <b>A EDUCAÇÃO COMO UM ESPAÇO QUE DELIMITOU NOVAS CONQUISTAS</b></p>
<p>(Inédito) sempre fui esse cara de estudar pra caramba eu quero aprender não é não quero ser mal com os outros não, eu quero aprender pra mim mesmo que é pra mim, entendeu? E aí o que acontece quem acabar fazendo as atividades era eu [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] Então eu sempre preferi, se for pra tirar nota baixa eu tiro nota baixa mas pelo menos que eu venha aprender [...]</p>	
<p>(Superação) [...] eu sempre dizia que na hora que eu tivesse oportunidade eu e eu ia voltava a estudar e eu ia e para o meu futuro que eu mais queria e até que um dia eu tive uma oportunidade né de ter alguém que acreditasse na minha capacidade e eu voltei a estudar [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] Eu sinto isso na pele. É o descrédito das pessoas e em relação à pessoa com deficiência [...].</p>	
<p>(Inédito) há ainda essa barreira atitudinal de algumas pessoas acharem que a gente tá querendo algo a mais, ou tá querendo</p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 6</b> <b>O DESCREDITO DOS SUJEITOS E OS DESAFIOS DA DEFICIÊNCIA</b></p>

<p><b>mudar a a metodologia [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Era tudo o que eu queria era buscando a oportunidade [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Então assim, é muita das vezes nós precisamos demonstrar aquilo que nós já somos, são isso que é um lado negativo de alguma forma, porém eu entendo e da mesma forma que uma pessoa que possa ter qualquer outra dificuldade [...].</b></p>	
<p>(Superação) <b>A gente tem uma dificuldade também na questão da inclusão né em com a turma não é todo mundo né que que veste a camisa da inclusão de fato né existem pessoas que assim que não querem ter contado né não querem ter aproximação né com o aluno com deficiência a gente sabe a gente sabe que isso vem numa série de coisas né sim isso é gerado uma série de coisas.</b></p>	
<p>(Superação) <b>Ela dizia ah tu não, não vale a pena você sair de casa, porque você tem uma limitação porque isso e aquilo não implica não tem isso eu então, mas mesmo assim eu vou então assim havia aquele descrédito, não você não vai conseguir sabe, e minha mãe me chegou a me dizer você não vai conseguir é uma besteira [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Eu tenho esse espírito de luta e eu devo muito isso aos meus pais [...].</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 7</b>  <b>PAIS: APRENDIZAGENS QUE</b>  <b>ATRAVESSAM A FORMAÇÃO</b>  <b>HUMANA</b></p>
<p>(Inédito) [...] <b>tenho os meus pais como um espelho pessoas guerreiras. Eu acabei querendo ou não, interiorizando isso dentro de mim [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>porque quando eu morava com a minha mãe eu não tinha nem o direito de fazer uma academia porque eu não podia que eu era deficiente visual, porque eu eu podia ir pra academia, eu podia cair por cima das máquinas, não podia fazer isso, podia fazer aquilo. Entendeu? Entendo. Isso não me fazia bem, fazia mal um terrível mal, eu eu era uma pessoa que eu não tinha direito de escolher, pra eu ir o que fazer, porque eu era deficiente [...].</b></p>	
<p>Inédito) [...] <b>Eu escuto muitas pessoas falando, ah, mas você pensava dessa forma e hoje você pensa diferente? Gente, nós somos seres e mudamos. Isso mesmo. Mas não somos imutáveis. Nós mudamos com o tempo [...].</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 8</b>  <b>TRANSFORMAÇÕES DE UM TEMPO</b></p>
<p>Inédito) [...] <b>Eu escuto muitas pessoas falando, ah, mas você pensava dessa forma e hoje você pensa diferente? Gente, nós</b></p>	

<p>somos seres e mudamos. Isso mesmo. Mas não somos imutáveis. Nós mudamos com o tempo [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] que aí eu vou ter que parabenizar a UERN [...].</p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 9</b> <b>A DAIN COMO INSTÂNCIA DE APOIO AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA UERN</b></p>
<p>(Inédito) [...] No primeiro dia de aula, o professor sabia meu nome, sabia como eu trabalhava, como eu estudava, porque a DAIN tinha encaminhado um memorando, e ela faz isso com todos os alunos com deficiência, estudo na UERN encaminhando memorando para o departamento, e o departamento encaminha para os professores [...] isso me impressionou tanto, porque o professor sabia meu nome, não sabia que eu era eu né? [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] Então foi uma experiência muito boa que eu que eu tive na UERN, muito bacana mesmo. Agora sim, eu não vi isso nas outras universidades [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] Hoje eu estou à frente na aqui no CADV, então a gente tem contato com alguns universitários, eu vejo que os universitários gostam bastante do do trabalho da UERN, as únicas questões que eles se preocuparam no último, dos últimos tempos [...].</p>	
<p>(Superação) E a gente também tem o apoio né, do departamento DAIN, sempre pra fazer as leituras e assim vejo que é dentro da universidade e a gente tem conquistado bastante espaço muitos espaços nessa temática as necessidades dos alunos com deficiência visual na universidade [...].</p>	
<p>(Superação) [...] a gente cobra, eles mandam pro departamento, mas quando não chega a tempo né eu tenho um um uma um aplicativo em casa que eu converto só que às vezes é é um um material é um PDF tão ruim tão não está marcado tão e às vezes o o a formatação que eu faço não fica muito legal né? Bagunça o texto. [...] às vezes pego com o colega [...].</p>	
<p>(Superação) [...] vai cobrando do departamento também pra enviar né eles são imoral às vezes ele passa o ele passa o material pra o departamento mas não dá acesso ao drive hum aí o departamento recebe o material mas não tem como baixar pra escanear porque eles não deram acesso aí outro e e-mail pedindo acesso ao drive [...]</p>	
<p>(Superação) [...] Sempre que eu precisei do departamento que eu tive. Não não senti</p>	

<p><b>assim dificuldade, assim de de não precisei do departamento ou do e e não tive não sabe?</b> Inclusive, eu até conheço pessoas que já tiveram grandes problema com a questão da da da do departamento da faculdade quanto departamento de inclusão, mas eu não tive, não na verdade eu não tive nada eu quando eu entrei [...].</p>	
<p>(Superação) [...] <b>eu acho assim que existe uma mistura existe algumas pessoas que acham que as pessoas com deficiência eles são ajudados pelo departamento certo? Que isso é é não existe não existe, isso o departamento de inclusão na universidade não, ele não faz isso não, tem esse papel[...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>nós temos dificuldades e que cabe a cada um de nós lutarmos pelos nossos sonhos, obviamente que teremos barreiras só que cada história é uma história [...].</b></p>	<p><b>INDICADOR 10 AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR MEIO DA DEFICIÊNCIA VISUAL</b></p>
<p>(Inédito) Na UERN eu não tive, [...] <b>a minha dificuldade realmente é uma questão pessoal, era a distância, a minha dificuldade era a distância, das vezes, pronto. Eu tinha que fazer a prova com com a pessoa que lesse a prova pra mim [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Eu precisava de um ledor. Então geralmente perdão ah então assim muita das vezes eles marcavam a prova, [...] você pode vim à tarde? Então muitas vezes eu eu tinha que pegar o ônibus de meio dia e meio ficar de uma hora da tarde até as dez horas da noite. Só que isso é natural. Quem mora fora, quem é de outro município também tem essa mesma dificuldade de passar o dia todo [...].</b></p>	
<p>(Superação) <b>Assim tudo isso muita dificuldade né porque a gente às vezes, a gente vem do ensino médio bem, bem degradado né? Bem salteados assim então quando a gente entra na universidade seja quem for quando a gente não tem uma boa base de ensino médio, fundamental A gente tem muito, bastante dificuldade, né? Isso pra qualquer pessoa, principalmente pra uma pessoa com limitação visual, né? [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>tive nota baixa e reprovei em uma disciplina, mas foi algo que foi superado sabe? [...]</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>Dificuldade são várias, em verdade a baixa visão sofre bem mais do que a pessoa com cegueira né? E é até complicada né? Dizer e as pessoas, por que né? Porque a baixa visão ele tem um</b></p>	

<p><b>resíduo visual né?</b> ou seja ele não tem, mas a gente sofre bem mais do que um aluno com cegueira, <b>porque é das duas uma, ou as pessoas entendem que você não tem, o meu caso quem olha pra mim não me vê que eu tenho uma deficiência [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>À noite eu tenho mais, de dia eu ainda tenho sabe? [...]</b> assim, tipo quando eu chego em um canto é, é tipo uma claridade boa que eu vou pra uma claridade mais com menos qualidade eu já tenho dificuldade depois é que eu vou conseguir [...]</p>	
<p>(Superação) [...] <b>Mas eu tenho dificuldade de dia. E principalmente de canto que eu não conheço [...].</b></p>	
<p>(Superação) E a gente eu não tiro, eu não tiro do quadro eu não tiro do slide né eu não copio sim como copiar [...].</p>	
<p>(Superação) [...] <b>mas a agente ainda sente essa dificuldade com eles porque eles não enviam material pra DAIN,</b> o material que eles utilizam é esse material do estilo foto né? Um PDF mais num formato foto sim aí o nosso programa de voz o nosso programa de voz eles não não lê esse formato de PDF tá então ele precisa de ir pra o departamento pra eles escanear e enviar pra gente por e-mail [...]</p>	
<p>(Superação) [...] <b>sim é muita dificuldade[...]</b> porque eu sou diferente eu acho que eu sou diferente do povo porque eu me cobro muito sabe eu me cobro muito.</p>	
<p>(Superação) [...] <b>Se eu precisasse entregar uma atividade na próxima semana eu já começava nessa semana às vezes eu ia dormir uma da manhã, duas... às vezes eu me acordava de quatro horas da manhã de cinco pra estudar [...].</b></p>	
<p>(Superação) <b>Mas assim são dificuldades assim que é hora que a gente buscar superar a gente consegue a questão é o tempo que a gente não tem né? Pra mas as tecnologias são muito boas nos ajuda bastante sabe? [...]</b> é impossível lhe dizer que a gente não tem dificuldades com relação às tecnologias né? Assistiva que a gente tem é impossível dizer que a gente não tem [...].</p>	
<p>(Superação) [...] eu percebo pela questão quando a gente apresenta seminários né que é aquele grupo de cinco ou seis ou sete eles procuram tornar as coisas tem uns que ter mais dificuldades como eu já falei pra</p>	

<p><b>vocês a gente passa a faculdade todinha batendo na tecla de uma coisa e as pessoas fazendo do mesmo jeito né? Sim mas assim, tem uns que tem mais dificuldade de entender às vezes a gente fica até chato né? A gente tem que estar vendo gente eu preciso de um, eu preciso disso aqui acessível, porque eu sou deficiente visual eu sou baixa visão, não tenho como ver [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...]Eles tiram uma foto de alguma coisa relacionada ao seminário bota no grupo. Aí aquela foto eu não o meu programa de voz que utilizo ela não vai ler. Ele vai dizer ele vai identificar foto não vou saber o que está vendo naquela foto. Entendeu? estou entendendo aí <b>eu preciso explicar que que aquela foto não está sendo eu não estou sabendo o que que eles mandaram, aqueles documentos que eles mandaram eu não estou tendo como ter o acesso esse tipo de coisa assim aí tranquilo [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>eu não quero ser melhor que os outros, igual todo mundo Trabalhar em equipe, eu gosto desse trabalho realmente em equipe [...].</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 11 INTERAGINDO COM O OUTRO E TECENDO VINCULOS SOCIAIS</b></p>
<p>(Inédito) [...] <b>parto de um princípio da alteridade. O que esse princípio diz? Que eu sou o que sou por causa do outro. Então eu vou ser uma pessoa diferente depois dessa conversa [...].</b></p>	
<p>(Inédito) Então, essa realmente é a questão com os professores, com o espaço dos alunos o que eu via quando eu <b>chegava numa turma nova, quando era trabalho em grupo eu sempre eu sou um pouco tímido também apesar de eu falar ele mais eu sou tímido [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>professor vamos se juntar aqui no grupo de cinco pessoas todo mundo se juntava e eu ficava sozinho, então e aí o que que acontece, você precisa se juntar em um grupo e aí é professora quem quiser que que eu fique no grupo eh estou a disposição e geralmente quem me escolhia isso que é o mais bacana de tudo era aqueles grupos que eram dos mais bagunceiro que estava nem aí pra nada [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>como começaram a falar e quando os cara tirava dez aí o pessoal começou a dizer, não, calma aí eu quero ver[...]</b> no meu grupo, então assim começaram a inverter a questão dos então às vezes eu já cheguei a presenciar grupos brigando [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] <b>E eu como disse né, eu sou</b></p>	

<p><b>tímido</b> nessa questão, exemplo qual o meu grupo tal? <b>Eu não vou sair eu não vou escolher que pra mim não importa qual seja o grupo. Aonde eu estiver vai dar certo. Eu fiz isso comigo então eu sou meio fechado nessa parte [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>assim modificando com o tempo, então no começo eu senti que os meus colegas achavam que eu era incapaz e quando terminava era o pessoal brigando pra poder ficar na turma deles [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] eu percebo pela questão quando a gente apresenta seminários né que é aquele grupo de cinco ou seis ou sete eles procuram tornar as coisas tem uns que ter mais dificuldades como eu já falei pra vocês <b>a gente passa a faculdade todinha batendo na tecla de uma coisa e as pessoas fazendo do mesmo jeito né? Sim mas assim, tem uns que tem mais dificuldade de entender às vezes a gente fica até chato né? A gente tem que estar vendo gente eu preciso de um, eu preciso disso aqui acessível, porque eu sou deficiente visual eu sou baixa visão, não tenho como ver [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] eu vejo que não, nada exposto não, eu até que tenho né mas enfim me deixa transparecer que que eles me exclui[...]. Aí você pode olhar que eles têm alguém na família ou conviveu com alguém ou ou alguma coisa a gente tem que eles são mais acessível [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] <b>os professores sempre foram muito assim, nessa questão como foram bem compreensivos [...].</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 12</b> <b>DIALOGOS ABERTOS E UMA ESCUTA SENSÍVEL</b></p>
<p>(Inédito) [...] <b>realmente nós não temos como adaptar esse recurso. Eu falei professor desde que o senhor coloque em letra ampliada um pouquinho, a baixa a visão bem severa peço que o senhor coloque letra ampliada, eu não vou conseguir enxergar então pra mim é mais viável que esteja em PDF o material, e que eu possa responder no meu computador [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>Quando a atividade era individual aí o que eu pedia professor então tem como só encaminhar porque eu não levava o meu computador pra UERN, não levava pela questão conhecer de assaltos, tal opção faço trabalho pra mim se eu quiser que eu ainda encaminhe ainda hoje quando chegar em casa eu faço em casa, e mando pro seu primeiro e-mail. Então assim, foi muito na questão do diálogo [...].</b></p>	
<p>(Inédito) [...] <b>aí muitas das vezes até algum</b></p>	

<p>professor, [...] eu vou ter confiança em você viu? Não vale colar não viu? Aí eu fui professor não pode ter certeza e realmente como nunca nunca coleei porque eu vejo que se eu colasse eu estava me boicotando [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] Então eu pedi o seguinte, olha antes da aula começar ou dias anteriores ou uma aula posterior a outra, me digam qual vai ser o assunto da outra aula pra que eu já estude em casa e eu já venha pra aula preparado para poder discutir o tema o que eu gosto de discutir pronto uma coisa, ah mas o direito da universalidade realmente é garantido então assim eu gosto de questionar, isso faz parte também de mim, então houve esse esse avançar mesmo na questão de filosofia [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] Isso realmente com alguns professores aconteceram, alguns professores chegaram a dizer: [...] mas se a gente fizer isso a gente vai tá privilegiando mais você do que outro aluno [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] professor e aí aquela questão de demonstrar, professor eu acredito que o senhor não vai estar privilegiando a mim mais pro outro aluno, porque o que acontece o outro aluno ele consegue ler o livro, e os livros pra mim, eles não são físicos é através do meu computador, então eu preciso saber qual a informação [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] Privilégio se obedece a resposta das questões na prova. Isso seria um privilégio. Mas se eu me passar o qual seria o conteúdo da próxima aula eu acho que não seria somente pertinente para mim. Pessoa com deficiência visual seria o pertinente pra todos os alunos [...]</p>	
<p>(Superação) [...] estou conseguindo dar de conta pouquíssimo pouquíssimos trabalho eu entregava com dois três dias isso mesmo quando eu via que não dava eu conversava com o professor, esclarecer que não dava pra entregar dentro daquele prazo e tal e disse não, mas você me entregava tal dia entendeu? Sim. Havia essa flexibilidade.</p>	
<p>(Inédito) [...]que eu prendo muito a minha autonomia eu quero fazer minhas coisas eu não quero precisar de um outro pra fazer algo por mim, eu acredito que se eu adaptar algumas metodologias eu não vou precisar de um outro alguém pra fazer, como escrever como estudar [...].</p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 13</b> <b>A AUTONOMIA DO SUJEITO E SEU PROCESSO METATIZADOR NAS RELAÇÕES SOCIAIS.</b></p>
<p>(Inédito) [...] ganhei um computador do meu pai, quando eu passei no vestibular e meu pai comprou um computador pra mim e</p>	

<p>quando eu recebi o computador foi a coisa mais linda do mundo, <b>eu abri o computador não vejo, e agora que eu estou com a máquina na minha mão e eu não vejo ]...</b> fiquei incansável fiquei naquela neura eu tento encontrar uma forma que eu não quero pedir pra ninguém e tal mas eu preciso aprender [...].</p>	
<p>(Inédito) [...] comecei a pesquisar sobre a lupa e eu consegui adaptar a lupa do Winderson com invenção de cores tal aquilo, transformou minha educação conseguir criar uma metodologia com o meu próprio computador [...]</p>	
<p>(Superação) [...] autonomia do aluno também. Essa ajuda bastante, sabe? O aluno ser é autônomo, né? são dificuldades que. Assim, são dificuldades que pode ser superado, né? Com a ajuda, com o apoio, com, mas assim, eu acho que não, acho que algo que... tudo caminhando [...].</p>	
<p>(Superação) [...] independente de qualquer coisa a gente precisa ter consciência que a gente precisa ser autônomo, porque um dia você vai precisar e você não vai ter como, não vai saber lidar né com a situação então a gente tem que ter essa autonomia mesmo [...] Eu acho que a minha autonomia começou quando eu sai de casa né pra estudar [...].</p>	
<p>(Superação) [...] vivência da gente pessoa com deficiência a gente sabe que quando a gente tem uma limitação, a gente é muito superprotegido, né? Pelo nosso pros nossos familiares, nossos pais, a gente, eles têm muito medo da gente [...].</p>	
<p>(Superação) [...] Esse cuidado dele essa superproteção ele tira essa essa autonomia que o ser humano precisa e isso não só para a pessoas com deficiência que todo pai superprotege o filho o filho uma hora chega ele não vai saber se resolver né chega um momento ele não sabia se resolver, porque ele sempre teve alguém pra decidir por ele. Entendeu? Então a autonomia é um ele é um ele é um carro chefe, ela é um carro chefe pra qualquer ser humano.</p>	
<p>(Superação) [...] Eu me sinto realizada assim. E olha que eu tenho essa essa coisa que é a autonomia e eu me sinto realizada quando eu vou e resolvo sozinha. Mas só que assim às vezes, às vezes a gente é mal entendido porque às vezes as pessoas e confundem essa essa autonomia e esse prazer de você fazer as coisas né? como mal</p>	

<p><b>agradecido [...].</b></p> <p>(Superação) [...] Então a gente tem essa autonomia a gente tem todo esse direito de de de escolher. [...] Hoje eu decido onde eu quero ir, eu vou a todo canto e não tem ninguém pra me dizer, assim não, você não vai porque você é deficiente, não tem, entendeu? Hoje eu vou mesmo [...].</p> <p>Superação) [...] você tendo autonomia você consegue não tudo, porque tudo é muita coisa, mas a autonomia ela lhe ajuda bastante você chega bem mais rápido [...]</p>	
<p>(Superação) [...] você sabe que que a inclusão ela não é feita ela não é composta só do do falar né? Eu não sou eu falar foi ah é a gente vive inclusão a gente defende inclusão a gente nós somos inclusão não é isso? Você tem que viver a inclusão [...].</p> <p>(Superação) [...] não eu não não defendo que a gente tenha isso, conteúdo fácil, prova fácil não. O que eu defendo é que a gente tenha um conteúdo acessível [...].</p> <p>(Superação) A lutar pelos nossos direitos, nosso espaço, pela e e se defender também diante das afrontas, né? Que nos sobrevivem a cada dia que a gente vive um a gente vive uma guerra todos os dias [...].</p> <p>(Superação) [...] tem pessoas que veste mais essa essa luta né? [...] Que abraça a causa mas tem pessoas que tem tem mais dificuldade, mas assim o que você vai conversando eles vão entendeu? uau mas é é um processo né você sabe que é um processo é uma é uma é um caminho a ser andado todos os dias então, então não é fácil a inclusão é não é fácil, mas é algo que a gente precisa estar lutando todos os dias pra ir superar pra ir superando né o desafio.</p>	<p><b>INDICADOR 14</b>  <b>VIVÊNCIA E INCLUSÃO NOS SEUS</b>  <b>PROCESSOS FORMATIVOS</b></p>
<p>(Superação) É uma é um projeto muito bem pensado porque que é um projeto bem pensado, porque geralmente as pessoas quando ele desenvolver é projetos ele desenvolve um projeto com pras pessoas com deficiência né? Põe nessa temática com deficiência visual com essa temática eles engloba tanto a baixa visão quanto a pessoa cega, é englobado né? É bem verdade que existe uma uma diferença existe não é muita, mas uma diferença que a gente deve considerar. Geralmente nas universidades a gente não há essa distinção [...]</p> <p>(Superação) [...] eu desconheço no meu curso essa prática geralmente eles o</p>	<p><b>INDICADOR 15</b>  <b>SUBJETIVIDADE HUMANA E</b>  <b>SABERES DE UMA VIDA</b></p>

<p><b>mecanismo que eles utilizam a maneira que eles utilizam pra um cego usa com o pra o baixa visão.</b></p>	
<p>(Superação) <b>E o fato e o fato de de do professor ter aluno com com deficiência na sala de aula não quer dizer que isso é inclusão não né?</b> E eu e assim eu eu acho que o momento mais difícil que eu enfrentei assim que eu falei oxe isso não era nem pra existir [...].</p>	<p style="text-align: center;"><b>INDICADOR 16</b> <b>MARCAS AFETIVAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA JORNADA PELO SONHO</b></p>
<p>(Superação) [...] <b>Então pra isso cada aluno tem as suas especificidade e eles precisavam de conhecer pra eles melhor trabalharem. [...] Eu acho que a universidade teria que se preocupar com isso. Entendeu? Entendi. Pra coisa fluir assim pra coisa, inclusão é isso não é eu juntar todo mundo num pacote só e agir da mesma forma [...].</b></p>	
<p>(Superação) <b>Eu sempre tive vontade de a minha infância era terminar né? O ensino médio, terminar o terminal fundamental né? Eu tinha que ter muito desejo de terminar quando eu parei. Sim. Se estudar eu tinha mais de quatorze anos eu parei não, minha mãe me tirou, né? Da escola. Os professores me diziam que eu tinha uma limitação, não tinha capacidade de estudar não adiantava, não valia a pena, disseram para minha mãe que não, não valia a pena eu estudar porque eu tinha não tirava do quadro [...].</b></p>	
<p>(Superação) <b>Minha mãe sem conhecimento ela me tirou da escola aí eu passei quinze anos sem estudar só sonhando né? [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>eu sempre dizia que na hora que eu tivesse oportunidade eu e eu ia voltava a estudar e eu ia e para o meu futuro que eu mais queria e até que um dia eu tive uma oportunidade né de ter alguém que acreditasse na minha capacidade e eu voltei a estudar [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>No início quando eu quando eu, eu decidi ir embora pra Mossoró morar com a prima pra mim estudar eu tive muita resistência da parte da minha mãe, porque assim eu nunca saí de casa [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>Sabe que a nossa universidade ela não é tão acessível acessível [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>quando a gente leva pra o departamento pra o departamento do curso que que diz, converse com o professor como é que a gente pode conversar com o</b></p>	

<p><b>professor a se ele manda se virar ele vai mandar me virar novamente?</b> Aí eu acho uma fragilidade muito grande sabe? Tanto no do docente quanto do departamento. <b>Eu acho que isso não era pra pra acontecer.</b></p>	
<p>(Superação) <b>É por isso assim que eu acho que tinha que haver um trabalho pra eles procurar conhecer de perto a necessidade do aluno, eu sei que tem aluno que não tem a mesma facilidade que eu e que não tenham a mesma dificuldade [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] Então pra isso cada aluno tem as suas especificidade e eles precisavam de conhecer pra eles melhor trabalharem. [...] <b>Eu acho que a universidade teria que se preocupar com isso. Entendeu? Entendi. Pra coisa fluir assim pra coisa, inclusão é isso não é eu juntar todo mundo num pacote só e agir da mesma forma[...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>A a inclusão na universidade o que tem não é o suficiente a gente falou que assim a gente teve bastante avanço né? Teve um avanço muito grande muito significativo na na questão da inclusão, mas o que tem dentro da universidade não é o suficiente a gente precisa lutar mais conquistar mais.</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>eles precisam de melhorar né pra pra como servir como dar assistência a um aluno como nesse deficiência[...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] Eu acho assim Larissa, que a questão do acesso a a as leituras sabe? [...] <b>Procurar conhecer as especificidades do aluno [...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>Era pra ter uma disciplina assim que pra todos docente ser e pagar[...].</b></p>	
<p>(Superação) [...] <b>existe uma falta de informação assim de até mesmo de de capacitação do do da parte pra os docente lidar com pessoas com deficiência porque não é que a gente que tem a deficiência a gente vai querer o mais fácil não agora a gente precisa de um material acessível é isso que eu bato na tecla de vez em quando é que a gente não precisa de de de facilidade na facilidade não a gente precisa de ter um material acessível.</b></p>	

**APÊNDICE E**  
**Organização dos Núcleos de Significação**

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
<b>INDICADOR 2</b> AFETOS QUE MARCAM AS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO	<b>NÚCLEO 1</b>  <b>VIVÊNCIAS SIGNIFICADAS: DIFICULDADES E ENFRENTAMENTOS QUE CONSTITUEM A IDENTIDADE AFETIVA DE SUA FORMAÇÃO</b>
<b>INDICADOR 4</b> LUTAS E ENFRENTAMENTOS ADVINDAS DE SUAS SIGNIFICAÇÕES	
<b>INDICADOR 14</b> VIVÊNCIA E INCLUSÃO NOS SEUS PROCESSOS FORMATIVOS	
<b>INDICADOR 16</b> MARCAS AFETIVAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA JORNADA PELO SONHO	
<b>INDICADOR 1</b> INEDITOS QUE CONSTITUEM SUA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO	<b>NÚCLEO 2</b>  <b>RESISTINDO À REALIDADE DA DEFICIÊNCIA E CONSTITUINDO SUA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO</b>
<b>INDICADOR 4</b> LUTAS E ENFRENTAMENTOS ADVINDAS DE SUAS SIGNIFICAÇÕES	
<b>INDICADOR 10</b> AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR MEIO DA DEFICIÊNCIA VISUAL	
<b>INDICADOR 15</b> SUBJETIVIDADE HUMANA, E SABERES DE UMA VIDA	
<b>INDICADOR 1</b> SUJEITOS INCOMUNS QUE CONSTITUEM SUA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO	<b>NÚCLEO 3</b>  <b>TECENDO CAMINHOS E PROUZINDO SENTIDOS AO LONGO DAS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS</b>
<b>INDICADOR 3</b> DESCOBERTAS QUE CONSTITUEM POSSIBILIDADES AO LONGO DA TRAJETÓRIA	
<b>INDICADOR 13</b> A AUTONOMIA DO SUJEITO E SEU PROCESSO MEDIATIZADOR NA RELAÇÕES SOCIAIS	
<b>INDICADOR 11</b> INTERAGINDO COM O OUTRO E TECENDO VÍNCULOS SOCIAIS	
<b>INDICADOR 12</b> DIÁLOGOS ABERTOS E UMA ESCUTA SENSÍVEL	
<b>INDICADOR 5</b> A EDUCAÇÃO COMO UM ESPAÇO QUE DELIMITOU NOVAS CONQUISTAS	<b>NÚCLEO 4</b>  <b>SUBJETIVIDADES QUE SE EXPRESSAM E SONHOS QUE ATRAVESAM A LONGIVIDADE FORMATIVA</b>
<b>INDICADOR 6</b> O DESCRÉDITO DOS SUJEITOS E OS DESAFIOS DA DEFICIÊNCIA	

<p><b>INDICADOR 7</b> PAIS: APRENDIZAGENS QUE ATRAVESSAM A FORMAÇÃO HUMANA</p>	
<p><b>INDICADOR 13</b> A AUTONOMIA DO SUJEITO E SEU PROCESSO MEDIATIZADOR NAS RELAÇÕES SOCIAIS</p>	
<p><b>INDICADOR 2</b> AFETOS QUE MARCAM AS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO</p>	<p><b>NÚCLEO 5</b> <b>A UNIVERSIDADE COMO UM ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E DESCOBERTAS DOS SABERES E NÃO SABERES DA VIDA E FORMAÇÃO</b></p>
<p><b>INDICADOR 9</b> A DAIN COMO INSTÂNCIA DE APOIO AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA UERN</p>	
<p><b>INDICADOR 14</b> VIVÊNCIA E INCLUSÃO NOS SEUS PROCESSOS FORMATIVOS</p>	
<p><b>INDICADOR 17</b> ENTRE ENCANTOS E DESENCANTOS: OS LIMITES DA UNIVERSIDADE E OS DILEMAS COTIDIANOS</p>	